



Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

ANA CAROLINA SILVA

Robert Louis Stevenson e a arte de narrar: sociedade e cultura britânica no final do século XIX

CAMPINAS
2018

ANA CAROLINA SILVA

Robert Louis Stevenson e a arte de narrar: sociedade e cultura britânica no final do século XIX

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em História na área Política, Memória e Cidade.

Orientadora: Maria Stella Martins Bresciani

Este exemplar corresponde à versão final da dissertação defendida pela aluna Ana Carolina Silva e orientada pela Prof^a Dr^a Maria Stella Martins Bresciani.

Campinas

2018

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): FAPESP, 2015/24780-0

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

Si38r Silva, Ana Carolina, 1987-
Robert Louis Stevenson e a arte de narrar : sociedade e cultura britânica no final do século XIX / Ana Carolina Silva. — Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Maria Stella Martins Bresciani.
Dissertação (mestrado) — Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Stevenson, Robert Louis, 1850-1894. 2. Literatura Inglesa- Séc. XIX - História e crítica. 3. Arte e ciência. 4. Imperialismo. 5. Londres (Inglaterra) - Ficção. I. Bresciani, Maria Stella Martins, 1939-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Robert Louis Stevenson and the art of telling : british society and culture in the late 19th century

Palavras-chave em inglês:

English Literature- 19th century- History and criticism

Art and science

Imperialism

London (England) - Fiction

Área de concentração: Política, Memória e Cidade

Titulação: Mestra em História

Banca examinadora:

Maria Stella Martins Bresciani [Orientador]

Izabel Andrade Marson

Júlio César Pimentel Pinto Filho

Elias Thomé Saliba

Rodrigo Camargo de Godoi

Data de defesa: 28-03-2018

Programa de Pós-Graduação: História



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa da Dissertação de Mestrado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 28/03/2018, considerou a candidata Ana Carolina Silva aprovada.

Profª Drª Maria Stella Martins Bresciani

Profª Drª Izabel Andrade Marson

Prof. Dr. Júlio César Pimentel Pinto Filho

A Ata de Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica da aluna.

Agradecimentos

Não sei se as palavras aqui transpostas darão conta de expressar minha profunda estima, gratidão e, acima de tudo, a importância que cada uma das pessoas mencionadas teve ao longo desta árdua, inquietante e desafiadora jornada.

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Selma e Luiz, por todo o apoio e suporte. Não hesitaram em proporcionar e assegurar as totais condições para que eu pudesse correr atrás de meus objetivos e anseios, tanto os acadêmicos quanto os pessoais. Por mais que em determinados momentos não entendessem os caminhos que eu havia escolhido trilhar, de forma alguma me negaram a autonomia para tomar minhas próprias decisões e seguir às voltas em um mundo que pode não se encontrar bem das pernas, mas que certamente possui seus encantos e nos estimula a conhecê-lo e a mudá-lo.

Meu mais sincero e imenso muito obrigada à minha orientadora, Professora Maria Stella Martins Bresciani, por ter abraçado uma causa bem complicada e sempre ter demonstrado, por meio de gestos e mensagens de incentivo, a confiança de que a minha proposta de pesquisa era exequível e portadora de alguma significância. Suas leituras, indicações e observações, do início ao final do percurso, foram providenciais e imprescindíveis para a execução e escrita desta dissertação. A lapidação do meu estilo, se é que já posso dizer que possuo um, passou pelo seu hábil e competente olhar. Foi um prazer enorme contar com os seus direcionamentos enquanto eu me embrenhava pelos labirintos e imaginários da Londres oitocentista.

Sou extremamente grata à Professora Linda Dryden. Primeiro, por ter aceitado com grande entusiasmo me receber como pesquisadora visitante na Edinburgh Napier University sob sua supervisão. E, segundo, pelo caloroso acolhimento e tamanho interesse e atenção demonstrado, no que dizia respeito tanto ao meu bem-estar quanto aos progressos e encaminhamentos dados à pesquisa ao longo do tempo em que fiquei em Edimburgo. As condições de estudos que me foram oferecidas foram mais do que adequadas. Fiquei impressionada com o respaldo proporcionado pela Instituição aos seus alunos e pesquisadores. Foi uma experiência incrível ter acesso a materiais que agregaram e deram densidade a diversos pontos e argumentos presentes nos três capítulos desta dissertação. Não poderia deixar de agradecer também à Kathryn Simpson e Duncan Milne, ex-orientanda e orientando de doutorado de Linda, pelos cafés, pelos papos literários e pela iniciação na cultura e história escocesa. Aprendi demais na companhia deles. Em nenhum momento deixei

de ser assessorada. As constantes gentilezas e amabilidade com que todos me trataram fizeram com que eu me sentisse integrada à turma e em casa, algo essencial para que eu pudesse trabalhar com muita tranquilidade e confiança tanto na Napier, na National Library of Scotland (NLS) quanto na British Library (BL).

Agradeço ao Professor Júlio Pimentel Pinto por ter me introduzido nesse fantástico universo envolvendo Literatura e História no período da graduação e ter acompanhado, umas horas mais de perto e outras mais de longe, o percurso da minha pesquisa. Muitas das referências presentes em minha bibliografia foram indicações suas, dadas durante as disciplinas cursadas ou nas animadas reuniões do grupo de pesquisa Ficção e História. Encontrei interlocutores formidáveis ao longo dos encontros. Se eu cheguei até aqui, reconheço que a contribuição do Júlio foi bem grande. Ao lado do saudoso Professor Nicolau Sevcenko, foi um dos meus incentivadores iniciais. E aproveito para dizer que foi mais do que um privilégio poder ter tido aula e conversas com duas pessoas tão acolhedoras, humanas e generosas.

Sou mais do que agradecida aos meus companheiros e amigos da graduação em História na Universidade de São Paulo (USP), que nunca me desampararam, sempre se mostraram abertos ao diálogo e me ajudaram quando eu mais precisei de forças e estímulo: Marcelo Freitas Soares de Moraes Cruz, uma das minhas fontes de risadas, um dos meus maiores encorajadores e aquele BFF (*best friend forever*) com quem eu posso contar praticamente em todas as horas; Patrícia Aparecida Guimarães de Souza, uma das minhas leitoras e confidentes mais queridas, nas horas boas e ruins sempre está ali para me escutar e compartilhar as tensões relacionadas aos percalços e às dificuldades deste ofício às vezes um tanto ingrato, mas, acima de tudo, para comemorar as desmesuradas alegrias conquistadas nesta estrada e parceria de mais de 10 anos; Natasha Hennemann, uma das melhores amigas leitoras que alguém pode querer ter ao lado e um dos seres humanos mais gentis e fofos existente em todo o mundo; Thiago Bosi Concagh, além de ser portador daquele ombro amigo mais do que providencial, foi meu arrimo durante a elaboração do projeto da Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE) e no período da minha estadia em uma de nossas cidades favoritas; Luiz Filipe Correia, tão instigado e amante da cultura britânica e de Londres quanto eu, considero-me bastante afortunada por ter podido contar com as suas intervenções e palpites e pelas animadas e frutíferas conversas sobre os mais diversos assuntos vinculados às ilhazinhas cinzentas e às nossas paixões futebolísticas. Um muro separa e opõe as nossas torcidas na Barra Funda, porém sofremos unidos ao acompanhar o Arsenal. Sem sombra de

dúvida: alguns dos maiores ganhos que a USP me deu. Minha eterna gratidão a vocês por fazerem parte da minha vida e torná-la um tanto colorida e divertida.

Não posso deixar de incluir e expressar meus agradecimentos aos professores da linha de pesquisa Política, Memória e Cidade, assim como aos colegas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), que me receberam de braços abertos e sempre me trataram com muita amabilidade e respeito. É um prazer imenso trocar conhecimentos com esse grupo de docentes e discentes. Mas, em especial, sou muito grata à Professora Izabel Marson pelas pertinentes observações e sugestões dadas na disciplina de seminário de linha de pesquisa para a reelaboração de meu projeto e no exame de qualificação, e à Professora Josianne F. Cerasoli por todo o auxílio prestado nos momentos em que recorri a ela, sempre disposta a oferecer uma palavra de entusiasmo e a mostrar que havia luz no fim do túnel nas horas de grandes turbulências e consternações.

Obrigada à minha companheira de estrada e de orientação, Ludmilla Magalhães Bueno, por ser sempre tão positiva e, maiormente, por me fazer acreditar que tudo daria certo no final. Corremos e vencemos juntas. Também agradeço à Julie Hamacher Liepkaln, pessoa maravilhosa! Seus comentários durante as discussões dos projetos foram fundamentais para a redação da versão enviada à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), assim como a sua leitura atenta de partes do relatório de qualificação e de alguns dos capítulos aqui presentes. Além disso, ofereceu-me um suporte tamanho no levantamento da documentação da BEPE. O mesmo posso dizer das queridas Suelen Caldas de Sousa Simião e Thainã Teixeira Cardinalli. Também agradeço à Walquiria Rezende e Leonardo Faggio Novo por nunca terem negado um cantinho amigo em Campinas quando precisei.

Aos meus incríveis primos, Karen e Richard, meus interlocutores e leitores em inglês, que tanto me ajudaram a revisar e a aperfeiçoar meus resumos, textos e apresentações nesse idioma. A ajuda de vocês foi imprescindível. Obrigada aos dois de todo o coração. Sou grata também às extraordinárias Karolina Colantonio e Nadia Marques por todos os conselhos, indicações e correções, mas, acima de tudo, por muitas das vezes acreditarem muito mais do que eu no meu domínio, habilidade e competência para lidar com os embaraços da língua inglesa. Sempre me estimularam a buscar um algo mais e a refinar os meus conhecimentos.

Jamais poderia não fazer referência aos melhores parceiros e amigos de trabalho que alguém poderia desejar. Foi um privilégio e uma alegria tamanha ter dividido as salas de aula e dos professores com profissionais tão incríveis e dedicados: Deise Magalhães, Dulce

Vitoriano, Edemilso Prado, Fábio F. Santos, Fernanda Mayumi, Rogério Zanetti e Wanderlei E. de Matos; minhas intérpretes, Adriana Andrade e Cristina Palmer, e minha coordenadora principal, Ivonice Sá. Não somente acompanharam e torceram por mim durante as etapas do processo seletivo, como foram mais do que essenciais para que eu pudesse dar conta dos meus compromissos e responsabilidades durante o ano letivo de 2015. Imensamente grata a cada um de vocês.

Por fim, agradeço à FAPESP pelo financiamento do projeto de pesquisa concluído, via Bolsa País (processo nº 2015/ 24780-0), assim como pela BEPE (processo nº 2017/17055-3). Os dois fomentos foram fundamentais para o alcance dos resultados apresentados.

*Certos autores são capazes
de criar o espaço onde se pode
habitar muitas horas boas:
um espaço-tempo, como o bosque.*

*Onde se ir nos fins de semana,
de férias, até de aposentar-se:
de tudo há nas casas de campo
de Camilo, Zé Lins, Proust, Hardy.*

*A linha entre ler conviver
se dissolve como em milagre;
não nos dão seus municípios
mas outra nacionalidade,*

*até o ponto em que ler ser lido
é já impossível de mapear-se:
se lê ou se habita Alberti?
se habita ou soletra Cádiz
João Cabral de Melo Neto*

*Os autores mais espirituosos provocam o sorriso mais
imperceptível.
Friedrich Nietzsche*

*Terror and horror are so far opposite, that the first
expands the soul, and awakens the faculties to a high
degree of life; the other contracts, freezes and nearly
annihilates them.
Ann Radcliffe*

*The miracle of prose is this: it begins with words what
we, as authors, give to the reader isn't the story. We
don't give them the people or the place or the emotions.
What we give the reader is a raw code, a rough pattern,
loose architectural plan that they used to build the book
themselves.
Neil Gaiman*

Resumo

O principal objetivo desta pesquisa é investigar as técnicas e estruturas literárias usadas pelo autor escocês Robert Louis Stevenson (1850-1894), além de rastrear suas apropriações e adaptações dos elementos e princípios configuradores de uma estética de relato denominada posteriormente como gótico urbano. Procurou-se compreender as bases de suas concepções narrativas a partir de sua produção ficcional – sobretudo das obras **O clube do suicídio** (1882) e **O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde** (1886) – e ensaios de crítica literária; e também identificar os pontos de encontro entre arte e ciência na construção e afirmação de um imaginário compartilhado tanto da Londres Vitoriana quanto das colônias britânicas no último quartel do século XIX. Com base nas variadas vertentes e inclinações dos pareceres críticos, cunhados em diferentes épocas, a respeito do ficcionista e de seus escritos, pode-se situar o lugar de Stevenson no circuito letrado de língua inglesa, assim como prescrever os protocolos e os modelos analíticos utilizados para mensurar o peso, os alcances e as potencialidades de suas premissas e composições artísticas. Nesse interstício entre história e literatura, foram encontrados caminhos e estratégias para a interpretação de como as formas e categorias de pensamento, oriundas e consolidadas durante a modernidade, transpassaram e moldaram as formulações discursivas oitocentistas de uma maneira em geral; e de como os universos ficcionais e as representações da sociedade britânica de Stevenson, conjuntamente com outros meios e gêneros de exposição e registro, ajudaram a expandir e a conferir inteligibilidade às emergentes experiências históricas, dando, assim, concretude ao que Edward Said conceituou como “estruturas de atitudes e referências” e formando um repertório substancial para a elaboração e sistematização dos perfis identitários de seus distintos membros e segmentos sociais.

Palavras-chave: Stevenson, Robert Louis, 1850-1894; Londres (Inglaterra) – Ficção; Literatura Inglesa – Séc XIX – História e Crítica; Arte e Ciência; Imperialismo.

Abstract

The main aim of this research is to investigate the literary techniques and structures manipulated by the Scottish author Robert Louis Stevenson (1850-1894); and besides that, to track his assimilations and adaptations of elements and principles typical of an aesthetic of narrative, subsequently called Urban Gothic. His fictional production – specially, two of his oeuvres, **The suicide club** (1882) and **The strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde** (1886) – and some of his essays about literary procedures provided ways to comprehend the bases of Stevenson's narratives conceptions; and also elements to identify the conjunctions and the convergence between Art and Science. Detecting these points was necessary and useful in analyzing the impact of these two fields on the construction and solidification of a shared imaginary of the Victorian London and the British colonies in the last quarter of the 19th century. Based on the varied of angles and perspectives of the critics' evaluations about the writer and his works, it was possible to situate Stevenson's place in the English literary world as well as prescribing the protocols and the analytical models employed to measure the significance, the achievements and the potentials of his premises and artistic compositions. In this intersection between History and Literature, procedures and strategies were found to interpret the forms and categories of thought, which emerged and were consolidated during the period of Modernity that permeated and shaped, in different levels and deepness, all the discursive literary formulations of the 19th century. Stevenson's fictional universe and representations of the British society, alongside with other modes and genres of exposure and register, helped to expand and make intelligible the historical experiences in course. This process describes Edward Said's concepts of "structure of attitudes and references" that produced a significant repertory to constitute and organize the identities of its distinct members and social strata.

Keywords: Stevenson, Robert Louis, 1850-1894; London (England) – Fiction; English Literature – 19th century – History and Criticism; Art and Science; Imperialism.

Sumário

Introdução	13
1. Robert Louis Stevenson: o autor controverso.....	31
1.1 O <i>boom</i> das <i>short stories</i>	39
1.2 As formas narrativas de O clube do suicídio e O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde	45
2. Os mistérios da Londres Vitoriana	
2.1. A figuração da metrópole	64
2.2 Uma cidade difícil de ser lida	74
2.3 Os jogos de claro e escuro: as Londres das narrativas de Stevenson	87
3. Arte e Ciência e a construção do Império	104
3.1 A presença codificada do Império	117
3.2 Natureza humana e os panoramas científicos	127
3.3 Os ânimos do <i>fin-de-siècle</i>	135
Considerações Finais	146
Referências bibliográficas:.....	162

Introdução

Não foram poucas as vezes que me perguntaram a razão ou o que havia motivado o meu interesse por Robert Louis Stevenson. Aliás, isso sempre me incomodou. Nunca me senti confortável em responder tal questionamento. Pois, apesar de as ideias iniciais do projeto de pesquisa que deu origem a esta dissertação de mestrado terem irrompido em minha mente durante uma das minhas leituras de **O clube do suicídio**¹ (1882), e, para ser mais precisa, a partir da fala de uma das personagens presentes na primeira história, eu considerava as minhas respostas dúbias e um tanto protocolares. Sem contar que eu temia, ao mesmo tempo, que a minha hipótese sobre o imaginário compartilhado acerca da Londres vitoriana fosse coisa da minha cabeça e, assim, carecesse de sustentação. Pairava a suspeita de que as pessoas esperavam sempre uma colocação surpreendente ou que rendesse ao autor escocês algum crédito, mérito ou relevância para justificar uma empreitada acadêmica. No fundo, era aquela dúvida, hesitação a respeito da seriedade e da pertinência de uma proposta centrada em escritos literários que não figuram no *hall* dos cânones, assim como o nome de seu criador. Era o receio de que seria preciso sempre um esforço e uma dedicação maior do que se eu estivesse tratando de um autor consagrado pela academia – o que tornaria praticamente desnecessário qualquer forma de introdução e comentários, sumários ou detalhes acerca de sua caminhada e produção literária. Era aquele desassossego de quem se via nadando contra a maré. Sensação que voltou a aparecer durante as leituras das duras e carregadas críticas redigidas no início do século XX a respeito da vida e da obra do autor.

Com isso, não digo que a dificuldade em lidar com os pareceres negativos estava apenas relacionada ao posicionamento de seus críticos, porque, de certo modo, enfrentei armadilhas e consternações também ao analisar os discursos honoríficos e celebrativos dedicados a Stevenson, principalmente após o seu falecimento. Era a carga emocional, indicada pelo tom e pela retórica inflamada, dessas duas linhas opostas de escritos que tanto me inquietava e desconcertava, assim como a semelhança do método, dos suportes e das estratégias discursivas apresentadas por seus expoentes. Praticamente, é impossível não notar que, embora por razões adversas, cada um desses comentaristas gostaria de dar a palavra, o veredito final do que se deveria pensar e saber do autor escocês e de sua produção literária.

¹ Optamos por fazer referência a essa obra em português nos valendo do título da edição de 2011 publicada pela Cosac & Naify. Contudo, é válido mencionar a existência de outra tradução mais antiga cujo título tem uma pequena variação. Na década de 80, a editora Rocco traduziu **O clube dos suicidas** para fazer parte da coleção Novelas Imortais, organizada por Fernando Sabino.

Não vislumbravam a existência de múltiplas portas de entrada para o mundo da ficção ao estreitarem as possibilidades de leitura às suas próprias experiências e, assim, determiná-las como regra. A construção e as disputas em torno da figura de Stevenson pareciam um campo minado e tomado por um fogo cruzado. De um lado, os defensores entusiasmados que contribuíram para criar um perfil idealizado, um modelo de otimismo e abnegação, e, do outro, os detratores empenhados em por abaixo essa imagem prodigiosa e a reputação de escritor sério e prestigiado. Consideremos os dois exemplos abaixo:

Ever since the mad emigrant journey and the months of starvation and mental and emotional strain that had followed it, he had been a chronic invalid submitting to an invalid's life – at Monterey and San Francisco; in the Highlands – Pitlochry and Braemar; at Davos; at Stobo Manse; at Kingussie; again at Davos; in France – S. Marcel and Hyères – ever seeking for healthy, never finding it. And now at Bournemouth there awaited him a life of accepted invalidism spent chiefly in the sickroom, suffering constant pain and weakness, often forbidden for days – or even for weeks – to speak aloud and having to whisper, or to write on paper, all he wanted to say to his wife and friends. And yet these three years proved a very industrious and successful time in Stevenson's literary life. During them his genius found strong expression and he produced work of striking originality of conception and distinction in style.²

His weakness as an imaginative author lies in the fact that he never got beyond the simple revolt of boyhood – that his intellect never developed to match his imagination. The result is that an air of triviality hangs about all his work, and even, at times, an air of trashiness. He is never very searching, never genuinely profound. More than any other man, perhaps, he was responsible for the revival of the romantic novel in the last years of the Nineteenth Century, and more than any other salient man of his time he was followed by shallow and shoddy disciples. These disciples, indeed, soon reduced his formula to absurdity. The appearance of Joseph Conrad, a year after his death, disposed of all his full-length romances save 'Treasure Island', and that survived only as a story for boys. Put beside such things as "An Outcast of the Islands" and "Lord Jim", even the best of Stevenson began to appear superficial and obvious. It was diverting, and often it was highly artful, but it was hollow; there was nothing in it save the story. Once more Beethoven drove out Haydn. Or, perhaps more accurately, Wagner drove out Rossini. It is very difficult, after "Heart of Darkness", to get through "Dr. Jekyll and Mr. Hyde".³

² MASSON, Rosaline. **The life of Robert Louis Stevenson**. London/Edinburgh: W. & R. Chambers, 1924, pp. 231-232. Tradução nossa: "Desde a insana jornada de emigração e dos meses de fome e tensão mental e emocional que a seguiram, ele foi um inválido crônico submetido a uma vida de invalidez – em Monterey e São Francisco; nas Terras Altas – Pitlochry and Braemar; em Davos; em Stobo Manse; em Kingussie; de novo em Davos; na França – S. Marcel e Hyères –, sempre em busca de saúde, porém sem encontrá-la. E ali, agora em Bournemouth, ele levou uma vida de inválido, confinado, sobretudo, em um quarto, sofrendo constantes dores e fraquezas e, frequentemente, proibido por dias – quando não semanas – de falar alto e tendo que sussurrar, ou escrever, tudo o que queria dizer à sua mulher e amigos. E, ainda assim, esses três anos se provaram de muito labor e sucesso na vida literária de Stevenson. Durante esse tempo seu gênio encontrou uma expressão forte, e com notável originalidade e distinção ele produziu o seu trabalho."

³ MENCKEN, Henry L. Tustitala. **American Mercury**, vol. 3, n. 2, 1924, p. 379. Tradução nossa: "Sua fraqueza como autor imaginativo consiste no fato de que ele nunca foi além da simples revolta juvenil – seu intelecto nunca se desenvolveu a ponto de acompanhar sua imaginação. O resultado disso é o ar de trivialidade que paira sobre todo o seu trabalho e, ainda, algumas vezes um ar de vazio. Ele nunca é inquisitivo, nunca genuinamente profundo. Talvez, mais do que qualquer outro homem, ele foi responsável pelo ressurgimento da narrativa romântica nos últimos anos do século XIX e, mais do que qualquer outro homem significativo daquele período,

O primeiro trecho foi extraído da biografia **The life of Robert Louis Stevenson** (1914), redigida por Rosaline Masson, que não só fazia parte do clube dedicado ao autor escocês em Edimburgo, como também foi responsável pela edição do livro **I can remember Robert Louis Stevenson**⁴ (1922), composto por uma seleção de declarações afetuosas de pessoas que haviam se relacionado direta ou indiretamente com Stevenson. Mais importante do que as colocações de Masson citadas acima se referirem precisamente à época de maior produtividade de Stevenson, estas apresentam explicitamente um traço que percorre todo o seu escrito: a conversão de Louis Stevenson em um otimista inveterado e portador de uma obstinação e voluntariedade quase inumanas. A ênfase nos sofrimentos e dores decorrentes da enfermidade, para assim potencializar os méritos das realizações do escritor escocês, impunha como ótica que os infortúnios o tornavam digno de reconhecimento, estima e uma excepcionalidade entre os demais ficcionistas. Uma forma frívola e contestável de consagração, que idolatrava uma imagem romatizada e, acima de tudo, relegava os procedimentos e os escritos narrativos a um posto periférico, ao ver os seus (bons) predicados como desdobramentos (diretos) de todas as desventuras e a agonia como uma força motriz.

Já o segundo trecho citado pertence a um artigo de Henry L. Mencken, publicado na revista **American Mercury** em 1924, e teve como ponto de partida, além da reedição da biografia elaborada por Masson, mais duas obras acerca da vida de Stevenson e uma das coletâneas de seus ensaios. A intenção de Mencken é muito clara desde as primeiras linhas, e visa primordialmente a assegurar que, além de o autor escocês não mais ser merecedor de um lugar entre os literatos consagrados, a contínua propagação de seus escritos via mercado editorial e a desenfreada devoção de seus admiradores eram exageradas e descabidas. Sumarizando a perspectiva do jornalista norte-americano: não havia lugar para (o antiquado e supervalorizado) Stevenson nos anos 20. O seu auge já havia passado, as leituras de seus livros não cabiam mais naquele momento e ponderar sobre suas técnicas narrativas carecia de

foi seguido por discípulos rasos e de má qualidade. Esses discípulos, de fato, rapidamente reduziram sua fórmula ao absurdo. O aparecimento de Joseph Conrad, um ano após a sua morte, fez com que seus romances se tornassem integralmente descartáveis, com exceção de 'A Ilha do Tesouro', e este só sobreviveu como uma história para garotos. Quando colocado lado a lado com 'Um pária das ilhas' e 'Lord Jim', até mesmo o melhor de Stevenson começa parecer superficial e óbvio. Era divertido, e muitas vezes, era bastante artístico, mas oco; não havia nada nas histórias que pudesse salvá-las. Mais uma vez, Beethoven expulsou Haydn. Ou, talvez sendo mais preciso, Wagner expulsou Rossini. É muito difícil, depois de 'O coração das trevas', passar por 'Dr. Jekyll e Mr. Hyde'".

⁴ MASSON, Rosaline. **I can remember Robert Louis Stevenson**. London/Edinburgh: W. & R. Chambers, 1922.

qualquer razão de ser. Perto da produção literária de Conrad, suas célebres obras tornavam-se inexpressivas, sem vigor e perdiam qualquer traço de originalidade.

Duas posturas declaradamente antagônicas, cujos embates e parâmetros interpretativos e de abordagem notoriamente impactaram os modos de enxergar e compreender Stevenson e seus trabalhos. Embora suas inclinações e seus intentos fossem díspares, cada uma delas teve, à sua maneira, uma participação considerável para definir o que passou a se chamar de o “mito de Robert Louis Stevenson” e para subsidiar a visão corrente de autor comercial e meramente propenso a entreter jovens garotos com as suas histórias de aventura. Em suma, acabaram por: primeiro, limitar suas realizações a um público específico e não especializado; segundo, reduzir sua versatilidade e experimentações a um grau mínimo, quando não as citavam de forma negativa, dando a entender que tal prática era um sinal de imaturidade e tacanhice; e, terceiro, gerar leituras distorcidas das obras de Stevenson ao mobilizarem diretrizes avaliativas que geralmente se distanciavam das propostas e dos compromissos colocados internamente por cada uma delas e/ou por versar a respeito delas superficialmente.

Ou seja, aplicavam-se critérios e categorias que pouco ou nada se atinham às singularidades dos escritos, uma vez que se prezava pelas padronizações e um determinado procedimento de escrita, ou aproximava-se trajetória e produção literária de maneira indiscriminada e, mediante isso, lia-se uma como se fosse a outra e vice-versa. Tal chave de leitura, cujo foco é traçar paralelos entre vida e obra, não é exclusividade dos comentadores de Stevenson, foi utilizada (e ainda é com variações e angulações) por estudiosos de ficcionistas diversos também. No entanto, minha relutância quanto a esse tipo de abordagem se dá pelo sobrepeso que uma das partes pode assumir e por sua tendência a oferecer conclusões antecipadas e reducionistas, induzindo o olhar a se focar em circunstâncias que não necessariamente deveriam estar em primeiro plano e cuja análise até mesmo carece de sustentação e concretude.

No decorrer do levantamento e da montagem do panorama referente à recepção crítica de Stevenson, principalmente do período anterior ao das vozes dos dissonantes revisionistas (situados na segunda metade do século XX), reparei que me deparava com versões empobrecidas e diminutas de uma das cinco almas do escritor escocês apontadas por

Ítalo Calvino.⁵ Constatei, além disso, que, mesmo tangencialmente, tinha ao meu alcance pistas que me permitiam ir muito além do (quase) desaparecimento do nome de Stevenson do âmbito acadêmico e das discussões ficcionais correntes. A partir do entrelaçamento dessas diferentes interpretações, foi possível reconstituir, por intermédio da atuação de seus próprios agentes, o processo de desenvolvimento dos aparatos e das instituições atreladas à construção e difusão do campo de conhecimento e das práticas literárias, as guinadas concernentes aos critérios e vieses analíticos de seus componentes. Logo, enquanto mapeava e me inteirava das redes e conexões de Stevenson, da ressonância de suas obras em diferentes períodos e dos princípios e paradigmas predominantemente adotados pelo circuito letrado britânico, ficou claro que não só ele, mas uma boa parcela dos hoje renomados romancistas vitorianos, assim como a própria época, foi menosprezada e negligenciada pela crítica especializada durante certo tempo. A oscilação do prestígio de Stevenson tem as suas particularidades, porém certamente não há uma condição única e isolada. Todavia, a formação de um corpo de estudos significativo e consistente a respeito de seus trabalhos é um tanto recente, como se pode verificar pelos balanços feitos por Richard Ambrosini, Richard Dury e David Higgins.⁶

Curiosamente, os preceitos sustentadores das premissas e do arcabouço conceitual manejado para alocar a prosa vitoriana, com raríssimas exceções fora do escopo de pesquisas dos grandes centros universitários, irromperam com expressividade e solidez sobretudo nos anos finais do século XIX,⁷ precisamente com as iniciativas em prol do reconhecimento de que a ficção seria uma arte tão refinada e digna de atingir os patamares de excelência quanto suas irmãs artísticas. Dessa maneira, as discussões teóricas em torno dos métodos e dos domínios da forma e do conteúdo narrativo passaram a ganhar cada vez mais espaços e deram vazão ao propósito de tornarem nítidas (e precisas) as linhas divisórias entre a ficção séria e a de entretenimento.⁸ Em um momento em que o alcance e a veiculação dos impressos se alastravam rapidamente e, ainda que com variações de escala e condicionantes, o número de

⁵ De acordo com Calvino, as cinco almas simultâneas de Stevenson seriam: a de “um literato, um puritano, um *cockney*, um pirata, um garoto”, sendo esta última a escolhida para abrigar todas as demais (CALVINO, Ítalo. *Natureza e história no romance*. In: **Assunto encerrado: discursos sobre literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 41).

⁶ Cf. Richard Ambrosini e Richard Dury, “Introduction” (In: **Robert Louis Stevenson: writer of boundaries**. Madison: The University of Wisconsin Press, 2006); David George Higgins, “Reading Stevenson: beyond the boundaries of Scottish perspectives and critical receptions of Stevenson and Victorian literature” (In: **Robert Louis Stevenson within imperial precincts: a study literary boundaries and marginalised voices**. Tese de Doutorado, Universidade de Glasgow, 2015).

⁷ STEVENSON, Lionel. *The modern values of Victorian fiction*. In: BLOOM, Harold (Org.) **The Victorian novel**. New York: Chelsea House, 2004.

⁸ GAY, Peter. *Legisladores reconhecidos*. In: **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: guerras do prazer**, v. 5. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

escritores e leitores crescia sucessivamente, a sensação de que a cultura poderia sucumbir e ser rebaixada ao nível da mediocridade era tanto causa quanto efeito das mudanças nas dinâmicas de produção da imprensa de um modo em geral e da progressiva ampliação da audiência.

A inquietude por parte dos ficcionistas pode soar um tanto excessiva (atualmente), mas ainda assim é merecedora de atenção, pois serve para situar alguns pontos. Embora eles tivessem conseguido o prestígio almejado por seus antecessores setecentistas e os âmbitos das narrativas se expandissem consideravelmente, público e editores os pressionavam de variadas maneiras. Apesar do perfil heterogêneo do primeiro agrupamento, é possível observar a existência de uma dada preferência por alguns tipos de história que, na maioria das vezes, eram qualificadas como obras evasivas e descomprometidas com a verdade. Fazendo jus, portanto, às avaliações de Peter Gay acerca de elas apelarem escancaradamente para as emoções e de os encaminhamentos de suas tramas e construções não esboçarem qualquer desafio à mente do leitor.⁹ Por esse ângulo, evidencia-se que a ficção popular, além de reconfortante, era previsível. Já os segundos, ao seguirem de perto as predileções, principalmente dos assinantes de seus periódicos e, eventualmente, dos compradores esporádicos, tendiam a solicitar escritos que muito provavelmente os agradariam e poderiam expandir sua clientela. Logo, como se pode deduzir, as relações entre os diferentes componentes do circuito letrado eram um tanto complicadas e cruzadas por vontades múltiplas em uma conjuntura um tanto adversa.

Rebaixar o nível literário para atender às exigências do público leitor não era novidade e, muito menos, algo específico do século XIX. No entanto, o aumento da comunidade letrada tornava os vínculos cada vez mais indiretos e acentuava, assim, o desconforto e as contrariedades dos escritores de literatura.¹⁰ A contragosto, eles eram deslocados do plano da sacralidade para adentrarem o da prestação de serviços e se viam erodidos pela lógica da concorrência e pelas disposições mercantis.¹¹ Não obstante, aos gênios selecionados pelos guardiães da cultura para fazer parte do panteão literário eram conferidos préstimos e distinções por suas obras não se deixarem prender e, desse modo,

⁹ GAY, Peter. As verdades da ficção. In: **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: o coração desvelado**, v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

¹⁰ DARNTON, Robert. Os intermediários esquecidos da literatura. In: **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

¹¹ Cf. Walter Benjamin, "Sobre alguns temas em Baudelaire" (In: **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000); Maria Stella M. Bresciani, "O poeta no mercado" (**Margem**, n. 2, 1993).

sobrepujarem as pressões e os elos mundanos, ao exprimirem as potencialidades da perfectibilidade humana. A Literatura era, assim, uma das marcas do avanço civilização ocidental. Essa perspectiva idealizada das realizações culturais, ainda que professasse uma inclinação universal e agregadora, se firma(va) em uma ideia de história progressista e teleológica, cujas referências e suportes centrais ordena(va)m as práticas humanas segundo os padrões de desenvolvimento de determinadas sociedades europeias. As reflexões de Edward Said legaram instrumentos metodológicos substanciais para pensar como as representação culturais e as convenções nas quais essas se encontram imbuidas crivam e subsidiam nosso olhar e compressão a respeito das experiências históricas e do mundo e também os vínculos entre cultura e política.

São patentes as razões das divergências e de expectativas dos leitores comuns e dos críticos. Assim como é bastante pertinente a afirmação de Peter Gay que assinala o quanto suas queixas regularmente os inclinava a se sentirem reféns e darem pouco destaque aos saltos e à sofisticação no uso dos recursos literários.¹² Os trabalhos de Gay me ajudaram na elaboração de um painel geral das condições da produção ficcional no período vitoriano. Contudo, mesmo com as ressalvas feitas acerca da subjetividade da leitura, das variadas formas de o leitor se apropriar da narrativa lida e da sua tentativa de não tratar a ficção popular e a séria como polos opostos e com fronteiras estritamente fixadas, suas interpretações operam em uma chave em que o romance realista se sobressai com relação a qualquer outra forma de escrito ficcional, como se esse gênero funcionasse como a única e privilegiada via de acesso ao passado e às convenções sociais da cultura ocidental. A hierarquia entre entretenimento e seriedade continua posta e estável. E mais: ainda de acordo com essa perspectiva, praticamente não haveria abertura para pensar as “obras fechadas” (para empregar a expressão cunhada por Umberto Eco) fora da lógica da evasão e, por conseguinte, para se afastar da premissa de que a verdade seria alcançável sobretudo pelo prisma e pela pretensa objetividade dos procedimentos narrativos realistas.¹³

Não ousou questionar a validade e a relevância dos enfoques e dos objetivos dos estudos das obras realistas. Longe disso. Somente me oponho à suposta propensão dessas produções a ter muito mais a oferecer como material de pesquisa do que outros formatos e estilos de registro literário. Os mecanismos internos de uma obra fechada a encerram em si

¹² GAY, 2001.

¹³ ECO, Umberto. **O super-homem de massa**: retórica e ideologia no romance popular. São Paulo: Perspectiva, 1991.

mesma, mas isso não implica a impossibilidade de abertura. A amplitude da leitura não advém exclusivamente do texto.¹⁴ Além disso, como apontou Neil Gaiman, o escapismo também pode legar ao leitor ferramentas para a transformação da realidade que o circunda.¹⁵ A verdade literária é elaborada e se manifesta de múltiplas maneiras, e o propósito de deleitar o leitor não necessariamente deriva do descompromisso com a seriedade.

Deslindar as condições de produção, circulação e consumo dos escritos literários oitocentistas é uma empreitada calcada em movimentos entre universos micro e macro, cuja inclinação era não perder as especificidades da concepção e das experimentações narrativas de Stevenson e pensá-las como inseridas na conjuntura na qual foram elaboradas. Portanto, era primordial ter uma visão geral do circuito letrado do século XIX para que eu pudesse apreender as atuações e as reações do autor escocês em sua interação com seus pares e público, mas sem desconsiderar as peculiaridades de sua formação como sujeito – com o adendo de que analisar os suportes de criação, os dispositivos de veiculação das formas e materiais ficcionais e sua recepção se provou essencial para entender e situar as mudanças ligadas tanto aos métodos de escrita quanto às estratégias de leitura, sobretudo dos anos oitocentos. Pensar o lugar e o contexto de enunciação e as leituras geradas é um passo substancial para dimensionar e jogar luz sobre o próprio texto.

Mal sabia eu que ao longo dessa jornada receberia apoio, contribuições e encorajamentos tamanhos de pessoas vinculadas a diferentes instituições acadêmicas e com nacionalidades e conhecimentos tão diversos. O “escocês do mundo”, para me valer das palavras de Henry James, foi meu companheiro e guia nas viagens pelos imaginários da Londres oitocentista e em diferentes momentos voltados ao compartilhamento de ideias e pontos de vistas a respeito de seus escritos ou de assuntos dos quais podíamos partir e/ou com os quais podíamos dialogar para sondar as camadas de memória da capital britânica e os mecanismos de representação postos em uso para dar contornos aos seus ocupantes e às práticas sociais urbanas.¹⁶ Graças a Stevenson, Londres e Edimburgo se tornaram uma espécie de lar e territórios em comum em nossas trajetórias.

Para mim, desde o início, era claro que as minhas intenções estavam longe de ter como mote uma abordagem biográfica, mas, em alguns momentos, em virtude do fluxo de

¹⁴ ECO, 1991.

¹⁵ GAIMAN, Neil. Why our future depends on libraries, reading and daydreaming. **The Guardian**, 15 de outubro de 2013.

¹⁶ JAMES, Henry. Robert Louis Stevenson. In: STEVENSON, R. L. **O clube do suicídio e outras histórias**. São Paulo: Cosac & Naify, 2011, p. 375.

ideias e dos parâmetros críticos com que me deparei, foi preciso tecer cruzamentos entre vida e produção literária – com a ressalva de que isso de maneira alguma fez com que tomásse uma como equivalente a outra. As técnicas e os conteúdos ficcionais do autor escocês constituíram desde o início o escopo de meus objetivos. Minhas inquietações vieram à tona com as possibilidades apontadas pelas narrativas de Stevenson para sondar os meandros da relação entre *ficção* e *história* e, sobretudo, as representações feitas da sociedade britânica no último quartel do século XIX. Dessa maneira, digo que encontrei, nas produções literárias escolhidas para serem interpeladas neste trabalho, inspiração para pensar a constituição do mundo contemporâneo e as contradições inerentes ao processo de sua emergência e consolidação. Porém, é preciso apontar que, apesar da centralidade ocupada por **O clube do suicídio** e **O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde** (1886) neste estudo, outras histórias do autor, assim como de outros literatos oitocentistas, acabaram por ser incorporadas e, com isso, passaram a fazer parte do corpo documental da pesquisa.¹⁷

As obras de Stevenson nublavam e desestabilizavam a confiança e o otimismo vigente na *Belle Époque* sem cair no mais profundo niilismo ou abraçar as posições reacionárias plenamente. A atmosfera sombria de seus escritos ficcionais me inquietava, pois de algum modo seus mecanismos internos indicavam veladamente as tensões e os conflitos que atravessaram e moldaram o século XIX. O passado, para Stevenson, não era um lugar de refúgio, mas uma temporalidade que permeia o presente e interfere no futuro. No fundo, sua concepção literária veiculava a ideia de que o ser humano podia não estar nos trilhos certos para atingir suas potencialidades, como muitos acreditavam, mas isso não implicava assumir deliberadamente a postura de rejeitar as mudanças e pregar a volta a uma era dourada ou aceitar com resignação que o mundo ia de mal a pior, mas, sim, defender que a voluntariedade humana não deixa de existir e de apontar as direções a serem tomadas mesmo nos momentos mais obscuros e marcados por ansiedades e temores. As circunstâncias abrem caminhos para que a natureza humana se modifique e manifeste a sua multiplicidade, o que demonstra a certeza em torno de sua inconstância e mutabilidade ao longo da vida. Seus escritos evidenciavam, assim, as facetas reversas e os desconfortos manifestos pela civilização europeia e, nesse sentido, foram um tipo de sismógrafo para mensurar as vibrações, as ambiguidades e as inclinações dessa sensação de estar à deriva.

¹⁷ Ocasionalmente, as referências a **O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde** ao longo da dissertação podem aparecer abreviadas como **O estranho caso**. Aproveito para notificar também a não utilização do título de maior popularidade dessa obra no Brasil, **O médico e o monstro**.

De forma bastante acelerada e a passos largos, as condições de existência de homens e mulheres mudavam e demandavam novos recursos e modalidades discursivas para dar conta de explicar o abismo entre as expectativas e as experiências.¹⁸ Cada vez mais, as medidas e as proporções deixavam de ter parâmetros naturais e humanos e assumiam escalas que iam muito além das dimensões de nossa compressão, posto que, como pontuou o historiador Nicolau Sevcenko, passaram a seguir mensurações técnicas e absolutas.¹⁹ O atordoamento gradualmente cedia espaço para a adaptação, e a consequência mais direta desse ajuste foi “a perda da capacidade de reconhecer sua estranheza e os modos pelos quais” essas transformações “reorienta[va]m a percepção humana”²⁰. A desorientação, que também poderia induzir a distorções, tornava possível frisar os impactos e as impressões geradas pela falta de referências. Descreviam-se os fenômenos para torná-los cognoscíveis e, com isso, identificar as causas e as ações que viravam o mundo de ponta-cabeça. Constata-se, portanto, que a sensibilidade moderna foi se constituindo em meio a um quadro de forças complexas e adversas e pela somatória de abordagens em busca de uma linguagem capaz de balizar e externar pensamentos e sentimentos provocados pelas novas normas de sociabilização e configurações das estruturas e hierarquias sociais.²¹

Não eram somente as formas tradicionais de conhecimento que ruíam e eram colocadas de lado pelos princípios e formulações liberais e iluministas, mas os próprios segmentos e arranjos sociais do Antigo Regime. A sociedade britânica oitocentista se viu assombrada tanto por fantasmas externos quanto internos. Os episódios revolucionários na França e a organização e os levantes dos movimentos operários, em suas diferentes dimensões e amplitudes, foram tomados pelas camadas dirigentes e letradas como sinais de que a qualquer momento a Grã-Bretanha poderia vivenciar uma nova convulsão social, a qual colocaria fim a estabilidade vigente em suas instituições desde a Revolução Gloriosa. O medo de uma nova guerra civil e de que as ondas revolucionárias cruzassem o Canal da Mancha perdurou, com variações de intensidade, por todo o século.²²

¹⁸ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora Puc-Rio, 2006.

¹⁹ SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: **História da vida privada no Brasil República**: da Belle Époque à Era do Rádio, v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

²⁰ SEVCENKO, 2010, p. 517.

²¹ WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**: de Coleridge a Orwell. Petrópolis: Vozes, 2011.

²² Cf. Peter Gay, **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud**: o cultivo do ódio, v. 3 (São Paulo: Companhia das Letras, 1995); E. P. Thompson, “As peculiaridades dos ingleses” (In: **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002); Sandra G. Vasconcelos, **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII** (São Paulo: Boitempo, 2002).

A percepção de crise e da cisão da sociedade em polos antagônicos, vistos *a priori* como independentes, certamente passava pelo advento da Revolução Industrial. Caracterizada por Hobsbawm como um dos grandes acontecimentos da história da humanidade, a mecanização da produção não significou apenas modificações fundamentais no que concerne à organização, à divisão e à execução das etapas e tarefas diárias, que vieram acompanhadas por uma nova maneira de pensar e conceber o trabalho. Seus efeitos foram ainda mais amplos, dado que sua efetivação afetou consideravelmente todas as esferas das realizações e das relações humanas ao interferir radicalmente nas práticas e experiências individuais e coletivas.²³ O novo e a máquina eram as marcas e os símbolos da modernidade, e a aceleração temporal, sentida de forma cada vez mais aguda, fazia crescer a apreensão de que o mundo conhecido desaparecia integralmente e de que a transitoriedade passara a ser uma constante. Reconhecia-se a inauguração de uma nova era ao mesmo tempo em que a sensação de estranhamento salientava as perdas em meio às mudanças.²⁴

O espaço em que todas essas originalidades se tornavam visíveis e podiam ser observadas diretamente era a grande cidade. A metrópole era o lugar da transformação. Era ali que o ineditismo das vivências modernas se constituía e se punha à mostra, que o indivíduo confirmava a percepção de estar livre das amarras e imposições da natureza e, por conseguinte, se via em condições de desfrutar a emancipação em sua forma mais plena.²⁵ Mas era também nesse local que se comprovava a falta de um instrumental teórico e a inadequação dos paradigmas epistemológicos clássicos para exprimir o fascínio e os receios despertados por todas as contingências que estabeleciam e estruturavam os novos ritmos e novas feições ao cotidiano de seus residentes.²⁶ Os mecanismos de representação da prosa moderna eram concomitantemente a forma e o meio pelo qual se instituíam, dava vazão e concretude às estruturas da sociedade contemporânea e aos seus empreendimentos. Como bem notou Nicolau Sevcenko, qualquer estudioso que se aventura a investigar as produções culturais modernas necessariamente tem que lidar e se aproximar das abordagens e temáticas discutidas no âmbito da história urbana.²⁷

²³ HOBBSAWM, Eric J. **Da revolução industrial inglesa ao imperialismo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.

²⁴ BRESCIANI, Maria Stella Martins. As faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). **Cultura & Cidades**, v. 5, n. 8-9, 1985.

²⁵ BRESCIANI, 1985.

²⁶ WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

²⁷ SEVCENKO, Nicolau. Fragmentação, simultaneidade, sincronização: o tempo, o espaço e a megalópole moderna. **Espaços & Debates**, n. 34, 1991.

Definida por Sevcenko como o mais ousado experimento social que já houve e tendo a ambivalência como uma das suas características mais fascinantes, a cidade moderna foi considerada por uns como o emblema da civilização e por outros como o lugar da decadência.²⁸ Esses sentimentos de deslumbramento e aversão não eram novidades e, assim, acabavam por se pautar ainda em referências convencionais. De acordo com a análise de Raymond Williams, cidade e campo, em decorrência da importância que possuem para a manutenção da nossa sobrevivência e para a construção de nossas práticas sociais, despertam em nós emoções poderosas, as quais invocam uma gama de imagens tanto positivas quanto negativas associadas aos modos de vida levados por seus habitantes. A persistência dessas abstrações, que, quando conjuradas eliminam as barreiras temporais e a variedade histórica, instigou o crítico britânico a descrevê-las e a traçar paralelos com a diversidade de experiências vinculadas ao desenvolvimento de suas comunidades em diferentes épocas. A grande contribuição do trabalho de Williams para esta pesquisa foi oferecer recursos analíticos para que eu pudesse perceber as rupturas, as continuidades e as bases das fisionomias de Londres presentes nas obras dos escritores oitocentistas.²⁹ Ademais de Williams, frisamos os subsídios oferecidos pelos escritos de Carl Schorske, G. Robert Stange e Maria Stella Bresciani para sondarmos e delimitarmos as bases e as premissas de sustentação das ideias de cidade manifestas no pensamento europeu e, como desdobramento disso, a relação entre *literatura e cidade*.³⁰

Cenário das duas narrativas desencadeadoras desta proposta de pesquisa, a capital do Império britânico foi a minha porta de entrada para o estudo do universo ficcional de Robert Louis Stevenson. Minha hipótese inicial era de que os escritos literários de Stevenson não só se valeram e veicularam uma somatória de imaginários que remetem a várias características e feições atribuídas à Londres moderna, como também auxiliaram na construção e consolidação de comportamentos e atos invariavelmente associados ao ambiente urbano. Tal consideração não perde de vista o potencial criativo e projetivo das narrativas, assim como a sua capacidade inerente de (re)elaborar e (re)ordenar simultaneamente leituras e

²⁸ SEVCENKO, 1991.

²⁹ WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

³⁰ Cf. Maria Stella M. Bresciani, “Literatura e cidade” (In: Selma Passos Cardoso; Eloísa Petti Pinheiro; Elyane Lins Corrêa (Org.). **Arte e cidades**: imagens, discursos e representações. Bahia: EDFBA, 2008); Carl Schorske, “A ideia de cidade no pensamento europeu: de Voltaire a Spengler” (In: **Pensando com a história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000); G. Robert Stange, “The frightened poets” (In: H. J. Dyos e M. Wolf (Org.). **Victorian city**: images and realities, v. 2. London: Routledge, 1973).

visões de mundo individuais e coletivas segundo uma determinada ótica, orientada pelas impressões e conjuntura daquele momento.

Uma incursão breve por textos ficcionais, relatos jornalísticos e relatórios técnicos e científicos divulgados principalmente após a segunda metade do século XIX é mais do que suficiente para se perceber que muitos deles não só ajudaram a forjar e solidificar as imagens (negativas e positivas) de comportamentos e situações que até hoje são associadas genericamente a lugares e aos moradores da cidade, como também suas apropriações do método científico forneceram a eles um ar de neutralidade e, concomitantemente, revestiam as visões e descrições difundidas por esses materiais impressos de seriedade, formalidade e verossimilhança – algo que, de certa maneira, ocultava a combinação entre objetividade e técnicas literárias melodramáticas e, conseqüentemente, esses registros ampliavam de um modo indireto a experiência dos choques, os quais acometiam os sentidos diariamente e impunham uma padronização às heterogeneidades sociais e espaciais.³¹ Era um duplo movimento que se manifestava de maneira conjunta: as apreensões e definições fornecidas às novas configurações do mundo social funcionavam também como mecanismos de controle e normatividade da sensibilidade humana e das vivências cotidianas. Contudo, isso não implica dizer que todo esse repertório não carregue em si associações gestadas em épocas anteriores.

Portanto, nota-se que essas construções imagéticas, resultantes da mobilização dos códigos de signos e símbolos linguísticos, ordenavam circunstâncias apreendidas e qualificadas como caóticas; tendiam a expressar certezas em um mundo permeado por rupturas; validavam umas às outras ao circularem simultaneamente e, muitas das vezes, de formas justapostas; e atribuíam feições aos rostos da multidão disforme dos centros urbanos e materialidade às práticas modernas.³² Vale o adendo de que não estou desconsiderando que cada um desses escritos possuía distintos compromissos e protocolos de elaboração; todavia, isso não impedia os empréstimos de recursos estéticos e estratégias descritivas do âmbito literário.³³ A falta de referenciais teóricos estimulou a evocação de figuras de linguagem para

³¹ Cf. Gertrude Himmerlfarb, “The culture of poverty” (In: H. J. Dyos e M. Wolf (Org.) **Victorian city: images and realities**, v. 2, 1973); Peter Keating, “Fact and fiction in the East End” (In: H. J. Dyos e M. Wolf (Org.) **Victorian city: images and realities**, v. 2, 1973).

³² Cf. Maria Stella M. Bresciani, “A cidade das multidões, a cidade aterrorizada” (In: Robert Moses Pechman (Org.) **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994); Ben Singer, “Modernidade, hiperestímulo e início do sensacionalismo popular” (In: Leo Charney e Vanessa Schwartz (Org.) **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001).

³³ BRESCIANI, Maria Stella Martins. Século XIX. A elaboração de um mito literário. **História: questões e debates**, ano 7, n. 13, 1986.

enunciar e decodificar os fenômenos modernos e gestar abstrações mentais portadoras de um forte poder persuasivo e reconhecimento.³⁴

Analisar e compreender esse processo de transformações nos modos de escrita e das formas de registro foi importante para pensar como os escritos de Stevenson fizeram parte dessa dinâmica, sendo ao mesmo tempo atravessados, modelados e combativos a ela, e como o crescimento extraordinário de Londres, até então sem precedentes, desafiou a capacidade de apreensão, primeiramente das autoridades, pensadores e artistas britânicos e, posteriormente, de especialistas das mais diversas nacionalidades. Grosso modo, todos se mostraram aturdidos com a rapidez da ampliação de suas dimensões geográficas e seu progressivo aumento populacional. Essa abrupta e contínua expansão desnordeou os poetas românticos e os impeliu a versar sobre as impressões e as sensações despertadas pelo que viam. O constante uso das metáforas por si só delineia os traços da estética do sublime por trás dessas expressões poéticas.³⁵ Contudo, como já deve ter ficado evidente, foram os textos ficcionais em prosa que atraíram o meu olhar e suscitaram inquietações. Ainda mais que, no recorte temporal estabelecido para este estudo, o romance e suas derivações eram as formas predominantes dos escritos literários em circulação e a preferência de leitura da audiência em geral.

O que mais me chamou a atenção nesse painel imagético é que, mesmo nas histórias em que Londres figura como o lugar da ascensão social, há uma sombra que se impõe sobre essa cidade tida como irradiadora dos avanços civilizacionais. Se retrocedermos um pouco, antes do século XIX, veremos que dois dos autores definidores das configurações do romance, Daniel Defoe e Samuel Richardson, apresentam a capital britânica em seus romances sob uma ótica que a enquadra como ambiente em que marginalizados socialmente e golpistas se valem de suas condições e dimensões para a concretização de seus desígnios e interesses privados. O anonimato torna as identidades e as reputações difíceis de serem rastreadas, assim como permite que as liberdades individuais se estendam consideravelmente.

São distinguíveis os ecos dessa forma de ver a cidade em meados do século XIX nos romances de Dickens e no último quartel desse período nas obras de Stevenson. Essas reelaborações e reapropriações de imagens contam histórias e, justamente por isso, ajudam a compor os sentidos e os significados das narrativas nas quais se encontram presentes. Camadas e mais camadas constituem o imaginário sobre Londres. Como propôs Williams, a experiência da cidade funcionou como método de ficção dos mais diferentes autores nascidos

³⁴ Cf. Bresciani, 1985; 1994.

³⁵ BRESCIANI, 1985.

e vividos entre o final do século XVIII e ao longo do XIX. E, mesmo quando o espaço urbano não é propriamente descrito, é possível inferir sua figuração de alguma forma, porquanto esta acaba por ser sugerida por profusos atributos da obra.³⁶ A cidade ficcional assemelha-se à cidade empírica, mas, ao fazê-lo, cria-se um mecanismo de mão-dupla em que elas atribuem referências uma à outra e atuam como uma espécie de parâmetro entre si. Essas zonas de intersecção criam significados (simbólicos) e passam a constituir um repertório de pensamentos e ideias correntes sobre o espaço geográfico e social. A ficção projeta mundos e ideários que podem talhar e se intrincar às próprias experiências e vivências urbanas.

Longe de desconsiderarmos as distintas técnicas literárias e as bagagens e o histórico pessoal desses autores, posto que é inegável que a subjetividade e suas formações individuais filtraram e moldaram suas concepções e leituras dos aspectos circundantes, a recorrência a certos padrões descritivos proporcionam pistas para entender o quanto essas representações mediavam e davam materialidade às mudanças em curso e feições aos atores sociais em ascensão. A tessitura do próprio relato acomoda e intersecciona perspectivas e ideários antigos e modernos. Soma-se a isso que as abordagens e os tratamentos ímpares dos elementos narrativos manejados por esses e outros escritores viabilizaram a sinalização e a sondagem dos sistemas de pensamento, das convenções retóricas e estilísticas articuladas por suas escritas. Comparar os mecanismos e os procedimentos narrativos das obras literárias de Stevenson com a de outros autores foi uma prática instrumental importante pra avaliar as singularidades e os diálogos do autor escocês com as tradições literárias.

Se no “fim de século” o gótico ressurgiu com força e Stevenson foi um dos seus mais célebres expoentes, isso se deve em grande parte à propensão do gênero à ambiguidade, à não imposição de fronteiras entre o conhecido e o desconhecido e às potencialidades para lidar e remeter a temporalidades e convenções narrativas em que a linguagem referencial não definia integralmente a estruturação da trama e os modos de abordagem da matéria literária.³⁷ Fazia-se uso de outros códigos e recursos oriundos do repertório folclórico para dramatizar os dilemas e as profundezas da interioridade humana. De uma maneira geral e um tanto inusitada, Stevenson trilhou caminhos consonantes com as interpretações e propostas manifestas pelas nascentes psicologia e filosofia, defendidas, respectivamente, por Freud e Nietzsche, sobre o conhecimento, a natureza humana e a relatividade da verdade. Imerso na

³⁶ WILLIAMS, 2011, p. 262.

³⁷ O uso do termo “gótico” tem caráter instrumental neste trabalho e será utilizado para nos referirmos a determinados procedimentos e princípios narrativos instituídos na Inglaterra no final do século XVIII pelos escritores Horace Walpole, em *O castelo de Otranto*, e Ann Radcliffe, em *Os mistérios de Udolfo*.

atmosfera do *fin-de-siècle* e sob o impacto das formulações darwinistas, o autor escocês utilizou a linguagem figurada e a minimização do “efeito do real” como instrumentos para abordar literariamente como a confluência de fatores externos e internos pesam e repercutem na conformação do sujeito e de sua subjetividade e o quanto as circunstâncias interferem e orientam os posicionamentos e as tomadas de atitude individuais e coletivas. O peregrinar humano é transpassado pelas adversidades e por uma combinação de forças nem sempre prontamente identificáveis e previstas. Embora os mundos literários tenham suas regras próprias, sejam ordenados e coesos, eles nos levam a exercitar a nossa “imaginação moral”³⁸.

Assim, a ambivalência do fantástico abriu caminhos não só para a incorporação das matérias e objetos negligenciados pelas formulações iluministas, mas também nos ajuda a compreender o gênero como: 1) um discurso avesso às abordagens racionalistas, uma vez que tende a priorizar elementos do romanesco; 2) um modo de expor as tensões e enfrentamentos decorrentes dessa conjuntura complexa e plural estruturadora do mundo moderno; e 3) uma maneira de reiterar a importância da imaginação e conferir a ela “dignidade equivalente ou maior do que” a atribuída “ao mundo da objetividade e dos sentidos”³⁹. A valorização das narrativas fantásticas e de aventura por Stevenson não preconizava uma fuga do mundo moderno ou um regresso à infância, visto pelas correntes da psicologia como uma recusa das responsabilidades adultas; muito pelo contrário, como afirmou Calvino, era uma declaração de “que valor moral e valor poético são uma coisa só”, e mais: era o reconhecimento do ofício literário como uma ferramenta contra a indiferença, o entorpecimento e a degeneração das qualidades que configuram a humanidade dos homens.⁴⁰

Conceber a narrativa como um jogo vai além de reconhecer a participação ativa do leitor na leitura, no processo de redação, compreensão e decodificação da obra. Primeiro, traz à tona e para o centro do debate o aspecto lúdico das produções literárias; segundo, enfatiza a artificialidade das produções artísticas e, como consequência disso, afirma que estas não emulam a vida e são caracterizadas justamente por suas diferenças; e, terceiro, ratifica a função plástica da literatura e assume que esta não possui a incumbência de ensinar ou informar o leitor a respeito de qualquer dimensão da experiência e/ou do mundo social. Priorizar as circunstâncias no enredo significava adotar a brevidade, abrir mão dos

³⁸ Para Ginzburg, a “imaginação moral” consiste na nossa capacidade de fazer conjecturas sobre os seres humanos. Cf. Maria Lúcia G. P. Burke, “Carlo Ginzburg” (In: **As muitas faces da história**: nove entrevistas. São Paulo: Editora Unesp, 2000).

³⁹ CALVINO, 2004, p. 11.

⁴⁰ CALVINO, 2009, p. 41.

pormenores, se valer dos detalhes como artifícios e/ou acessórios e representar as personagens como tipos sociais. Todavia, Stevenson foi capaz de fazer isso sem que suas histórias se tornassem óbvias, canhestras, maniqueístas e tivessem suas apreensões e sentidos limitados. Sua deliberada recusa em se valer do método realista sustentava-se na convicção de que a imaginação era uma faculdade mental tão importante quanto a razão para a conformação e exercício do juízo humano.

As leituras realizadas das críticas voltadas a examinar os escritos do autor escocês e das narrativas oitocentistas em geral contribuíram para balizar as minhas interpretações e para a tomada de conhecimento de diferentes estratégias e chaves de leitura postas em uso para esmiuçar e ponderar a respeito dos pontos de encontro e afastamento do universo ficcional e histórico.

Resumidamente, discurriremos a seguir sobre as discussões travadas nas três partes deste trabalho.

Logo na abertura do Capítulo I, é apresentada a figura literária de Robert Louis Stevenson. Para reconstituí-la, fiz um balanço dos pareceres críticos redigidos em diferentes períodos, para que, assim, fosse possível dimensionar as cristalizações e o engessamento que durante muito tempo orientaram as leituras de seus escritos. Paralelamente, tentei compreender as condições de produção e veiculação ficcional no circuito britânico oitocentista e, por fim, as concepções narrativas do autor escocês – o que abriu caminhos para tecermos alguns comentários a respeito das estruturas narrativas de **O clube do suicídio** e **O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde** antes de explorarmos os universos das duas histórias.

O mote do Capítulo II consistiu-se na investigação de como Stevenson se apropriou de um imaginário construído a respeito da Londres vitoriana para criar as suas representações da capital britânica. A figuração da metrópole em suas ficções da década de 80 do século XIX é de extrema importância para o entendimento tanto da dinâmica da trama quanto da identidade de seus personagens. Poucas são as descrições feitas dos espaços físicos de Londres, e os aspectos de sua cobertura urbana quase não são detalhados. Em grande medida, suas feições emergem dos comportamentos e da caracterização de seus atores sociais. São eles os habitantes da cidade, os produtores e definidores das fisionomias da metrópole. Portanto, por intermédio da articulação dos elementos literários, percebe-se que Londres extrapola a função de cenário, pois sua presença (*a priori*) não apenas situa as ações e os espaços sociais e geográficos ocupados pelos personagens, ela também se entrelaça e molda a forma narrativa. Em suma, argumento que Londres, ademais de nortear a história, transforma-

se em uma personagem. Indagar acerca dos procedimentos literários utilizados para elaborar as representações da metrópole se mostrou fundamental para identificação e análise das ideias de cidade presente nas narrativas oitocentistas.

No Capítulo III, o propósito foi decodificar as alusões ao Império nas narrativas de Stevenson. Com a finalidade de sustentar a argumentação apresentada, foi levantado um debate voltado a perscrutar como os mecanismos de representação da prosa moderna contribuem para criar e veicular uma visão setorizada do mundo. A partir da análise conjunta dos escritos ficcionais de Stevenson e de outros escritores de língua inglesa, busquei demonstrar como as referências aos territórios coloniais e de seus habitantes acabavam por validar, em suas histórias, as práticas de dominação e conquista imperialistas. Contudo, isso não implica dizer que essa corroboração era deliberada e, muito menos, feita na mesma linha das apologias jingoístas. Além disso, é nessa seção que os vínculos entre *arte* e *ciência* foram esquadrinhados mais a fundo, o que possibilitou a sondagem de como a adaptação dos conceitos e dos pensamentos científicos vigentes naquele momento ajudou a difundir parcialmente, e muitas das vezes com seus sentidos redefinidos, os princípios e argumentos centrais de suas proposições para uma audiência mais ampla. Foi essa a via de entrada para lidar diretamente com os debates travados nas arenas dos saberes no final do século XIX.

E, para encerrarmos, sinalizo que as Considerações Finais se resumem a um balanço do trabalho desenvolvido e que ficaram entreabertas trilhas para o futuro. Se a última seção deste trabalho é inevitavelmente o fechamento de uma porta, tenho também a convicção de que muitas outras podem ser abertas. Mesmo que as possibilidades de leituras sejam margeadas, elas se encontram longe de um fim.

Capítulo I

Robert Louis Stevenson: o autor controverso

O estilo é um centauro, reunindo o que a natureza como que decretou que se mantivesse apartado. É forma e é conteúdo, entrelaçados para formar a tessitura de toda arte e ofício – e também a história. (Peter Gay, **O estilo na história**, 1990, p. 17)

Nem todos estão de acordo quanto ao autêntico valor de Robert Louis Stevenson (1850-1894). Há quem o considere um autor menor, e há os que o veem como um grande entre os grandes. E essa é a minha opinião, tanto pela nitidez límpida e leve do estilo como pelo núcleo moral de todas as suas narrativas. Neste caso, é a moral do limite humano que tem uma rica e modulada representação fantástica. (Italo Calvino, **Contos fantásticos do século XIX**, 2004, p. 405)

O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. (Walter Benjamin, “O narrador”, 2008, p. 221)

Nós, escritores, que vivemos de ficção, somos um *continuum* daquilo que vimos e ouvimos, e, ainda mais importante, de tudo o que lemos. (Neil Gaiman, **Alerta de Risco**, 2016, p. 12)

Logo na abertura de **Robert Louis Stevenson: a biography** (1993), Frank McLynn, ao fazer um sumário balanço da reputação literária do autor escocês, afirma que o tempo não foi muito gentil com Stevenson após o seu falecimento. Publicada um ano antes do centenário de morte do biografado, tal constatação serviu como ponto inicial para determinar as causas do obscurecimento da grande maioria de seus trabalhos e a ocupação de um lugar periférico nos estudos de crítica e produção ficcional.⁴¹ A simples menção do nome de Robert Louis Stevenson ainda desperta estranheza, inquietação, surpresa e curiosidade nos centros universitários brasileiros, além de carregar em si certo caráter de originalidade.⁴² Escritor

⁴¹ MCLYNN, Frank. Introduction. In: **Robert Louis Stevenson: a biography**. New York: Random House, 1993.

⁴² Ainda não são muitas as pesquisas realizadas no Brasil acerca dos trabalhos de Stevenson. Durante o levantamento de referências, encontramos três dissertações mestrado, duas teses de doutorado e uma iniciação científica, apresentadas a departamentos de estudos literários de diferentes Universidades brasileiras, cujo propósito estabelecido era abordar de alguma forma as produções literárias de Stevenson. Dos seis estudos, cinco deles tiveram como objeto **O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde**. Quatro destas pesquisas abordaram a temática do duplo. Vale a ressalva de que o trabalho de Patrícia Souza Silva Cesaro não foca especificamente na

controverso na maioria das vezes, é lembrado mais por sua vida boêmia e pouco convencional, na segunda metade do século XIX, do que por suas narrativas literárias⁴³. E, quando ocasionalmente tem o seu nome reconhecido, normalmente é em decorrência da associação feita a suas duas histórias mais famosas: seu “clássico” de aventuras (para garotos), **A Ilha do Tesouro** (**The Treasure Island**, 1883), e/ ou o sombrio e notório caso envolvendo Dr. Jekyll e Mr. Hyde.⁴⁴ A dianteira de Stevenson na luta pela imortalidade, notada por Walter Raleigh em 1895, não demorou muitas décadas para ser perdida e superada. Sua reputação literária (atualmente) é uma sombra do que já foi, pois oscila entre o obscurecimento e o parcial conhecimento do público em geral.

Recentemente, os esforços para dotar a imagem de Stevenson de traços mais complexos e variados ganharam peso e consistência, principalmente nos países de língua inglesa, e aos poucos desmontam as reduções e as generalizações configuradas por um jogo de opostos, que engessou e limitou as potencialidades de alcance, leitura e interpretação de

dupla identidade de Jekyll e Hyde, apenas faz algumas menções a esta. Com relação às outras duas, uma enfocou as traduções da obra citada há pouco para o português e a outra traduziu as correspondências trocadas entre Stevenson e o escritor Henry James. Todos esses trabalhos encontram-se referenciados na Bibliografia desta dissertação.

⁴³ Robert Louis Balfour Stevenson nasceu em Edimburgo, em 1850, e morreu em Vailima, no ano de 1894. Proveniente de uma importante e renomada família do ramo da engenharia civil, responsável pela construção de faróis marítimos, Stevenson, contrariando as expectativas e pretensões de seu pai, decidiu se tornar escritor. As viagens durante sua vida foram bastante frequentes, fossem para acompanhar as construções e a fiscalização do funcionamento dos faróis sob a responsabilidade de sua família ou para buscar alívio para o sofrimento causado pela tuberculose, doença que o acompanhou desde a sua juventude. Antes de se dedicar integralmente à atividade literária, Stevenson ingressou na Universidade de Edimburgo por duas vezes entre o final da década de 60 e início da de 70 do XIX, para cursar engenharia e direito, respectivamente. Após decidir que não exerceria nenhuma das duas profissões, Stevenson viajou e estabeleceu residência em diferentes países e cidades, entre elas Londres, Fontainebleau (arredores de Paris) e Nova Iorque. Voltou a residir na Inglaterra na década de 80 e, entre os anos de 1885 e 1887, optou por morar no condado de Dorset, mais especificamente em Bournemouth. Após o falecimento de seu pai (1887), se dirigiu, mais uma vez, para os Estados Unidos, nesse momento já casado com a norte-americana (e divorciada) Fanny Osbourne, e, nos anos finais de sua trajetória, residiu em uma das ilhas do Sul do Pacífico (Samoa) – onde passou a ser denominado pela população local como *tusitala*, cujo significado é “o contador de histórias”.

⁴⁴ Embora **A Ilha do Tesouro** não faça parte das narrativas selecionadas para a realização de nossa pesquisa (ao contrário de **Dr. Jekyll e Mr. Hyde**), esta foi uma das primeiras obras de Stevenson a alcançar reconhecimento no circuito literário e abriu caminhos para sua popularidade, consolidada com a publicação de **O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde**. Descrita pelo próprio Stevenson como uma história de “bucaneiros e ouro enterrado”, foi serializada na revista literária infanto-juvenil *Young Folks* entre os anos de 1881 e 1882 e editada em livro em 1883. O enredo gira em torno da viagem de Jim Hawkins ao lado do pirata John Silver e sua tripulação em busca de um tesouro escondido. Conforme a dedicatória de Stevenson e as falas de alguns de seus comentaristas, o escrito foi resultado de uma brincadeira destinada a divertir e entreter seu enteado de onze anos. A mesma revista publicou outras narrativas de Stevenson pertencentes ao mesmo gênero, como **O raptado** (1886) e **A flecha negra** (1888). Ao longo do século XX, **O estranho caso** e sua temática da dupla personalidade inspiraram inúmeras produções e adaptações, desde peças de teatro nas mais diversas localidades do mundo, versões cinematográficas até desenhos animados, inclusive um episódio de **Piu-Piu e Frajola** (Warner Bros), e séries de televisão, como a cancelada **Do no harm** (2013) e **Once upon a time** (2011-2018), sendo que, nesta última, Dr. Jekyll e Mr. Hyde apareceram em alguns episódios entre os anos de 2015 e 2016 e tiveram um papel importante no encaminhamento da história central da primeira metade da quinta temporada.

suas obras por um bom tempo⁴⁵ – pelo menos no que diz respeito à atenção das instituições acadêmicas e da crítica especializada, pois, como apontou Linda Dryden, os *best-sellers* do autor seguem sendo lidos, uma vez que suas publicações não cessaram desde quando saíram pela primeira vez, e tiveram ampliadas as suas dimensões e dispositivos de circulação, por conta das adaptações cinematográficas e televisas, acarretando, assim, a incorporação dos elementos de suas tramas pelo imaginário popular.⁴⁶ Mas não que isso necessariamente desperte o interesse e leve os leitores a aprofundarem seus conhecimentos acerca das demais composições de Stevenson.

A reaproximação da crítica especializada ao legado literário de Stevenson se deu no final dos anos 40 e início dos anos 50 com a publicação das biografias **Robert Louis Stevenson: a revaluation** (1947), de David Daiches, e **Voyage to windward: the life of Robert Louis Stevenson** (1951), de J. C. Furnas. Os propósitos destes trabalhos são bem similares e ambos os autores são considerados, conjuntamente com Janet Adam Smith, os responsáveis por realocarem as discussões em torno dos procedimentos narrativos de Stevenson, ao romperem e exporem os deslizos e as incongruências dos padrões interpretativos guiados pelos princípios elitistas e idealistas formulados por Matthew Arnold e consolidados por F. R. Leavis.⁴⁷ Lançaram, dessa maneira, as bases para a retomada de exames mais minuciosos sobre a trajetória de Stevenson e de seus textos. Além disso, contribuíram (transversalmente) para delinear novos rumos para as pesquisas concernentes ao âmbito da imprensa e do mercado editorial oitocentista. Ao contrário de Daiches e de Furnas, o livro de Smith não teve como mote apenas a figura literária de Stevenson. Suas considerações a respeito do autor escocês foram norteadas pelas correspondências trocadas entre ele e Henry James. Por intermédio das cartas e de uma breve exposição das concepções ficcionais dos dois amigos, a crítica escocesa agiu em duas frentes. A primeira delas foi demonstrar o apreço e o respeito que ambos tinham um pelo outro e, com isso, respaldar a credibilidade da prosa e da perspectiva literária de seu conterrâneo. Já a segunda consistiu em

⁴⁵ Para maiores aprofundamentos sobre os parâmetros que regiam as críticas culturais britânicas, cf. Sandra G. T. Vasconcelos, “Ian Watt e a figuração do real (anotações de leitura)” (**Literatura e sociedade**, n. 14, 2010). As seguintes referências oferecem considerações pertinentes acerca dos movimentos da crítica referentes à carreira e legado literário de Stevenson: Richard Ambrosini e Richard Dury, “Introduction” (In: **Robert Louis Stevenson, writer of boundaries**. Madison: The University of Wisconsin Press, 2006); David G. Higgins, “Reading Stevenson: beyond the boundaries of Scottish perspectives and critical receptions of Stevenson and victorian literature” (In: **Robert Louis Stevenson within imperial precincts: a study literary boundaries and marginalised voices**. Tese de Doutorado, Universidade de Glasgow, Glasgow, 2015).

⁴⁶ DRYDEN, Linda. Stevenson and popular culture. **Nordic Journal of English Studies**, vol. 9, n. 3, 2009.

⁴⁷ Cf. Matthew Arnold, **Cultura y anarquía** (Madrid: Cátedra Letras Universales, 2010); F. R. Leavis, **The great tradition**: George Eliot, Henry James, Joseph Conrad (New York: George W. Stuart, 1950).

rebatem as declarações e as atitudes direcionadas a destacar a marginalidade e falta de vínculos de Stevenson com importantes romancistas e editores no circuito letrado do final do século XIX e as acusações de que sua atuação como ficcionista em nada ou pouco colaborou para o significativo alargamento das potencialidades e das possibilidades de uso do instrumental narrativo. Ainda é preciso sublinhar o minucioso trabalho de Smith em reportar as omissões, os erros de transcrições, as distorções e as censuras de Sidney Colvin nos volumes de cartas organizadas por ele, **Letters to his Family and friends** (1889) também em outros escritos editados por ele.⁴⁸

Não obstante haja ressalvas acerca desses escritos ainda se alinharem ao arcabouço teórico e metodológico das análises modernistas, é inegável que o primeiro passo dado por esses críticos teve um peso grande para a emergência, entre os anos 60 e 80 do século XX, de um número significativo de pesquisadores dispostos a romper as fronteiras e os rótulos aplicados à personalidade e aos procedimentos narrativos de Stevenson. E, por conseguinte, desenvolveram abordagens que se atinham às tensões e às contradições manifestas no quartel final do período vitoriano e, em virtude disso, distaciavam-se das visões mais rígidas e dogmáticas acerca dessa época. A retomada dos estudos sobre Stevenson seguiu, em grande medida, as passadas dos questionamentos e das rupturas trazidas pela guinada linguística e da adoção e vigência de outros princípios e pontos de vistas nas áreas de estudos culturais. Além da abertura do escopo das pesquisas, os procedimentos e as estratégias de leituras abandonaram as pretensões universais e as padronizações binárias. No decorrer da década de 80, é perceptível que, aos poucos, os trabalhos isolados sobre Stevenson, realizados em universidades britânicas e norte-americanas, deram origem a um conjunto de especialistas que, posteriormente, passaram a se reunir em eventos, sediados em diferentes instituições, e a organizar publicações voltadas a estimular debates e a divulgar toda uma gama de investigações concernentes à trajetória e às obras do autor escocês.⁴⁹

A personalidade literária romantizada e detratada de Stevenson, carregada de simplificações e cristalizações, é permeada por escolhas e omissões (deliberadas ou não) correlatas a performances individuais e coletivas, interseccionadas por disputas e tensões,

⁴⁸ Cf. Janet Adam Smith, **Henry James and Robert Louis Stevenson**: a record of friendship and criticism (London: Rupert Hart-Davis, 1948).

⁴⁹ Como resultado dessa empreitada, podemos citar os livros compostos por grande parte das comunicações apresentadas nas Conferências realizadas nos anos 2000 e a criação do **Journal of Stevenson studies** (JSS), editado pela Professora Linda Dryden (Edinburgh Napier University) e pelo Professor Roderick Watson (University of Stirling). As edições desse periódico estão disponíveis no *site* dedicado ao autor escocês e mantido pela Edinburgh Napier University: <<http://robert-louis-stevenson.org/rls-journal/>>.

cujas forças em ação nem sempre foram equivalentes em intensidade e potência. Ora se somaram, ora se repeliram e ora se sobrepujaram. Movimentos que trazem à tona a variação e as mudanças de posturas, das concepções e convenções literárias e dos paradigmas científicos ao longo do tempo.⁵⁰ Salienta-se, desta maneira, a importância e o valor tanto dos conteúdos desses escritos quanto dos suportes e dos métodos empregados, assim como das repercussões geradas por suas apropriações e (re)leituras, para a efetivação e completude dos objetivos de nossa investigação, direcionados a entender os procedimentos narrativos manejados pelo escritor escocês.⁵¹

Stevenson não foi o primeiro nem será o último autor a ter sua reputação literária questionada. Outros proeminentes vitorianos também foram relegados pela crítica especializada em decorrência dos seus métodos narrativos terem sido considerados inadequados e indignos de fazerem parte da grande tradição literária e, posteriormente, em virtude de um processo de reavaliação e problematização da ótica enrijecida que se tinha de suas obras e do período no qual elas foram escritas. O ensaio de Lionel Stevenson, acerca do despreço com que grande parte das composições literárias e dos romancistas oitocentistas era vista, foi essencial para a ampliação do nosso panorama.⁵² Mudanças no arsenal, nas posturas e na amplitude das críticas foram necessárias para que se pudesse abordá-los e interpretá-los de formas diferentes e seus nomes e seus trabalhos voltassem ser prestigiados e dignos de estudo.

Conforme levantávamos e aprofundávamos as leituras do material concernente à recepção e à crítica da obra e vida do escritor escocês, quatro aspectos chamaram a nossa

⁵⁰ Existe uma vasta bibliografia direcionada a abordar as transformações das estruturas narrativas e, consequentemente, das normas de exposição e recepção discursiva. Por razões decorrentes da baliza temporal estabelecida e da documentação utilizada para o desenvolvimento desta dissertação, nossas leituras se concentraram nas referências cujos objetivos consistiram em definir os elementos configuradores da prosa moderna, ou seja, o romance. Uma ou outra leitura abarcou a temática de um modo mais abrangente. Dessa maneira, os textos mencionados a seguir proporcionam diferentes pontos de vista e indicativos significativos acerca da historicidade dos procedimentos literários ao longo do tempo em maior ou menor grau de profundidade e alcance, de acordo com as finalidades expressas por seus autores. Cf. Erich Auerbach, **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental** (2015); Walter Benjamin, “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2008); Italo Calvino, “Os níveis de realidade em literatura” (In: **Assunto encerrado: discursos sobre literatura e sociedade**, 2009); Jack Godoy, “Da oralidade à escrita” (In: Franco Moretti (Org.). **A cultura do romance**. São Paulo: Cosac & Naify, 2009); Ian Watt. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding** (2007).

⁵¹ Cf. Robert Darnton, **O diabo na água benta ou a arte da calúnia e difamação de Luiz XIV a Napoleão** (São Paulo: Companhia das Letras, 2012); Edward W. Said, **Cultura e imperialismo** (São Paulo: Companhia das Letras, 2011).

⁵² STEVENSON, Lionel. The modern values of Victorian fiction. In: BLOOM, Harold (Org.). **The Victorian Novel**, 2004.

atenção de imediato: a profusão dos discursos honoríficos após a propagação da notícia de seu falecimento; o crescente interesse pela trajetória do autor escocês; o linguajar hiperbólico que marcou grande parte das biografias e textos em geral publicados pelos amigos e admiradores do autor e, posteriormente, também dos escritos de seus mais veementes opositores; e, por último, a equiparação entre vida e produção literária. Ou seja, a prática recorrente de buscar nas atitudes e personalidade de Stevenson atributos para explicar suas preferências, princípios e métodos literários, que, muitas das vezes, desconsiderava a existência das regras próprias de funcionamento do universo ficcional e gerava, assim, leituras com conclusões prévias e, portanto, limitadas.⁵³ Sobre a reputação literária de Stevenson, Swinnerton sustenta que:

It is sufficient here to maintain that Stevenson's literary reputation, as distinct from the humanitarian aspect of his fortitude, is seriously impaired. It is no longer possible for a serious critic to place him among the great writers, because in no department of letters – excepting the boy's books and the short-story – has he written a work of first class importance. His plays, his poems, his essays, his romances – all seen nowadays consumptive. What remains to us, a part from a fragment, a handful of tales, and two boy's books (for **Kidnapped**, although finely romantic addressed to boys, and still appeals to the boy in us) is a series of fine scenes – what I have called “plums” – and the charm of Stevenson's personality. Charm as an adjunct is very well; charm as an asset is of less significance.⁵⁴

Frases tão fortes e impactantes quanto às de Swinnerton também são encontradas nos artigos redigidos em 1924 por Leonard Woolf e por H. Mencken, cada um deles publicado em diferentes lados do Atlântico.⁵⁵ As conclusões do crítico e do jornalista são bem próximas e os ataques à personalidade e às obras do autor escocês seguem a mesma toada. A produção de Stevenson carecia de seriedade, segundo esses autores, e o mesmo poderia ser dito de seus seguidores. De acordo com Woolf, por ser superficial, cheio de maneirismos e extravagante, Stevenson “era justamente o tipo de homem que cativava o gosto dos

⁵³ ROBERTSON, James. A reliable author and his unreliable critics: the fall and rise of Stevenson's literary reputation. **Journal of Stevenson Studies**, v. 8, 2011.

⁵⁴ SWINNERTON, Frank. **Robert Louis Stevenson: a critical study** [1914], p. 207. Tradução nossa: “Temos aqui o suficiente para sustentar que a reputação literária de Stevenson, distintamente de seu aspecto humanitário, é gravemente falha. Não é mais possível para um crítico sério colocá-lo entre os grandes escritores porque em nenhum departamento das letras – exceto dos livros para garotos e das histórias curtas – ele escreveu um trabalho de primeira importância. Suas peças, seus poemas, seus ensaios, seus romances – todos vistos como tísicos atualmente. O que resta para nós, a parte de alguns fragmentos e um punhado de contos, e livros para garotos (pois embora romântico **O raptado** apele para o garoto que existe em nós) são uma série de belas cenas – o que tenho chamado de cereja do bolo – e do charme da personalidade de Stevenson. Charme como um mero componente; como um recurso de pouco significado.”

⁵⁵ Cf. Henry L. Mencken, “Tusitala” (**American Mercury**, vol. 3, n. 2, 1924); Leonard Woolf, “The fall of Stevenson. Nation and the Athenaeum” (In: Paul Maixer (Org.). **Robert Louis Stevenson: the critical heritage**. London: Routledge & Kegan Paul, 1981 [1924]).

românticos dos anos finais do século XIX”⁵⁶. A adulação e a beligerância de seus amigos e admiradores teriam ajudado a criar um mito de que ele seria um grande escritor.

A alternância na escolha das formas narrativas foi vista como falta de confiança; uma hesitação em firmar a escrita em um gênero específico. A apropriação das técnicas de outros autores, denominada pelo próprio Stevenson como imitação, foi tida como um sinal expressivo da mediocridade do autor escocês como artista. A clareza e a brevidade foram consideradas artificiais. Defendia-se que Stevenson seduzia seus leitores pela carência de inteligência deles, por sua personalidade pitoresca, transposta para suas produções literárias, e, acima de tudo, por lhes oferecer um ponto de vista reconfortante.⁵⁷ Devido à sua enfermidade, pouco ou nada podia dizer sobre o cotidiano, dado que sua débil condição física teria comprometido sua capacidade de observação do mundo que o cercava e incitava a sua mente (doente e escocesa) a divagar em aventuras que o afastavam de seus infortúnios e a experimentar emoções das quais ele estava privado. Portanto, em decorrência de sua enfermidade e da hiperestimulação de sua imaginação escocesa, o seu escopo ficcional não era somente escasso, mas também fugidio. Segundo o escritor Edwin Muir, os (autores) escoceses, de uma forma em geral, careciam da objetividade, do pragmatismo e do senso cívico inglês.⁵⁸ De acordo com essa perspectiva de Muir, dificilmente a Escócia, em virtude de suas próprias limitações, poderia oferecer bons escritores e agregar algo à cultura britânica.

⁵⁶ Por românticos do final do XIX, Leonard Woolf entende os amigos bem próximos de Stevenson, sendo alguns deles bastante dedicados a defenderem a escrita de narrativas de aventura. Os citados foram: Edmund W. Gosse (1840-1928, poeta, escritor e crítico literário inglês), Andrew Lang (1844-1912, poeta, escritor e crítico literário escocês interessado em estudos folclóricos e nas discussões antropológicas oitocentistas), William E. Henley (1849-1903, escritor e editor inglês de importantes periódicos do período com espaços para publicações ficcionais, como o **Pall Mall Gazette** e responsável pela edição de vários trabalhos de Stevenson em diferentes momentos de sua carreira) e Sidney Colvin (1845-1927, escritor e crítico literário inglês, incumbido por organizar e publicar os escritos de Stevenson no Reino Unido, após a mudança dele para Samoa). Tradução nossa do trecho original: “[Stevenson] was just the man to captivate the taste of the romantic nineties [...]” (WOOLF, 1981, p. 515).

⁵⁷ A seguinte afirmação de Edwin Muir exemplifica bem esse tipo de postura: “Stevenson has simply fallen out of the procession. He is still read by the vulgar, but he has joined that band of writers on whom, by tacit consent, the serious critics have nothing to say”. Tradução nossa: “Stevenson simplesmente distanciou-se da procissão. Ele ainda é lido pelos vulgares, mas faz parte daquele grupo de autores que, por um consentimento tácito, os críticos sérios nada têm a dizer”. A afirmação de Muir pode ser encontrada no levantamento feito por Richard Dury a respeito da recepção crítica de Stevenson ao longo dos anos, disponível no *site* dedicado ao autor escocês (<<http://www.robert-louis-stevenson.org/richard-dury-archive/critrec.htm>>). A última parte dela foi citada no artigo de James Robertson, “A reliable author and his unreliable critics: the fall and rise of Stevenson’s literary reputation” (2011, p. 8).

⁵⁸ Enquanto Henry James, em seu ensaio sobre Stevenson, elogiou a imaginação escocesa do autor, um crítico que era conterrâneo de Stevenson, Edwin Muir, ao comparar as criações ficcionais de escoceses e ingleses, afirmou a inferioridade dos primeiros, uma vez que teriam se deixado levar mais pelos sentimentos do que pela razão. Cf. Edwin M. Eigner. **Robert Louis Stevenson and the romantic tradition** (Princeton: Princeton University Press, 1966); James Robertson, 2011.

Como alertou Henry James, em uma carta para Graham Balfour após a leitura da biografia “oficial” de Stevenson redigida por ele, e, posteriormente, Chesterton, em 1927, quando percebeu a névoa que passara a cobrir o prestígio de Stevenson, vida e obra foram tomadas como uma coisa só. Lia-se a produção literária de Stevenson à luz de sua personalidade.⁵⁹ A abordagem e a figura de Stevenson apresentada no trabalho de Balfour desagradaram profundamente um dos mais antigos membros círculo de Stevenson, William Ernest Henley. O editor britânico não hesitou em demonstrar seu descontentamento e redigiu implacáveis e agressivas palavras, em sua resenha “R.L.S.” (1901), a respeito do caráter dócil, frágil e obstinado de Stevenson manifesto ao longo da biografia. Independente da virulência de Henley e do burburinho gerado por seu ataque, as idealizações e onda honorífica prosseguiram⁶⁰.

Destrinchar as bases dessa imagem dicotômica atrelada a Stevenson requer o tal esforço imaginativo definido na abertura da obra de Paul Maixner, cujo propósito é o de compreender os diálogos de Stevenson com a sua própria época e as guinadas interpretativas a respeito do valor literário de suas obras.⁶¹ Nesse sentido, buscamos mapear as forças e as vozes em disputa no processo de constituição da memória de Louis Stevenson e o peso e os impactos das controvérsias nos encaminhamentos dos parâmetros voltados a estabelecer os méritos (ou não) de suas produções literárias, tendo em mente que os efeitos provocados por essas apreciações (dissonantes) incidiram notadamente no curso na ascendência e predominância de descrições estáticas e dogmáticas da época vitoriana e da maioria dos seus indivíduos e expoentes culturais. Cabe ainda a ressalva de que, a despeito dos compromissos e posturas antagônicas, há consideráveis semelhanças entre as estratégias e montagens dos suportes estruturadores dos argumentos dos admiradores e detratores de Stevenson, sobretudo nas biografias e estudos redigidos anteriormente ao período revisionista, vistos, geralmente, como os marcadores iniciais das leituras unilaterais e fracionadas, sendo este o caso da biografia de Balfour e das cartas de Stevenson omitidas na coletânea organizada por Sidney Colvin. Cada um desses trabalhos, mediante a atitude de exclusões dos episódios erráticos e desregrados da trajetória do autor escocês por parte de seus autores, colaborou para os exageros contidos na figura mítica de Stevenson.

⁵⁹ Informação a respeito da colocação de James extraída do capítulo “O mito de Robert Louis Stevenson” da biografia redigida por Eileen Dunlop, **Robert Louis Stevenson the travelling mind**. O comentário de Chesterton consta em seu estudo **Robert Louis Stevenson**, publicado em 1927.

⁶⁰ HENLEY, William Ernest. R.L.S. **Pall Mall Gazette**, XXV, 1901.

⁶¹ MAIXNER, Paul. Introduction. In: **Robert Louis Stevenson: the critical heritage**, 1981, p. 1.

Mas, a despeito dessa postura de interpretar a obra pela vida, as bases e os fundamentos dos pareceres das décadas iniciais do século XX colocavam em xeque, de uma forma quase que geral, os atributos da prosa vitoriana. Estimular risos e outras emoções a partir de enredos melodramáticos e farsescos, ancorados em suspenses e anedotas, foi tomado como indício, quase sempre, de falta de comprometimento do artista com a seriedade, a imparcialidade e com a virtuosidade dos valores culturais. Entreter foi visto como uma forma de submissão aos interesses do mercado. Supunha-se esta ser uma prática deteriorada, de autores pouco preocupados com a forma e portadores de pouca ou nenhuma aspiração criativa, os quais até podiam escrever bem, mas manejavam vulgarmente as técnicas literárias e pintavam uma imagem irrisória e limitada da vida, imbuída de sentimentalismo e veleidades. Por conseguinte, tipificavam as imperfeições atribuídas aos vitorianos; esboçavam uma forma de raciocínio que enxergava as obras de arte como reflexo das condições e características gerais de sua sociedade e as julgavam tendo como parâmetro a “excelência”. Grosso modo, entendida como a naturalidade, ou melhor, a fidelidade com que as cenas narradas emulavam as práticas humanas. Prezava-se pela verossimilhança mais do que por qualquer outro aspecto da obra artística.⁶²

Buscavam-se, nas obras de Stevenson, princípios que ele mesmo havia se determinado a não seguir e inseriam seus escritos em categorias nas quais estes não se encaixavam muito bem.⁶³ Inúmeras barreiras tiveram que ser rompidas para que se pudesse estudar a produção ficcional de Stevenson no âmbito da mundanidade e entender a sua complicada relação com o mercado editorial oitocentista, que passou por uma guinada importante no último quartel do século XIX.⁶⁴

1.1 O boom das *short stories*

Lionel Stevenson não foi o primeiro a apontar que Robert Louis Stevenson foi um notável escritor de *short story*, ou conto, para nos valermos de um termo em português.⁶⁵ Antes dele, Conan Doyle já havia feito tal declaração em um ensaio no qual analisa o método

⁶² LEAVIS, 1950.

⁶³ DUNCAN, Ian. Stevenson and fiction. In: FIELDING, Penny (Org.). **The Edinburgh companion to Robert Louis Stevenson**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010.

⁶⁴ Sobre o conceito de mundanidade, cf. Edward W. Said, **Reflexões sobre o exílio** (São Paulo: Companhia das Letras, 2003).

⁶⁵ STEVENSON, Lionel. **The English novel: a panorama**. Boston: Houghton Mifflin, 1960.

ficcional de seu contemporâneo e companheiro de profissão, e o próprio crítico Frank Swinnerton não se furtou de reconhecer esse “mérito”.⁶⁶ No entanto, enquanto Conan Doyle não fez um juízo negativo do gênero, o mesmo não se pode dizer de Swinnerton. Para ele, o romance era o tipo de prosa que rendia consagração a um escritor. Suspeitamos que, no caso da postura e avaliação do crítico inglês, não se tratava apenas de considerar as exigências de escrita do romance como superiores a do conto, mas também os modos de difusão e a receptividade dessas formas narrativas pela audiência em geral. O conto estava próximo demais das preferências e dos gostos populares.

As diretrizes de composição do conto foram dadas por Edgar Allan Poe em dois de seus escritos, na resenha **Twice told tales** (1842) e no ensaio **The philosophy of composition** (**A filosofia da composição**, 1846). Stevenson foi declaradamente leitor e admirador de Poe.⁶⁷ No entanto, como bem lembra Barry Menikoff, Stevenson combinou os elementos das convenções narrativas norte-americanas com a estética e com o estilo propostos pelos franceses.⁶⁸ Nota-se, assim, que o método do autor escocês provinha, em grande medida, das leituras realizadas e das apropriações de princípios e técnicas de seus precursores.⁶⁹

Um bom número dos trabalhos de Stevenson, posteriormente inseridos em coletâneas e editados em livros, circulou pela primeira vez em periódicos ou revistas literárias. Das duas obras inspiradoras desta pesquisa, somente **O clube do suicido** foi serializada, sendo, portanto, válido ressaltar que não é a versão publicada em 1878 no **London: the conservative weekly journal of politics, finance, society and arts** que foi por nós perscrutada e, sim, a de 1882, que, após ser revisada, integrou a coletânea de histórias intitulada **New Arabian Nights (As novas noites árabes)**⁷⁰. Publicar em jornais e revistas não era algo muito rentável e não gozava do prestígio dos romances de três volumes (*triple-decker/triple volume novel*), mas, ainda assim, era uma maneira de ingressar no circuito

⁶⁶ Cf. Arthur Conan Doyle, “Mr. Stevenson’s methods in fiction” (**National Review**, 1890); Swinnerton, 1924.

⁶⁷ Cf. Robert Louis Stevenson, “Las obras de Edgar Allan Poe” (In: **Ensayos literarios**. Madrid: Hiperión, 1983).

⁶⁸ MENIKOFF, Barry. Introduction. In: STEVENSON, Robert Louis. **The complete stories of Robert Louis Stevenson: Strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde and nineteen other tales**. New York : The Modern Library, 2002.

⁶⁹ CHESTERTON, G. K. The style of Robert Louis Stevenson. In: **Robert Louis Stevenson** [1927].

⁷⁰ STEVENSON, Robert Louis. **New Arabian nights**. In: **The complete stories of Robert Louis Stevenson: Strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde and nineteen other tales**, 2002. É possível se deparar com uma outra tradução para o título dessa obra, que no caso seria **As novas mil e uma noites**.

profissional, de se manter ativo, e que não requeria investimentos por parte do autor.⁷¹ Stevenson, de fato, era um escritor que, até meados da década de 80 do século XIX, sobrevivia parcamente com os honorários recebidos, sobretudo das narrativas encomendadas por seus editores visando a fins meramente comerciais e com prazos apertados. Situação considerada um tanto desconfortável pelo autor escocês. Além de que se observa que, semelhantemente a muitos de seus contemporâneos, ele se dedicava a mais de um trabalho ao mesmo tempo. É inegável que sua carreira literária teve uma base popular considerável,⁷² o que, em suma, passa pela ampla circulação dos periódicos para os quais ele vendeu suas produções ficcionais e também pelo tratamento e seleção das matérias narradas, que amalgamavam repertórios compartilhados, como tradições folclóricas e notícias jornalísticas, com refinadas técnicas narrativas, fazendo jus assim à caracterização de Calvino de que Robert Louis Stevenson conjungava “o ímpeto de narrador popular” com a “leveza e sofisticação de um literato de qualidade”⁷³. Stevenson agradava aos seus leitores e editores sem ser totalmente condescendente e sem abandonar a convicção de que contar histórias cativantes era o compromisso maior de um ficcionista.

Em uma época na qual os interesses de mercado se espalhavam e se consolidavam rapidamente (e profundamente) em quase todas as dimensões das práticas produtivas, tudo se tornava mercadoria, inclusive os artefatos artísticos.⁷⁴ Conjugada e delineada pelas sucessivas alterações de materiais, das técnicas de reprodução e das progressivas reduções e abolições das taxas concernentes às publicações e à matéria-prima ao longo do século XIX, a rápida expansão da imprensa redefiniu não só os formatos das relações travadas entre os escritores, seus intermediários e o público em geral, mas também atravessou e interferiu nas dinâmicas de produção e circulação dos dispositivos literários, configurando determinantemente os pilares de sustentação e operação da imprensa de massa.⁷⁵ Em consonância com um cenário político transpassado por múltiplas forças e agentes sociais em ação, os efeitos da Revolução

⁷¹ KEATING, Peter J. **The haunted study**: a social history of the English novel (1875-1914). Londres : Fontana, 1991.

⁷² AMBROSINI, Richard; DURY, Richard (Org.). **Robert Louis Stevenson**, writer of boundaries. Madison: The University of Wisconsin Press, 2005.

⁷³ CALVINO, Italo. Introdução. In: **Contos fantásticos do século XIX**: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano. São Paulo: Companhia das Letras, 2004 p. 16.

⁷⁴ BENJAMIN, 2008.

⁷⁵ Cf. Maria Stella M. Bresciani, 1993; Jürgen Habermas, **A mudança estrutural da esfera pública**: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa (São Paulo: Editora Unesp, 2014); Raymond Williams, “The growth of the popular press” (In: **The long revolution**. New York: Penguin Books, 1961).

Industrial, percebidos parcialmente e de um modo um tanto difuso fora das cidades industriais, transformava a sociedade de ponta à ponta.⁷⁶

A implantação do sistema fabril acarretou a serialização e o aumento, até então sem precedentes, da produção, interferiu direta e principalmente na rotina diária dos trabalhadores e suscitou uma gama de transformações espaciais e nas redes de sociabilidade.⁷⁷ A propagação das ferrovias e a ociosidade, desfrutada sobretudo pelos membros das camadas abastadas e médias, criaram uma demanda considerável de leitores, cujos interesses ultrapassavam ou independiam das necessidades informacionais. Lia-se também para passar o tempo, fosse na residência, durante as viagens ou nos espaços públicos, como os cafés e clubes literários.⁷⁸

Cada vez mais, a escrita se tornava parte do cotidiano e mediava a relação dos seres humanos entre si e com o mundo visível (e imaginado), figurado nas páginas dos impressos. Livros e periódicos cumpriam o propósito de instruir e de aperfeiçoamento intelectual e de gosto que os expoentes da opinião pública lhes haviam incumbido. Nos espaços compartilhados, exercia-se o uso da razão ao se debater as ideias e os argumentos das matérias publicadas; nas revistas literárias, na seção destinada às resenhas, os críticos orientavam e ofereciam um repertório do que deveria (ou não deveria) ser lido, e, na coluna de correspondências, os leitores manifestavam seus pontos de vistas a respeito dos pareceres e das obras comentadas. O processo de secularização do pensamento, sustentado pelas bases filosóficas das correntes iluministas e liberais, caminhava lado a lado com a ascensão da sociedade moderna.

Mas a popularização da leitura (com índices crescentes e expressivos anteriores à aprovação do primeiro Ato de Educação Elementar na Inglaterra e Gales em 1870 e em 1872 na Escócia) e a ampliação do alcance e do número de publicações não necessariamente caracterizaram uma acessibilidade abrangente e irrestrita a todos aqueles que sabiam ler.⁷⁹

⁷⁶ BRIGGS, Asa. **Victorian cities**. Harmondsworth: Penguin, 1968.

⁷⁷ BRESCINANI, Maria Stella M. As faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). **Cultura & Cidades**, vol. 5, n. 8-9, 1985.

⁷⁸ Cf. Habermas, 2014; Franco Moretti, “Mercados narrativos (1850)” (In: **Atlas do romance europeu (1800-1900)**. São Paulo: Boitempo, 2003); Sandra G. Vasconcelos, “Público leitor e romance” (In: **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII**, 2002); Ian Watt, “O público leitor e o surgimento do romance” (In: **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**, 2007); Raymond Williams, 1961.

⁷⁹ Em dois ensaios de **The long revolution**, “The growth of the popular press” e “The growth of the reading public”, Raymond Williams desmontou o argumento corrente de que a sanção do Ato da Educação Elementar foi um fator determinante para a expansão da imprensa britânica. Esse raciocínio desconsidera os elementos sociais, políticos e econômicos ao pressupor que a universalização do ensino ampliou a distribuição e o hábito da leitura dos periódicos e jornais de forma uniforme. Segundo suas análises, a emergência da imprensa popular se deu em

Basicamente, os meios de comunicação oitocentistas (ainda) eram controlados e primordialmente direcionados à burguesia; em disparidades de graus e inflexões, disseminavam suas convicções e princípios, do mesmo modo que variavam em níveis de seriedade (e qualidade).⁸⁰

Os jornais diários, fontes de obtenção de notícias comerciais e políticas, tinham um público-alvo bastante específico, diferenciando-se substancialmente dos jornais de domingo (*Sunday Papers*) e, posteriormente, dos da noite, que se dirigiam, em grande medida, às camadas médias baixas. As distinções estavam além dos preços, das escolhas e dos tratamentos dispensados aos conteúdos veiculados: elas consistiam essencialmente nas propostas de ganho, manutenção e gerenciamento de seus proprietários. Não à toa, Raymond Williams identificou nos periódicos de baixo custo as estratégias reguladoras dos fins estritamente comerciais. Satisfazer o cliente (a audiência) era a regra a ser seguida e, para isso, não se hesitava em sacrificar o aparato crítico ao recorrer ao uso de uma linguagem sensacionalista e insólita e optar por um modelo de edição em que os espaços cedidos às propagandas e aos assuntos aberrantes eram expressivos.⁸¹ Manipulava-se a informação para que atendesse às expectativas, às convicções e à curiosidade da audiência em perspectiva.⁸² Tão execradas por Matthew Arnold, as práticas do novo jornalismo (*new journalism*), presentes na maioria dos (tendenciosos) impressos “baratos” e descritas brevemente acima, se espalhavam e começaram a ser percebidas com frequência nas matérias dos mais respeitáveis periódicos. Não somente era preciso atrair investimentos como também competir pela preferência do consumidor.

consonância com o desenvolvimento da sociedade industrial e se estabeleceu com a criação e a efetiva circulação dos jornais de domingo (*sunday papers*) e não com os jornais diários, sendo, assim, importante considerar a constituição e a audiência de cada um desses impressos e a distinção entre a regularidade da prática da leitura e os índices totais de alfabetização, uma vez que a instrução não necessariamente faz com que a leitura seja habitual. É possível encontrar esclarecimentos sumários sobre a instituição do ensino compulsório no Reino Unido nas páginas *online* do Parlamento e da British Library. Vale fazer notória a independência da legislação escocesa em relação à inglesa, pois o pacto de união, firmado no século XVIII, não decretou a vigência de uma jurisprudência só. Cf. *site* do Parlamento Britânico: <<http://www.parliament.uk/about/living-heritage/transformingsociety/livinglearning/school/overview/1870educationact/>>. Acesso em: 25 maio 2017; *site* da British Library: <<https://www.bl.uk/collection-items/synopsis-of-the-forster-education-act-1870>>. Acesso em: 25 maio 2017.

⁸⁰ Raymond Williams, em “The growth of the popular press”, rapidamente mencionou a tentativa do operariado em organizar uma imprensa alternativa à da burguesia seguindo as mesmas diretrizes de organização e funcionamento. Entretanto, os entraves e as perseguições políticas enfrentadas fizeram com que os esforços, provenientes do engajamento e do autofinanciamento, não vingassem.

⁸¹ WILLIAMS, 1961.

⁸² HABERMAS, 2014.

Embora literatos e jornalistas seguissem protocolos de redação ímpares, os seus caminhos muitas vezes se cruzaram durante o século XIX, e as linhas limítrofes entre os seus vínculos e contatos como profissionais eram um tanto tênues, posto que os artigos de crítica e as narrativas ficcionais também compunham o quadro dos periódicos, fossem jornais, revistas ou suplementos literários. Apesar de os críticos oitocentistas terem registrado as suas aversões e contrariedades a respeito da opinião pública, eles mesmos faziam parte de seus componentes e, em grande medida, era via os impressos em geral que literatos e críticos (podendo o mesmo sujeito desempenhar ambos os papéis) exerciam sua função de guias e formadores do gosto da sociedade.⁸³

Isso ajuda a tornar clara a razão pela qual Arnold defendeu o apartamento e a transferência das discussões culturais dos meios nos quais elas aconteciam até então para dispositivos de veiculação, cujos responsáveis seriam os agentes de cultura.⁸⁴ Sacrificar-se para manter a arte afastada das corrupções mundanas era um dever do artista. Postular a independência da esfera cultural, ademais de uma idealização que moldou os padrões de julgamentos das obras artísticas por muitos anos, foi uma reação voltada a proteger e afirmar que os princípios e as motivações de seus criadores não haviam sido conspurcados pelos interesses mercantis. O conteúdo e as abordagens jornalísticas não contribuía para o esclarecimento dos cidadãos e, sim, para torná-los superficiais, medíocres e voltados apenas às necessidades e questões materiais. A elevação do espírito deveria vir e ser proporcionada por outros modos. Ler deveria ser instrutivo e não uma forma de entretenimento. O conto era uma das formas claras da arte como mercadoria, embora para os cultos críticos culturais, como Arnold, o conto de modo algum pudesse ser caracterizado como uma produção artística. Esse olhar de cima do analista pauta-se em sua própria experiência como leitor e na projeção desta para os demais, algo que se converte em um equívoco, uma vez que deixa de lado o aspecto subjetivo dessa ação e quase sempre estabelece paralelos entre materiais cujos propósitos muitas das vezes são díspares.⁸⁵

A inundação do mercado de contos na última década do século XIX evidencia o momento no qual a indústria cultural de massa tem suas bases consolidadas e a lógica corporativa assumiu, de modo geral, a orientação das dinâmicas e do funcionamento dos

⁸³ GAY, Peter. Legisladores reconhecidos. In: **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: guerras do prazer**, v. 5, 2001.

⁸⁴ ARNOLD, 2010.

⁸⁵ WILLIAMS, 2011.

órgãos da imprensa.⁸⁶ Todavia, rebatermos a perspectiva de que a cultura não está livre das amarras do capital não implica dizer que qualquer forma de resistência ou oposição não exista ou não possa advir dela. A ideia aqui é romper com o binarismo que opõe alta cultura e cultura de massa e com as associações e hierarquias invocadas praticamente de modo automático por estas duas categorias.

1.2 As formas narrativas de *O clube do suicídio* e *O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde*

O distanciamento de Stevenson dos temas cotidianos e a sua preferência por convenções e formas literárias não mais predominantes levaram críticos como George Moore e William Archer a acusá-lo de oferecer ao leitor uma visão escapista do mundo (por não abordar abertamente os conflitos sociais em seus enredos) e de defender uma concepção narrativa débil, acanhada e vazia.⁸⁷ Moore e Archer não perceberam que não era na superfície do discurso que se encontravam as desmontagens operadas por Stevenson dos sustentáculos e das normas estruturadoras das redes de sociabilidade modernas e, muito menos, que os procedimentos literários manejados por ele, assim como a sua proposta ficcional, não o impediram de satirizar o mal estar e as “virtudes” da sociedade britânica (ou civilização europeia, para nos valermos de termos mais amplos). O primeiro ponto discutível dos pareceres deles foi julgar a obra de Stevenson como um todo e genericamente, não se atentando para as especificidades e os protocolos de leitura instituídos por cada uma delas; o segundo se deve aos paralelos traçados indiscriminadamente entre a personalidade do ficcionista escocês e seu estilo de escrita (considerado afetado, pitoresco e um subterfúgio para esconder a ausência de substância e profundidade dos conteúdos de seus relatos); o terceiro, por fim, profundamente interligado ao primeiro, foi considerar a seriedade como um atributo único (e elementar) das abordagens realistas e naturalistas, devido à objetividade (e à fidedignidade) com que tratavam as práticas e vivências diárias.

⁸⁶ Cf. Habermas, 2015; Williams, 1961.

⁸⁷ Tanto os textos de William Archer quanto de George Moore estão disponíveis na coletânea de pareceres críticos organizada por Paul Maixner, **Robert Louis Stevenson: the critical heritage**. As críticas de Archer se encontram presentes na resenha não assinada publicada no periódico **Pall Mall Gazette** e no ensaio “Robert Louis Stevenson: his style and his thoughts”. Ambas circularam na imprensa no ano de 1885. Stevenson rebateu os argumentos apresentados por Archer em uma série de cartas, que também estão inseridas na seleção de documentos organizada e apresentada por Maixner. Apesar das discordâncias literárias e das rugas iniciais, Stevenson e Archer mantiveram uma relação cordial. Já o texto de Moore encontra-se referenciado como “George Moore on Stevenson from ‘Confession of a young man’” e é datado de 1888.

Não é difícil notar que há, entre eles e Stevenson, uma divergência substancial envolvendo tanto a prática literária em si quanto as finalidades e os preceitos intrínsecos à arte de contar histórias – o que, em suma, estende-se e abrange o modo com que os três vislumbram a experiência humana, os mecanismos e os dispositivos de comunicação e a razão de ser do conhecimento. Narrativa e romance, a despeito de tecerem vínculos com a memória, mobilizam recursos e estratégias *sui generis* para a elaboração de suas tramas.⁸⁸

Dissecar a sociedade e suas contradições, de acordo com os pressupostos e a argumentação dos dois críticos, consistia em afirmar o compromisso da literatura com a verdade e conscientizar o leitor acerca das durezas e dos infortúnios que assolavam principalmente os membros oriundos das camadas baixas. Era uma maneira de dar voz aos desfavorecidos e expor a crueldade e ganância dos homens.⁸⁹ Por trás dessa convicção havia, de certo modo, a confiança na neutralidade e infalibilidade da ciência. Estribadas no distanciamento e na racionalidade, a apresentação e a análise fria dos fatos eram uma maneira de determinar o amadurecimento da própria capacidade crítica dos seres humanos. Grosso modo, o espraiamento do método científico para todas as áreas do conhecimento, inclusive para a literatura, como apontou Émile Zola em 1878, foi um desdobramento do processo de secularização do pensamento, cujos propósitos implicavam não só libertar a humanidade do misticismo e da ignorância, mas, consequentemente, instruí-la e alinhá-la na caminhada rumo a um futuro auspicioso conduzido e instaurado pela ação dos homens.⁹⁰ Ainda que o presente, cheio de discrepâncias, não fosse muito animador. De acordo com Zola:

Entrar-se-á num século em que o homem todo poderoso terá subjugado a natureza e utilizará suas leis para fazer reinar sobre esta terra a maior soma de justiça e liberdade. Não há objeto mais nobre, mais elevado, nem maior. Nosso papel de ser inteligente reside nisso: penetrar o como das coisas, para nos tornarmos superiores às coisas e reduzi-las ao estado de mecanismos obedientes.

[...] Somos, em uma palavra, moralistas experimentadores mostrando, pela experiência, de que modo uma paixão se comporta no meio social. No dia em que detivemos o mecanismo desta paixão, poderemos tratá-la e reduzi-la ou pelo menos torná-la a mais inofensiva possível. Eis onde se encontram a utilidade prática e elevada moral de nossas obras naturalistas, que fazem experiências com o homem, que desmontam e tornam a montar peça por peça a máquina humana, para fazê-la funcionar sob a influência dos meios. Quando os tempos tiverem caminhado, quando possuírmos as leis, bastará agir sobre os indivíduos e sobre os meios se quisermos chegar ao melhor estado social. É assim que fazemos sociologia prática e que nosso trabalho auxilia as ciências políticas e econômicas. Não conheço, repito-o,

⁸⁸ BENJAMIN, 2008.

⁸⁹ AUERBACH, Erich. Germinie Lacerteux. In: **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental, 2015.

⁹⁰ Sobre o entrelaçamento do método científico com a escrita literária, cf. Émile Zola, “O senso do real” (In: **Do romance**: Sthendal, Flaubert e os Goncourt. São Paulo: Edusp, 1995).

trabalho mais nobre nem de aplicação mais vasta. Ser mestre do bem e do mal, regular a vida, regular a sociedade, resolver com o tempo todos os problemas do socialismo e, sobretudo, trazer bases sólidas para a justiça, resolvendo pela experiência as questões da criminalidade [...].⁹¹

O romancista francês viu a emergência do romance experimental como uma evolução geral (e inevitável) das áreas de conhecimento e equiparou a busca dos romancistas naturalistas à dos cientistas, sendo os primeiros encarregados de analisar as relações entre indivíduo, sociedade e o meio e os últimos incumbidos de determinar o funcionamento da natureza. Essa caminhada conjunta de cientistas e artistas, os homens do conhecimento, cujos objetivos compartilhados eram o esclarecimento e ampliação da racionalidade do ser humano em algum momento da história, por meio de intervenções e da decodificação das leis universais, conforme indicam os trechos acima citados, faria com que os homens reduzissem ao mínimo as injustiças e as arbitrariedades e, assim, se tornassem capazes de criar as condições necessárias para viverem em harmonia e prosperidade. Logo, de acordo com essa proposição, não restavam dúvidas de que o alcance do bem comum encontrava-se subordinado à hegemonia da razão e ao engajamento dos homens de conhecimento – pelo menos de todos aqueles submetidos à autoridade dos fatos, à verdade e avessos ao idealismo.⁹²

Movidos por nobres aspirações e confiantes nos resultados da aplicação do método científico, os “romancistas experimentadores” colocavam o corpo social à prova e, a partir do exame minucioso de suas disfunções, buscavam fixar as determinações iniciais dos fenômenos e, com isso, desenvolver medidas e ingerências apropriadas para modificar o quadro das adversidades, ao instruir os indivíduos acerca do controle e domínio de suas paixões e sentimentos. O alinhamento da literatura à ciência não só restabelecia os deveres dos escritores e a finalidade atribuída às obras literárias, mas também demandava que a abordagem e a matéria narrativa respeitassem o que já sabia sobre o mundo. Uma vez validada a hipótese, só se permitia a conjectura dos fenômenos (ainda) não determinados.⁹³

Caberia aos “romancistas experimentadores” iniciar os seus leitores nas práticas e tendências da ciência moderna e, dessa maneira, auxiliar na moralização da sociedade em geral e apontar a direção do avanço civilizacional. Portanto, para os defensores do naturalismo, escrever significava julgar e reger os comportamentos sociais, caracterizando,

⁹¹ ZOLA, Émile. **O romance experimental e o naturalismo no teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1982, pp. 48-49.

⁹² ZOLA, 1982.

⁹³ ZOLA, 1982, pp. 48-49

assim, uma forma de intervenção – o que torna evidente que o romance, além de um instrumento, se convertia em um laboratório, cujas normas de uso, nesse caso, seguiam as diretrizes das *hard sciences*.

As formas narrativas se configuram em consonância com as transformações históricas, uma vez que as convenções de escrita reverberam as maneiras de pensar, sentir e lidar com as definições dos conceitos de espaço e tempo preponderantes em uma dada época.⁹⁴ Nesse sentido, não estamos querendo dizer que a prosa naturalista significou uma ruptura semelhante à que marcou a emergência do romance no século XVIII, quando houve uma reestruturação impactante dos próprios procedimentos narrativos e seus usos e nos modos com que o ser humano passou a conceber e ver as suas realizações no mundo.⁹⁵ Mas buscamos destacar que os escritores do realismo-naturalismo, ao terem em mente prescrever as leis que regulariam o universo e seus seres e o quanto o meio determinaria a formação de seus ocupantes, não só atenuaram as fronteiras entre fato e ficção, como também assumiram os fundamentos dos paradigmas analíticos vigentes com maior força no século XIX.

A concepção teleológica, evolutiva, e o pressuposto da existência de uma verdade universal transpassavam e se imprimiam na elaboração e no conteúdo desses relatos literários, confirmando, assim, o compromisso dessa vertente literária em replicar o cotidiano humano em sua concretude e inteireza e, conforme declarou Henry James, em conceber que a tematização da vida (e seus pormenores) era a matéria por excelência da prosa moderna.⁹⁶ Segue a definição de romance feita por James:

Um romance, em sua mais ampla definição, é uma impressão direta e pessoal da vida: isso, para começar, constitui seu valor, que é maior ou menor de acordo com a intensidade da impressão. Mas não haverá intensidade alguma, e, portanto, valor algum, se não houver liberdade para sentir e dizer. Traçar uma linha a ser seguida, um tom a ser obtido, uma forma a ser preenchida, é uma limitação dessa liberdade e uma supressão justamente daquilo por que estamos mais curiosos.⁹⁷

Esta caracterização da obra literária e sua inequívoca oposição à limitação das liberdades de criação ficcional, feitas por James em seu ensaio “A arte da ficção” (1884), já de antemão anunciam como se daria a aproximação entre vida e romance e o quanto o seu

⁹⁴ WATT, 2007.

⁹⁵ WATT, 2007.

⁹⁶ Cf. Henry James, **A arte da ficção** (São Paulo: Imaginário, 1995); Julia Reid, “Stevenson, romance and evolutionary psychology” (In: R. Ambrosini e R. Dury (Org.). **Robert Louis Stevenson: writer of boundaries**, 2005).

⁹⁷ JAMES, 1995, pp. 26-27.

pensamento literário enveredava para direções que se afastavam da rigidez da agenda de escrita naturalista. James, certamente, passou longe de representar mordaz e sordidamente os instintos e os dilemas humanos; os tons realísticos de suas ficções eram de outra ordem. Admirava Zola por sua combatividade e pela corajosa e franca atitude tomada no caso Dreyfus; no entanto, ao avaliar sua produção ficcional, o romancista norte-americano fez claras objeções à falta de sutilezas e às generalizações manifestas pelo tratamento dado à existência humana.⁹⁸ Há o contraste, aqui, entre uma abordagem sistêmica, que sacrificava a arte em prol da transposição das categorias analíticas do paradigma biológico e evolucionista para o desenvolvimento da história e das personagens, e de outra que entendia a ficção como um ramo artístico, logo, aberto à exploração de possibilidades vedadas ou consideravelmente reduzidas aos demais domínios dos saberes.

Inegavelmente, James preferia as cenas e os temas humanos. A leitura de seus romances e de seus escritos críticos – assim como do trecho transcrito acima – atesta que a vida era a essência de seus trabalhos. A profundidade com que perscrutou a interioridade e a sensibilidade de suas personagens e o mundo ficcional que emergia e ganhava contorno por intermédio da percepção destas expõe tanto o escopo quanto o manejo das técnicas literárias preconizadas pelo escritor norte-americano. Seguindo a teorização de James, o sujeito torna-se consciente do mundo e constrói sua experiência a partir de sua consciência e da apreensão que seus sentidos e sentimentos fazem das circunstâncias e das relações que lhes são externas.⁹⁹

Essa imbricação entre subjetividade e coletividade, indivíduo e sociedade, expressa pelas ações individuais e práticas sociais, em suas amplitudes e variações, inspirava e atraía o olhar do ficcionista, cujas aptidões e inclinações literárias consistiam em legar uma impressão atenta, impessoal e pertinente sobre as esferas e a natureza humana e subsidiar a reivindicação de que a ficção era mais do que uma forma de entretenimento, ressaltando, sumariamente, dois pontos complementares entre si: o primeiro deles de que o ofício do romancista era tão laborioso e digno de crédito quanto o dos demais artistas; e, segundo, de que, para a ficção ser merecedora de tal respaldo e apreço, os seus representantes precisavam

⁹⁸ Cf. Henry James, “Émile Zola” (In: **A arte da ficção**, 1995); Robin Buss, “J’accuse” (*The Guardian*, 28 de setembro de 2002).

⁹⁹ PEN, Marcelo. **Henry James: a arte do romance**. Antologia de prefácios. São Paulo: Editora Globo, 2003.

exercer sua ocupação não apenas com inteligência, maestria e afincio, mas também apropriadamente.¹⁰⁰

Não havia necessariamente um modelo a ser traçado e seguido para o alcance da perfectibilidade de uma produção artística. O caminho do literato para atingi-la é livre, de acordo com James; contudo, se pauta na junção de sua argúcia com as escolhas feitas para a montagem do arcabouço e encadeamento da trama. Nesse sentido, a seleção em si indica o diálogo estabelecido entre criatividade e tradição e acaba por instituir os critérios e parâmetros para aferição dos méritos e dos efeitos das acomodações e coerência (interna) portadas pelo texto. Muito provavelmente, esse foi um dos motivos que levou James a afirmar que “um bom romance jamais” viria “de uma mente superficial”, porque o entrelaçamento entre estrutura e matéria demanda não só destreza e perícia como também, dependendo do que se está procurando realizar, cria entraves que pedem por encaminhamentos e desfechos acurados.¹⁰¹

Pronunciar-se a respeito da arte da ficção e, sobretudo, teorizá-la, mesmo que de forma tênue, consistia em um esforço de demarcar fronteiras contra os excessos e a (temida) vulgarização – tão comentada e objetada pela crítica de um modo em geral.¹⁰² Apesar de reconhecer a liberdade de uso dos procedimentos literários por parte do escritor e que cada obra deveria ser avaliada de acordo com as finalidades e os preceitos configuradores de sua execução, James, ao longo de sua trajetória tanto como romancista quanto crítico, foi um dos expoentes notáveis da noção de que a seriedade do romance provinha da harmonia entre forma e método e da força e intensidade com que a história transmitia uma visão verossímil da existência humana. Suas abordagens psicológicas ratificaram o vínculo com o cotidiano e pavimentaram as vias para a consolidação de outra vertente do realismo, um tanto celebrada posteriormente pelo circuito acadêmico britânico e que, grosso modo, serviu como principal parâmetro para julgar e posicionar as obras e os escritores merecedores de terem os seus nomes no *hall* dos clássicos de língua inglesa.¹⁰³ Para os seguidores e admiradores de James, a fidedignidade era mais importante do que praticamente qualquer outro aspecto da produção literária; era a marca de equilíbrio e distinção de uma prosa vista como bem executada; a

¹⁰⁰ JAMES, 1995, p. 21.

¹⁰¹ JAMES, 1995, p. 21.

¹⁰² GAY, 2001.

¹⁰³ STEVENSON, 2004.

prova do mais puro interesse pelas possibilidades da vida e do harmonioso elo entre estilo e forma.¹⁰⁴

Stevenson nunca concordou com o deslocamento da imaginação para o segundo plano no processo de composição e leitura das obras literárias, muito menos com a existência de semelhanças entre arte e vida ou a magnitude desfrutada pelos hábitos e vivências como substâncias narrativas exímias.¹⁰⁵ Para ele, a supremacia da razão era falha, pois restringia as potencialidades da memória e de abstração da mente humana e, acima de tudo, não concernia à arte explicar a vida. Ademais de não encerrar a narrativa em si mesma, em virtude de não fornecer a ela um sentido (estritamente fechado), um contador de histórias não a priva de sua dimensão utilitária de legar conselhos. Como seguramente frisou Benjamin, “aconselhar é menos responder a uma pergunta do que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história”¹⁰⁶. Por isso, procurar por atributos e pelo método literário predominante no final do século XIX nas produções literárias do escritor escocês, ao menos nas que foram redigidas nos 80 do século XIX – período de concentração de grande parte dos seus trabalhos – é uma tarefa malograda desde o início.¹⁰⁷ Contrapondo-se a James, assim escreve Stevenson:

No art — to use the daring phrase of Mr. James — can successfully “compete with life”; and the art that seeks to do so is condemned to perish *Montibus Aviis*. [...]. Literature, above all in its most typical mood, the mood of narrative, similarly flees the direct challenge and pursues instead an independent and creative aim. So far as it imitates at all, it imitates not life but speech: not the facts of human destiny, but the emphasis and the suppressions with which the human actor tells of them. The real art that dealt with life directly was that of the first men who told their stories round the savage camp-fire. Our art is occupied, and bound to be occupied, not so much in making stories true as in making them typical; not so much in capturing the lineaments of each fact, as in marshalling all of them towards a common end.¹⁰⁸

¹⁰⁴ Cf. Leavis, 1950; Philip Wailer, “The great tradition” (In: **Writers, readers and reputation**: literary life in Britain, 1870-1918. Oxford/New York: Oxford University Press, 2006).

¹⁰⁵ STEVENSON, Robert Louis. A humble remonstrance. In: **Memories and portraits**. London: Chatto & Windus, 1906 [1884].

¹⁰⁶ BENJAMIN, 2008, p. 200.

¹⁰⁷ Jenni Calder, ao analisar os escritos de Stevenson, seguindo os passos de David Daiches, buscou demonstrar a ocorrência de uma virada na forma de escrita de Stevenson durante a década de 90 do século XIX, salientando um afastamento do autor em relação aos procedimentos góticos, um tanto frequentes nas suas obras dos anos 80, e o predomínio de uma abordagem estilística mais próxima do realismo. As constatações de Daiches e de Calder partem, principalmente, dos elementos ficcionais observados na narrativa inacabada **The weir of Hermiston** (1896).

¹⁰⁸ STEVENSON, 1906, p. 267 e p. 283. Tradução nossa: “Nenhuma arte – utilizando a atrevida frase do Sr. James – tem sucesso em ‘competir com a vida’; e a arte que almeja tal realização está condenada a sucumbir *montibus aviis*. [...] A literatura, nas suas variadas formas, sobretudo a narrativa, semelhantemente [às outras modalidades artísticas] se furta de aceitar o desafio diretamente e, ao invés disso, persegue um alvo independente e criativo. Na medida em que se trata de uma imitação, ela imita não a vida, mas a linguagem, não os fatos do destino humano, mas a ênfase e as supressões com que o ator humano os narra. A verdadeira arte que lidou com a vida diretamente foi a dos primeiros homens que contaram as suas histórias ao redor do fogo selvagem. A nossa arte se ocupa, e está obrigada a se ocupar, não tanto em criar histórias verdadeiras como em torná-las

Buscar nas ficções de Stevenson atributos da escrita realista é fazer vista grossa, por mais que se tenha objeções, às nuances, à acuidade e ao tino manifestos nas suas considerações a respeito do fazer literário. É negligenciar que ele conscientemente abria mão dos elementos característicos da prosa realista em detrimento do romanesco, muito em virtude das possibilidades de omissões e suspensões ofertadas por esta forma narrativa. A clareza e a simplicidade advindas da supressão e contenção do detalhe orientavam a sua escrita ficcional.¹⁰⁹

Como ele mesmo buscou deixar claro em seus ensaios de crítica literária, cada estrutura e intenção literária exige um tratamento.¹¹⁰ Sua construção caricatural das personagens, assim como a primazia da trama com relação aos demais componentes da história, estava voltada a atender a certas demandas requeridas pelos propósitos e procedimentos (por ele) mobilizados na elaboração dos seus textos (ficcionais). Desse modo, fica um tanto evidente que a acusação de Moore de que o estilo de Stevenson o impedia de pensar torna-se sem consistência, posto que as variações do autor escocês, além de fazerem parte de seu “projeto literário”, visavam a dar conta das condições requisitadas tanto pela forma quanto pela matéria do relato. Não era uma proposição simplória, uma mera projeção da personalidade pitoresca e extravagante do autor escocês em seus escritos.¹¹¹

Archer, ao contrário de Moore, até se voltou para os princípios que norteavam a escrita ficcional de Stevenson, apontando leituras que não se ativeram somente aos escritos ficcionais. Contudo, o que torna a sua crítica incongruente não são tanto as contrariedades, mas, sim, o fato de ter partido de premissas e pressupostos que não estavam postos nos textos

típicas; não tanto em captar a essência de cada fato, como em ordená-los em direção a um fim comum”. O ensaio “A humble remonstrance” foi publicado na edição de novembro de 1884 da **Longman’s Magazine** em resposta não só à conferência “A arte da ficção” ministrada pelo escritor inglês Walter Besant, em abril de 1884, no Real Instituto em Londres, como também ao ensaio de Henry James, publicado pela **Longman’s** em setembro do mesmo ano e, de certa maneira, ao artigo de Andrew Lang, “Art of fiction”, publicado nessa mesma revista e anteriormente aos ensaios de James e de Stevenson. Em 1887, fez parte de em uma coletânea de ensaios de Stevenson lançada em livro pela Chatto&Windus no Reino Unido e pela Charles Scribner’s Sons.

¹⁰⁹ Cf. Davi Arrigucci, “A poesia da circunstância” (In: R. L. Stevenson, **O clube do suicídio e outras histórias**, 2011); G. K. Chesterton, **Robert Louis Stevenson** [1927]; David Daiches, **Robert Louis Stevenson and the art of fiction** (New York: Privately printed, 1951); Conan Doyle, 1890; Duncan, 2010; Carlo Ginzburg, Tusitala e seu leitor polonês. (In: **Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004); Alfonso Reys, “Las nuevas noches árabes de Stevenson” (In: **Obras completas de Alfonso Reys**, v. XII. México: Fondo de Cultura Económica, 1960); Henry James, “Robert Louis Stevenson” (In: R. L. Stevenson, **O clube do suicídio e outras histórias**, 2011); Irving S. Saposnik, **Robert Louis Stevenson** (New York: Twayne, 1974).

¹¹⁰ STEVENSON, Robert Louis. On some technical elements of style in literature. In: **Essays in the art of writing**. London: Chatto & Windus, 1919.

¹¹¹ MOORE, George. George Moore on Stevenson from “Confessions of a young man”. In: MAIXNER, Paul (Org.). **Robert Louis Stevenson: the critical heritage**, 1981.

literários de Stevenson para subsidiar suas convicções e opiniões, o que o levou a limitar as preocupações do autor escocês à boa escrita e aos efeitos estéticos apresentados por suas narrativas e a notar ausências e deficiências que não necessariamente se aplicavam, uma vez que resultavam de paralelos entre técnicas e propósitos nada equivalentes.¹¹²

Se as combinações de procedimentos e estruturas narrativas díspares deram certo, ou não, é o que veremos mais à frente. O próprio Henry James não viu em Stevenson um sonhador despropositado, mas um companheiro de ofício, que estava disposto a pensar criticamente a escrita ficcional, seus efeitos e fundamentos, independentemente dos seus estilos narrativos enveredarem, em linhas gerais, por direções inversas. Não à toa, após vencida a mútua antipatia e a publicação do ensaio “A humble remonstrance” (1884), os dois se tornaram amigos e trocaram, ao longo de suas trajetórias, uma vasta correspondência concernente a assuntos diversos, sempre entremeados, contudo, por suas leituras e pareceres sobre elas.¹¹³

Discutir a prática ficcional foi considerado por ambos um instrumento de alargamento de seus próprios horizontes e de suas expectativas literárias. Ainda que Stevenson trilhasse um caminho um tanto apartado das convenções preponderantes, suas considerações tinham peso, sustentação e ressonância no circuito letrado de língua inglesa oitocentista.¹¹⁴ E não só entre aqueles que, assim como ele, se posicionavam a favor da narrativa em detrimento do romance (pela proximidade que este passara a ter com a técnica realista e por apresentar sentidos e significados um tanto restritos à noção de experiência), mas também entre os escritores que possuíam uma perspectiva ficcional distante da sua, sendo este o caso de James e Besant. Isso indica (ainda que sutilmente) que a seriedade do autor escocês, naquele período, era maior do que a que foi reconhecida pelos membros da crítica literária do início do século XX.

Longe de separar estrutura e conteúdo narrativo, Stevenson os via de maneira integrada e atribuía aos dois a mesma importância. Os incidentes, segundo a sua concepção ficcional, mais do que a acuidade psicológica das personagens, era um artifício para explorar

¹¹² ARCHER, William. An unsigned review from Pall Mall Gazette. Robert Louis Stevenson: his style and his thought. In: MAIXNER, Paul (Org.). **Robert Louis Stevenson: the critical heritage**, 1981.

¹¹³ A respeito das cartas trocadas e da amizade de Stevenson e James, cf. Marina Miguel Bedran, **Caminhos cruzados: a correspondência entre Henry James e Robert Louis Stevenson** (Dissertação de Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada, USP, São Paulo, 2012); John Lyon, “Stevenson and Henry James” (In: Penny Fielding (Org.). **The Edinburgh companion to Robert Louis Stevenson**, 2010); Smith, 1948.

¹¹⁴ DRYDEN, Linda. The gothic detective and science fiction. In: MCCRAKEN-FLESHER, Caroline (Org.). **Approaches to teaching the works of Stevenson**. New York: Modern Language Association of America, 2013.

as inclinações e as atitudes humanas. Sua convicção e relutância acerca de a arte não “competir com a vida” se respalda na percepção de que a literatura podia dar vazão ao mundo por meio dos mecanismos discursivos, concebendo-a não como uma extensão do real e sim como uma construção, um lugar singular e regido por diretrizes inerentes a ele. Porém, embora o universo ficcional possa lembrar ao leitor a realidade externa que o circunda, em decorrência do talento e da habilidade do autor em se valer dos códigos e símbolos linguísticos, conjurando algo denominado como o “efeito do real” ou verossimilhança, o âmbito narrativo e o empírico são totalmente díspares em sua apreensão e em seus modos de funcionamento.¹¹⁵

A verdade literária não corresponde à verdade dos fatos. A liberdade de criação e a potencialidade de adaptação do literato em relação aos acontecimentos (históricos e) diários são irrestritas, ao contrário do que acontece com o historiador. Enquanto a historiografia faz um uso controlado da imaginação e é definida por seu caráter temporal e pela preponderância do particular com relação ao universal, a literatura está livre para captar os sonhos, desejos e aflições dos homens e para moldar seus relatos a partir de infinitas possibilidades, seja no âmbito do que foi ou do que poderia vir a ser.¹¹⁶ Ela pode dar novos rumos ao futuro e vazão aos sonhos não concretizados.¹¹⁷

Os ficcionistas, por conta das convenções que regem o seu ofício, possuem autonomia para distorcer ou dotar os eventos de sentidos que não (necessariamente) condizem com as descrições e interpretações históricas. Vale salientar que esse estatuto também se aplica ao leitor, que, ao aceitar o pacto ficcional, ativa o que Coleridge, nas primeiras décadas do século XIX, conceituou como “suspensão da incredulidade” (*suspension of disbelief*) e se deixa ser direcionado pela história. É preciso ter em mente que tanto os padrões narrativos e suas diretrizes quanto as estratégias de leitura mudam ao longo do tempo, repercutem e interagem com os princípios norteadores dos modelos epistemológicos (tanto os antigos quanto os modernos).¹¹⁸ As rupturas, por mais fortes que sejam, não solapam a tradição completamente. Os resquícios permanecem, mesmo que tenuamente.

¹¹⁵ Cf. Arrigucci, 2011; Antonio Candido, “A personagem do Romance” (In: **A personagem da ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007); Roland Barthes, “Efeito do real” (In: **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988).

¹¹⁶ GAY, Peter. **Represálias selvagens**: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

¹¹⁷ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

¹¹⁸ Cf. Darnton, 2012; Watt, 2007.

Stevenson celebrava a narrativa não por ser antiquado ou não acreditar na existência da verdade. Mas, sim, porque, seguramente, ele duvidava que fosse possível estabelecê-la em sua plenitude e de modo categórico.¹¹⁹ Não foi o primeiro e nem será o último a dizer tal coisa. Friedrich Nietzsche, algumas décadas antes, já havia argumentado contra as inconveniências advindas da “idolatria dos fatos”.¹²⁰

“Um exame mais cuidadoso acerca da verdade provará que sua propriedade é algo discutível não somente nos trabalhos dos literatos, mas também dos historiadores”¹²¹, pontuou Stevenson. Ao comparar o ofício do historiador com o fazer literário, o autor escocês, além de indicar a impossibilidade de os historiadores provarem os fatos, uma vez que os seus sentidos e significados são instituídos pela análise (algo também alegado por Nietzsche) e não por meio de um contato direto, sugere que, por maior que seja o vínculo da História com a fidedignidade da representação do processo e dos eventos em si, esta não escapa de dar contornos subjetivos e imaginativos à sua abordagem, alegando, assim, que é por meio do talento e da destreza com que o historiador se vale dos recursos linguísticos que os acontecimentos podem ganhar contornos expressivos e fazer da leitura algo agradável.¹²²

O próprio ato de interpretar constitui-se a partir de uma abstração mental e é elaborado por meio dos recursos linguísticos compartilhados com a literatura. No entanto, a recorrência dos historiadores aos procedimentos literários (por falta de uma padronização discursiva, muito em virtude da abrangência de seu campo investigativo e das especificidades de seus objetos de análise), assim como os traços que remetem aos aspectos conjecturais e individualizantes de sua interpelação, não implicam (obrigatoriamente) a defesa da superioridade de um desses dois campos do conhecimento humano – a despeito das linhagens desta alegação poder ser traçada desde a Antiguidade. E, tampouco, consiste na eliminação das fronteiras e, conseqüentemente, no não reconhecimento das diferenças normativas que regulam a escrita (e as leituras) da história e da literatura.¹²³

Nem Stevenson nem Nietzsche chegaram a afirmar isso e, dessa forma, não ignoramos que tal perspectiva ganhou corpo e visibilidade após a segunda metade do século XX, sobretudo com a guinada linguística, os abalos e o descrédito sofridos pelas grandes

¹¹⁹ STEVENSON, Robert Louis. A note on realism. In: **Essays in the art of writing**, 1919 [1883].

¹²⁰ NIETZSCHE, Friedrich. Da utilidade e dos inconvenientes dos estudos históricos. In: **O pensamento vivo de Nietzsche**, São Paulo: Martins Fontes, 1975, p. 67.

¹²¹ Trecho original: “On a more careful examination truth will seem a word of very debatable propriety, not only for the labors of the novelist, but for those of the historian” (STEVENSON, 1906, p. 281).

¹²² Cf. Nietzsche, 1975; Stevenson, 1906.

¹²³ SCHORSKE, Carl E. A história e o estudo da cultura. In: **Pensando com a história**, 2000.

sistematizações. Contudo, apesar da distância cronológica, consideramos válido mencioná-la, pois as discussões e os embates em torno da falência dos paradigmas modernos retomam pontos e fundamentações teóricas e metodológicas atreladas aos estudos linguísticos do final do século XIX e início do XX a respeito da não transparência da linguagem e das advertências acerca do futuro sombrio que acometeria a humanidade, caso a inabalável crença no progresso técnico-científico não fosse arrefecida e desmistificada.¹²⁴

Para Stevenson, o método objetivo empregado pela vertente naturalista era só mais uma forma de escrita e, embora deslocasse a imaginação para segundo plano e levasse o uso da linguagem referencial, de certo modo, ao seu limite, essa vertente não se furtava dos seus domínios imaginativos e, muito menos, de sua serventia. A aridez de suas descrições e a (suposta) neutralidade do olhar diagnosticador rompiam com os ideais de beleza e estéticos, bastante associados às vertentes românticas, mas não tornavam tal técnica superior às demais. Toda obra artística, segundo o autor escocês, transita entre a idealização e o realismo, o que faz com que o universo gestado pela arte figurativa, por mais que se assemelhe ao mundo dos homens, seja uma abstração regulada por uma organização interna e previamente estabelecida.¹²⁵

Colocando em outros termos, um é um constructo planejado, cujo fim é orientado e determinado desde o seu início. Já o outro é complexo, mutável, permeado e marcado pelo acaso, pela junção e colisões de forças portadoras de intensidades e ímpetos desproporcionais e por vezes, contraditórias, o que pode levar à abertura de caminhos jamais esperados e previstos. A palavra não se equipara ou equivale à natureza. Logo, arte e vida se definem por suas diferenças e há tempos se distanciam, conforme assinalou Stevenson.¹²⁶ A cisão entre indivíduo e mundo, conjuntamente à ascensão da informação, conforme observou Benjamin algumas décadas depois, ocasionou de forma gradual (e, posteriormente, acelerada pela modernidade) o declínio da experiência (da transmissão de sabedoria) e, paralelamente, da arte de narrar.¹²⁷

As narrativas literárias, portanto, não contêm em si a vida. Certamente, se inspiram nas suas mais variadas dimensões, a ponto até de suas representações poderem assumir o estatuto de verdade, originarem atitudes e consolidarem referências, dada a sua

¹²⁴ Cf. Edward Said, **Humanismo e crítica democrática** (São Paulo: Companhia das Letras, 2007); Schorske, 2000.

¹²⁵ STEVENSON, 1919; A gossip on romance. In: **Strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde and other tales**, 2006 [1882].

¹²⁶ STEVENSON, 1906.

¹²⁷ BENJAMIN, 2008.

capacidade de projeção, assimilação e adaptação.¹²⁸ Todavia, tais desdobramentos são consequências das leituras e apropriações dos textos, que se alteram ao longo do tempo e das circunstâncias. Cada (nova) leitura gera uma interpretação, que se interpõe, se ajusta ou se sobrepõe às anteriores, trazendo à tona, dessa maneira, tanto os aspectos subjetivos do ato de ler e a formação de um repertório, simultaneamente individual e coletivo, quanto o papel desempenhado pelo leitor na efetivação da finalidade primária de todo texto (seja ela ficcional ou não): ser lido. Nesse sentido, de modo algum o leitor pode ser visto como algo passivo ou como um simples repositório no qual ficam armazenados os enunciados veiculados pelo relato. É mediante a ação comunicativa, nas suas mais amplas e distintas modalidades, que as ideias e os pensamentos circulam – o que torna pertinente as asserções acerca das formulações discursivas sempre demandarem e possuírem um receptor em perspectiva e operarem dentro de estruturas e normas de certo modo compartilhadas.¹²⁹

Por conseguinte, todo texto é um ato performativo, sujeito a aberturas (que variam em inflexões e graus de dificuldades), e constituído por diretrizes norteadoras de seus sentidos e significados (explícitos e implícitos), os quais interagem com as circunstâncias tanto internas quanto com externas à obra, seja no momento da composição ou da realização leitura.¹³⁰ Autor e leitor, de fato, ocupam lugares e têm funções distintas na dinâmica de produção, difusão e recepção das obras, mas é a sua atuação conjunta que garante o funcionamento do sistema. Sendo que o primeiro comporta e se intercambia entre a posição de um e outro, algo que não (necessariamente) acontece com o segundo. De qualquer modo, isso não quer dizer que o leitor seja uma categoria genérica, estática, sem gradações, e não persiga motivações particulares. Pelo contrário, suas identidades variam tanto quanto suas aspirações e disposições.¹³¹ A leitura é um ato de desejo (ou de seu contrário, de repulsa) e suas estratégias se adequam também aos formatos dos dispositivos (e não só ao que está contido neles).¹³²

A figura de Stevenson como leitor foi delineada pela crítica Glenda Norquay, e nos interessa na medida em que as narrativas ficcionais do autor escocês foram concebidas a partir de uma perspectiva abrangente e plural de leitura. Conforme declarou Norquay, a própria experiência de Stevenson como leitor moldou a sua prática literária. Ele queria ser

¹²⁸ SAID, 2011.

¹²⁹ ECO, Umberto. **Lector in fabula**: a cooperação interpretativa nos textos narrativos. São Paulo: Perspectiva, 1986.

¹³⁰ ECO, Umberto. **O super-homem de massa**: retórica e ideologia no romance popular, 1991.

¹³¹ PIGLIA, Ricardo. O que é um leitor? In: **O último leitor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

¹³² BARTHES, Roland. Da leitura. In: **O rumor da língua**, 1988.

capaz de capturar e engajar a imaginação de seus leitores de forma similar aos autores que ele lia e havia escolhido como seus precursores. A leitura o estimulava a escrever, a encarar e a estabelecer diferentes pontos de vista; sua escrita entrelaça e ecoa, com diferentes intensidades e graus, tradições e materiais narrativos extraídos dos mais diversos suportes e referências culturais e científicas com as quais ele teve contato, por via direta e indireta, ao longo de sua trajetória.¹³³

Sempre buscando a melhor maneira de estimular a imaginação do leitor por meio de insinuações e descrição pontuais, Stevenson construía suas histórias meticulosamente e com muito rigor. A preocupação com a utilização de palavras precisas e as manipulações de elementos narrativos de gêneros díspares com a finalidade de arquitetar e encontrar o melhor tom para relatar a história fazem em jus à caracterização feita por Calvino de que Stevenson, embora se trasvetisse de “escritor popular”, “não o fazia com condescendência”, pois o seu empenho e refinamento denotavam a consciência de que “sem a técnica do ofício não há sabedoria artística que preste”¹³⁴. Stevenson combatia o entorpecimento e a brutalidade que minava as qualidades configuradoras da humanidade dos homens de um modo pouco usual e que durante um bom tempo foi mal interpretada por ter sido vista como evasão. Uma fuga, um delírio de alguém que se recusava a crescer e a enxergar o mundo como ele realmente é e a impelir os seus leitores a se fazerem conscientes de suas próprias adversidades. Sua prosa seria, assim, um refúgio distante e alheio, que ofereceria entretenimento, prazer e otimismo em uma época convulsionada por tensões.¹³⁵ Seria mais uma manifestação do esteticismo e dos fundamentos da controvérsia “arte pela arte”.

Embora seja possível inferir, a partir da perspectiva apontada acima, a noção de texto como um lugar habitável, o modo como o escapismo e o deleite são entendidos fecha as portas para ver que o afastamento pode gerar estranhamento, despertar emoções e sentimentos e, com isso, oferecer ferramentas e munições para o leitor lidar com as ocorrências externas que tanto lhe trazem aflição e incômodo, sem que ele *a priori* se dê conta disto. A leitura, desse modo, não somente contribui para ampliar nosso repertório de ações, como também nos torna mais empáticos por nos colocar frente à frente com o outro, que não necessariamente se

¹³³ NORQUAY, Glenda. **Robert Louis Stevenson and theories of readings**: the reader as vagabond. Manchester: Manchester University Press, 2007.

¹³⁴ CALVINO, 2004, p. 9.

¹³⁵ PIRES, Maria Laura Bettencourt. Robert Louis Stevenson: túsitala, o contador de histórias. In: **Ensaio**: notas e reflexes. Lisboa: Universidade Aberta, 2000.

trata de *outrem*, mas que pode ser outras versões de nós mesmos.¹³⁶ Nem só do raciocínio lógico se faz o sujeito. O escritor escocês partilhava dessa percepção de que a escrita e a leitura, de modos distintos, estimulam e moldam o desenvolvimento humano e nos propiciam meios para enfrentarmos os fantasmas e dilemas que nos assombram, nos depararmos com a alteridade e termos o nosso eu, no mínimo gradativamente, transformado.

O ímpeto do contador de histórias definiu, para o mal e para o bem, o exercício da escrita de Stevenson. Foi chamado de artesão tanto por seus admiradores quanto por seus detratores, e a acepção do termo, chega a ser desnecessário dizer, acompanhou o curso e a conclusão de seus pareceristas. Para os últimos, foi uma das maneiras encontradas para negar a ele o *status* de artista e, assim, rebaixar praticamente toda a sua produção literária a uma segunda categoria, reputando-a como rudimentar e aquém em todos os requisitos estipulados para a consagração de um romancista – designação que, quando se reportava a ele, era quase sempre seguida de esclarecimentos. Já para os primeiros, era uma alusão à dedicação e ao engenho com que operava os instrumentos do ofício e o reconhecimento de que o aprendizado e o aprimoramento da escrita provem do labor constante – julgamentos que, embora contraditórios, orientam a discussão para um mesmo ponto: o estilo narrativo do escritor escocês.

Rebatendo diretamente Archer, James, em seu ensaio intitulado justamente “Robert Louis Stevenson”¹³⁷, expressou que Stevenson, ademais de ser um autor de personalidade, não encarava “as palavras como números e uma página como uma mera soma de palavras”¹³⁸. A aparente simplicidade de suas histórias escondem o rigor e a meticulosidade com que elas foram pensadas e concebidas. O encadeamento dos episódios e a criação de cenas coloridas e absorventes de um modo que a trama não perdesse sua coerência e inteireza foram metas constantes de Stevenson, uma vez que ele afirmava que o leitor inevitavelmente se esquece das palavras empregadas em uma narrativa, mas de forma alguma das imagens provocadas em sua mente.¹³⁹ Stevenson encontrou na valorização das

¹³⁶ GAIMAN, Neil. Why our future depends on libraries, reading and daydreaming. **The Guardian**, 15 de outubro de 2013.

¹³⁷ Publicado originalmente em 1888 na revista **The Century**, esse ensaio de James, recentemente traduzido para o português para compor a coletânea de histórias de Stevenson (**O clube do suicídio e outras histórias**, 2011) editada pela Cosac & Naify, encontra-se disponível em uma seleção de ensaios do autor norte-americano intitulada **Notes on novelists** (1914).

¹³⁸ JAMES, 2011, p. 362.

¹³⁹ STEVENSON, 2006.

circunstâncias, no uso restrito dos detalhes e no poder de sugestão das palavras um meio para concretizar as premissas de sua teoria ficcional.

Como bem frisou James, os relatos do autor escocês não consistem em uma impressão direta da vida, são experimentações deliberadas e de sua curiosidade pelo insólito e pelas ações incomuns, dado que os incidentes em suas obras procuram revelar as francas disposições e manifestações da natureza humana, em razão de que, em face das adversidades, o sujeito faria as suas escolhas de forma genuína, e, nesse sentido, a causalidade das atitudes tornaria clara a essência de suas orientações e implicações éticas e morais.¹⁴⁰ Logo, as ações não premeditadas se mostravam mais profícuas do que as práticas regulares para o escrutínio e delimitações dos imperativos, das dimensões e potencialidades a serem assumidas pela conduta do indivíduo. A contingência, desse modo, é a linha mestra e o motor das narrativas de Stevenson, em virtude, em grande medida, de sua defesa acerca de o incidente se conectar e falar com a interioridade humana em seu estado mais bruto, reativando ou fazendo emergir a nossa memória afetiva.¹⁴¹ A leitura, portanto, faz com que nos confrontemos com nossos maiores temores e nossas mais recônditas fantasias, além de possivelmente nos ajudar a acessar, revelar, (re)significar nossas lembranças ou epifanias. Nas palavras de Stevenson:

[...] the great creative writer shows us the realisation and the apotheosis of the day – dreams of common men. His stories may be nourished with the realities of life, but their true mark is to satisfy the nameless longings of the reader, and to obey the ideal laws of the day-dream. The right kind of thing should fall out in the right kind of place; the right kind of thing should follow; and not only the characters talk aptly and think naturally, but all the circumstances in a tale answer one to another like notes in music.¹⁴²

Ordenar a trama em torno dos acontecimentos, a ponto de que esses não se desencontrem e com isso deixem fios soltos e levem o leitor a perder o foco ou interesse na história, requer saber dosar os ritmos, alinhar o curso, os diálogos, as relações das personagens e, acima de tudo, combinar recursos que equiparem a atmosfera do universo literário a de um sonho. Porque só assim, de acordo com Stevenson, um autor trata a literatura plasticamente e faz com que o leitor realmente se entregue e desempenhe sua função na

¹⁴⁰ JAMES, 2011.

¹⁴¹ STEVENSON, 2006.

¹⁴² STEVENSON, 2006, p. 142. Tradução nossa: “[...] o grande escritor criativo mostra a realização e a apoteose dos sonhos dos homens comuns. Suas histórias podem se nutrir da realidade da vida, mas seu verdadeiro objetivo consiste em satisfazer os desejos ardentes e indescritíveis do leitor e obedecer às leis ideais do sonho. Os elementos devem ser inseridos cada um em seu devido lugar e devem se seguir uns aos outros; e não somente o personagem se expressar apropriadamente e pensar naturalmente, mas todas as circunstâncias em um conto devem responder umas às outras como as notas em uma música.”

máquina literária, ao escolher ou oscilar entre as seguintes ações: a de somente acompanhar a história ou a de se juntar (mentalmente) aos protagonistas e participar ativamente dela. A não explicação levaria a imaginação a se engajar e a dar vazão às cenas narradas de forma concisa e permeada por silêncios. Afinal de contas, a omissão pode ser tão expressiva quanto as palavras. E eis aí as duas características basilares do método de Stevenson: a brevidade e a restrição dos pormenores e de tudo que era visto como excesso para entendimento dos episódios gerais e específicos do enredo. Paradoxalmente, o pensamento ficcional do literato escocês articulava uma acentuada disciplina técnica, uma escrita cirúrgica, com a capacidade de engendrar dramatizações que funcionam como um tipo de caleidoscópio, cheio de imagens intensas e pungentes. Não à toa declarou Carpeaux: “sonhando, imaginando, Stevenson foi o último dos românticos; escrevendo foi o último clássico da prosa inglesa”¹⁴³.

Enquanto a leitura é um ato de deleite, a escrita consiste em uma tarefa árdua e na busca do escritor por encontrar meios para exprimir e externar o que ainda não foi dito ou reinventar o que já foi. Ao operar dentro da finitude da “fantasia popular” e das regras e dos códigos linguísticos, o escritor, instigado pelo chamado do que “está fora do vocabulário”, aventura-se a “exceder os limites da linguagem” e, assim, redefine, em parte, as barreiras e as restrições dos usos e das combinações dos jogos de palavras.¹⁴⁴ Para tanto, ele tem de reconhecer que, apesar de os núcleos narrativos carregarem predisposições um tanto finitas (e temos em mente aqui os tropos elencados sobretudo pelos formalistas), os repertórios a que elas podem dar origem passam ao largo de ser precisamente quantificados. A inventividade e a subjetividade de seu enunciador asseguram certo grau de originalidade.¹⁴⁵

Foram as semelhanças identificadas nos temas e nos elementos que compõe as tramas de **O clube do suicídio** e de **O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde** (1886) que nos levaram a escolhê-las como ponto de partida de nossos estudos. No entanto, achamos válido destacar as diferenças estruturais das duas obras, uma vez que tal ação, além de preparar o terreno para as análises empreendidas nos capítulos seguintes, permite observar a plasticidade com que Stevenson tratou as modalidades narrativas.

As duas produções literárias possuem configurações de enredos bastante díspares: a primeira, calcada na narrativa moldura, e a segunda, estruturada a partir da articulação de

¹⁴³ CARPEAUX, Otto Maria. Romantismo de evasão. In: **História da literatura ocidental**, v. IV. Rio de Janeiro: Cruzeiro, 1962, p. 1764.

¹⁴⁴ CALVINO, Italo. Cibernética e fantasmas (notas sobre a narrativa como processo combinatório). In: **Assunto encerrado**: discursos sobre literatura e sociedade, 2009, p. 198.

¹⁴⁵ CALVINO, 2009.

diferentes vozes. Uma em que o leitor é conduzido em oito capítulos por um narrador onisciente, que vem a ser substituído nos dois últimos por um narrador-personagem em cada um deles e a outra na qual as diferentes histórias se inserem uma na outra e são entrelaçadas na voz de um único narrador. Por meio dessa breve comparação entre as configurações narrativas respectivamente de **O estranho caso** e de **O clube do suicídio**, verifica-se o caráter combinatório dos relatos de Stevenson e a maleabilidade com que ele lidou com os componentes e os arranjos discursivos.

O autor escocês inspirou-se em **As mil e uma noites** para construir o arcabouço da trama de **O clube do suicídio**. Semelhantemente à narrativa árabe, a história central encaixa uma série de outras. O fio condutor de todas elas são as aventuras do Príncipe Florizel e de seu amigo e subordinado Coronel Geraldine e seu intento em colocar fim aos sórdidos negócios do Presidente. As ambivalências da Londres oitocentista e a vivacidade de Paris são essenciais para os contornos farsescos e dúbios assumidos pela história contada pela figura do autor árabe. A capital britânica é um dos pontos de ligação das duas obras e funcionou como porta de entrada para a nossa exploração do universo ficcional de Stevenson.

A perspectiva plural de **O estranho caso**, segundo o crítico Robert Mighall, articula uma abordagem sensacionalista com o enquadramento e os artifícios da estética gótica,¹⁴⁶ com o adendo de que, desde a segunda metade do século XIX, os elementos associados a essa forma foram “urbanizados”, já que aos poucos os cenários distantes e obscuros foram cedendo espaço para a enigmática Londres.¹⁴⁷ Desde então, a cidade passou a figurar como palco das ficções de horror e mistério. A definição de narrativa sensacionalista tem como base os documentos de tipo pessoal reunidos como uma espécie de testemunho e que servem para invocar uma suposta noção de veracidade. Sendo este o caso dos capítulos finais constituídos pelas cartas de Hastie Lanyon e, subsequentemente, de Henry Jekyll. O perfil de autoridade de ambos se reforça ainda mais pelas posições sociais e profissionais ocupadas por eles, médicos e cidadãos respeitáveis. A troca do narrador onisciente pelo narrador personagem contribui para a atmosfera de suspense que atravessa e molda todo o enredo. O próprio título da obra alude a práticas jurídicas e médicas, as quais não só estão

¹⁴⁶ MIGHALL, Robert. Introduction. In: STEVENSON, R. L. **The strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde and other tales of terror**, 2002.

¹⁴⁷ Cf. Lauren Gilligam, “Ainsworth’s ‘Jack Sheppard’ and the crimes of history” (**Studies in English literature (1500-1900)**, v. 49, n. 4, 2009); Anne Humpherys, “Generic strands and urban twists: the victorian mysteries novel” (**Victorian Studies**, v. 34, n. 4, 1991).

associadas aos cargos dos personagens centrais do relato, como são também seu princípio ordenador.¹⁴⁸

Seguir as peripécias de Florizel e as caminhadas de Utterson em busca de Hyde por Londres, assim como as andanças de outros personagens, é um dos objetivos do próximo capítulo. Perscrutaremos como a metrópole é fundamental para dar ritmo e movimento às dinâmicas e moldar as circunstâncias dessas narrativas.

¹⁴⁸ MIGHALL, 2002.

Capítulo II

Os mistérios da Londres Vitoriana

2.1. A figuração da metrópole

O mundo do romance é essencialmente o mundo da cidade moderna: ambos apresentam uma visão em que o indivíduo se volta para as relações privadas e pessoais porque já não pode ter uma comunhão maior com a natureza ou a sociedade. (Ian Watt, **A ascensão do romance**, 1990, p. 161)

Quanto mais nossas casas são iluminadas e prósperas, tanto mais seus muros se encharcam de fantasmas; os sonhos do progresso e da racionalidade são visitados por pesadelos. (Italo Calvino, “Cibernética e fantasmas”, 2009, p. 209)

Uma breve incursão pela literatura moderna de língua inglesa é o suficiente para notarmos as sucessivas invocações de Londres como cenário para a figuração de determinadas ações e circunstâncias provenientes e articuladas às dinâmicas e convenções sociais próprias de uma “cidade capital”.¹⁴⁹ Há um movimento gradual, durante o século XIX, com o qual Londres deslocava-se de uma posição de contraste, ou de segundo plano, para assumir o papel de destaque como ambientação de diversas formas de produção artística, e que coincide, muito precisamente, com o momento em que essa cidade se firmava como centro de um império em expansão.¹⁵⁰

Eleita por Voltaire, no século XVIII, como berço da civilização, Londres, ao longo dos anos oitocentos, agregou novos valores simbólicos às suas facetas que, ora mais difusas e ora mais uniformes, alternavam-se entre a exposição e a constrição de quadros contraditórios nos seus múltiplos aspectos e tons. Algo que não só acentuou as originalidades da ordem social urbana em formação, por invalidar e solapar muitos dos princípios analíticos, das hierarquias e tradições sociais, políticas, econômicas e culturais predominantes até então, como também fez com que ela, a primeira metrópole do mundo, se tornasse um ponto para o qual os mais diferentes olhares convergiam.¹⁵¹

¹⁴⁹ ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

¹⁵⁰ BOOTH, Michael R. The metropolis on stage. In: **The victorian city: images and realities**, v. 1. London: Routledge, 1973.

¹⁵¹ BRIGGS, Asa. London: the world city. In: **Victorian cities**. Harmondsworth: Penguin, 1968.

Independentemente de se tratar de um palco principal ou secundário, essas abstrações de Londres fazem alusões tanto a idealizações quanto a aspectos empíricos do meio e dos seus habitantes, e suas combinações instituíram e mobilizaram uma miríade de referências e experiências que, simultaneamente, fornecem materialidade e inteligibilidade à cidade imaginada, ademais de tornar cognoscíveis aspirações e impressões a respeito dos lugares sociais e geográficos designados.¹⁵² Percebe-se, assim, que essas representações, ao captarem e/ou remeterem a situações e condutas corriqueiras, integram e expandem um repertório de imagens que, conforme sua força e repercussão, passaram a ser tão características a ponto de uma simples menção trazer à tona sentidos e significados que não necessariamente se encontram explicitados. No entanto, podem ser inferidos justamente por estimularem o reconhecimento de pensamentos e comportamentos considerados (condizentes e) pertinentes a aquele espaço.¹⁵³ A construção desse imaginário compartilhado foi uma das aberturas para estudarmos os meandros e limiares entre ficção e história.

As recorrências a certas descrições e episódios envolvendo a capital britânica em diferentes obras e momentos do século XIX serviram como indícios para, primeiramente, mapearmos as ideias de cidade invocadas e articuladas nesses escritos e, subsequentemente, perscrutarmos as bases e os subsídios subjacentes e norteadores das impressões espaciais e sociais apresentadas pelas narrativas (ficcionalis), que, embora sejam, em uma primeira instância, singulares em decorrência do olhar de quem as compôs, revelam, quando contrastadas, homologias e formas de compreensão em comum, o que torna bastante oportuna as seguintes colocações de Carl Schorske: a primeira de que a representação de uma cidade não deixa de ser filtrada e de estar associada à experiência pessoal e à cultura herdada por aquele que a forjou; e a segunda na qual destaca que, ao analisarmos um determinado discurso sobre a cidade, este “nos conduz inevitavelmente para fora de seu enquadramento” ao trazer à tona uma “miríade de conceitos e valores sobre a natureza humana, da sociedade e da cultura”¹⁵⁴.

Longe de termos o objetivo de estabelecer uma investigação do espaço propriamente físico da cidade, o nosso intento maior é o de vislumbrá-la como o lugar inaugurador e consolidador de certas práticas e comportamentos sociais, sendo estes também

¹⁵² Cf. Maria Stella M. Bresciani, “As faces do monstro urbano (as cidades no século XIX)” (*Cultura & Cidades*, v. 5, n. 8-9, 1985); Raymond Williams, *O campo e a cidade: na história e na literatura* (São Paulo: Comapnhia das Letras, 2011).

¹⁵³ SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Comapnhia das Letras, 2011.

¹⁵⁴ SCHORSKE, Carl. A ideia de cidade no pensamento europeu: de Voltaire a Spengler. In: *Pensando com a história*. São Paulo: Comapnhia das Letras, 2000, p. 53.

moldados e interseccionados pelas condições e conjunturas suscitadas por esse ambiente e um tanto exemplares do que se conceituou como vivência e/ou cultura urbana. A proliferação das narrativas suscitadas pelo surgimento das metrópoles faz saltar aos olhos “a pressão sem cessar” exercida pelos “problemas da cidade” na “consciência dos pensadores e artistas europeus”,¹⁵⁵.

Ao longo das nossas leituras dos registros oitocentistas, ficamos cada vez mais intrigados com o misto de fascínio e temor enunciados, algumas vezes abertamente e outras um tanto veladas, por estas representações da capital britânica sempre pulsantes, cujas noções, a nosso ver, confluíam para pelo menos uma das linhas de pensamento apresentadas por Schorske: “a cidade como virtude, a cidade como vício e a cidade para além do bem e do mal”¹⁵⁶. Entretanto, cabe aqui a ressalva de que nosso intento não foi o de fixar essas imagens em categorias estanques, uma vez que seria um equívoco tratar as reflexões do historiador norte-americano e a capacidade de pungência dessas caracterizações desse modo, mas, sim, utilizar as bases e os conjuntos de características traçados por ele como um dos subsídios para pensarmos as premissas e os elementos constituintes dessas construções imagéticas. Tão importante quanto as mensagens difundidas pelas fisionomias dadas a Londres são os campos de força geradores e os aportes sustentadores de sua transmissão e seus entendimentos.

Não ignoramos que há diferenças nas demandas, nos propósitos e mecanismos empregados para a construção e compreensão das conjunturas e espacializações meramente sugeridas e daquelas francamente apresentadas. Enquanto as últimas operam como (principal) pano de fundo da história e se definem a partir das descrições e dos detalhes atribuídos, as primeiras tendem a passar despercebidas ou a ser negligenciadas por desempenharem uma função complementar e fornecerem coerência a determinados episódios da trama. Em grande medida, somadas aos outros elementos narrativos, acabam por preenchê-la.¹⁵⁷ Logo, tendem a não se destacar justamente por não ocuparem um lugar central na história. Contudo, cada uma a seu modo e dentro das finalidades que lhes foram conferidas, carregam em si e veiculam percepções e ideários acerca dos lugares elencados e, com isso, demonstram a relevância de duas observações feitas por Said, uma delas voltada a afirmar o caráter projetivo do espaço e a

¹⁵⁵ SCHORSKE, 2000, p. 53.

¹⁵⁶ SCHORSKE, 2000, p. 53.

¹⁵⁷ MORETTI, Franco. O século sério. In: **A cultura do romance**. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

outra visando a salientar o quanto as representações – elementos culturais bastante significativos – forjam e consolidam modos de sentir e vislumbrar o mundo.¹⁵⁸

Stevenson fez uso dessas duas formas de representar Londres nos seus diferentes escritos ficcionais e, ao contrastarmos estes entre si e com obras de outros autores de língua inglesa, presumimos que não se tratou de uma escolha aleatória ou de uma decisão estritamente ficcional, cujo propósito seria o de utilizar o espaço como mera ambientação das ações em curso na narrativa. É bem verdade que a cidade literária cumpre essa função de palco, e de maneira alguma temos a intenção de negar isso. Contudo, tanto em **O clube do suicídio** quanto em **O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde**, Londres extrapola esse papel, tendo em vista que sua figuração se constrói, em grande medida, por meio das ações das personagens e da menção de características que lhe eram bastante próprias.¹⁵⁹ Sobretudo naquele momento em que não havia precedentes e marcadores para comparar a diversidade, o dinamismo e a originalidade das situações e condições sociais manifestas na capital britânica, as representações discursivas, ficcionais ou não, passaram a constituir um repertório acerca das novidades modernas.

O autor escocês era cômico da fama, associações e metáforas atribuídas à capital do império britânico, não só porque ele mesmo foi cidadão do Reino Unido (proveniente de Edimburgo), mas também por ter residido e visitado Londres com certa frequência e por suas constantes viagens por diferentes partes do mundo, que acabaram por lhe proporcionar parâmetros e contatos diretos e indiretos com diferentes opiniões e interpretações acerca dessa e de outras cidades.¹⁶⁰ Até existem críticas, como apresentou Irving Saposnik, que defendem que Stevenson pensava em sua terra natal enquanto escrevia e ambientava a narrativa de Jekyll e Hyde, pois, de acordo com essa linha argumentativa, as obscuridades do cenário fictício e a moralidade transposta para a trama faziam mais jus à capital escocesa do que à inglesa.¹⁶¹ No entanto, mais à frente, o crítico norte-americano aponta a falha dessas leituras ao sinalizar a força exercida pela metrópole e frisar que “somente Londres poderia servir de

¹⁵⁸ MORETTI, 2009.

¹⁵⁹ RIDENHOUR, Jamieson. **In darkest London: the gothic cityscape in victorian literature**. Lanham/Plymouth: The Scarecrow Press, 2013.

¹⁶⁰ Stevenson, desde a sua juventude, viajava frequentemente. Algumas vezes para acompanhar as construções, fiscalizações e manutenções dos faróis sob a responsabilidade dos engenheiros de sua família e outras para buscar um clima o qual amenizasse os sofrimentos ocasionados pela tuberculose.

¹⁶¹ SAPOSNIK, Irving. The anatomy of Dr. Jekyll and Mr. Hyde. In: **Robert Louis Stevenson**. New York: Twayne, 1974.

local clássico dos comportamentos vitorianos”¹⁶². Poucas cidades impulsionam tanto a criatividade artística como Londres, uma vez que, tal qual observaram os escritores Eloise Millar e Sam Jordison, “Londres é uma das maiores cidades literárias do mundo. Suas ruas são cheias de histórias. Seus prédios encontram-se saturados de histórias. Seus *pubs* e clubes estão repletos de escritores – e com muita frequência também são assombrados pelas criações deles”¹⁶³. A Londres ficcional às vezes ultrapassa suas próprias fronteiras e se plasma à Londres externa.

De modo semelhante ao dos romancistas que lhe antecederam e aos seus contemporâneos, Stevenson não deixou de explorar as ambiguidades e as contradições da capital do império britânico e os aspectos que a tornavam, de alguma forma, extraordinária. A Londres oitocentista, em muitos sentidos, era um observatório (e o cenário) propício para esquadrihar as repercussões e as amplitudes das novas práticas e vivências modernas, posto que era o lugar onde as diversidades sociais se apresentavam da forma mais evidente e, de certo modo, no qual também se intensificava a percepção de que o homem havia subjugado a natureza aos seus domínios e assumido de forma plena a condução de seu próprio destino.¹⁶⁴ Ocasionalmente, um ou outro incidente fazia oscilar essa crença.

Os fenômenos da modernidade não só instituíram novas formas de vislumbrar e narrar o mundo, eles também estimularam a imaginação sobre quais seriam os rumos da sociedade em emergência e deram vazão e contornos aos contrastes entre o que se conhecia e a perturbação decorrente da perda das referências e dos modelos que circunscreviam e davam inteligibilidade às experiências humanas. Esse abalo, essa derrocada do mundo cognoscível desencadeou uma profusão discursiva voltada a enquadrar as originalidades da vida moderna, profusão que, muitas vezes, devido à aceleração das mudanças, se mostrava defasada ou tinha um alcance de intervenção exíguo.¹⁶⁵ Local e resultado do confronto das múltiplas forças em ação em um tumultuado processo de mudanças sociais, políticas, culturais e econômicas, as grandes cidades concentraram os olhares de teóricos e especialistas. Cada escritor, ao se

¹⁶² Tradução nossa do trecho original: “only London could serve as *locus classicus* of Victorian behavior” (SAPOSNIK, 1974, p. 89).

¹⁶³ Tradução nossa do trecho original: “London is one of the world’s greatest literary cities. Its streets are full of stories. Its pubs and clubs are full of writers- and more often than not, are also haunted by their creations” (MILLAR, Eloise; JORDISON, Sam. Preface. In: **Literary London**. London: Michael O’Mara Books Limited, 2016, p. 7).

¹⁶⁴ Cf. Maria Stella M. Bresciani, 1985; Briggs, 1968; Linda Dryden, **The modern gothic and literary doubles: Stevenson, Wilde and Wells** (Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2003); Gareth S. Jones, **Outcast London: a study in the relationship between classes in vitorian society** (London/New York: Verso, 2013).

¹⁶⁵ BRESCIANI, 1985.

pautar nas convenções de suas áreas de conhecimento e vivências, lidou de maneira própria com as diferentes facetas dessa fase de estruturação da sociedade e do mundo contemporâneo. Stevenson foi uma dentre essas inúmeras vozes.

Foram as tensões latentes nas suas representações sombrias, misteriosas e ambivalentes da capital do império britânico que serviram como estímulo e ponto de partida para nossas indagações. Pois, embora essas figurações de Londres se pautem na forma do que *a posteriori* a crítica caracterizou como gótico urbano e, mediante isso, manifestem, em uma possível primeira impressão, o predomínio da noção de uma cidade corrompida, decadente, obcecada e perturbada pelo medo, o autor escocês, com seus jogos de claro e escuro, subverteu sutilmente parte dos protocolos e das perspectivas instituídas pela convenção.¹⁶⁶ Não que as histórias de Stevenson negassem a dualidade entre civilização e barbárie e que Londres assumisse faces sombrias em decorrência das angústias e temores que marcavam a sociedade britânica, mas achamos válida a argumentação de Julia Reid acerca de ele ter alterado, ou melhor, invertido os significados e sentidos de determinados conceitos e campos semânticos desmontando-os internamente.¹⁶⁷

Ao delinear as linhagens e as matrizes ficcionais de Stevenson nas obras a serem interpeladas mais à frente, o fazemos para traçar justamente suas variações e, assim, percebemos como as inquietudes do *fin-de-siècle* atravessaram e fomentaram sua produção literária, posto que sua reflexão teórica e suas ficções foram pensadas à luz dos debates evolucionistas e trouxeram para o âmbito literário fundamentos e referências próprias das emergentes disciplinas atreladas à criminologia, à biologia e à antropologia, mais especificamente. O autor escocês estava na leva de escritores que cresceram e produziram em uma efervescente atmosfera que ainda remói e reagia à publicação de **A origem das espécies** (1859) e tinha na figura de Spencer um de seus pensadores mais controversos e influentes.

¹⁶⁶ Um número significativo de críticos de língua inglesa voltou os seus estudos para o mapeamento da gênese e a caracterização da ficção gótica, procurando se afastar das predominantes interpretações psicológicas. Uma das percepções partilhadas por esses trabalhos revisionistas foi a variação passada por esse formato literário ao longo dos anos oitocentos. Notaram que, desde meados do século XIX, alguns escritores passaram a urbanizar elementos típicos das histórias de Horace Walpole e Ann Radcliffe. Abandonava-se o passado distante e as ambientações longínquas para inserir a história no tempo próximo ou equivalente ao presente e situá-la em uma grande cidade, como Londres ou Paris, mas, ao mesmo tempo, eram mantidos os usos do sobrenatural, a atmosfera sinistra era moldada pelas situações urbanas e permanecia a impressão acerca do declínio dos laços de solidariedade e da emergência de um mundo desfigurado. As ansiedades e angústias urbanas eram convertidas, assim, em materiais narrativos. Cf. Linda Dryden, 2003; Robert Mighall, 2003; Lawrence Phillips e Anne V. Witchard, 2001; Ridenhour, 2013; David Punter, 2015.

¹⁶⁷ REID, Julia. **Robert Louis Stevenson science and the fin-de-siècle**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2006.

Isto não significa afirmar que a aproximação de Stevenson a essas áreas tenha se dado de forma passiva e estava voltada a afiançar propositalmente os pressupostos e os argumentos que serviram para endossar abertamente a superioridade europeia e, consequentemente, as bases ideológicas e materiais do imperialismo, como fizeram aqueles que o viram como o iniciador do que posteriormente se denominou “romance imperial”¹⁶⁸. Tal atitude seria, no mínimo, uma corroboração à perspectiva de que a sociedade britânica oitocentista se resumia a dois grupos estreitamente fechados: os partidários e os opositores à dominação imperial, algo que culminaria em uma considerável redução das possibilidades de leitura de um cenário repleto de contradições e complexidades. As relações de Stevenson com o imperialismo são mais nebulosas do que a princípio algumas leituras fizeram parecer, dado que ele pode ser inserido nos casos dos homens brancos hifenizados¹⁶⁹, proposto por Mary Louise Pratt em **Os olhos do império**. Por mais que a presença da retórica vitoriana seja uma marca evidente em seus escritos, também são patentes as brechas e as pontuais contestações dos abusos perpetrados pelas políticas de subordinação e conquista.

Apesar de ter sido um tanto recorrente durante um bom período na crítica literária a afirmação de que as narrativas góticas recusavam o presente voltando-se para o passado e tendiam a criar nostalgias de que tempos melhores e mais calmos já fizeram parte da história

¹⁶⁸ Resumidamente, “romance imperial” foi uma categoria criada para se reportar às obras literárias, cujas peripécias dos personagens transcorriam nos exóticos e exuberantes territórios coloniais e no qual os modos narrativos respaldavam as formulações enaltecedoras da superioridade europeia. Em **The victorian age in literature** (1913), ao fazer um balanço dos ficcionistas vitorianos, Chesterton notou que estava sendo um tanto recorrente apontar Robert Louis Stevenson como um dos precursores do romance imperial, os quais seguiam muitas das diretrizes configuradoras das suas histórias de aventura. Redefiniam-se as ramificações de uma tradição literária no qual Robinson Crusoe poderia figurar como marco inicial, algo lembrado apenas ocasionalmente (para apontar algum demérito). Ainda que estejamos cientes das críticas e do posicionamento de Ian Watt, expressos em seu livro **Mitos do individualismo moderno**, a respeito de classificar esse romance de Defoe no gênero de aventuras, a observação de Chesterton faz sentido por se tratar de uma abordagem geral. Os equívocos desses paralelos retrospectivos advêm de duas pressuposições. A primeira, de atribuir ao autor escocês opiniões e premissas com as quais ele dificilmente concordaria se ainda fosse vivo. O seu humanismo, de acordo com o crítico inglês, o colocaria na direção oposta. E a segunda, fundada nas leituras superficiais, de que o tom humorado e não carregado de suas ficções eram uma espécie de laudatória consciente aos discursos raciais e à retórica imperial. Cf. G. K Chesterton, **The Victorian Age in literature** [1913].

¹⁶⁹ Por homens brancos hifenizados, Pratt entende aqueles sujeitos cujas “identificações nacionais e cívicas eram múltiplas e frequentemente conflitantes” (1999, p. 253), profundamente marcadas pelas experiências sociais vinculadas a determinados tipos de privações e às brutalidades e efeitos do “euroexpansionismo”. Ainda segundo a estudiosa canadense, essas figuras foram “os principais arquitetos da frequente imperialista crítica interna ao império” (1999, p. 253). No caso de Stevenson, apesar de suas viagens a territórios dominados por potências ocidentais terem sido tardias, como escocês ele cresceu imerso em uma cultura e tradições pouco compreendidas e muitas vezes presumidas como inferiores ou que orbitavam em torno das realizações inglesas - algo que, com certeza, o levou a ter uma percepção das clivagens e das diferentes bagagens e aspectos delineadores dos perfis da população do Reino Unido, demonstrada não só em sua produção literária, mas também em um escrito específico intitulado “The Foreigner at Home” (publicado primeiramente em maio de 1882 na Cornhill Magazine e posteriormente, em 1887, na coletânea **Memories and portraits**). Cf. Robert Louis Stevenson, “The foreigner at home” (In: **Memories and portraits**. London: Chatto & Windus, 1912).

humana e, em consequência disso, viravam as costas para o futuro ou o concebiam como algo desalentador e fadado ao fracasso, partilhamos o raciocínio de que, no final do século XIX, a retomada dessa forma literária, que não impõe fronteiras rígidas entre o conhecido e o desconhecido, abriu caminhos para abordagens de conteúdos negligenciados pelas formulações liberais e iluministas¹⁷⁰ – ademais de ter encontrado na instabilidade manifesta nas cidades oitocentistas uma atmosfera fértil para o desenvolvimento de contos sinistros e extraordinários.¹⁷¹ Em linhas gerais, como observou Calvino, essa foi uma das portas de entrada para as sondagens da “interioridade do indivíduo” e da “simbologia coletiva”, e para reiterar a importância da imaginação e conferir a ela “dignidade equivalente ou maior do que” a atribuída “ao mundo da objetividade e dos sentidos”¹⁷². Diante disso, torna-se claro que o gótico não foi só um meio de exposição, mas também uma derivação da nascente sensibilidade moderna e, ao longo dos anos oitocentos, uma estrutura literária que, assim como outras, passou por reformulações.¹⁷³

É preciso considerar que a propensão de seus recursos descritivos para gerar imagens potentes e estarrecedoras não estava restrita aos conhecimentos e à instrumentalização pelos redatores da imprensa sensacionalista e das histórias populares e grotescas, como os *penny dreadful*. Com variações de matizes, encontram-se exemplos dos mecanismos e das técnicas desse modo narrativo até mesmo em relatos que não se enquadram nem no âmbito ficcional nem no jornalístico,¹⁷⁴ tornando, assim, evidente que era (e ainda é) um tanto corriqueira a junção e a variação de métodos e estratégias de escrita nas distintas modalidades narrativas e de que o apelo aos elementos do *sublime* foi uma tentativa de externar emoções e situações que careciam de suportes e recursos que pudessem externar devidamente certas impressões produzidas pela conjuntura moderna.¹⁷⁵ Em parte, isso explica o uso reiterado das metáforas, em virtude de seu préstimo em gerar visualizações mentais instantâneas.¹⁷⁶

¹⁷⁰ Cf. Sandra G. Vasconcelos, **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII** (São Paulo: Boitempo, 2002); Tzvetan Todorov, **Introdução à literatura fantástica** (São Paulo: Perspectiva, 2014).

¹⁷¹ Cf. Mighall, 2003; Ridenhour, 2013.

¹⁷² CALVINO, Italo. Introdução. In: **Contos fantásticos do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 9.

¹⁷³ Cf. Dryden, 2003; Mighall, 2003; Ridenhour, 2013; Stephen Arata, “Stevenson and the fin-de-siècle gothic” (In: **The Edinburgh companion to Robert Louis Stevenson**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010).

¹⁷⁴ KEATING, Peter J. Fact and fiction in the east end. In: **Victorian city: images and realities**, v. 2. London: Routledge, 1973.

¹⁷⁵ BRESCIANI, 1985.

¹⁷⁶ BRESCIANI, 1985

Nossa ideia aqui não é ignorar que o emprego da fórmula contribuiu para a criação de imagens cristalizadas e simplórias de determinados aspectos do cotidiano e das calamidades urbanas, mas, sim, apontar que é necessário ampliar o quadro e as perspectivas de análise e não se aferrar às leituras e categorizações binárias e/ou assertivas que muitas das vezes perdem as sutilezas e as minúcias por somente se aterem aos atributos mais gerais e estipularem padronizações um tanto herméticas. Deveras, eles são significativos. Contudo, um estudo voltado a considerar tanto as singularidades quanto as propriedades preeminentes desse entrelaçamento entre diferentes procedimentos de escrita pode lançar luzes a aspectos incógnitos ou descartados até então por deturparem a sistematização. As excentricidades de Londres e seus habitantes não foram tematizadas apenas pelo viés gótico e melodramático. É primordial ter em mente que eram as repetições, associações e menções, nos seus mais variados níveis e gênero discursivos, que faziam com que essas construções imagéticas se reiterassem e se tornassem reconhecíveis.

Recorrer aos escritos literários para compreensão das questões referentes ao crescimento das grandes cidades em geral e das práticas sociais e produtivas oriundas e consolidadas nesse espaço não é uma prática pouco comum. Afinal de contas, muitas das representações criadas sobre a emergência das metrópoles são provenientes dos relatos ficcionais e estes, assim como os demais tipos de documentos, podem ser vistos como formadores de um conflituoso, amplo e, muitas vezes, contraditório painel delineado pela sistematização de uma miríade de facetas sinalizadas pelos aspectos físicos e humanos da cidade, como já apontou Bresciani em seu artigo “Literatura e cidade”¹⁷⁷.

Londres estimulava a imaginação oitocentista justamente por ser o lugar onde as ambiguidades e as disparidades, em suas mais variadas gradações e dimensões, saltavam aos olhos, não podendo, assim ser completamente ignoradas (vale notar que, com efeito, elas foram, durante um bom tempo, pouco compreendidas). A rapidez e profundidade das mudanças aturdiavam, pois era difícil identificá-las e circunscrever as forças e os múltiplos agentes em ação para a criação de conjunturas tão adversas e aleatórias. Proporcionaram, desse modo, e nos atrevemos dizer que ainda proporcionam, uma riqueza de circunstâncias e práticas convertidas e amplamente exploradas como material ficcional ao longo do século

¹⁷⁷ BRESCIANI, Maria Stella M. Literatura e cidade. In: CORRÊA, Elyane Lins (Org.). **Arte e cidades: imagens, discursos e representações**. Bahia: UFBA, 2008.

XIX e nos dias de hoje, guardadas, é claro, suas diferenças de perspectivas, graus e proporções.¹⁷⁸

É essa força, esse poder de atração, fascínio e desconcerto exercido pela primeira metrópole do mundo e a sua constante figuração nas narrativas ficcionais do período oitocentista que nos levaram à hipótese de que as visões de cidade atreladas à capital britânica são fundamentais para o efetivo entendimento dos sentidos e significados portados por uma boa parte das obras literárias do século XIX, sem deixarmos de levar em consideração que essas apropriações dos aspectos pertencentes à “cidade real” ajudaram a moldar impressões e a criar imagens que forneciam inteligibilidade e valores positivos e negativos à paisagem urbana em si e aos seus residentes.¹⁷⁹ Procuramos demonstrar, portanto, a existência de uma via de mão dupla entre as abstrações espaciais e o espaço concreto e o quanto ambos acabam por se definir mutuamente, apesar de suas distinções e das maneiras próprias dos seres humanos interagirem com os universos imaginados e empíricos.¹⁸⁰

Stevenson pretendia ir além do reconhecimento do leitor ao se valer de todo um repertório de noções e signos alusivos a Londres, pois, a partir das adaptações e usos de descrições recorrentes, jargões e estereótipos, ele procurou abalar, desestabilizar, colocar em dúvida ao menos, as certezas e os pressupostos propagados pelas correntes filosóficas adeptas da ideologia do progresso e sua crença a respeito da civilização caminhar para o seu ápice.¹⁸¹

¹⁷⁸ Chega a ser impressionante o número de adaptações ficcionais e séries criadas pelas duas maiores redes de televisão britânicas, BBC e ITV, ambientadas no século XIX e algumas décadas do século XX, veiculadoras de certos posicionamentos e percepções preponderantes e correntes nos anos oitocentos e em períodos posteriores, a respeito do *East End* como o símbolo da miséria e da degradação, como uma região isolada e à parte de Londres, negligenciada e afastada dos rumos do progresso, sendo lembrada muito por conta das privações e pobreza de seus moradores e pelos crimes assombrosos ocorridos em suas circunscrições geográficas. É praticamente impossível assistir **Ripper Street** (2012-2016), **Whitechapel** (2009-2013) e **Call the midwife** (2012-), para ficarmos somente com alguns exemplos de séries situadas no leste londrino em épocas díspares, e não nos depararmos e identificarmos ecos de premissas e pontos de vistas difundidos e predominantes nos dispositivos discursivos datados de dois séculos atrás. Apesar disso, **Call the midwife** rompe, ao longo de seus episódios, com as visões cristalizadas a respeito do *East End*, pois a narradora-personagem da história (pelo menos nas três primeiras temporadas) tem, aos poucos, os seus preconceitos e os seus pressupostos a respeito da área desestabilizados e, com isto, começa a perceber a capacidade de superação e as sutilezas que marcavam a vida dos habitantes de Poplar – ao contrário de **Ripper Street** e **Whitechapel**, que, durante as investigações promovidas pelos policiais e investigadores chefes do distrito policial localizado na região, ainda mantiveram o nexo, sem promover perturbações, entre o *East End* e os crimes desconcertantes, como se aquela parte de Londres *naturalmente* caracterizasse o lugar da degradação humana, principalmente por afetar e tornar dúbias as atitudes e os comportamentos daqueles os quais as responsabilidades seriam precisamente a manutenção do controle e da ordem.

¹⁷⁹ BRESCIANI, Maria Stella Martins. Século XIX. A elaboração de um mito literário. **História: questões e debates**, ano 7, n. 13, 1986.

¹⁸⁰ SARLO, Beatriz. Versões da cidade. In: **Cidade vista: mercadoria e cultura urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

¹⁸¹ CALVINO, Italo. Natureza e história no romance. In: **Assunto encerrado: discursos sobre literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Por meio da brevidade e da concisão, o autor escocês sutilmente ironizou as expectativas e os anseios da sociedade vitoriana e desvelou os princípios regentes do mundo contemporâneo, contrariando, portanto, os prognósticos das (primeiras e sistematizadas) advertências e os pareceres negativos direcionados às suas técnicas narrativas e histórias (acerca de estas últimas serem meras evasões).¹⁸²

As desmontagens das engrenagens que passaram a dar sustentação e movimento aos tempos modernos foram feitas sutil e ironicamente. É nas entrelinhas das excêntricas aventuras do Príncipe Florizel e do Coronel Geraldine ou das incursões investigativas de Utterson que se encontram os indícios de que a frugalidade e os rígidos códigos de conduta e respeitabilidade apregoados pelas camadas médias britânicas acarretavam transtornos e perturbações físicas e emocionais oriundas das pressões exercidas pelas formalidades e pelos dispositivos de vigilância e disciplina que reestruturavam os âmbitos das relações entre público e privado e compeliavam ao adestramento dos corpos.¹⁸³ Valendo-se do próprio decoro enaltecido pelos vitorianos e da sua crença de que a aparência podia revelar a interioridade humana, Stevenson implodiu as classificações que separavam os indivíduos e as zonas londrinas e alertou que a negação dos impulsos instintivos, assim como a confiança inabalável na racionalidade, poderia cobrar um preço demasiado alto: a perda da empatia e, conseqüentemente, de nossa humanidade.¹⁸⁴ Por vezes, os pesadelos renegados pela civilização emergiam para confrontá-la e traziam à tona seu lado obscuro.¹⁸⁵

Nesse entroncamento em que as ficções se inserem umas nas outras e ao mesmo tempo se reelaboram, a Londres das narrativas de Stevenson certamente nos faz lembrar as de outros autores, como Poe, Dickens, Conan Doyle, Wilde, Wells e Conrad. Contudo, cada uma dessas Londres possui os seus próprios encantos e mistérios e, ao seu modo, convida o leitor a participar do jogo e, assim, decifrá-la.

2.2 Uma cidade difícil de ser lida

¹⁸² MENIKOFF, Barry. New Arabian Nights: Stevenson's Experiment in fiction. In: **Nineteenth-Century Literature**, vol. 45, n. 3, 1990.

¹⁸³ Cf. Sarah Ames, "The Suicide Club: afterlives" (**Journal of Stevenson Studies**, v. 8, 2011); Michel Foucault, **Vigiar e punir: nascimento da prisão** (Petrópolis: Vozes, 2009).

¹⁸⁴ Cf. Calvino, 2009; Arthur Herman, **A ideia de decadência na história ocidental** (Rio de Janeiro, Record, 1999).

¹⁸⁵ Cf. Bresciani, 1994; Dryden, 2003.

Franco Moretti, no **Atlas do romance europeu**, constatou, ao analisar o mapa de Londres resultante da pesquisa de Charles Booth, que a representação cartográfica do investigador inglês pode ser lida de duas formas.¹⁸⁶ Uma geral, ou macroscópica, como ele denominou, na qual é possível dividir a cidade oitocentista em duas regiões opostas e distintas em virtude da disparidade econômica que separava os seus moradores. Nesse mapa, as partes em preto e azul escuro, representando as camadas pobres, contrastam com as em vermelho e amarelo, cores atribuídas respectivamente aos setores médios e altos, o que leva a impressão de que a capital britânica era um espaço auto-organizado e portador de um padrão de ocupação regular e fracionado basicamente em duas grandes áreas: o *East End*, onde se concentraria as condições de penúria e miséria, e o *West End*, o lugar no qual a pujança, a prosperidade e o conforto se faziam notórios. Já a outra leitura, identificada como microscópica, orienta para conclusões inversas às da primeira, pois mostra um lugar composto por descontinuidades e sem um esquema de distribuição de classes tão uniforme, uma vez que se atenta para as zonas de pobreza encobertas e situadas entre as residências dos bairros ricos da capital britânica.

Ao colocar lado a lado as duas maneiras de interpretar a Londres oitocentista, o crítico italiano teve como objetivo apontar que a primeira delas predominou como forma de descrever ou se reportar a Londres nas narrativas literárias britânicas ao longo do século XIX. Dos romancistas analisados por Moretti, o único a romper com a estrutura binária e a enxergar o dinamismo e a complexidade de Londres foi Charles Dickens, ao fazer com que seus personagens residissem e circulassem entre diferentes pontos da capital e, dessa maneira, não se relacionassem apenas com membros pertencentes à sua própria classe. A classe média, nas obras de Dickens, seria o ponto de conexão entre as distintas camadas sociais. Grosso modo, o movimento integrava as duas partes cindidas e antagônicas da capital e conferia a ela a diversidade e o colorido negado pelas obras que davam prioridade a uma zona (e classe) específica para o transcorrer da história. As representações de Londres nos livros de Jane Austen, inseridos na categoria do *silver-fork*, e nos romances de *Newgate*, como **Jack**

¹⁸⁶ Em um site (<https://booth.lse.ac.uk>) criado e mantido pela London School of Economics and Political Science (LSE), encontra-se disponível uma versão *online* e interativa do mapa publicado no estudo de Booth, **Life and labour of the people of London**. Nele, é possível a visualização da representação cartográfica original, com as legendas coloridas, a de uma versão intermediária que insere os nomes das vias principais e dos distritos de Londres, e de uma terceira, que apaga o esquema classificatório de Booth e conserva apenas as inscrições sobrepostas em um mapa simples das dimensões atuais da capital britânica. Além dos dados biográficos e referentes à pesquisa desenvolvida por Booth, pode-se acessar as notas redigidas por ele e pela polícia e os cadernos pertencentes à casa de trabalho Stepney Union e buscar por informações do arquivo pessoal do pesquisador e reformista inglês aos cuidados da Universidade.

Sheppard (1839-40), de William Harrison Ainsworth, seriam alguns dos expoentes marcantes do enquadramento monocromático das duas regiões tidas como opostas e desse recorrente modo de abordagem, que, como podemos inferir, foi aplicado em diferentes convenções literárias. É preciso salientar que, enquanto nas narrativas de Austen as menções a Londres consistem em alusões um tanto típicas, como ao mundo dos negócios, à sua ampla sociedade e como local que dita a moda para as demais comunidades da Nação, os romances de *Newgate*, inspirados na vida dos famigerados prisioneiros e condenados da prisão (donde sua nomeclatura), tomam como cenário os bairros da capital nos quais a pobreza encontrava-se concentrada.

Duas tipologias literárias, duas regiões. Duas metades de Londres que, segundo Moretti, quando intercaladas, não formavam um inteiro e faziam reduções significativas de traços inerentes ao espaço urbano, tais como a aleatoriedade e simultaneidade de encontros e as relações fortuitas entre os seus diversos membros sociais. Dois mundos separados pelo centro financeiro e histórico: a *City*. Dois lugares reais e imaginados, que, de certa forma, forneciam sentidos e significados de um modo mútuo (fossem eles correspondentes ou conflitantes), e cujas tessituras textuais podiam se ancorar e resultar das combinações tanto dos olhares e impressões (individuais e coletivas) extraídas de suas dimensões materiais e humanas quanto das apropriações (diretas e indiretas) de ideias e enquadramentos veiculados pelos registros impressos e pelas exposições orais. Essa via de mão dupla entre ficção e realidade traz à tona a capacidade de criação, organização e adaptação das narrativas das circunstâncias e dos espaços sociais e o potencial de projeção e antecipação de percepções e práticas (ainda) em vias de formação ou de algum modo insinuadas, como bem observou Said.¹⁸⁷

Restringir para tornar legível. Segundo Moretti, essa foi a solução encontrada pela maior parte dos escritores britânicos para lidar com uma capital que não parava de se transformar e a cada dia parecia ganhar uma fisionomia nova. Fracionavam-se as partes para controlar as eventualidades e as diversidades e assim fixar um padrão de reconhecimento. Em suma, se seguirmos o raciocínio de Moretti, o modelo binário confirma o que se tornou bastante nítido no final do século XIX: *West* e *East End* foram tomados como duas cidades separadas e seus respectivos moradores pouco ou nada sabiam a respeito dos residentes do outro lado.

¹⁸⁷ SAID, 2011.

O isolamento obscurecia, portanto, que as duas áreas resultavam das mesmas circunstâncias e fatores históricos e, acima de tudo, que a existência de uma era exatamente o que condicionava a existência da outra.¹⁸⁸ A distinção entre as londrinas zonas oeste e leste ganhava definições e significados que iam muito além da gritante desigualdade existente entre os seus residentes, posto que preconizava a configuração de dois modos de ocupações, dinâmicas de vidas díspares e os presumia como se fossem independentes, desconexos e dessem (nítida) visibilidade e corporificação às “duas nações” delineadas por Disraeli.¹⁸⁹ O abismo que as distanciava não era meramente econômico e social, embora estes fossem os mais perceptíveis, era também físico e simbólico, pela razão de que até então a ocupação dos bairros de Londres não havia sido marcada pela presença quase que exclusiva de membros de um único setor da sociedade e pela nítida desagregação entre casa e trabalho. As imagens interpretativas das cidades de trevas e luz, associadas respectivamente às zonas leste e oeste, se desenvolveram ao longo do século XIX e em consonância com as etapas da urbanização.¹⁹⁰

Atevemo-nos a dizer que, no momento em que essa cisão entre as duas porções de Londres estava em vias de cristalizar-se, Stevenson, de uma forma que tanto se aproxima quanto se distancia da de Dickens, também rompeu com essa notória dicotomia. Pois, como se pode notar pelos comentários de Eloise Millar e Sam Jordison acerca da representação de Londres em **O estranho caso**, as trevas não necessariamente estavam associadas a uma zona específica da cidade e, muito menos, como revela a própria narrativa, a apenas uma parcela de seus residentes: elas caminhavam lado a lado com as luzes¹⁹¹ – o que, em suma, implica o reconhecimento de que os dois autores, em suas dramatizações sombrias, não se limitaram a associar e a enquadrar as transgressões, fossem elas quais fossem, no submundo londrino.¹⁹² Para os estudiosos do gótico urbano, a capital britânica molda a forma dessa estética narrativa, e as representações de Stevenson da cidade seguem, em grande medida, delineamentos e tratamentos muito semelhantes aos dados por Dickens em, por exemplo, **A casa soturna (Bleak house, 1853)**.¹⁹³

O *fog* e a paisagem urbana contribuíam para gerar uma atmosfera misteriosa. A escuridão e a parca luminosidade de Londres oscilavam entre as sugestões metafóricas e as literais, condicionadas pela ação dos agentes naturais e humanos na conformação de suas

¹⁸⁸ JONES, 2013.

¹⁸⁹ BRESCIANI, 1985.

¹⁹⁰ WILLIAMS, 2011.

¹⁹¹ MILLAR; JORDISON, 2016, p. 213.

¹⁹² MIGHALL, 2003.

¹⁹³ RIDENHOUR, 2013.

características ambientais e espaciais.¹⁹⁴ Só que enquanto Dickens se valeu dos aspectos sombrios da capital para denunciar as manobras, a perversidade e os arcaísmos dos procedimentos políticos e jurídicos, Stevenson se apropriou da paisagem e do ar lúgubre para uma abordagem alegórica e carregada de sutilezas psicológicas.¹⁹⁵ De todo modo, tanto nas histórias de Stevenson quanto de Dickens, perambular pela Londres oitocentista era estar sujeito ao inesperado e se deparar com lugares e pessoas um tanto arredias e apáticas, dadas as suas dimensões físicas e o grande número de desconhecidos que passaram a coexistir em uma mesma ampla vizinhança e a transitar pelas ruas.¹⁹⁶ As críticas de que os laços de solidariedade estavam escassos e em vias de desaparecimento na metrópole eram bastante constantes, e não era somente mediante o espetáculo da multidão, pela indiferença demonstrada pelos transeuntes, que tal fenômeno se mostrava aparente.¹⁹⁷

Era impressionante o tamanho de Londres, a ponto de gerar comentários similares aos de Engels, de que se podia “caminhar horas e horas sem sequer chegar ao princípio do fim”¹⁹⁸. Porém, segundo o historiador Asa Briggs, o aspecto desconcertante dessa expansão demográfica e territorial consistia na difícil assimilação das forças que a regiam. Ao contrário das cidades provinciais, cujas razões de seu crescimento eram oriundas da indústria, as da capital, *a priori*, derivavam de uma multiplicidade de fatores de difícil delimitação – o que, em parte, de acordo com Williams, fez com que fossem interpretadas ainda por meio das antigas oposições e de chaves que enviesavam o entendimento do quadro.¹⁹⁹

Londres recebeu a entrada massiva de estrangeiros e britânicos provenientes das mais diversas regiões do Reino Unido. Esse deslocamento contínuo e progressivo, ocasionado por uma somatória tanto de circunstâncias endógenas quanto exógenas à metrópole, ganhava cada vez mais projeção internacional por Londres se tornar a capital de um vasto império. Esse fluxo migratório era, indiretamente, repercussão das modificações vinculadas à Revolução Industrial e, diretamente, um desdobramento do aperfeiçoamento das técnicas agrícolas e de criação de animais que se propagavam pela zona rural britânica. Além disso, o enrijecimento das penas estabelecidas pela proibição das caçadas noturnas e a autorização do

¹⁹⁴ ACKROYD, Peter. How many miles to Babylon. In: **London: the biography**. London: Vintage Books, 2001, p. 575.

¹⁹⁵ MIGHALL, Robert. Introduction. In: **The strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde and other tales of terror**. London: Penguin Books, 2002. Essa Introdução de Mighall foi traduzida para o português e pode ser lida na edição de 2015 da Companhia das Letras, intitulada **O estranho caso de Dr. Jekyll e Sr. Hyde**.

¹⁹⁶ SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito [1903]. **Mana**, v. 11, n. 2, 2005.

¹⁹⁷ WILLIAMS, 2011.

¹⁹⁸ ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 67.

¹⁹⁹ Cf. Briggs, 1968; Jones, 2013; Williams, 2011.

parlamento para a promoção dos cercamentos das terras comunais, privaram milhares de camponeses do acesso a suas fontes de subsistência.

O aumento da produtividade dos gêneros agrícolas, a expropriação das áreas comunitárias para a criação de animais para abate e de ovelhas e carneiros para exportação e fornecimento de lã para a indústria têxtil, além da exploração de outras matérias-primas utilizadas nas fábricas, comprometeram o acesso do campesinato aos bosques, de onde extraíam lenha e madeira para fins artesanais, do mesmo modo que restringiram os meios para obtenção de suas tradicionais fontes de proteínas e alimentos de origem animal. Impotentes perante o processo de capitalização das propriedades e da produção campestre, mas sem deixar de apresentar resistência ao longo do tempo, uma parcela vultosa de trabalhadores rurais seguiu para as cidades em busca de sobrevivência.²⁰⁰

Parte desses trabalhadores foi absorvida pelas cidades industriais, necessitadas de mão-de-obra, em sua fase inicial, para o preenchimento das funções fabris, dando origem assim ao *boom* das grandes cidades do norte e demais regiões do Reino Unido. Outra parte se dirigiu para a capital e lá buscou meios para prover o seu sustento. Tomada como símbolo da mobilidade social, a possibilidade de ascensão estimulou muitos jovens a tentar a vida na metrópole, dada a fama de que Londres recompensava os que trabalhavam duro – embora, ao contrário, a falência fosse uma circunstância ainda mais presente.²⁰¹

Os dados estatísticos desse período fornecem dimensões desse abrupto, rápido e assombroso crescimento e ganham proporções ainda mais impressionantes quando colocados lado a lado com o aumento geral do número de habitantes do Reino Unido e com os marcadores sociais das cidades industriais. No ano de 1801, o número total de britânicos era de nove milhões. Valor que, segundo Raymond Williams, dobrou em 1851 e, em 1911, foi dobrado novamente. Na virada do século XVIII para o XIX, a população londrina estava à beira de ultrapassar a marca de um milhão, e nas proximidades do final dos anos oitocentos, mais precisamente na década de 90, já havia superado a marca de quatro milhões.²⁰² Nesse sentido, constata-se que em menos de um século a quantidade de moradores de Londres mais do que quadruplicou, além de possuir uma participação substancial na somatória nacional.²⁰³

²⁰⁰ Cf. Rykwert, 2004; Williams, 2011.

²⁰¹ GAY, Peter **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos**, vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 56.

²⁰² WILLIAMS, 2011.

²⁰³ LEES, Lynn. Metropolitan types: London and Paris compared. In: DYOS, H. J.; WOLF, M. **The victorian city: images and realities**, v.1. London: Routledge, 1973.

Ao comparar as taxas da expansão urbana e o crescimento demográfico da capital do império britânico entre os anos de 1801-1851, a historiadora Lynn Lees constatou o aumento de 10% a 25% por década nos números correspondentes aos habitantes da cidade – porcentagens que ultrapassavam consideravelmente o índice de crescimento populacional de toda a nação e contribuíram para que área da cidade, surpreendentemente, triplicasse.²⁰⁴ Os indicativos das cidades industriais no início de sua expansão podem, numericamente, ser até ser mais expressivos do que os de Londres, como sublinharam Williams e Lees, e as referências elencadas por Robert John Morris e Richard Rogers corroboram essa afirmação: “entre 1811 e 1861, Liverpool e Preston tiveram as suas configurações espaciais quintuplicadas, as de Brighton, uma cidade de veraneio, foram multiplicadas por sete e o centro lanígero e têxtil de Bradford cresceu oito vezes mais”.²⁰⁵ Se, por um lado, esses dados estatísticos atestam que o processo de urbanização e adensamento da população citadina não se restringia a Londres, sendo um acontecimento veloz e espalhado por diferentes territórios, por outro, eles podem ser utilizados equivocadamente para sugerir a padronização desses fenômenos e relegar para segundo plano os valores simbólicos e absolutos das singularidades londrinas.

Percebido já no século XVIII, o progressivo aumento da população londrina estimulou alguns comportamentos e iniciativas por parte das camadas dirigentes para conter o crescimento da cidade. Uma delas foi a criação de atos legislativos, em diferentes períodos, voltados a proibir e a regulamentar a construção de novos imóveis na cidade. Ironicamente, ao invés de restringir o acesso aos novos habitantes, essas legislações contribuíram para o superpovoamento e para o surgimento dos contornos labirínticos e sombrios de determinadas áreas, porquanto fomentaram as reformas internas e as adaptações dos prédios existentes e deram origem aos becos e vielas, posteriormente identificados como locais propícios para a ocorrência de crimes e facilitadores para as fugas e esconderijos dos criminosos.²⁰⁶ A outra foi o deslocamento das elites cada vez mais para sentido oeste, o que as afastava e as deixava longe das residências ocupadas pelos membros das camadas menos abastadas e das indústrias preponderantemente instaladas nas redondezas do perímetro portuário.²⁰⁷

²⁰⁴ LEES, 1973.

²⁰⁵ Tradução nossa do trecho original: “Between 1811 e 1861, Liverpool and Preston multiplied five times, the resort town of Brighton seven times and the worsted textile centre of Bradford eight times” (MORRIS, Robert John; RODGER, Richard. *An introduction to British urban history (1820-1914)*. In: **The victorian city: a reader in British urban history (1820-1914)**. London/New York: Longman, 1993, p. 2).

²⁰⁶ WILLIAMS, 2011.

²⁰⁷ WILLIAMS, 2011.

A concentração de pessoas de um mesmo segmento social (de perfis antagônicos) em duas regiões distintas, bem demarcadas e opostas, teve implicações diretas nas formas de pensar, conceber, representar e, sobretudo, de circular por Londres, sem contar o impacto provocado na própria topografia urbana, na disponibilização de recursos técnicos e serviços e na formulação e aplicação das ações reformistas. Em conciliação com as diretrizes do pensamento liberal, a especulação imobiliária, os investimentos privados, a lógica de mercado e a empreitada em nome da salubridade regularam, durante um bom tempo, com diferentes alcances e gradações, a distribuição da população londrina e interferiram significativamente no processo de dilatação da cobertura urbana e das muitas discrepâncias que a marcavam. Um órgão que pudesse administrar e tomar decisões para lidar com as problemáticas concernentes às áreas fora das delimitações da *City* demorou a ser criado e, em parte, tal delonga contribuiu para o agravamento da situação. Enquanto a zona oeste atraía grande parte dos interesses das companhias em prover aos seus moradores os benefícios e as comodidades decorrentes das aplicações dos avanços tecnológicos e científicos, assim como do fornecimento prévio de infraestrutura, os bairros localizados nos arredores e na porção leste eram, na maioria das vezes, ignorados, ficando assim desprovidos das facilidades do mundo moderno.²⁰⁸

Se tomarmos como exemplo o bairro escolhido por Stevenson para ambientar episódios de significativa importância nas duas narrativas aqui abordadas, **O clube do suicídio** e **O estranho caso**, veremos que, mesmo em suas imediações centrais, havia partes que não atraíam olhares e a atenção dos investidores e prestadores de serviço, em decorrência, em certa medida, do abandono das camadas abastadas previamente estabelecidas em suas delimitações e da má reputação associada aos seus moradores e resultante das atividades ilícitas ali exercidas. O Soho era precisamente um desses casos, uma área não muito afastada do *West End* e que, em determinados aspectos, lembrava algumas das vizinhanças do *East End*, uma vez que concentrava em suas circunscrições boa parte dos residentes estrangeiros e, escondidos entre os cortiços e estabelecimentos comerciais, encontravam-se clubes e prostíbulos (bem conhecidos) que, conjuntamente com outras formas de transgressões legais, ajudaram a criar e difundir a sua fama como zona degradada, antro de criminosos e fonte da promiscuidade.²⁰⁹

²⁰⁸ DRYDEN, Linda. City of dreadful night: Stevenson's gothic London. In: AMBROSINI, Richard; DURY, Richard (Org.). **Robert Louis Stevenson**, writer of boundaries. Madison: The University of Wisconsin Press, 2005.

²⁰⁹ No livro de Arthur Tietjen, **Soho: London's vicious circle** (1956), a despeito da presença de um enquadramento problemático em decorrência de uma visão estreita e carregada de pressupostos e premissas

Isso apoia a constatação de que as fronteiras a cidade viciada e a cidade virtuosa eram mais porosas do que se fazem acreditar e de que a vigilância e o monitoramento dos bolsões de pobreza variavam em intensidade e grau. Segundo Robert Storch, mais do que no centro, as forças e as ações policiais se concentravam nas divisas, sem contar que, apesar das inquietações, havia tolerância e permissividade no *East End* com relação à prostituição e a outras práticas vistas como execráveis no *West End*, desde que não extrapolassem os marcos limítrofes e, assim, não colocassem em risco a regularidade da ordem urbana.²¹⁰

Quando se intervinha diretamente nessas localidades, na maioria das vezes com violência e brusquidão, era muito em razão da necessidade da execução de medidas voltadas ao controle e prevenção de epidemias e das desapropriações e demolições de edificações para o desenvolvimento de obras de melhorias e para a expansão das vias de circulação e do sistema de transporte da cidade, o que tendia à expulsão dos moradores locais sem o recebimento de qualquer forma de ressarcimento ou incentivo financeiro. Percebe-se, portanto, que o adensamento populacional da região não passava apenas pela constante chegada de novos habitantes.²¹¹ Privados de seus lares, sem rumos claros a serem seguidos, os que não achavam um quarto, um espaço que fosse nos cortiços já superpovoados, ficavam pelas ruas.

O quadro ganhava proporções piores nos períodos de colapso e oscilações econômicas e de crises das colheitas, em consequência do aumento do número de desempregados e do preço dos alimentos de consumo diário. O pauperismo escancarava o lado atroz das condições de vida na cidade, aterrorizava as autoridades, convertia a questão social em um desafio a ser superado e motivava o escrutínio do cotidiano e das práticas de sociabilidade e meios de sobrevivência da população urbana, principalmente das camadas populares.²¹²

A falta de um órgão que pudesse administrar e tomar decisões a respeito das problemáticas concernentes às áreas fora das delimitações da *City*, em alguma medida, contribuiu para o agravamento das desigualdades. A rivalidade das províncias com a capital,

equivocadas e do foco de sua investigação ser a ocupação e o desenvolvimento do Soho durante o século XX, as páginas iniciais abordam sumariamente a constituição do bairro antes e durante o século XIX. Já o livro de Ackroyd, **London: the biography** (2001), destina a parte final do capítulo “*Nothing quite like it*”, para delinear brevemente o histórico dessa vizinhança.

²¹⁰ STORCH, Robert D. O policiamento do cotidiano na cidade vitoriana. **Cultura & Cidades**, v. 5, n. 8-9, 1985.

²¹¹ RYCKWERT, 2004.

²¹² JONES, 2013

baseada no receio de que uma maior autonomia de Londres talvez acarretasse um desnível de poder, fez com que o *London County Council* fosse criado (apenas) em 1889.²¹³ A partir de então, Londres passou a contar com um órgão local para gerir o condado e traçar políticas para suas necessidades urbanas mais urgentes.

Estigmatizada pela miséria e violência, a cidade das trevas não foi inicialmente entendida como reverberação dos efeitos das transformações técnicas e das malfadadas tentativas, como a do Ato de reforma da Lei do Pobre (*New Poor Law*), na década de 1830, em separar o resíduo dos bons operários. A implantação de medidas segregacionistas restritivas e severas, como, por exemplo, a mudança dos beneficiários para as casas de trabalhos (*workhouses*), assim como sua subordinação a uma dura e pesada rotina, ao invés de lhes garantir o devido auxílio, tornava a vida desses sujeitos ainda mais árdua. Considerados moralmente falhos, foram responsabilizados por sua própria situação de desgraça, pois acreditava-se que careciam das virtudes necessárias para levar uma vida digna. Nesse sentido, a penúria foi vista como uma escolha e, na maioria das vezes, como sinônimo de vadiagem, de falta de comprometimento com a sociedade e de inaptidão para manter a própria autonomia.²¹⁴

A pouca adesão dos desfavorecidos socialmente a esse cotidiano brutal ampliou ainda mais o número de mendicantes. Índices que, somados às taxas de criminalidade, causavam inquietações e fortaleciam a sensação de insegurança das camadas dominantes.²¹⁵ Ludibriados por suas certezas de que os prognósticos científicos sanariam as causas das más condições sociais e de que os sujeitos controlavam suas escolhas e direcionavam sua trajetória, os setores dirigentes negligenciavam que o enrijecimento da legislação criminal e a junção dos múltiplos dispositivos disciplinadores e de caráter corretivo repercutiam diretamente na elevação dos indicadores criminais, como demonstrou Storch em seu artigo ao

²¹³ O London County Council foi o principal órgão administrativo do condado de Londres entre o período de 1889 e 1965. Sua criação foi motivada pela necessidade de centralizar os recursos e tomar decisões voltadas a atender as demandas e os problemas relacionados às habitações e encontrar soluções para as deficiências apresentadas na distribuição dos sistemas de serviço e infraestrutura.

²¹⁴ Não era pequeno o número dos opositores aos princípios instituídos pelo Ato e as medidas de funcionamento das casas de trabalho. Henry Mayhew apontou que a dureza com que os beneficiários eram tratados somente tornava o trabalho uma atividade repulsiva, e pouca ou nenhuma atenção se dava para o fator que, segundo ele, era a causa essencial do aumento e agravamento do pauperismo: os baixos salários. Cf. Maria Stella M. Bresciani, **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza** (São Paulo: Brasiliense, 2004); Gertrude Himmelfarb, “The culture of poverty” (DYOS, H. J.; WOLF, M. **The victorian city: images and realities**, v. 2, 1973).

²¹⁵ BRESCIANI, 2004.

analisar a criação da polícia metropolitana londrina.²¹⁶ Redefinir os padrões de decoro, proteger as propriedades, controlar os usos e os acessos dos espaços públicos eram exercícios de primeira ordem da força policial.

Mas não apenas as estatísticas geravam temores. O descontrole, a instabilidade e o potencial de destruição da multidão (exemplificados pelas ações dos revolucionários franceses e de um número considerável de movimentos e protestos internos que assombraram intelectuais e autoridades britânicas durante todo o século XIX), de acordo com os diagnósticos traçados, só poderiam ser contidos por uma série de intervenções nos costumes e comportamentos diários,²¹⁷ desde aquelas aplicadas das formas mais sutis, bastante exploradas pelo trabalho de François Beguin²¹⁸ sobre as maquinarias do conforto, até o uso da força, as imposições restritivas (algumas já citadas acima) e as empreitadas de cunho civilizacional dos filantropos e assistentes sociais, bem pontuadas por Peter Keating.²¹⁹ Pois acreditava-se que o mapeamento e a interferência direta no meio submeteriam os sujeitos a adotarem os bons modos e terem rotinas mais saudáveis.

Revela-se aqui o quanto os argumentos de Foucault, sobre a disciplinarização e o desenvolvimento de mecanismos de controle que passaram a tratar a população como um problema político e econômico, contribuem para o entendimento das bases configuradoras do mundo contemporâneo. Discursar sobre o desconhecido era colocá-lo em destaque, apreender as suas particularidades e definir regras para a contenção e prescrição dos desvios. Isto posto, analisar a natureza humana, presumir seus hábitos e reações fazia parte dos jogos de poder, sendo esta apenas uma das facetas das confrontações dos diferentes anseios e princípios das proposições políticas para ordenação da sociedade e dos choques desta com as práticas sociais.²²⁰

Perder-se nas ruas labirínticas e emaranhadas do *East End*, tornar os hábitos e práticas de seus numerosos moradores conhecidos para as camadas médias e altas de Londres passou a ser uma ação corrente dos homens das letras, no sentido mais amplo do termo. Seus escritos, independentemente do gênero, tinham como finalidade atrair a atenção e despertar o interesse dos londrinos abastados, os quais ignoravam a existência da área que muitas das

²¹⁶ STORCH, 1985.

²¹⁷ Para maiores conhecimentos acerca das greves e dos movimentos sociais ingleses que partiram do *East End* e se dirigiram ao *West End*, cf. Jones, 2013; Keating, 1973; E. P. Thompson, “As peculiaridades dos ingleses” (Campinas: Editora da Unicamp, 2002).

²¹⁸ BEGUIN, François. As maquinarias inglesas do conforto. *Espaços & Debates*, n. 34, 1991.

²¹⁹ Cf. Keating, 1973.

²²⁰ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber, vol. 1. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

vezes era equiparada (negativamente) às colônias,²²¹ e, com isso, estimular o convívio entre as classes para recuperar aqueles indivíduos que ainda não haviam se perdido ou sido, primeiramente, corrompidos pelo declínio moral e, posteriormente, pela degeneração atávica. A desumanização (e a infantilização) dos pobres, assim como dos colonizados, passava pela retórica da inferiorização de suas capacidades cognitivas e de suas condutas e pela certificação de que eram seres transviados.²²² Aos declarados impossibilitados de qualquer forma de readequação e reintegração social, as resoluções prescritas foram de outra ordem, como é possível verificar nas conclusões de James Greenwood.²²³

De Henry Mayhew a Charles Booth, em um intervalo de praticamente cinquenta anos, diversas pesquisas e obras (ficcionais) foram desenvolvidas, e o contraste entre elas demonstra que as formas de abordagem e apresentação foram se alterando com o tempo. As imagens vívidas, com contornos dramáticos e exóticos, que ao menos apontavam a diversidade dos hábitos e das práticas de sociabilidade da região, cederam lugar para a objetividade, para uma classificação cada vez mais fechada (embora o emprego de termos ou expressões generalizantes não fosse incomum) e para um distanciamento cada vez maior entre o observador e o objeto.²²⁴ O olhar racional extraia qualquer possibilidade de identificação ou criação de afinidade com os indivíduos inseridos nos agrupamentos correspondentes à situação social discriminada. Grosso modo, apagavam-se os sofrimentos e os constrangimentos diários e restavam apenas os dados ou imagens cristalizadas que poderiam remeter a uma variedade de lugares e conjunturas.²²⁵

Nem sempre se enxergava além dos dados. Na maioria das vezes, via-se o que o temor e o receio facultavam. Agia-se como se a ciência não fosse uma “atividade de cunho social”, valia-se de uma posição social e invocava-se uma autoridade que, em sua busca por divisas estritamente demarcadas relacionadas à ancestralidade e exasperação em desvendar as pressupostas leis regentes da natureza humana, converteu preconceitos em fatos e forjou argumentos e justificativas para legitimar o eurocentrismo e suas hierarquias.²²⁶ Forjaram-se doutrinas e mitos em nome da ciência.²²⁷ O linguajar empírico e “neutro” e a presumida

²²¹ HIMMERLFARB, 1973.

²²² GOULD, Stephen Jay. **A falsa medida do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

²²³ GREENWOOD, James. **The seven curses of London**. Oxford: Blackwell, 1981.

²²⁴ Cf. Keating, 1973; Williams, 2011.

²²⁵ SAID, 2011.

²²⁶ GOULD, Stephen Jay. A ameixa sem caroço instrui o caniço pensante? In: **Dinossauro no palheiro: reflexões sobre história natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

²²⁷ GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: o cultivo do ódio**, v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

irrefutabilidade das estatísticas serviram para referendar a arraigada impressão de que as classes perigosas se concentravam no *East End* londrino e sustentaram a sensação de que grande parte de seus moradores estava além das possibilidades de salvação. A degeneração, amplamente explorada por Robert Louis Stevenson em suas obras, era a pauta e o pavor da vez.

Os fundamentos da recapitulação, sumarizados nos marcadores biológicos, foram importantes não apenas para os ditames dos procedimentos aplicados durante a coleta dos dados, mas também para os critérios utilizados na avaliação dos mesmos.²²⁸ A constatação de que o resíduo aumentava exponencialmente era um sinal que atemorizava os analistas e governantes, pois tornava evidente que as medidas correccionais e preventivas adotadas não estavam surtindo os efeitos esperados. Na batalha hereditária, os estigmatizados e maculados pelos traços e intelecto primitivos haviam, supostamente, virado o jogo e colocavam em risco todo o processo civilizacional. Visto de uma forma mais ampla, o declínio de Londres era o de todo o império.

Em um mundo em que os vínculos comerciais se expandiam escala e velocidade sem precedentes, assim como as redes de comunicação, trincheiras sociais eram montadas intelectualmente.²²⁹ A procura por uma definição precisa de humanidade e por uma origem que explicasse a diversidade dos seres vivos e os motivos de suas trajetórias tão díspares traçou falsas analogias e, em decorrência, surgiram conceitos inócuos e vazios como o de raça.²³⁰ Lidar com as diferenças e com o desconhecido implicava deslocamentos e trocas de posicionamentos que corriqueiramente acabavam por não ocorrer. O afastamento, o temor, a sensação de perda das referências e do mundo conhecido e o permanente desejo em preservá-lo, em se firmar nele, geraram reações que enxergaram na cidade e no processo de mecanização da produção as causas do colapso social. O ataque aos vícios dos habitantes da metrópole ocorria dentro das expectativas frustradas e provinha do anseio da realização de uma reforma moral e social ou de sua destruição em defesa de um arcaísmo pré-industrial.²³¹

²²⁸ A teoria da recapitulação, difundida sumariamente, de acordo com as palavras de Gould, “pelo enganoso trava-língua a ontologia recapitula a filogenia”, define que “durante o seu crescimento, todo indivíduo passa por uma série de estágios que correspondem sequencialmente as diferentes formas adultas de seus antepassados” (GOULD, Stephen Jay. Dois estudos sobre o caráter simiesco dos indesejáveis. In: **A falsa medida do homem**, 1999, pp. 111-112).

²²⁹ GAY, 1995.

²³⁰ Cf. Felipe Fernández Armesto, **Então você pensa que é humano? Uma breve história da humanidade** (São Paulo: Companhia das Letras, 2007); Gould, 2003; Pratt, 1999.

²³¹ SCHORSKE, 2000.

A sensibilidade moderna emergiu das contradições da multiplicidade de olhares e expectativas com relação ao espaço urbano. O entendimento da duplicidade de Londres e sua segmentação passa por esse problema de perspectiva, como argumentou Williams. O imaginário criado acerca da capital do império britânico advém desse quadro repleto de angústias, dúvidas e projeções individuais e coletivas.²³² As Londres fantásticas das narrativas de Stevenson fazem parte desse painel.

2.3 Os jogos de claro e escuro: as Londres das narrativas de Stevenson

Inicialmente, o crescente interesse dos vitorianos pelas histórias de horror e mistério pode até parecer um contrassenso, uma vez que era notória, sobretudo na primeira metade do século XIX, a celebração promovida por certos grupos sociais em torno das experimentações e dos avanços tecnológicos e científicos e dos critérios lógicos e dedutivos que fundamentavam a ciência moderna.²³³ A euforia e o otimismo se respaldavam na percepção de que a sociedade vitoriana se enquadraria em um dos estágios mais elevados do processo civilizacional.²³⁴

O entusiasmo gerado pela aplicação das novas invenções na vida cotidiana gerou e sustentou, em grande medida, a crença de que o conhecimento científico solucionaria, com o decorrer do tempo, todos os males que acometiam a humanidade, inclusive as situações de penúria e miséria vivenciadas por uma parcela significativa da população britânica residente nas grandes cidades. O diagnóstico corrente para essas circunstâncias desfavoráveis oscilava (ou até mesmo promovia junções) entre a responsabilização dessas pessoas por sua própria desgraça e a confiança de que a ampliação e a difusão dos conhecimentos gestados pelas diferentes áreas dos saberes seriam fundamentais para por o fim a essas condições desfavoráveis.²³⁵ A racionalidade e o pragmatismo, conforme sugerem essas visões, seriam os traços constitutivos sobretudo das camadas abastadas, e se oporiam ao misticismo e às superstições atribuídas principalmente aos membros dos estratos populares.²³⁶

²³² WILLIAMS, 2011.

²³³ BRESCIANI, 1985.

²³⁴ GAY, 1988.

²³⁵ Cf. Bresciani, 2004; Gay, 1988.

²³⁶ STORCH, 1985.

Essa aparente contradição (e separação) entre racionalidade e irracionalidade, colocada em jogo pela distinção entre esclarecidos e ignorantes, muitas vezes nega, obscurece, os vínculos existentes entre as originalidades oriundas e configuradoras dessas experiências modernas e a proliferação dos relatos de viés sobrenatural. E se em algum momento esses relatos chegam a ser reconhecidos e apontados, são analisados a partir de duas perspectivas: uma na qual os seres fantásticos seriam criações destinadas à atribuição de sentido aos fenômenos desconhecidos ou derivariam de alucinações (reforçando assim indiretamente a falta de clareza associada ao senso comum), e outra em que essas criaturas sintetizariam os conflitos sociais e, grosso modo, funcionariam como uma espécie de projeção dos problemas enfrentados, um instrumento voltado para expurgar a culpa e os desconfortos da sociedade burguesa com o mundo fraturado e doente criado por ela mesma.²³⁷ A ficção, desse modo, restauraria a harmonia perdida. A despeito das diferenças, essas duas propostas interpretativas abrem caminhos para investigarmos como os relatos de horror e mistério interagiram e repercutiram as mudanças em curso nos âmbitos social, político e econômico e contribuíram para a construção e consolidação de um imaginário coletivo a respeito da sociedade britânica oitocentista. Vejamos como esta foi representada no seguinte fragmento de **O clube do suicídio**:

[...] this is the age of conveniences, and I have to tell you of the last perfection of the sort. We have affairs in different places; and hence railways were invented. Railways separated us infallibly from our friends; and so telegraphs were made that we might communicate speedily at great distances. Even in hotels we have lifts to spare us a climb of some hundred steps. Now, we know that life is only a stage to play the fool upon as long as the part amuses us. There was no more convenience lacking to modern comfort; a decent way to quit the stage; the back stairs to liberty [...].²³⁸ (STEVENSON, 2002, p. 10)

O excerto acima é um dos diálogos entre o Príncipe Florizel e o Coronel Geraldine com o Rapaz das Tortinhas de Creme. As três personagens de **O clube do suicídio** se conheceram em um bar na *Leicester Square*. Diferentemente do Rapaz das Tortinhas, que

²³⁷ Cf. Kira Cochrane, “Ghost stories: why the victorians were so spookily good at them” (*The Guardian*, 23 de dezembro de 2013); Franco Moretti, “A dialética do medo” (In: **Signos e estilos da modernidade**: ensaios sobre a sociologia das formas literárias. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007).

²³⁸ Tradução: “[...] vivemos em uma era do conforto e preciso lhes contar a última palavra em termos de facilidade. Temos compromissos em diferentes lugares e por isso as ferrovias foram inventadas. Como as ferrovias invariavelmente nos separaram de nossos amigos, foram criados os telégrafos, para que pudéssemos nos comunicar à distância com mais rapidez. Até mesmo nos hotéis temos elevadores que nos poupam de escalar algumas centenas de degraus. Ora sabemos que a vida é apenas um palco para bancarmos os tolos pelo tempo em que esse papel nos apeteça. O mundo moderno ainda sentia falta de mais uma comodidade. Um modo decente e fácil de abandonar esse palco, a escada dos fundos rumo à liberdade.” (STEVENSON, Robert Louis. **O clube do suicídio e outras histórias**. São Paulo: Cosac & Naify, 2011, p. 61-62).

entrará no bar espontaneamente para oferecer aos clientes tortinhas de creme, o Príncipe e o Coronel, disfarçados e interpretando papéis não condizentes com as suas reais posições sociais, se dirigiram ao local em busca de abrigo devido a uma forte chuva. Esse encontro fortuito e casual entre as personagens principais e um desconhecido alude a quatro aspectos e contingências bem características dos espaços urbanos: 1) a simultaneidade de vivências e a diversidade de experiências sociais manifestas em lugares distintos da cidade; 2) a combinação aleatória de acontecimentos súbitos e efêmeros; 3) a possibilidade da convivência e contato entre pessoas de diferentes camadas sociais (a heterogeneidade do perfil de seus habitantes difere Londres das cidades industriais);²³⁹ e 4) a facilidade com que se podia trocar de identidade, em uma época na qual ainda não se havia criado mecanismos de controle eficientes para identificar e singularizar os sujeitos imersos no grande contingente populacional presente nessas áreas.²⁴⁰

A questão da mobilidade urbana transcende as preocupações e as discussões urbanísticas concernentes ao tecido urbano, uma vez que as alterações físicas e materiais do meio incidem e repercutem diretamente nas formas de convivência e nas relações sociais.²⁴¹ Todavia, com isso não estamos dizendo que o ambiente atua preponderantemente na formação de caráter e comportamentos dos sujeitos, como faziam as interpretações deterministas, mas procuramos destacar o quanto as construções simbólicas e objetivas derivam dos sentidos e significados conferidos ao lugar pelas leituras e ações de seus indivíduos.²⁴² É esse o aspecto que molda as representações de Londres esboçadas nas narrativas de Stevenson interpeladas em nosso estudos. A cidade, em suma, foi concebida e pensada como uma criação humana, posto que seu funcionamento e suas feições se estabelecem a partir da junção das operações conscientes e imaginárias expressas pelas realizações de seus próprios habitantes.

Embora, em um primeiro momento, a fala do Rapaz das Tortinhas de Creme tenha enfatizado a mobilidade espacial, é possível inferir, tanto pelo final de sua fala quanto pela história trágica de sua vida, que suas colocações e sua situação também aludem ao fenômeno da ascensão e queda social e questionam sutilmente a carreira aberta ao talento, a

²³⁹ As cidades industriais inglesas tiveram sua organização e seu crescimento territorial e demográfico diretamente vinculados à indústria e, em decorrência disso, sua diversidade social e econômica, quando contrastada com Londres, é muito menor, já que sua população em grande medida se resumia a industriais e proletários (BRESCIANI, 2004).

²⁴⁰ GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

²⁴¹ PERROT, Michelle. Os operários, a moradia e a cidade no século XIX. In: **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

²⁴² BOURDIEU, Pierre. Efeitos de lugar. In: **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

mercantilização das relações humanas, o mascaramento das emoções e a fragmentação dos laços de solidariedade. As oportunidades de enriquecimento e reconhecimento social haviam sido, naquele momento, ampliadas, mas nem sempre os caminhos para alcançá-las eram claros e bem definidos, e exigiam de seu postulante sorte e a crença de que suas aptidões e empenho seriam recompensados. Como constataremos mais à frente, parte dessas temáticas também transparece no enredo e na construção da história do conto “Markheim” (1885).

São inúmeros os exemplos de personagens ficcionais que encarnaram a premissa de o indivíduo ser responsável por seu próprio destino.²⁴³ De Robinson Crusoe (1719, Daniel Defoe) às protagonistas de Jane Austen, como Elizabeth Bennet (**Orgulho e preconceito**, 1813) e Anne Elliot (**Persuasão**, 1817), todas essas figuras ficcionais venceram, através de sua inteligência e méritos, as adversidades que lhes foram impostas e galgaram uma melhor posição social.²⁴⁴ Todavia, não deixam de ser expressivos também os casos de personagens que, por conta da sua má sorte e de seus investimentos malfadados, foram à bancarrota, sendo este o caso do Rapaz das Tortinhas e, em alguma medida, o de Pip, personagem principal de **Grandes esperanças** (1861), de Charles Dickens.²⁴⁵

A circulação das personagens principais e de algumas secundárias em **O clube do Suicídio** e em **O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde** pelas ruas de Londres é constante. O movimento perpassa a narrativa e, conjuntamente aos crimes e ambiguidades do espaço urbano, molda os acontecimentos da trama. Apesar de as razões, motivações e circunstâncias das perambulações do Príncipe Florizel e do Coronel Geraldine diferirem muito das caminhadas dominicais de Utterson e Enfield e dos passeios noturnos de Hyde, os deslocamentos de todas essas figuras, além de sinalizarem para a apreensão da rua como um

²⁴³ GAY, 1988.

²⁴⁴ ARMSTRONG, Nancy. A moral burguesa e o paradoxo do individualismo. In: MORETTI, Franco (Org.). **A cultura do romance**. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

²⁴⁵ Existem algumas semelhanças entre a trajetória de Pip e a do Rapaz das Tortinhas, guardadas as devidas diferenças de enredo, protagonismos e desfechos. Ambos, herdeiros de uma fortuna considerável, deslumbrados com as possibilidades de diversões e gastos proporcionadas pela vida em sociedade em Londres, tiveram seus comportamentos e princípios alterados por conta das novas amizades e do estilo de vida estabelecido pelo *status* social que passaram a ocupar. A falência, ademais de render a eles a queda de prestígio e uma diminuição significativa no número de amigos, impossibilitou o alcance de uma vida feliz, próspera e ao lado da mulher amada. Ao contrário das outras personagens literárias citadas, nem Pip nem o Rapaz das Tortinhas de Creme foram capazes de lidar com destreza com as barreiras sociais que lhes foram impostas e, desse modo, se viram momentaneamente privados de constituir uma família conforme os padrões burgueses, algo condizente com algumas considerações feitas por Nancy Armstrong. Segundo ela, os romances vitorianos tendiam a refrear e a redefinir as motivações e regras de incorporação social, uma vez que a noção de contrato social, tida como fundante da sociedade britânica, havia ganhado contornos e princípios distintos dos vigentes no final do século XVIII e início do XIX, o que ocasionou uma mudança substancial nos enredos e percursos das personagens nas narrativas (ARMSTRONG, 2009).

dos grandes palcos de conflitos, conjecturam aspectos relevantes acerca da atmosfera urbana oitocentista e nos proporcionam meios para investigarmos uma série de inquietações e pensamentos estimulados pelas complicações, ansiedades e expectativas instauradas pela transitoriedade tão característica da vida moderna e pelas certezas e euforias motivadas pelo contínuo e progressivo desenvolvimento científico.²⁴⁶

Perceber a rua como um dos lugares em que se manifestavam os mais diversos embates daquele momento histórico é se atentar não somente para a pluralidade de forças e agentes atuantes nesse cenário de constantes e repentinas mudanças, mas também para a multiplicidade de anseios, interesses e perspectivas que moldavam, atravessavam e impulsionavam decisões, atos e comportamentos que tanto tensionavam e dissolviam os hábitos sociais tradicionais quanto esboçavam e consolidavam novos padrões e formas de condutas individuais e coletivas, evidenciadas pelos usos e apropriações do espaço.²⁴⁷ Nesse sentido, transitar pela cidade, a pé ou via transporte público, era correr o risco de se deparar com circunstâncias inesperadas e inusitadas, cada vez mais vivenciar situações nas quais os sentidos e as sensações nervosas eram hiperestimuladas e diariamente ter os reflexos testados e instigados.²⁴⁸ Verifica-se aqui a validade da constatação de Simmel e das ponderações de Benjamin a respeito do choque e do quanto a incitação constante dos sentidos e do nosso sistema neurológico redefiniram as capacidades e modos de percepção do ser humano.²⁴⁹

As cenas a seguir fazem parte da narrativa **O clube do suicídio** e descrevem a chegada do Coronel Rich em Londres após a sua participação em algumas campanhas do exército britânico na Índia.

Lieutenant Brackenbury [...] arrived in London at last, in the early season, with as little observation as he could desire; and he was an orphan, and had none but distant relatives who lived in the provinces, it was almost a foreigner that he installed himself in the capital of the country for which he had shed his blood.²⁵⁰
(STEVENSON, 2002, p. 52)

²⁴⁶ CALVINO, Italo. Natureza e história no romance. In: **Assunto encerrado**: discursos sobre literatura e sociedade, 2009.

²⁴⁷ GAY, 1988.

²⁴⁸ SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (Org.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

²⁴⁹ Cf. Walter Benjamin, **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo** (São Paulo: Brasiliense, 2000); Simmel, 2005.

²⁵⁰ Tradução: “O tenente Brackenbury Rich obteve considerável destaque numa das guerras travadas nas montanhas da Índia. [...] Por fim chegou a Londres no começo da estação pouquíssimo notado, como era de seu agrado; era órfão, não tinha ninguém além de parentes distantes que moravam no interior, e foi quase na condição de estrangeiro que se instalou na capital do país pelo qual derramara o seu sangue.” (STEVENSON, 2011, p. 123).

The succession of faces in the lamplight stirred the Lieutenant's imagination; and it seemed to him as if he could walk forever in that stimulating city atmosphere and surrounded by the mystery of four million private lives. He glanced at the houses, and marveled what was passing behind those warmly lighted windows; he looked into face after face, and saw them each intent upon some unknown interest, criminal or kindly.²⁵¹ (STEVENSON, 2002, p. 53)

"They talk of war", he thought, "but this is the great battlefield of mankind".²⁵² (STEVENSON, 2002, p. 53)

Partindo do princípio de que as personagens são construções da figura do autor, sendo assim, um dos mecanismos pelos quais ela delinea e expressa certas atitudes comportamentais e ideários, a primeira impressão transmitida pelos fragmentos citados é a sensação de ambiguidade experimentada pelo Tenente no momento em que ele se depara com o grande número de residentes londrinos e, a partir de uma mistura de desconforto, fascinação e encantamento, conclui que a grande cidade seria o verdadeiro campo de batalha da humanidade. Tais observações não só evidenciam os constantes embates travados no espaço urbano e denotam características relevantes da decorrente revolução nos sentidos, mas também trazem a percepção de que a atmosfera urbana portava uma aura de mistério, capaz de desencadear uma série de estímulos à imaginação daqueles que se defrontavam com uma conjuntura repleta de possibilidades.

Caminhar pelas ruas da cidade e observar as pessoas e a atmosfera urbana, como fazia a personagem do Tenente Rich, nada mais era do que um esforço de, através dos sentidos, procurar esquadriñar, sistematizar e atribuir significados, ou seja, tornar cognoscível o que até então causava surpresa e estarecimento. A circulação conjunta de indivíduos, que configurava o fenômeno da multidão, podia tanto causar uma sensação de repulsa, como a professada por Engels em seu relato sobre a classe trabalhadora inglesa, quanto de isolamento dos sujeitos. Os apontamentos do filósofo alemão nos habilitam a dizer que, não obstante ele tenha percebido na concentração populacional urbana um potencial acúmulo de forças (coletivas), a indiferença, a homogeneidade, os gestos e reações automáticas dos sujeitos ali reunidos lembravam, em linhas gerais, a padronização e a serialização instituídas pela produção fabril, algo que o estareceu profundamente. Pois,

²⁵¹ Tradução: "A sequência de rostos destacados pela iluminação das ruas atçou-lhe a imaginação; ele sentiu que poderia andar para sempre naquela estimulante atmosfera da cidade, cercado pelos mistérios de quatro milhões de vidas privadas. Olhou para as casas e ficou imaginando o que estaria acontecendo por trás daquelas janelas iluminadas de maneira tão aconchegante. Olhou bem para os rostos, um após o outro, e notou que cada um deles ocupava um interesse desconhecido, fosse de natureza malévola ou generosa." (STEVENSON, 2011, p. 124).

²⁵² Tradução: "'As pessoas falam das guerras', pensou, 'mas este sim é o grande campo de batalha da humanidade'." (STEVENSON, 2011, p. 124).

basicamente, todos esses fatores evidenciavam consideravelmente tanto a perda de certos atributos inerentes à nossa humanidade quanto a apatia e o marasmo com que essas pessoas passaram a ver e lidar umas com as outras e a importância conferida por cada uma delas aos interesses privados.

Nesse sentido, nota-se que a multidão londrina não agregava os indivíduos, muito pelo contrário: segmentava e destacava ainda mais seu retraimento e impessoalidade.²⁵³ Grosso modo, partindo desse contraste entre a uniformidade e o afastamento entre os indivíduos, vemos que se trata do que se denominar como paradoxo da multidão, cuja definição sumária seria a de se sentir só mesmo não se encontrando nessa situação.²⁵⁴ Esse desprendimento tácito dos passantes uns em relação aos outros era demasiado desconcertante e perturbador para os que ainda estavam acostumados com os padrões de sociabilidade de cidades ou comunidades pequenas, onde os moradores eram próximos, conheciam uns aos outros e qualquer atitude fora do esperado, ou seja, distante dos hábitos e dos costumes, era notada.²⁵⁵ Nos grandes centros urbanos, diferentemente, as liberdades individuais se manifestam de um modo sobressalente em razão do alargamento das possibilidades comportamentais e da maior independência dos diferentes componentes individuais e sociais entre si.

O estímulo aos sentidos nas grandes cidades se manifestava das mais diversas maneiras, que iam desde os esbarrões e encontros ao longo das trajetórias e caminhadas, da exposição de mercadorias nas vitrines até os odores oriundos do acúmulo de lixo e dos alimentos ofertados nas ruas.²⁵⁶ Todavia, em um dos excertos apresentados acima, é bastante perceptível que a curiosidade do Tenente Rich encontrava-se fundada em sua pretensão de inquirir, perscrutar e decifrar as intenções escondidas no íntimo dos transeuntes com os quais cruzou ao longo de seu percurso e das pessoas vistas através das janelas de suas casas. Há aqui uma semelhança com o conto de Edgar Allan Poe, **O homem da multidão** (1840), posto que o personagem principal da história, instigado pela fisionomia e trejeitos da figura singular de um velho, abandona a sua mesa no café e inicia uma perseguição desenfreada pelas vias de Londres na (frustrada) tentativa de identificar e prescrever a essência e os recônditos desejos

²⁵³ ENGELS, 2010.

²⁵⁴ Cf. Benjamin, 2000; Simmel, 2005.

²⁵⁵ WILLIAMS, 2011.

²⁵⁶ DICKENS, Charles. **Retratos londrinos**, 2003.

daquele ser misterioso. A não concretização do intento revela que a impenetrável interioridade humana não se deixa ser lida.²⁵⁷

Tal conduta exemplifica claramente qual foi o sentido que mais se sobressaiu e teve o seu uso intensificado na busca em apreender e compreender essa “nova era” e direciona, mesmo que indiretamente, para uma das posturas científicas vigentes no XIX, também presente em **O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde**. Ou seja, uma das razões de Utterson se sentir impelido a traçar qual seria a relação do respeitável e renomado Dr. Jekyll com o odioso e abominável Hyde foi a de visualizar uma porta secundária e marginal que dava acesso à casa do médico e, maiormente, o fato de Hyde tê-la utilizado.²⁵⁸

Isso torna claro que a observação opera como um instrumento fundamental para suscitar pensamentos e atitudes, a ponto de estes, a partir de uma triagem e da correlação entre os dados, construírem estratégias interpretativas e aprofundarem as conexões entre os episódios da história. Eis exatamente o que acontece após Utterson escutar o sinistro acontecimento contado por Enfield. Pois, sem querer, seu companheiro de caminhadas forneceu informações que justificaram os seus incômodos referentes ao testamento de Jekyll e o levaram a suspeitar que o médico estava sendo vítima de uma chantagem e correndo o risco de ter sua reputação manchada. Podemos, assim, afirmar que o olhar, além de ter funcionado como desencadeador de uma das conversas entre Utterson e Enfield em um de seus passeios rotineiros pelas ruas de Londres, desempenha a função de guia tanto para a imaginação do leitor quanto para o encaminhamento da narrativa. Os olhos abrem as portas da ficção e a leitura é a principal força motriz interna e externa da trama de Stevenson.²⁵⁹

Todas as cenas apresentadas acima acabam por sugerir comportamentos que denotam não só a constante tensão entre os domínios público e privado (portas e residências fechadas operando como elementos que tensionam os limites do que deve ou não ser alvo de especulações e vir a ser conhecido, assim como a curiosidade de Utterson), mas também a questão da revolução dos sentidos, cuja ênfase, conforme já mencionado, recaiu sobre o olhar. Como expôs Summerscale:

²⁵⁷ GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Prefácio. In: STEVENSON, R. L. **O médico e o monstro**. O estranho caso de Dr. Jekyll e Sr. Hyde. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

²⁵⁸ Acontecimentos narrados no primeiro capítulo do romance. Cf. Robert Louis Stevenson, “Story of the door” (In: **The complete stories of Robert Louis Stevenson: Strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde and nineteen other tales**. New York: The Modern Library, 2002).

²⁵⁹ ARRIGUCCI, Davi. A poesia da circunstância. In: STEVENSON, R. L. **O clube do suicídio e outras histórias**, 2011.

Os vitorianos viviam obcecados pela ideia de que os rostos e corpos podiam ser “lidos”, que a vida interior estava impressa nas formas e detalhes da fisionomia [...]. Talvez esse fascínio derivasse da primazia que desfrutava a privacidade: era aterrorizante e excitante que os pensamentos fossem visíveis, que a vida interior, guardada com tanto zelo, pudesse ser exposta instantaneamente.²⁶⁰

Essa tendência fisionômica, ao enfatizar o olho como “grande detector”²⁶¹, exprimia que a aparência, comportamentos e gestuais, quando bem observados, forneciam inúmeras informações. Transparece aqui aquela curiosidade demonstrada pelo personagem do conto de Poe comentado há pouco, o qual, antes de iniciar a caçada contra o “gênio do crime”, encontrava-se sentado em frente à janela de um café em Londres; atraído pelo movimento da rua, passou a esquadrihar os caminhantes conforme estes alcançavam o seu olhar. As descrições a princípio gerais, passam aos poucos a ganhar maiores especificidades, a ponto de, em um dado momento, como expôs Bresciani, o observador demonstrar “um conhecimento preciso dos elementos que compõem essa maré humana”, o que lhe permitiu ordenar e classificar os pedestres em conjuntos.²⁶²

Stevenson pôs em xeque essa sagacidade e essa crença no olhar que a tudo se atinha através da dupla identidade e do desenlace apresentado em **O estranho caso** e com a revelação do esquema de ingresso e “desligamento” do clube do suicídio, onde os próprios membros eram os responsáveis pelas mortes dos integrantes da associação; mas, devido à engenhosidade e planejamento perpetrados pelo Presidente, os assassinatos ganhavam a feição de terem sido meros acidentes. Demonstra, assim, que nem sempre as causas e motivações são reveladas pela exterioridade dos objetos (e/ou situações) e a complexidade da natureza humana está muito além da aparência.

Se por ora as interpretações, principalmente dos excertos, focaram a rua como expressão e palco das disputas simbólicas entre os distintos grupos da sociedade, a análise do enredo, a partir de outros dois trechos, tende, por fim, a explorar o quanto as narrativas de aventura, assim como os relatos de viajantes, estimulavam o imaginário ao trazer à tona uma série de subsídios destinados a circunscrever e incutir sentido ao que até então era desconhecido e negligenciado (pelos europeus). Todavia, Stevenson, ao se valer do olhar definido como estrangeiro, evidenciou que não era preciso sair do Velho Mundo para se defrontar com situações adversas, obscuras e portadoras de aspectos incógnitos. De certo

²⁶⁰ SUMMERSCALE, K. **As suspeitas do sr. Whicher**: a história real de um dos crimes mais chocantes da Inglaterra vitoriana e do detetive que inspirou Charles Dickens e Arthur Conan Doyle. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 117.

²⁶¹ SUMMERSCALE, 2009, p. 116.

²⁶² BRESCIANI, 2004, pp. 18-19.

modo, as novas experiências urbanas tornavam praticamente a todos uma espécie de forasteiro. O exótico ganhava contornos e feições a cada esquina, fosse pela heterogeneidade dos passantes, pelos traços exteriores e materiais das construções em geral, ou pela transitoriedade das circunstâncias esboçadas sobretudo pelas ascensões sociais e pela impessoalidade e rigidez dos vínculos entre os sujeitos e instituições.

Com efeito, a certa altura, o Tenente Rich, ao adentrar um coche, não deixa de apontar o quanto se sente um estrangeiro em Londres, reforçando as bases do princípio de estranhamento: a sensação de não pertencimento e distanciamento e o quão longe “viajavam” as informações acerca de Londres e a sua fama de cidade labiríntica e cenário de desaparecimentos repentinos e crimes estarrecedores.²⁶³ Se as explorações comerciais, científicas, militares e religiosas mitigavam a curiosidade dos habitantes europeus e suas ações estimulavam e fomentavam a produção e circulação dos relatos de viagem, esses mesmo desbravadores também recebiam e tinham a sua imaginação instigada pelas notícias provenientes de casa. Estabelecia-se, assim, um circuito de trocas, cada vez mais crescente e profícuo, de conhecimentos e difusão de informações, como demonstrou Mary Louise Pratt em **Os olhos do Império**²⁶⁴.

A excepcionalidade da capital do império britânico tornava oportuna a vivência de aventuras tanto quanto (ou até mais, guardadas as devidas proporções e diferenças) as áreas coloniais. As zonas pobres e miseráveis de Londres, ao mesmo tempo em que desafiavam o mundo civilizado, estruturado pelo progresso científico-tecnológico, serviam como fomento para as mais diversas análises de cunho social e higienista. Pois, de certo modo, as condições ali manifestas ultrapassavam os limites do que até então era tangente ao conhecimento humano acerca da degradação, fosse essa material, física, moral e social.

Em “The body snatcher” (1884), cuja tradução para o português pode variar entre “O rapa-carniça” e “O ladrão de cadáveres”²⁶⁵, a capital britânica é referenciada como o lugar de residência do Dr. Wolf MacFarlane e para onde se dirigia um latifundiário da região, que,

²⁶³ STEVENSON, Robert Louis. The adventure of the Hansom Cabs. In: **The complete stories of Robert Louis Stevenson**: Strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde and nineteen other tales, 2002.

²⁶⁴ PRATT, 1999.

²⁶⁵ “The body snatcher” – intitulado “O ladrão de cadáveres” na edição de **O clube do suicídio** publicada pela Cosac & Naify (2011) e “O rapa-carniça” na coletânea de **Histórias de horror** da Editora Unesp (2012) e na **Antologia de contos de horror** da Companhia das Letras (2005) – teve sua história inspirada em uma série de crimes de grande repercussão, ocorridos na segunda década do século XIX, na cidade de Edimburgo. Os chamados “assassinatos de Burke e Hare” ou “assassinatos de *West Port*” resultaram de um conluio entre William Burke, William Hare e o médico cirurgião Robert Knox. A motivação dos assassinatos residiu em obter cadáveres para as aulas de anatomia ministradas por Knox. Dos três envolvidos, Burke foi o único a ser julgado, condenado e enforcado.

devido a uma apoplexia, fez com o MacFarlane tivesse que se hospedar em uma pousada em Deberham. Pela cena e descrições iniciais feitas do personagem, presume-se que ele possui certo poder aquisitivo, uma vez que, ao reconhecer Fettes e temer que ele conte às demais pessoas como os dois se conheceram e os vínculos que os une, o médico logo tenta suborná-lo. Mais à frente, o leitor percebe que a mudança de MacFarlane para Londres se deu justamente para fugir de um passado sinistro. Na capital, em razão de suas dimensões física e populacional, era possível refazer a vida sem necessariamente ter que prestar contas ou ser julgado pelas ações indignas cometidas em um período anterior. Invoca-se Londres como o lugar de fuga.

No conto “Markheim”, assim como nas duas narrativas estudadas, Stevenson não estabeleceu descrições detalhadas dos bairros e regiões citadas de Londres.²⁶⁶ A maioria delas foi vaga e pontual; todavia, algumas referências e apontamentos nos permitem inferir o predomínio das zonas centrais e apreender informações bastante significativas a partir da leitura e interpretação dessas descrições no que diz respeito ao **O clube do suicídio** e **O estranho caso**. Não se pode dizer a mesma coisa da figuração da capital na narrativa mencionada logo acima, posto que o leitor só fica propriamente ciente de que a história se passa em Londres em decorrência do adjetivo “londrina” empregado para descrever o deslocamento das pessoas nas ruas, enquanto Markheim e o Antiquário encontram-se na loja. Nesse caso, são as personagens da história, caracterizadas em grande medida por seus comportamentos e profissões, que aludem ao cenário da cidade e à sua temida crise.

Na véspera de Natal, o personagem que dá nome ao conto, Markheim, entrou em um antiquário pertencente a um conhecido e pediu a ele que sugerisse um dos itens da loja como presente para a sua noiva. O diálogo estabelecido pelas duas personagens é curto, porém repleto de informações cifradas e relevantes para o entendimento e construção das personagens. Por meio dele, percebe-se que ambos realizam atividades de procedência

²⁶⁶ “Markheim” fez parte de duas coletâneas no século XIX, uma delas lançada em 1885, intitulada **The broken shaft: tales of Mid-Ocean**, na qual foram reunidos contos de inspiração natalina de distintos autores, e a outra em 1887, contendo apenas outras histórias curtas de Stevenson (**The merry men and other tales and fables**). A princípio, o conto foi encomendado para ser publicado no jornal inglês **Pall Mall Gazette**, justamente na época do Natal, mas, segundo Harold Orel e Kenneth Gelder, por questões editoriais acabou sendo preterido por outra narrativa do próprio autor, “The body snatcher”. Em grande medida, essa produção ficcional de Stevenson ecoa as abordagens e as estratégias literárias presentes em “O coração delator” (1843), de Edgar Allan Poe, e **Crime e castigo** (1866), de Fiódor Dostoiévski, pois, assim como essas duas obras, relata as angústias psicológicas vivenciadas por um assassino que, após se sentir impossibilitado de seguir com a sua deturpada vida, optou por confessar o seu crime. Cf. Gelder, 1984; Harold Orel, “Robert Louis Stevenson: many problems some successes” (In: **The victorian short story: development and triumph of a literary genre**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010).

duvidosa (negociações envolvendo objetos do gabinete do tio de Markheim), são supostamente bem sucedidos financeiramente e, para assim se manterem nessa posição, não hesitam em tirar proveito da ingenuidade de terceiros quando a oportunidade lhes aparece ou em aderir a prática de caráter especulativo e se vangloriar pela possibilidade de contrair um casamento vantajoso. Em poucas linhas e sutilmente, Stevenson enquadrrou o funcionamento do mundo moderno, esboçou o quanto o capital passou a intermediar e a ditar os trâmites das relações sociais e a busca cada vez mais obstinada pelas formas alternativas e rápidas de enriquecimento. Transparecem aqui duas das múltiplas facetas aludidas a Londres (e aos londrinos) no século XIX: a de grande centro financeiro, conjuntamente com o seu substancial potencial poder de atração de investimentos, e a do arrivismo social.

A conversa prossegue enquanto o antiquário mostra um espelho do século XV ao protagonista. O desconforto de Markheim, assim como a tensão e animosidade entre ele e o comerciante, cresce após se assombrar com o próprio reflexo no espelho. Motivado por um conflito interno, Markheim começa a indagar e a discorrer sobre a fugacidade da vida e as angústias perpetradas por atos e ações passadas que invariavelmente reverberam no presente, por mais que se tente escondê-las ou negá-las. O tema da consciência dividida, inquieta e desperta pelas contradições inerentes à natureza humana, bastante habitual nas histórias de Stevenson, começa a ganhar contornos para, posteriormente, postular sua centralidade no conto.²⁶⁷

Enquanto Markheim oscila e se mostra um sujeito em crise, à deriva nesse mundo cujas aparências, segundo ele, são falsas e mascaradas e em que as disposições se pautam em princípios pouco nobres e moralmente questionáveis, o antiquário mostra-se um sujeito firme, convicto, inconformado, perplexo e irritado com as inconstâncias e inclinações filosóficas do protagonista. Sem paciência ou parcimônia, o comerciante responde ao protagonista de forma ríspida e não esconde a frustração por ser incomodado com preocupações a seu ver triviais e pouco pertinentes. Ao contrário de Markheim, o comerciante, em linhas gerais, enaltece a racionalidade da vida e tem seus vínculos sociais fundados nas transações monetárias.

Assim como outras personagens avarentas, materialistas e nada emotivas da literatura inglesa, a exemplo de Ebenezer Scrooge (**Um conto de Natal**, 1843) e Thomas Gradgrind (**Tempos difíceis**, 1854) de Dickens, o antiquário exibe um comportamento rígido, cético, egoísta e é incapaz de demonstrar e aceitar qualquer gesto de empatia, benevolência ou

²⁶⁷ Cf. Alliata, 2005; Gelder, 1984.

afetuosidade.²⁶⁸ Toda a sua vida é gerida e contabilizada pelo tempo cronológico, processo metaforizado pelos variados relógios e antiguidades espalhadas pela loja e pelos lucros obtidos com as transações, as quais eram registradas metodicamente no livro contábil. Mesmo em um período de comemorações, união e solidariedade entre amigos e familiares, como o Natal, o antiquário se isola e, em um primeiro momento, reluta e demonstra insatisfação em ser procurado por Markheim, mas a possibilidade de ganho o faz reconsiderar e não abandonar as suas convicções utilitárias. Essa associação entre o comerciante e o utilitarismo se intensifica ainda mais se levarmos em consideração que ele não possui um nome próprio, mas é designado pela sua função. Grosso modo, não há distinção entre o sujeito e sua prática. É como se ele não só fosse moldado por essas concepções, e como também as encarnasse e as exemplificasse como um modelo vivo. O comerciante desempenha bem o seu papel como arquétipo: com a sua falta de escrúpulos e de humanidade, condensa em si indubitavelmente os interesses e códigos de grupos coligados (direta e indiretamente) às práticas alinhadas ao capitalismo e/ou ao liberalismo inglês.

Contudo, se as duas personagens de Dickens tiveram tempo para que pudessem se redimir ao passarem por períodos de provações e adotarem práticas mais conscienciosas e humanitárias, o mesmo não acontece com o antiquário. Totalmente corrompido já desde o início do conto, tem prescrita a sua impossível de redenção. Sua morte nas mãos de Markheim é um episódio-chave em muitos sentidos, porquanto marca a guinada no estilo da narrativa (minimização do “efeito do real”), a intensificação da inquietação e a crise de consciência do protagonista (delineada por uma maior introspecção), e emoldura mais três aspectos amplamente alusivos à Londres oitocentista, sendo os dois últimos não tão perceptíveis: os problemas voltados ao controle da criminalidade, a sensação de insegurança e a aura de mistério e fascínio suscitada pelo seu súbito, descontrolado e contínuo crescimento espacial (e populacional) e sua vinculação direta com o anonimato e a emergência do fenômeno da multidão.

Vejamos o que mais podemos inferir a respeito de Londres através de dois trechos sobre o Soho presentes em **O estranho caso**:

²⁶⁸ A despeito de as duas protagonistas de Dickens exercerem profissões distintas da do antiquário de Stevenson, uma vez que Scrooge era um agiota e Gradgrind era um supervisor escolar, as três personagens apresentam perfis sociais bastante semelhantes, pois rejeitam praticamente toda e qualquer demonstração de afetividade e veem no pragmatismo moderno um ideal a ser seguido. Cf. Aliatta, 2005; Gelder, 1984; Joseph Egan, “Markheim: a drama of moral psychology” (*Nineteenth-Century Fiction*, vol. 20, n. 4, 1966).

The dismal quarter of Soho seen under these changing glimpses, with this muddied ways, and slatternly passengers, and its lamps, which had never been extinguished or had been kindled afresh to combat this mournful reinvasion of darkness, seemed the lawyer's eyes, like a district of some city in a nightmare.²⁶⁹ (STEVENSON, 2002, p. 274)

As the cab drew up before the address indicated, the fog lifted a little and showed him a dingy street, a gin place, a low French eating house, a shop for the retail of penny numbers and twopenny salads, many ragged children huddled in the doorways, and many women of many different nationalities passing out, key in hand to have a morning glass [...]²⁷⁰ (STEVENSON, 2002, p.274)

Algumas observações antes de nos voltarmos aos excertos devem ser expostas. A primeira delas é que o Soho, em ambos os trechos, aparece como um circuito de viés alternativo, uma região permeada pela ideia de decadência, obscuridade e abandono. A segunda concerne ao dado de a residência de Hyde estar situada exatamente nesse bairro. Os dois excertos delineiam o trajeto de Utterson e da polícia aos aposentos do “protegido” de Jekyll. Era como se os bons cidadãos adentrassem um espaço caótico e sem ordem, visto *a priori* como parte não pertencente do mundo civilizado e não como a outra face do progresso. O encontro desses mundos tão distintos só se dava quando uma das partes, devido a alguma situação inusitada, era obrigada a cruzar a fronteira, na maioria das vezes em nome da ordem.

A ideia de Londres como ambiente de degradação da natureza humana não é nova e não teve as narrativas de Stevenson como suas primeiras e/ou últimas expoentes. Os traços farsescos e a aparência ambígua da sociedade britânica e de sua capital são recorrentes nos registros discursivos, apesar de sofrerem variações de tons e amplitudes, e sintetizam e veiculam uma série de sentidos comuns e estereótipos concernentes àquela realidade. A cidade pesadelo pode ser vista como correlata a algumas das facetas da cidade monstro, muitas vezes evocada como metáfora da própria Londres, símbolo tanto do progresso técnico-científico e da sociedade civilizada quanto da degradação humana – fosse esta decorrente da rigidez dos vínculos sociais e institucionais, da aceleração do tempo, devido às inovações tecnológicas e seus impactos na produção e no cotidiano das pessoas, das possibilidades de ascensão e queda provenientes do capital industrial e financeiro ou das condições sub-humanas às quais grande

²⁶⁹ Tradução: “A soturna região do Soho, vista à luz desses clarões, transitórios, com seus caminhos lamacentos, transeuntes desmazelados e lampiões que nunca se apagavam, ou que eram mais uma vez acesos para combater aquela fúnebre retomada da escuridão, parecia, aos olhos do advogado, um bairro de alguma cidade pesadelo.” (STEVENSON, 2011, p. 180).

²⁷⁰ Tradução: “Quando a carruagem parou diante do endereço indicado, o *fog* se dissipou um pouco e revelou a ele uma rua suja, um bar sórdido, um restaurante francês ordinário, uma quitanda que vendia livros por um tostão e hortaliças por dois, crianças maltrapilhas amontoadas juntas ao vão das portas e muitas mulheres de diferentes nacionalidades que passavam com suas chaves na mão, a caminho de um trago matinal [...]” (STEVENSON, 2011, p. 180).

parte dos indivíduos eram submetidos. Muitos deles, desamparados, sobreviviam às duras penas, e a quantia ganha não dava conta das necessidades básicas, o que os forçava a dividir aposentos, sem ou com pouca mobília e quase nenhum pertence. Para esses casos, o que restava era ou a intervenção via políticas sanitária (já que tais aglomerações eram sempre culpabilizadas pelas transmissões epidêmicas), ou o auxílio missionário ou, ainda, as Casas de Trabalho.

Apesar de Stevenson ter caracterizado a região central de Londres genericamente, o que contribui para a sensação de que essas descrições poderiam ser aplicadas a outras áreas, é bastante significativo o aspecto da construção do trecho estabelecer um jogo de luz e sombra (claro e escuro), ou melhor, opostos, cuja pretensão seria destacar as dimensões negativas do ambiente, a ponto de, em um primeiro momento, criar uma forte impressão de que o meio e seus habitantes portam e compartilham entre si características autorreferentes e previamente determinadas.

E essas dimensões eram extremamente reforçadas pelos comportamentos, vestimentas, trejeitos e fisionomias dos moradores representados. É como se, de certo modo, a pobreza e miséria do meio transparecessem nas atitudes, costumes e corpos dos residentes daquela região, tão singulares e mesmo inconfundíveis quando contrastados com os ocupantes e frequentadores das regiões entre a *Regent Street* e *Trafalgar Square*. Dessa maneira, não é nada surpreendente a localização dos aposentos de Hyde; é como se o meio social praticamente (confirmasse e) condissesse com a sua má fama e aterrorizante aparência (reforçando as suas diferenças com relação ao Dr. Jekyll). A situação começa a ganhar contornos mais dúbios a partir do momento em que Utterson e o inspetor de polícia são introduzidos nos aposentos do criminoso e vislumbram o bom gosto e requinte tanto dos pertences quanto da mobília e decoração existentes no local. Era como se os aposentos pertencessem a Jekyll e não ao Mr. Hyde.

Se localizarmos as referências e endereços fornecidos por Stevenson às suas personagens em um mapa da Londres vitoriana, chegamos às seguintes conclusões: 1) não era preciso sair da zona central para se defrontar com as agudas desigualdades e tensões sociais presentes na sociedade londrina e com o endurecimento das relações sociais (perdas dos laços de solidariedade), os sofrimentos e as condições insalubres e indignas descritas por Engels em **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra** (aliás, ele próprio percebeu a situação ao abordar as moradias de St. Giles, vizinhos imediatos de parte da mesma região destacadas por Stevenson); 2) Londres foi representada de maneira fragmentada e centralizada em ambas as

obras; entretanto é sobressalente a correspondência dos estereótipos vinculados às áreas evocadas e aos seus habitantes com as caracterizações sociais e espaciais contidas nos romances. Salientam o quanto ficção e realidade possuem uma via de mão dupla e tendem a interferir na leitura e significação uma da outra. Stevenson, embora de um modo aparentemente simples, sem sair da zona central, bagunçou esses mundos ao esboçar o quão tênues e fluidas eram as fronteiras entre as duas Londres e o quanto uma se fazia presente na outra, ainda que de maneira quase que imperceptível.

Com um enredo aparentemente simples, embora cheio de nuances, a narrativa de Stevenson, a partir da dupla identidade de Jekyll e Hyde, da ação detetivesca de Utterson e das divergências científicas de Lanyon e Jekyll, expôs apropriações e proximidades com as recentes experimentações e teorias das nascentes psicologia e antropologia evolucionista e minou as pretensões e os aportes teóricos da ciência moderna. A valorização do poder da observação e do caráter empírico e lógico do paradigma científico moderno desqualificava e minimizava a força do subconsciente, das emoções e dos impulsos instintivos na formação das identidades individuais e coletivas e, com isso, assegurava ser possível prescrever a natureza humana a um conjunto (fixo) de variáveis, vendo como imperativa a criação de mecanismos capazes de refrear e disciplinar tais ímpetus “irracionais”, transformando-os em virtude para o bem dos avanços civilizatório. A falibilidade desses métodos, como sinaliza a obra de Stevenson, residia em não perceber o quão enganosas podem ser aparências, o quanto era restritiva e dogmática essa tentativa de controlar todos os âmbitos da vida e, acima de tudo, pouco efetiva, uma vez que a interioridade dos sujeitos se mostrava insondável e indecifrável em sua plenitude e o potencial imaginativo do ser humano, para o bem e para o mal, quase sempre encontrava um jeito de transgredir os enquadramentos impostos pelas aceções racionais.²⁷¹

A amplitude e o dinamismo do conceito de cultura defendido por Stevenson colidia diretamente com o conceito de civilização e, em suma, invertia os pressupostos centrais do darwinismo social e da teoria da degeneração. Para o autor escocês, a existência do mal, ou seja, a capacidade dos seres humanos de cometerem atos atrozes, não estava meramente atrelada a resquícios de um legado de imperfeições genéticas, as quais

²⁷¹ Para maiores aprofundamentos acerca dos interesses e das leituras de Stevenson a respeito dos debates em torno da teoria da evolução e dos casos de multiplicidade de identidade e alternância de personalidade, cf. Richard Dury, “Crossing the bounds of the single identity” (In: Richard Ambrosini e Richard Dury (Org.). **Robert Louis Stevenson, writer of boundaries**, 2005); Reid, 2005.

transpareceriam na morfologia do ser, ou de falhas sociais anteriores.²⁷² Suas raízes eram muito mais profundas e certamente se estendiam e perpassavam a interioridade de todos os indivíduos. Ao perceber a cultura como uma síntese ativa e dinâmica das experiências e práticas sociais de diferentes temporalidades, Stevenson não concebia as mudanças segundo estágios rígidos e ascendentes e, muito menos, como resultantes apenas das ações consciente dos homens, mas, sim, como uma somatória de estímulos e resíduos latentes em nosso patrimônio cognitivo, cuja formação se dava em consonância com as circunstâncias manifestas. Apesar de os marcadores biológicos permanecerem no horizonte, tinha-se em mente que as condutas humanas não são, em sua totalidade, previamente determinadas pelas leis hereditárias.²⁷³

Diante disso, é possível concluir que o enquadramento das narrativas de Stevenson aglutina e repercute as tensões e o mal-estar social do *fin-de-siècle* oriundos do processo da modernidade e da consolidação do capitalismo industrial e financeiro e, conjuntamente com outras fontes, auxiliou a gestar e a transmitir uma visão difusa e sublime de Londres e da sociedade vitoriana.

²⁷² HERMAN, Arthur. As linguagens da decadência. In: **A ideia de decadência na história ocidental**, 1999.

²⁷³ Cf. Stephen Jay Gould, “A natureza humana do monstro” (In: **Dinossauro no palheiro: reflexões sobre história natural**, 2003); Reid, 2005.

Capítulo III

Arte e Ciência e a construção do Império

O fundamento do Império é Arte e a Ciência. Retire-as ou desgaste-as e não existirá mais Império. O Império segue a Arte e não vice-versa, como supõem os ingleses. (William Blake, **The complete poetry and prose of William Black**, 1982, p. 636)

A literatura é um dos instrumentos de autoconsciência de uma sociedade, de certo não o único, mas um instrumento essencial porque suas origens estão vinculadas às origens de diversos tipos de conhecimento, de vários códigos, de várias formas do pensamento crítico. (Italo Calvino, “Usos políticos certos e errados da literatura”, 2002, p. 344)

William Blake alterou consideravelmente a chave de leitura da relação entre as políticas imperialistas e suas representações artísticas e científicas ao considerar que os pilares e as bases de sustentação do Império partem da *arte* e da *ciência* e não o seu oposto. Sinalizou, assim, dois aspectos posteriormente defendidos por Edward Said em **Cultura e imperialismo**, sendo um deles a constatação de que as representações do Império desempenharam uma função importantíssima na construção e afirmação das práticas de conquista e dominação das áreas coloniais, e o outro, que é um desdobramento do primeiro, de que estas criaram suportes materiais e imagéticos para as experiências observadas e desenvolvidas nesses territórios. Ou seja, o impacto e a repercussão gerados pelas narrativas científicas e produções artísticas não só preencheram as lacunas mentais e alimentaram a curiosidade quanto ao exotismo e às diferenças apresentadas pelo espaço e habitantes das áreas coloniais, como também organizaram e enquadraram a vivência dos nativos segundo as concepções e parâmetros postulados pelo observador europeu, pela razão de oferecerem descrições e informações que ora corroboravam os boatos correntes, ora instauravam novas versões. Essa aproximação entre cultura e política, sugerida e amplamente estudada por Said, facultou estratégias e aberturas para que ambas as esferas sejam tratadas de forma integrada e não mais como autônomas e amparadas por práticas e simbologias, cujos valores e realizações não poderiam ser mais díspares e regulados por convenções diametralmente opostas.²⁷⁴

²⁷⁴ SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Pensar na relação estabelecida entre a Grã-Bretanha e suas possessões coloniais a partir de obras literárias britânicas oitocentistas é uma maneira de analisar os procedimentos manejados na construção do discurso literário e compreender como os britânicos representavam a si mesmos e aos espaços que foram conquistados e submetidos aos seus domínios, posto que os escritos ficcionais, em que as relações coloniais aparecem de algum modo referenciadas, nos possibilitam não só meios para explorar as bases nas quais essas representações foram construídas e os precedentes mobilizados, mas também para perscrutarmos e refletirmos sobre os recônditos vínculos existentes entre cultura e o desenvolvimento das políticas imperiais.

O “exame geográfico da experiência histórica” proposto e praticado por Said consiste na ampliação da perspectiva analítica dos escritos ficcionais, sobretudo oitocentistas, uma vez que os métodos de sua investigação e abordagem mostram que os grandes espaços das narrativas britânicas são, ao mesmo tempo, um “acompanhamento doméstico do projeto imperial de presença e controle no ultramar” e um relato “concreto sobre a expansão e os movimentos num espaço que precisa ser ativamente habitado e usufruído”²⁷⁵. Tais observações nos levaram a perceber as diferenças nas técnicas descritivas empregadas na figuração e alusão aos lugares invocados pelas histórias de vários autores britânicos. Enquanto as regiões localizadas na metrópole são expostas e avaliadas, os territórios estrangeiros são apenas brevemente mencionados. Atitude que, para Said, caracterizava a tácita aceitação de que as colônias estavam lá para servir para um determinado fim: “A narrativa explora esse lugares, move-se por eles e, por fim, atribui-lhes valores positivos e/ou negativos confirmatórios”²⁷⁶. A mera sugestão das possessões longínquas acabava por funcionar como uma reiteração do *status quo*, posto que, em algum grau, subscreve (e normatiza) a disparidade de poder.²⁷⁷

Não que, com isso, Said tenha desconsiderado ou deslocado para segundo plano os compromissos e propósitos ficcionais. Como ele mesmo escreve, “um romance não é uma fragata nem uma ordem de pagamento”, ele “existe primeiramente como obra de um romancista e, em segundo lugar, como objeto lido por um público”, mas tampouco isso se presta ao aval de entendê-lo como um “simples produto de gênios solitários (como tenta

²⁷⁵ SAID, 2011, p. 39 e p. 129. Embora tais trechos tenham sido redigidos tendo em mente as obras **Clarissa** e **Tom Jones**, achamos pertinente a sua ampliação, pela razão de não acarretar qualquer perda de sentido do argumento central.

²⁷⁶ SAID, 2011, p.142.

²⁷⁷ SAID, 2011, p. 138.

sugerir uma escola de intérpretes modernos, como Helen Vendler), a ser visto apenas como manifestações de uma criatividade incondicionada”²⁷⁸. Ao se distanciar de uma perspectiva idealista da esfera cultural, o crítico palestino foi capaz de inserir os artefatos artísticos no âmbito da “mundanidade” e observá-los sem qualquer forma de supervalorização, neutralidade ou de independência dos demais domínios das atividades humanas,²⁷⁹ além de evidenciar que não eram somente os relatos jingoístas, com suas apologias sumarizadas pela ode do “fardo homem branco”, os propaladores de uma “visão departamental do mundo”²⁸⁰. De forma alguma Said equipara os efeitos e as pretensões dos escritos imperiais àqueles que denunciaram as atrocidades e os abusos cometidos pela empreitada colonial. Seu intento consiste em sinalizar duas coisas: a primeira delas, já implicitamente indicada na abertura do capítulo, que não apenas o uso da violência garantiu a dominação e a posse dos territórios ultramarinos; e a segunda voltada a salientar que, muitas das vezes, mesmo os avessos à arrogância e às crueldades perpetradas por dados agentes europeus acreditavam, em algum grau, na validade do projeto civilizacional e dificilmente não hesitavam em rejeitar a possibilidade de uma reciprocidade entre as partes.²⁸¹ A própria disposição discursiva mantinha uma assimetria das relações.²⁸²

As representações pouco precisas e codificadas das possessões coloniais não são exclusividade das obras de Stevenson. Elas também são encontradas nos romances de Jane Austen, Charlotte Brontë e Charles Dickens, por exemplo. Ainda que se respeite a singularidade de suas escritas e histórias, todos esses ficcionistas se valeram dos mesmos princípios para emoldurar as possessões do além-mar. Afinal, era nesses lugares extravagantes que militares, comerciantes e burocratas administrativos prosperavam ao anexá-los às “porções civilizadas” e prosseguiram na empreitada de subjugar a natureza bruta aos desígnios humanos, ampliando, simultaneamente, o mercado consumidor para os produtos industrializados das potências do Velho Continente, quando não eram também os locais de destino dos criminosos sentenciados ao exílio, assim como dos indesejados socialmente.²⁸³

²⁷⁸ SAID, 2011, pp. 133-134.

²⁷⁹ Cf. Edward Said, “A representação do colonizado: os interlocutores da antropologia” (In: **Reflexões sobre o exílio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003) e **Humanismo e crítica democrática** (São Paulo: Companhia das Letras, 2007).

²⁸⁰ SAID, 2011.

²⁸¹ SAID, 2011.

²⁸² PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.

²⁸³ HOBBSAWM, Eric J. **A era dos impérios (1875-1914)**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

Isso nos leva a sublinhar que, embora a exploração econômica pautasse os laços entre metrópole e colônia e se fizesse presente de um extremo a outro do Império, a relação da Grã-Bretanha com os territórios anexados variava conforme os interesses, as potencialidades de investimento e lucratividade apresentadas por cada um deles, sendo também importante sinalizar que nem sempre havia uma consonância entre as resoluções públicas e privadas.²⁸⁴ Os próprios enredos e descrições ficcionais oitocentistas apontavam e simulavam as diferentes finalidades e utilizações desses espaços geográficos. O que não muda, entretanto, é que os nativos ganhavam presença e contornos a partir da ótica desses viajantes, ocupantes ou exilados europeus e os seus discursos, na maioria das vezes, sancionavam a lógica de agenciamento e promoção da perícia europeia para suplantar os impedimentos e perdurar nos ambientes remotos e “carentes” dos regramentos sociais e políticos e das comodidades modernas²⁸⁵ – algo levado ao extremo e imaginado abertamente sobretudo pelos romances de aventura redigidos no auge do imperialismo, como **As minas do Rei Salomão** (1891), de Henry Rider Haggard, e **Tarzan** (1912), de Edgar Rice Burroughs, e, de maneira mais atenuada, no conto “Os construtores de pontes” (1898), de Rudyard Kipling. Apesar das diferenças de enfoque e de manipulação dos métodos de abordagem e construção da trama narrada, tal qual a variação da proeminência (ou não) das regiões coloniais, nota-se que as obras de todos esses literatos exprimem, em algum grau, a perspectiva classificatória e totalizante configuradora dos mais distintos gêneros de relatos no século XIX.

Os três romances **Mansfield Park** (1814), de Jane Austen, **Jany Eyre** (1847), de Charlotte Brontë, e **Grandes esperanças** (1861), de Charles Dickens, tiveram parte de seus enredos e alguns personagens examinados por Said e constituem, junto a **O coração das trevas** (1899) de Conrad, exemplos de como os mecanismos narrativos exprimiam as normatizações sociais europeias e, mediante elas, regulavam as relações entre as personagens. Cada parte do império recebeu contornos e atributos semelhantes aos do mundo objetivo. No romance de Austen, as Antilhas figuram como o lugar das *plantations* e do uso do trabalho escravo; em **Jane Eyre**, Bertha Mason condensa uma série de estereótipos associados ao exotismo, à exuberância e aos perigos das regiões coloniais; e, no relato de Dickens,

²⁸⁴ Cf. Edgar S. Decca, “Literatura, modernidade e história” (**Rua**, n. 1, 1995); Eric Hobsbawn, **Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo** (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978); Susan Steinbach, “Ruling the world: imperialism” (In: **Understanding the victorians: politics, culture and society in Nineteenth-Century Britain**. New York: Routledge, 2012).

²⁸⁵ Cf. Nancy Armstrong, “A moral burguesa e o paradoxo do individualismo” (In: Franco Moretti (Org.). **A cultura do romance**, 2009); Said, 2011.

Magwitch evidencia tanto os renegados que não tem espaço em Londres quanto o estatuto de colônia penal do território australiano.

Tomando como amostra os livros de Rider Haggard e de Edgar Rice mencionados há pouco, os elementos narrativos e a própria composição e dinâmica do enredo explicitam as transposições e as acomodações do ideário eurocêntrico. Os triunfos de seus protagonistas, diante dos percalços e das adversidades confrontadas nas florestas das regiões anteriormente recônditas e inacessíveis do continente africano, repercutiam os avanços rumo ao seu interior (ainda) resguardado e não (precisamente) mapeado, e endossavam a confiança na nata e resoluta competência e racionalidade do homem branco para dispor de estratégias para se adaptar e converter o ambiente hostil e não domesticado às suas necessidades. Além de, claro, sua pronta eficiência em identificar a aplicabilidade e a otimização dos recursos disponíveis e, com isso, revertê-los em alguma forma de proveito (ou ganho, para sermos mais eloquentes). A perícia e a engenhosidade eram, assim, tidas como características congênitas dos ocidentais, em decorrência de sua ancestralidade, e se sobrepunham às condições e intempéries externas. Os limites e as imposições geográficas não mais faziam frente de uma maneira tão decisiva às ambições e aos esforços humanos, ou pelo menos era nisso que se acreditava.²⁸⁶

No entanto, tal asserção não implica a defesa da equiparação entre ficção e realidade objetiva, mas evidencia o quanto uma pode contribuir para definir e dar sentido a outra e estimular a imaginação humana acerca de seus próprios sonhos, anseios e intentos.²⁸⁷ A plausibilidade (e a veracidade) de um evento literário não necessariamente depende de sua confluência com os fatos ou da minúcia com que a representação é feita. Na máquina ficcional, cada peça tem uma operação, sem contar que há diferentes modos de se realizar uma leitura, além de que é preciso considerar os filtros que intermediam e as convenções norteadoras da relação entre a palavra escrita e seu produtor, assim como da palavra escrita com o leitor.²⁸⁸ Concordamos a afirmação de Calvino segundo a qual “a literatura não

²⁸⁶ SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

²⁸⁷ Cf. Peter gay, **Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann** (São Paulo: Companhia das Letras, 2010); Nicolau Sevcenko, **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República** (São Paulo: Companhia das Letras, 2003).

²⁸⁸ Cf. Roland Barthes, “O efeito do real” (In: **Literatura e semiologia**: pesquisas semiológicas. Petrópolis: Vozes, 1972); Robert Darnton, **Censores em ação: como os Estados influenciaram a literatura** (São Paulo: Companhia das Letras, 2016); Umberto Eco, **Seis passeios pelos bosques da ficção** (São Paulo: Companhia das Letras, 2009); Kate Flint, “The victorian novel and its readers” (In: David Deidre (Org.). **The Cambridge companion to the victorian novel** (Cambridge: Cambridge University Press, 2000); James Wood, **Como funciona a ficção** (São Paulo: Cosac & Naify, 2011).

conhece a realidade, mas somente seus níveis”²⁸⁹. Entretanto, em um momento em que a linguagem referencial reinava como modo de apreensão e exposição dos fenômenos, os limiares entre o universo inventado e o das vivências humanas foram reduzidos ao mínimo, as bordas das suas cercanias ficaram praticamente turvas.²⁹⁰

Dispondo-se cronologicamente as publicações ficcionais dos autores há pouco referenciados, de Austen a Rice, torna-se perceptível que os “ecos do império”, para nos valermos da expressão e título do artigo de Tim Youngs²⁹¹, não só se amplificaram com o transcorrer dos anos, mas também ganharam robustez e intensidade justamente no período áureo do imperialismo, de acirramento das rivalidades entre as potências europeias e da emergência das disciplinas voltadas aos estudos culturais.²⁹² A posição de **O clube do suicídio** entre os textos literários invocados é exatamente intermediária, e cabe salientar que a figuração da Índia em uma de suas histórias se aproxima mais das apresentações periféricas e codificadas feitas pelos antecessores de Stevenson do que da centralidade atribuída às possessões ultramarinas e de suas descrições vívidas e exuberantes elaboradas por seus contemporâneos, como Haggard e Kipling, ou do subsequente norte-americano Edgar Rice.

Interpretação que se provaria inversa caso tivéssemos optado por partir de algumas de suas ficções escritas e publicadas no último decênio do século XIX, cujas ambientações se deram em territórios, fictícios ou não, dominados por países ocidentais, e seus habitantes locais deixaram de ser meros figurantes ou parcamente visíveis, distanciando-se, portanto, das abordagens realizadas por Austen, Brontë e Dickens. Isso demonstra que a própria produção de Stevenson poderia ter sido utilizada como contraponto para prescrevermos esse movimento progressivo no qual as colônias passaram a ter enquadramentos cada vez mais incisivos ou, ao menos, panorâmicos, e sua população autóctone deixou de meramente sugerida. Todavia, esse encaminhamento se mostraria pouco eficaz para comprovarmos que não era uma prática singular ou isolada de um escritor e, sim, que tinha dimensões abrangentes e coletivas – algo que, em suma, corrobora o argumento de Said acerca de que “o vasto alcance ultramarino do poderio britânico” não era ignorado e, muito menos, contestado em sua total inteireza pelos letrados oitocentistas.²⁹³ Mas, ainda

²⁸⁹ CALVINO, Italo. Os níveis de realidade em literatura. In: **Assunto encerrado**: discursos sobre literatura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

²⁹⁰ Cf. Flint, 2000; Raymond Williams, “Realism and the contemporary novel” (In: **The long revolution**. New York: Penguin Books, 1961).

²⁹¹ YOUNGS, Tim. Echos of empire. **British Library**, 14 de maio de 2014.

²⁹² Cf. Said, 2011; Youngs, 2014.

²⁹³ SAID, 2011, p. 137.

assim, uma interpretação mais aguda dos autores alocados no *hall* dos imperialistas exigiria que abrissemos um parêntese no que diz respeito tanto às obras de Stevenson quanto às de Kipling, e até mesmo Rice, pelo fato de seus trabalhos indicarem as contradições inerentes ao projeto de expansão, assim como os limites da atuação e compressão dos europeus – sendo estes exatamente os pontos de partida dos estudos pós-colonialistas voltados a reavaliar os legados e a propor leituras alternativas das produções literárias desses autores.²⁹⁴

Pensando no papel de intermediação do material impresso, semelhante ao dos escritos científicos e de viagem, os romances foram dispositivos que criaram e veicularam uma visão circunstancial de mundo (de caráter individual e coletivo) e expressaram anseios e projeções acerca das práticas sociais, mesmo quando estas não eram abordadas explicitamente. Constata-se, assim, que se encontra nos mecanismos de estruturação da prosa moderna, em virtude de sua forma integradora e de caráter enciclopédico, um sistema de princípios e premissas que remetem e validam as aspirações e o empreendedorismo atrelados à ordem liberal das camadas médias²⁹⁵ – o que corrobora a apreciação de Calvino acerca de a “literatura escrita” já surgir “com o peso de uma tarefa de consagração e confirmação”²⁹⁶ dos arranjos sociais vigentes. Pois, apesar de, em seus primórdios, o gênero ter servido como meio de objeção ao pensamento clássico, à linguagem erudita e à hierarquia estamental, conforme apresenta Ian Watt em **A ascensão do romance**, a emulação da vida cotidiana foi um dos fatores determinantes para a redefinição dos conceitos de tempo e espaço, que passaram a ser vistos e tratados como para integrante e conformadora do entendimento das realizações humanas. A quebra com os procedimentos de escrita da tradição clássica caminhou lado a lado e contribuiu para o questionamento e a derrocada dos princípios e das estruturas sociais do Antigo Regime.²⁹⁷

Os paralelos traçados por Watt entre a escrita ficcional e as diretrizes filosóficas do empirismo britânico demonstram o protagonismo assumido pelo indivíduo e o quanto as suas ações interferem e moldam tanto os padrões sociais quanto as condições com as quais ele

²⁹⁴ Cf. Julia Reid, **Robert Louis Stevenson science and the fin-des-siècle** (Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2006); Caroline Rooney e Kaori Nagai, **Kipling and beyond: patriotism, globalisation and postcolonialism** (Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010); Edward Said, “O chamado da selva” (In: **Reflexões sobre o exílio**, 2003), **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente** (2007) e “Os prazeres do imperialismo” (In: **Cultura e imperialismo**, 2011).

²⁹⁵ WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

²⁹⁶ CALVINO, Italo. Cibernética e fantasmas (notas sobre a narrativa como processo combinatório). In: **Assunto encerrado**: discursos sobre literatura e sociedade, 2009, p. 213.

²⁹⁷ WATT, 2007.

se depara. Essa reação, esse choque entre sujeito e sociedade, se plasma na estrutura do romance e, concomitantemente, responde e atua de modo fundamental como ferramenta de transcrição e como condicionante das mudanças em curso.²⁹⁸ Nesse sentido, muito por conta da ampliação do escopo narrativo, as produções ficcionais não só (se apropriavam e) mediavam o acesso dos membros sociais aos debates científicos, como, inclusive, (difundiam e) regulavam os mecanismos e as normativas concernentes aos enfrentamentos e aos pilares de sustentação da sociedade em emergência naquele momento, dado que, como observou Said, na interioridade da prosa moderna se apresenta todo um conjunto “de referências sociais que depende das instituições da sociedade burguesa, de sua autoridade e poder”²⁹⁹ para o funcionamento e compreensão da trama pontualmente delimitada. Entretanto, como nos mostra a crítica Nancy Armstrong, essa posição em prol da mobilidade e do reconhecimento meritocrático, simbolizada pela ascensão dos protagonistas dos romances setecentistas e, sobretudo, do começo do século XIX, tais quais Robinson Crusoé (1719) e Elizabeth Bennet (**Orgulho e preconceito**, 1813), sofrerá uma alteração significativa na era vitoriana, uma vez que os setores médios consolidaram suas prerrogativas e, após as pressões e os rearranjos políticos (cujas bases remontam aos desdobramentos da Revolução Inglesa), passaram a compor os quadros institucionais.³⁰⁰

Durante essa época, a prosa britânica tendia, ao invés de celebrar a subversão, a se preocupar com o comportamento do indivíduo. Presumia-se que o sujeito deveria colocar suas necessidades particulares de lado em nome do bem comum e, portanto, abrir mão de certos benefícios, assim como controlar os seus instintos para não comprometer os avanços civilizacionais. É oportuno ressaltar que a defesa da moderação e da preservação dos alicerces do edifício social ocorria paralelamente ao processo no qual o Estado assumia gradualmente as incumbências de reger e punir a sociedade e as sublevações dos grupos sociais privados dos direitos instituídos pelo pacto civil, sendo que um dos intentos desses questionamentos sociais era o de pressionar pela abertura do sistema de representação política. Armstrong conclui que romance vitoriano “simplesmente não era feito para se revoltar contra a classe cujo surgimento ele mesmo havia tomado como objeto de análise e moralização, apesar das críticas que o próprio romance viria a levantar contra as práticas dessa classe na época do

²⁹⁸ WATT, 2007.

²⁹⁹ SAID, 2011, p. 130.

³⁰⁰ Cf. Nancy Armstrong, 2009; José Jobson de Andrade Arruda, **A revolução inglesa** (São Paulo: Brasiliense, 1990); Christopher Hill, **A revolução inglesa de 1640** (Lisboa: Presença, 1977); N. H. Keeble, **The Cambridge companion to writing of the English Revolution** (Cambridge: Cambridge University Press, 2001).

realismo e do modernismo”³⁰¹. Os protagonistas do romance vitoriano não são mais deslocados, muito pelo contrário, eles mesmos se analisam e fazem questão de se inserirem no corpo social e de se sentirem pertencentes a ele. Quando não, são os párias, os indisciplinados, que punham em risco os direitos e as prerrogativas garantidas pelo contrato ao corpo social. Dessa maneira vemos que longe de sobressair à diferença, o que se enfatiza é a homogeneização e a universalização de interesses.

Nancy Armstrong, de certa maneira, reforça o argumento de Said acerca de os romances oitocentistas emoldurarem e veicularem as configurações do contrato social. Armstrong e Said possuem interpretações divergentes a respeito de Bertha Mason ser ou não figura oposta à de Jane Eyre, mas a linha interpretativa estabelecida pelo ensaio da crítica norte-americana traz como mote o argumento de que houve uma alteração significativa na forma de conceber e significar as convenções sociais quando se compara os romances dos séculos XVIII e XIX. Ao analisar a posição, a origem e o destino de Bertha, Armstrong indicou as barreiras e os códigos que impossibilitavam a incorporação dessa personagem como membro da sociedade inglesa e chegou a conclusões muito próximas às de Said a respeito de o romance legitimar as hierarquias sociais vigentes e de o romance britânico do período vitoriano não desestabilizar a divisão do mundo em setores.³⁰²

O cotejo entre o percurso e os procedimentos de elaboração das personagens e dos enredos das histórias literárias, produzidas em distintos quartéis do século XIX, abre portas para sondarmos como as narrativas foram aportes indispensáveis para formar e definir as identidades dos atores sociais e, em razão disso, se tornarem, em certa medida, o que Williams conceituou como “comunidades cognoscíveis”³⁰³ – ponto que toca em questões que reportam tanto às escolhas dos recursos e da matéria do registro quanto ao(s) lugar(es) ocupado(s) pelo observador (autor e narrador) e a parcela do público à qual ele(s) se dirige(m). Substancia-se aqui o perfil de autoridade atrelado à figura do autor e do narrador e a existência de mecanismos de controle que subscrevem a produção e a circulação discursiva. Portanto, conforme apontou Said:

[...] esse sujeito escreve porque ele *pode* escrever e se referir não só a sociedade doméstica, mas ao mundo circundante. A capacidade de representar, retratar, caracterizar e figurar não está simplesmente à disposição de qualquer membro da sociedade; além disso, o “o que” e o “como” na representação das “coisas”, mesmo

³⁰¹ ARMSTRONG, 2009, p. 359.

³⁰² Cf. Armstrong, 2009; Said, 2011.

³⁰³ WILLIAMS, Raymond. Comunidades cognoscíveis. In: **O campo e cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

admitindo uma considerável liberdade individual, são circunscritos e socialmente regulados.³⁰⁴

Por mais que, naquele momento, o processo de democratização da sociedade estivesse em curso, a ideia de carreira ao talento desfrutasse de créditos consideráveis e o circuito letrado britânico passasse por um processo de ampliação de seus membros, é necessário que se reconheça, como pontuou Raymond Williams em seu breve ensaio “The social history of English writers”, que era preciso atender a certas prerrogativas e passar por crivos sociais para ingressar e pertencer ao ramo.³⁰⁵ Há aqui mais uma confluência entre as interpretações de Said e Mary Louise Pratt. Não obstante eles partam de documentações e propostas analíticas díspares, seus trabalhos enveredaram por caminhos que se intercalam e compartilham o argumento de que as descrições feitas das regiões subalternas resultavam majoritariamente de um olhar masculino, branco e europeu, cujos ideários, pilares de sustentação e protocolos reguladores eram oriundos e ratificavam, de acordo com as palavras da crítica canadense, “um discurso urbano sobre mundos não urbanos, um discurso burguês e letrado sobre mundos não letrados e rurais”³⁰⁶.

Porém, a despeito da supremacia burguesa e urbana e independentemente da assimetria de forças existente entre esses mundos, ambos os críticos apontaram que as reações e os enfrentamentos foram constantes e bem presentes. Além disso, salientaram que, mais cedo ou mais tarde, os sujeitos das margens se apropriaram dos instrumentos e formulações dos europeus e desenvolveram formas criativas e *sui generis* de resistência. O distanciamento e a pressuposição da falta de esclarecimento e instrução do outro acarretaram a idealização da passividade dos subalternos e a deturpação de suas motivações e das procedências de suas contestações. A intolerância e a arrogância se revestia, muitas vezes, de benevolência.

Apesar de as obras literárias oitocentistas citadas acima terem atingido uma audiência ampla e que estava além das circunscrições nacionais, em razão da expansão das redes comerciais e das mudanças atreladas às formas de comunicação e à massificação dos materiais impressos, jamais deve se perder de vista que, naquele momento, os escritores europeus escreviam para uma audiência basicamente europeia (ou melhor, ocidental, para assim incluirmos os Estados Unidos) – sendo necessário ter no horizonte também que muitos dos romancistas e dos leitores sequer haviam pisado nas colônias. Stevenson era justamente

³⁰⁴ SAID, 2011, p. 143.

³⁰⁵ WILLIAMS, Raymond. The social history of English writers. In: **The long revolution**, 1961.

³⁰⁶ PRATT, 1999, p. 72.

um desses exemplos, pois nunca havia estado em nenhuma área subordinada a uma metrópole europeia antes de sua longa jornada até as ilhas do Pacífico Sul no final da década de 80 do século XIX. Após uma curta estadia na Austrália, o autor e sua família seguiram e se fixaram em Samoa, e foi ali que ele se deparou diretamente com as disputas imperiais envolvendo britânicos e alemães, sobretudo.³⁰⁷

Para aqueles que não tinham conhecimento de causa direto, restava se apoiar na produção literária disponível a respeito das terras ultramarinas, revelando, assim, o diálogo e o suporte que as narrativas forneciam umas às outras. As realidades herdadas pelos romances funcionam como marcos para balizar as continuidades e as rupturas, pois apresentam vias para a realização de inferências acerca das premissas que sustentavam a retórica e os princípios descritivos mobilizados pelo enunciador. Em uma conjuntura tão carregada e nebulosa como a do *fin-de-siècle* e na qual a perspectiva global estava disseminada, o império e a identidade britânica ganhavam contornos e feições mediante tanto as circunstâncias internas quanto externas.³⁰⁸

Nesse sentido, é fundamental compreender que as próprias facetas da Londres oitocentista devem ser pensadas a partir desse painel, pois não somente as províncias foram utilizadas como contraponto para dimensionar a posição e as singularidades da capital. A presença das possessões coloniais era constatada pelas diversas mercadorias alocadas na zona portuária, sendo esse um dos sinais para aludir à riqueza e à hegemonia econômica desfrutada pelos britânicos e, indiretamente, pelo notório trânsito e concentração de estrangeiros em determinados bairros da cidade.³⁰⁹ Verifica-se aqui, mais uma vez, o emprego do modelo binário para a sistematização desses encontros, de que um dos desdobramentos foi a essencialização das identidades segundo a nacionalidade do indivíduo (ou dos aspectos gerais do agrupamento social no qual ele era encaixado).

³⁰⁷ É bem verdade que algumas das narrativas de Stevenson escritas durante a época em que residiu em Samoa foram contadas para o público local. “The bottle imp” (“O demônio da garrafa”, 1893) consiste em uma delas. Antes do início do conto, o autor escocês redigiu um comentário no qual toca nesse assunto e avisa sobre a peça utilizada como inspiração e para a adaptação do conto. A vontade de Stevenson em fazer conhecer aos seus compatriotas (e leitores) as circunstâncias e a população das ilhas era notória e é bem salientada em sua correspondência. Assim como Fanny Osbourne, alguns de seus amigos e pares não entendiam seu fascínio pelas intrigas transcorridas na região da Polinésia e por um estilo e condições de vida que se afastavam dos moldes civilizacionais. A parte final da biografia feita por Claire Harman oferece maiores detalhes sobre este assunto. Cf. Claire Harman, “The tame celebrity” (In: **Myself & the other fellow: a life of Robert Louis Stevenson**. New York: Harper Collins, 2005); Robert Louis Stevenson, “O demônio da garrafa” (In: Italo Calvino (Org.). **Contos fantásticos do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004).

³⁰⁸ SAID, 2011.

³⁰⁹ JONES, Gareth Stedman. **Outcast London: a study in the relationship between classes in Victorian Society**. London/New York: Verso, 2013.

É inegável a recorrência de Stevenson a determinados sentidos comuns e estereótipos para caracterizar ou diferenciar suas personagens em **O clube do suicídio** e **O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde**. Alguns perfis aludem às formulações criminalísticas amplamente debatidas durante o século XIX, às teorias econômicas a respeito do crescimento massivo da população, como a de Malthus, às ressonâncias da divulgação e adaptações dos conceitos-chave do darwinismo ou às uniformidades apresentadas pelas identidades nacionais. Contudo, é preciso entender esses recursos tendo em mente os elementos internos à obra, as convenções reguladoras de enunciação e recepção discursiva e as normas sociais vigentes naquele período, e não avaliá-lo isoladamente e/ou tampouco de modo independente. Todos esses elementos não são estáticos, eles variam com o tempo e, nesse sentido, as comparações de interpretações elaboradas em épocas díspares propiciam a apreensão dos resquícios das mudanças envolvendo as estruturas discursivas e a sociedade.

Tais observações não foram feitas com a finalidade de minimizar a cristalização e os efeitos dos clichês e das generalizações existentes nas obras do autor escocês, mas sim para ponderarmos a respeito das circunstâncias, dos mecanismos constitutivos e do *modus operandi* dessas simplificações mediante uma delimitada conjuntura e propósitos. O senso comum, conforme expressou Robert Darnton, exibe uma dada ordenação das dimensões sociais.³¹⁰ O mesmo ocorre no caso do estereótipo: ele é uma somatória de construções discursivas plasmadas. Sua desnaturalização requer o entendimento de uma multiplicidade de forças contingentes e dos aspectos conscientes e inconscientes da linguagem.³¹¹

Ainda nesse entroncamento envolvendo a criação das representações metropolitanas e coloniais, o prestígio desfrutado pelo que se entendia como teorias raciais e a convicção de que o desenvolvimento tecnológico era um sinal que afiançava a supremacia britânica e o seu destino manifesto como condutora da humanidade ao seu apogeu aprofundaram as clivagens entre os europeus e não-europeus. Embora, geralmente, os habitantes das extensões geográficas incorporadas ao império despertassem a curiosidade do colonizador, a alcunha de “primitivos” dada a eles carregava ambivalências que frisavam o que se assumia como descompasso, atraso, por conta dos seus modos de vida remeterem ao que se acreditava serem as fases iniciais do percurso civilizacional – o que colaborou para a instituição de parâmetros que subsidiaram as concepções a respeito da degeneração e,

³¹⁰ DARNTON, Robert. **O grande massacre dos gatos**: e outros episódios da história cultural francesa. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

³¹¹ SEIXAS, Jacy Alves de. Brasil, país do futuro: políticas do esquecimento e imagens identitárias da denegação. **Impulso**, v. 25, n. 64, 2015.

consequentemente, os predicados invocados para tipificar todos os que eram vistos como transgressores dos valores morais e do comedimento vitoriano.³¹²

Fica claro, portanto, que a apresentação de Londres como selva urbana passava pela adoção de preceitos e categorias decorrentes dos apontamentos forjados para dar concretude e visibilidade justamente ao que se pressupunha ser seu lado reverso: os domínios ultramarinos (e até mesmo seus vizinhos europeus).³¹³ A constatação das paridades nos modos de abordagens, a despeito de se reportarem a locais distintos, e do compartilhamento das matrizes de pensamentos nas quais estas construções se ancoram, nos abona a destacar que, grosso modo, a convergência entre arte e ciência, ademais de resultar na mútua validação de suas autoridades, sinaliza tanto a amplitude e a preponderância do emprego do modelo bipartido quanto a multiplicação das possibilidades de alcance e circulação dos pareceres e enquadramentos recorrentes. A ponto de, em determinados momentos, as imagens ganharem certa autonomia e, com isso, se descolarem e provocarem sombras nas dimensões de sua procedência temporal e geográfica. A naturalização passa pela assimilação e pela acomodação.³¹⁴

Nota-se, portanto, que a cultura não se encontra isenta e distante das demais (ordinárias) realizações humanas. Sua construção é atravessada por um conjunto de variáveis e sua atuação no desenvolvimento das capacidades e habilidades dos seres humanos é um tanto complexa, porém nunca estática e sem nuances. Prescrever como as instituições culturais e científicas atuaram e agiram, muitas das vezes, de forma persuasiva e decisiva na formação do Império faz com que nos deparemos com as condições e os movimentos que proporcionaram a formulação e a aceitação das disparidades com relação ao outro e das reações advindas desses jogos de opostos e afastamentos. O contraste entre obra e crítica ilumina as possibilidades de leitura.³¹⁵

Tratemos agora das representações codificadas do Império e dos estrangeiros nas duas narrativas de Stevenson desencadeadoras deste trabalho, **O clube do suicídio** e **O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde**.

³¹² JONES, 2013.

³¹³ DECCA, Edgar. O colonialismo como glória do Império. In: **O século XX: o tempo das certezas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

³¹⁴ PRATT, 1999.

³¹⁵ SAID, Edward W. A representação do colonizado: os interlocutores da antropologia. In: **Reflexões sobre o exílio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

3.1 A presença codificada do Império

Prestemos atenção no excerto a seguir:

Lieutenant Brackenbury Rich had greatly distinguished himself in one of the lesser Indian hill wars. He it was who took the chieftain prisoner with his own hands; his gallantry was universally applauded; and when he came home, prostrated by an ugly sabre cut and a protracted jungle fever, society was prepared to welcome the Lieutenant as a celebrity of minor lustre. But his was a character remarkable for unaffected modesty; adventure was dear to his heart, but he cared little for adulation; and he waited at foreign watering places and in Algiers until the fame of his exploits had run through its nine days' vitality and begun to be forgotten.³¹⁶ (STEVENSON, 2002, pp. 52-53)

Trata-se da abertura da história final de **O clube do suicídio**, “A aventura das carruagens de aluguel”. Tem-se aí uma breve apresentação do Tenente Brackenbury Rich. Seus grandes feitos nas batalhas em nome de seu país, apesar de terem ocorrido em uma campanha menor, foram suficientes para fazer com que sua reputação na Inglaterra o precedesse e lhe garantisse prestígio entre os seus compatriotas, tanto aqueles circunscritos no âmbito civil quanto das organizações militares. Isso o levava a preferir a permanência em territórios estrangeiros enquanto se recuperava do ferimento e da malária, já que contava com que a euforia vinculada à sua fama se amainasse com o passar dos dias – o que se mostrou verdadeiro, pois, quando colocou seus pés na capital britânica, as congratulações vieram somente por parte de conhecidos e daqueles com os quais em algum momento o Tenente se encontrou e entabulou conversações.

Como se pode verificar pela leitura dessa narrativa, a Índia e seus habitantes, ao contrário do que ocorre com Rich, são apenas citados e carecem de detalhes e de uma figuração mais encorpada. Grosso modo, nota-se que serviram para justificar as viagens e as razões do retorno do Tenente a Londres e, simultaneamente, ajudaram na caracterização do próprio personagem, uma vez que respaldaram e forneceram sentido às suas atitudes e trajetória. Ademais de comporem o quadro de referência para as suas tomadas de

³¹⁶ Tradução: “O tenente Brackenbury Rich obteve considerável destaque numa das guerras menores travadas nas montanhas das Índias. Foi ele que, com suas próprias mãos, fez prisioneiro o líder inimigo. Sua bravura foi aclamada em toda parte, e quando voltou para casa, debilitado por um grave golpe de sabre e combalido por um longo período de malária, a sociedade estava pronta para recebê-lo como uma celebridade de certa importância. Seu caráter, no entanto, distinguia-se por uma modéstia sincera; apreciava uma aventura, mas dava pouca importância a adulações; e, assim, preferiu aguardar em balneários estrangeiros e em Argel até que a fama de suas proezas esgotasse os seus nove dias de vitalidade e começasse a ser esquecida.” (STEVENSON, 2011, p. 123).

posicionamento e decisões, a personagem, em grande medida, sumariza o *ethos* militar. Diante disso, asseveramos que essas invocações operam como elementos destinados a dar plausibilidade e consistência à história central e à figura e personalidade de Rich.

Seu perfil aventureiro, sua rápida capacidade de observação e para inventariar as circunstâncias e as pessoas ao seu entorno foi explorada no capítulo anterior quando expusemos e comentamos as suas perambulações pelas ruas da capital britânica. Esses atributos, somados à sua curiosidade, acabam por levá-lo a conhecer o Coronel Geraldine, que se apresenta inicialmente como Mr. Morris e, posteriormente, em um diálogo mais restrito, adota seu disfarce usual como Major Hammersmith. Além de interligar as diferentes narrativas do enredo e, assim, encaminhar a história central para um desenlace, a causalidade que os une alude, mais uma vez, às vicissitudes que podem cruzar e redefinir os acontecimentos (diários) da vida dos habitantes de uma grande cidade, o estabelecimento de vínculos entre estranhos e, indiretamente, permite inferências a respeito da velocidade da circulação e do potencial das notícias para gerar “celebridades”, ainda que efêmeras.

A crescente complexidade da rede de relações humanas em um espaço compartilhado e criado pelas conjunções das atitudes de múltiplas pessoas tornava a metrópole e seus fenômenos sociais suscetíveis ao acaso mais do que qualquer outro lugar. Nesse sentido, a objetividade, correlata aos usos, disposição e circulação pelos espaços, e a fragmentação das relações sociais, assim como a formação de novos vínculos, seriam, portanto, desdobramentos tanto da aglomeração e do aprofundamento das associações monetárias quanto da necessidade de conter os constantes choques atrelados às variações e contingências que se manifestam diariamente no espaço urbano.³¹⁷

Conforme constatou Georg Simmel, em “As grandes cidades e a vida do espírito” (1903), as socializações na cidade instauram e resultam de diferentes estados psíquicos, e são atravessadas por uma gama significativa de fatores externos ao indivíduo, o qual é perpassado por desdobramentos que circunscrevem as dissensões entre a autonomia e a constrição das liberdades individuais.³¹⁸ Fica claro, portanto, que em um século notoriamente marcado por transições, os movimentos de abertura e restrições acentuavam a porosidade e a elasticidade das fronteiras e as impressões a respeito da instabilidade envolvendo os alinhamentos e as oposições dos interesses públicos e privados. Se pensarmos de forma ampla e global,

³¹⁷ SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCHARTZ, Vanessa R. (Org.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

³¹⁸ SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito [1903]. **Mana**, v. 11, n. 2, 2005.

compreendemos que o processo de formação (e readequação dos setores) da sociedade civil não só teve (e ainda tem) implicações profundas, como também norteou consideravelmente as elaborações das simbologias nacionais.³¹⁹

Mediante isso, compartilhamos dos argumentos de Said de que os escritos literários britânicos passavam bem longe de apenas se reportarem às transformações internas, uma vez que a ampliação das extensões territoriais dominadas (direta e indiretamente) acarretava em (novas) interconexões e as ações e reações transcorridas nos diferentes pontos do Império interferiam e impactavam, mesmo que com diferentes gradações, o quadro de composição e das relações de força entre as partes. De alguma forma, falar das colônias era se inserir em um campo de disputas e de representações saturadas ideologicamente, cujos legados e tensões ressoavam as polarizações e a setorização do mundo e praticamente não rompiam com os pressupostos que sustentavam a centralidade, o poderio e os avanços europeus.³²⁰

Mesmo nas narrativas em que as aberrações e bestialidades cometidas pelos colonizadores eram denunciadas (e o crítico palestino, na maioria das vezes, apontou **O coração das trevas** para salientar tal ponto), a população natural das áreas conquistadas não foi concebida como composta por seres independentes e que não necessitavam da tutela estrangeira. Ou seja, no fundo, há nessas obras uma convicção que afiançava as missões civilizacionais e subsidiava as noções de atraso e de dependência, posto que não há ênfase nas partilhas derivadas desses contatos e a reciprocidade de modo algum se encontra no horizonte do enunciador.³²¹ E, mesmo quando esta era aventada pelo produtor do relato, como demonstrou Pratt, ao esmiuçar o registro sentimental de Mungo Park, verifica-se que, além de não existir crítica à ideologia europeia, acabou por funcionar como um recurso que colaborou para exacerbar a impressão de verossimilhança e confiabilidade do que se contava.³²²

A supremacia do Ocidente é oriunda de um processo de apropriação que não remete os subordinados à sua devida e ativa participação nas trocas e transmissões de conhecimentos e técnicas. Essa omissão das origens e condignos créditos, somada à europeização de saberes e recursos anteriormente locais, acabou por sustentar a corrente

³¹⁹ ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

³²⁰ SAID, 2011.

³²¹ SAID, 2001.

³²² PRATT, Mary Louise. Anticonquista II: a mística da reciprocidade. In: **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.

percepção das supostas vantagens históricas do Velho Continente.³²³ O enaltecimento da inventividade (e da racionalidade) ocidental, sintetizada pelo progresso científico e tecnológico, ofuscava e negava com frequência qualquer admissão de equidade. E quando se atribuía alguma importância e grandeza aos povos subalternos, era devido a um passado remoto. Grosso modo, os vestígios materiais dessa época distante serviram como indicadores para ratificar o declínio e a imprescindibilidade de os europeus cumprirem a sua empreitada como agentes propagadores da civilização e, desse modo, reerguerem uma sociedade considerada em estágio de declínio.³²⁴

Isso nos leva a observar que esses escritos trazem em si, mesmo que algumas vezes veladamente, indícios que propiciam o mapeamento e a recomposição do quadro envolvendo os atores, as disputas e as variáveis que desencadearam e sustentaram o imperialismo e viabilizaram o predomínio de matrizes de pensamento dicotômicas e eurocêntricas, pois os pontos de partida e comparação realçavam e afiançavam os comportamentos, os estilos de vida e as instituições da Europa setentrional. Por intermédio dos contrastes fica patente que, nas narrativas britânicas oitocentistas, ao contrário do que acontece com as localidades domésticas escolhidas como cenário, a presença das possessões do além-mar é fortuita, sem densidade e remete justamente aos triunfos e/ou às práticas (sociais, políticas, econômicas e culturais) tidas como condizentes com o que se acreditava passar e com a presumida rotina existente nesses territórios longínquos – tais quais as plantações monocultoras nas Índias Ocidentais no caso da obra mais conhecida de Charlotte Brontë; os oficiais da marinha nas histórias de Jane Austen, que, em sua maioria, depois de anos de dedicação e viagens, conseguiam a independência e estabilidade financeira, como o Capitão Frederick Wentworth (**Persuasão**); a (satírica) caracterização do projeto de caridade capitaneado pela Mrs. Jellyby, destinado ao assentamento de famílias britânicas para o cultivo de café e responsabilizadas pela educação dos africanos das margens esquerdas do rio Níger (**A casa soturna**, 1853); a viagem de Herbert Pocket ao Egito a negócios ou sua mudança para o Oriente para gerir uma sucursal mercantil (**Grandes esperanças**), concretizando assim sua aspiração de ser empreendedor; e as já citadas vitórias nas colinas indianas do Tenente Rich.

Ademais de se tratarem de episódios secundários nas suas tocantes tramas, o nó de convergência de todos esses exemplos é o trânsito de cidadãos britânicos, com estadias

³²³ SAID, 2007.

³²⁴ SAID, 2007.

definitivas, de curta ou longa duração, pelas diferentes partes do Império e as possibilidades de enriquecimento, prestígio e renome daqueles que por alguma razão rumaram para exterior ou, no caso das *plantations* da *gentry*, investiam para assim ampliarem os seus rendimentos. Se as oportunidades para a concretização do sonho da ascensão social estavam escassas na metrópole, as colônias despontavam como possibilidade de atingir esse fim. As esperanças dos herdeiros de Crusoé foram redefinidas e as bases de suas liberdades foram formal e internamente reordenadas. Emigrar era uma alternativa para reajustá-las.

Certamente, a obtusidade de Mrs. Jellyby foi um modo de Dickens ridicularizar e acusar o (demasiado) interesse das organizações filantrópicas (e religiosas) em promover benfeitorias nas colônias e, em virtude disso, segundo a exposição narrativa, fecharem os olhos para as necessidades manifestas no próprio entorno. O intento aqui não é deslocar para segundo plano a reprimenda presente no romance, mas sinazá-la e colocá-la lado a lado com a imagem estável e naturalizada do espaço colonial. A ácida e controversa crítica à seletividade imputada a uma parcela da sociedade vitoriana contrasta com a lacônica alusão à missão civilizatória, à ocupação e ao uso da terra na região do Níger. Aliás, é exatamente na generalização que reside o trunfo das descrições superficiais, pois permite que elas se encaixem em qualquer lugar (diante uma dada conjuntura), corriqueiramente escapem das demarcações temporais e, sobretudo, acalentem certezas – devido à sua propensão em aplacar, ou melhor, suprimir as nuances e as indeterminações e, nesse sentido, funcionarem como uma espécie de arrimo, principalmente nos momentos de instabilidade.³²⁵

O empenho aqui não consiste meramente em sinalizar que com poucas palavras o episódio reportado define a finalidade e o estatuto da colônia com relação à metrópole. É bem verdade que isso ocorre. Contudo, tanto o preeminente incômodo demonstrado com as condições precárias vivenciadas por muitos moradores de Londres quanto a sumária apresentação da região ocupada na África contribuem para balizar a compreensão desses dois lugares, assim como de seus vínculos e do perfil de seus residentes. Integrar discursivamente as possessões imperiais acarretava conferir sentidos (positivos e negativos) aos papéis a serem desempenhados por cada uma das partes envolvidas e, conseqüentemente, prescrever as normativas de acesso, mobilidade e participação social.³²⁶ A circulação irrestrita e a tomada das terras tidas como disponíveis sintetizava o entendimento de que caberia aos recém-chegados tomar as decisões a respeito de seus usos e, assim, torná-las úteis e rentáveis.

³²⁵ Cf. Pratt, 1999; Said, 2011.

³²⁶ SAID, 2011.

A despeito da subjetividade intrínseca ao ato de ler, o olhar retrospectivo torna evidente que a prática conjunta e recorrente de diferentes escritores, ao longo do século XIX, em não dar voz aos subalternos e colocar os europeus para desempenhar as ações de destaque nas mais variadas formas de relatos foi um dos modos de propagar, consolidar e perpetuar a “visão departamental do mundo” e o seu dever de subjugar-lo.³²⁷ Tal afirmação não tem de maneira alguma o propósito de negar a existência de espaços de resistência e questionamento e que essas próprias narrativas contêm em si, umas em maior grau do que outras, aspectos que abrem caminhos para desestabilizar as bases do sistema de pensamento ocidental e principiar críticas aos seus valores e doutrinas fundantes. Porém, mais do que os procedimentos e os elementos de estruturação do texto, a abertura interpretativa, do mesmo modo que a sua angulação, conta fundamentalmente com a atuação e a articulação de repertório do leitor.³²⁸

Sangrar pelo país de origem, como fez o Tenente Rich, correspondia a assumir os desígnios e as prerrogativas patrióticas. Suas notórias gestas, mais a frente, são invocadas pelo Major O’Rooke, que também se colocou como uma pessoa digna de reconhecimento e que rendeu glórias à nação.³²⁹ Essa convicção de dever cumprido em nome de um bem maior evidencia a força de uma “comunidade imaginada”. O orgulho assinala o sentimento de pertença e exprime a tácita aceitação dos componentes sociais acerca dos elos “tradicionais” que os unem e os identificam perante o outro.³³⁰ Nesse sentido, se ampliarmos o quadro no qual se inserem o Tenente Rich e o Major O’Rooke, veremos que se trata de dois soldados patenteados, cujas façanhas reputam tanto suas individualidades quanto a instituição às quais eles pertencem, e que esta, se tomada em sua abrangência, simboliza e pode ser vista como um dos pilares de sustentação da conquista e efetivação da dominação perpetrada em prol do país que eles representavam. Assim, a autoridade da Coroa britânica se impunha diante dos demais países e se confirmava por meio da ação de seu exército; para sermos mais exatos, pelas suas vitórias e pelo levantamento de dados e informações feito pelos membros dos diferentes grupos sociais que se dirigiam para os quatro cantos do planeta impulsionados por uma conciliação de intentos privados e coletivos. Chega a ser desnecessário apontar que a burocracia e o poderio militar foram instrumentos importantes para a sustentação da hegemonia política e econômica da Grã-Bretanha.

³²⁷ SAID, 2011.

³²⁸ ECO, Umberto. **O super-homem de massa**: retórica e ideologia no romance popular. São Paulo: Perspectiva, 1991.

³²⁹ STEVENSON, 2002, p. 61.

³³⁰ ANDERSON, 2008.

As menções à Índia e às batalhas transcorridas em suas circunscrições geográficas são feitas em mais dois diálogos da narrativa de Stevenson. O primeiro acontece antes da apresentação de Rich ao Major, na inusitada festa promovida por Geraldine, e o segundo realiza-se posteriormente, em uma mansão abandonada nas imediações do canal, e conta com a participação de uma terceira figura, o Príncipe Florizel, além do par de oficiais. Na primeira ocasião, Geraldine, cumprindo o seu papel de anfitrião do evento, ao se apresentar ao Tenente Rich, mostra-se informado a respeito das performances do exímio militar nos embates contra “os cavaleiros bárbaros”³³¹. A colocação do Coronel é simples e direta ao situar os duelos no genérico, permutável e corrente binarismo civilização e barbárie.

Essa oposição não só se revestia das cargas e roupagens dos tempos passados, mas também assumia as conotações vinculadas àquele momento histórico, sendo que as sínteses dessa junção conformavam, na maioria das vezes, imagens programáticas, portadoras de reduções consideráveis para dar conta de uma totalidade percebida como estagnada, o que a tornava facilmente identificável tendo em mente as convenções propaladas. A mera referência a um oponente, sem qualquer nível de “densidade existencial”, para usarmos os termos de Said, o enquadra em uma categoria que por si só o transforma em um alvo e sanciona o uso da violência contra ele. Em linhas gerais, a designação coletiva, ancorada no modelo dicotômico, atravanca qualquer possibilidade de afinidade, pois a padronização dos indivíduos realçava as distâncias entre os conglomerados.³³²

Sucintamente, ao abordar a experiência da guerra e logo em seguida solicitar a flexibilidade de Rich com a quebra de algumas regras da etiqueta social, a fala de Geraldine, ademais de salientar a excepcionalidade da ocasião, reitera a rigidez (moral) do código militar e a integridade do oficial advinda da destreza em fazer o que foi possível em uma situação extrema para garantir sua sobrevivência e defender uma causa reputada como correta. A honra, a firmeza, o bom desempenho e juízo e, acima de tudo, a valentia de Rich como combatente diante do perigo, o fizeram, ao lado do Major, elegível para o posto de testemunha e árbitro do duelo que decretaria o fim de uma das associações mais sórdidas e perversas que já existiu na face da terra, fazendo paralelos com as palavras de Florizel.³³³ Transparece aqui um princípio elementar das narrativas de Stevenson: segundo a sua concepção literária, é durante a adversidade que os valores éticos revelam a interioridade e a

³³¹ “*barbarian cavaliers*” (STEVENSON, 2002, p. 56).

³³² SAID, 2007.

³³³ STEVENSON, 2002, p. 56.

inclinação humana, assim como é por meio do desconforto que se percebe a instabilidade da identidade – percepção que não se estendeu aos colonizados.

Os confrontos nas colinas funcionaram como um recurso ficcional para atestar a intrepidez do Tenente e o seu apreço pela aventura. Mas também para subscrever o seu reverso, a inclemência de Rich com os adversários, ao fazer “picadinho” deles, e o seu dever e a sua fidelidade à corporação nacional.³³⁴ Ao se fechar o círculo, de forma alguma há subversão, seja em primeiro ou segundo plano, da disposição binária apresentada pela configuração discursiva no que diz respeito à representação da área colonial, ao contrário do que acontece na figuração da metrópole. O campo semântico, mesmo com a aproximação mental das possessões ultramarinas, mantém os pesos, as medidas e as escalas das relações imperiais e do olhar eurocêntrico, embora não de maneira escancarada como se deu a partir da década final do século XIX.³³⁵

Tanto é que a conversa de Florizel com os dois militares acerca do “exército indiano e das tropas nativas” foi mais uma oportunidade para o Príncipe encantar seus juízes com as suas habilidades diplomáticas durante a exibição de um “notável cabedal de informações” e apontamentos equilibrados.³³⁶ Em suma, trata-se de um episódio de preenchimento para tornar as personagens familiarizadas, encaminhar a história para o seu desfecho e no qual os conflitos nas áreas coloniais foram tomados como algo dado, um mero pretexto para auxiliar na construção da personalidade magnânima e cativante do Príncipe. Não existe qualquer rastreamento das tensões e a abrangência da abordagem joga luzes somente em uma das partes envolvidas. Os europeus determinavam a si mesmos ao falar genericamente sobre os outros.

Nesse entroncamento de definições de identidades existe mais uma presença sobre a qual valeria a pena determos a nossa atenção. Seus mecanismos de elaboração permitem tecer contrapontos interessantes nesse painel de representações de perfis nacionais. Diversamente do que acontece com a Índia britânica, os Estados Unidos da América ganham presença na trama não apenas com menções, mas também com a figura de Silas Q. Scuddamore. Apresentado ao leitor na segunda história da narrativa, Silas funciona como um dos eixos de conexão com a trama central, assim como Brackenbury Rich no capítulo subsequente. Através desse personagem é acionado um conjunto de características associadas

³³⁴ STEVENSON, 2002, p. 56.

³³⁵ BRESCIANI, Maria Stella M. A situação colonial, ou a arrogância do colonizador. **Outras Palavras**, 12 de novembro de 2015.

³³⁶ STEVENSON, 2002, pp. 64-65.

aos nascidos na ex-colônia, que logo em seguida são atenuadas, pois Mr. Scuddamore não fazia jus a nenhuma delas, como se pode inferir a partir da caracterização abaixo:

Mr. Silas Q. Scuddamore was a young American of simple and harmless disposition, which was the more credit as he came from New England- a quarter of The New World no precisely famous for those qualities. Although he was exceedingly rich, he kept a note of all his expenses in a little pocketbook; and he had chosen to study the attractions of Paris from the seventh story of what is called a furnished hotel, in the Latin Quartier. There was a great deal of habit in his penuriousness; and his virtue, which was very remarkable among his associates, was principally founded upon diffidence and youth.³³⁷ (STEVENSON, 2002, p. 29)

Por meio de um duplo movimento, primeiro de afirmação e, posteriormente, de negação, sugerem-se e interligam-se eventos históricos a respeito da fundação das treze colônias, o seu desenvolvimento e os elementos conformadores de suas singularidades diante dos demais países (e até mesmo de suas dimensões internas). A nossa primeira impressão foi de que essa invocação da Nova Inglaterra, lugar de chegada e assentamento dos primeiros peregrinos, foi uma forma cifrada de fazer referência à importância dos princípios e da doutrina calvinista para a formação e distinção das comunidades estabelecidas naquela região. A diferença de Silas com relação aos seus conterrâneos pode ser entendida, em suma, como a negação de que sua personalidade possuía as intransigências manifestas pelos puritanos em alguns episódios históricos ocorridos naquele território, um tanto famoso pelas perseguições e pelos atos cruéis e vis cometidos contra todos aqueles tidos como uma ameaça à estabilidade da ordem social, por transgredirem as premissas e os rígidos preceitos religiosos reguladores de diversas dimensões da vida individual e comunitária. Todavia, é preciso salientar que Mr. Scuddamore não escapava totalmente de conter em si características atreladas ao calvinismo. O seu meticuloso cuidado com as suas finanças pode ser identificado com a austeridade e a disciplina puritana. Destaca-se, assim, que o não dito abre margens para sondagens do leitor, mas, ao contrário do que acontece com as alusões abertas, a decifração das omissões é feita em um terreno cujas delimitações e balizas estão prescritas. Não se trata de um campo de possibilidades interpretativas vago, amplo e movediço.

³³⁷ Tradução: “Mr. Silas Q. Scuddamore era um jovem americano de índole simples e inofensiva, algo ainda mais admirável se considerarmos que ele provinha da região da Nova Inglaterra, região do Novo Mundo não exatamente célebre por esse tipo de qualidade. Mesmo sendo riquíssimo, tinha o hábito de anotar todas as despesas numa caderneta. E havia escolhido conhecer as atrações de Paris desde o sétimo andar do que se costuma chamar de um hotel residencial no Quartier Latin. Havia grande dose de hábito em sua avareza; e suas virtudes, muito apreciadas entre seus companheiros, eram fundadas em especial na timidez e na juventude.” (STEVENSON, 2011, p. 90).

Algumas páginas mais adiante, quando o narrador brevemente expõe um histórico um pouco mais detalhado sobre a proveniência de Silas, o leitor fica ciente de que ele teve uma educação religiosa – o que em parte sustenta o nosso argumento de que a invocação da Nova Inglaterra passa pelas associações à sua ocupação e ao legado transmitido pelos puritanos; mas é necessário dizer que as referências não remetem apenas às dimensões religiosas, elas também enveredam para a política. O jovem Scuddamore era um republicano que tinha a ambição de concorrer à presidência de seu país. A própria referência à república norte-americana é um diferencial importante, uma vez que essa forma de governo é um dos emblemas da gênese da nação e da afirmação das instituições e dos valores amarrados para dar suporte à sua identidade nacional, visto que a singularidade desta é ainda mais reforçada na narrativa por ter sido colocada lado a lado com o que era até então o regime político predominante no Velho Mundo. Grosso modo, visamos a inferir que, enquanto a figura do Príncipe Florizel, herdeiro do trono da Boêmia, personifica a monarquia e seus princípios longevos, Silas simboliza a juventude, os ideais e ímpetos de uma sociedade cujos marcos de criação e autonomia eram recentes.

Essa individualização de Silas, esse olhar que desmonta as padronizações por meio dos seus próprios aspectos tomados como fundantes, assegura ao sujeito certa independência do que se acredita ser a essência de sua natureza, porém não a ponto de desconsiderar que as tradições e os costumes transmitidos pela memória e vivências coletivas também constituem fatores importantes para sua formação. Abre-se, assim, espaço para a variação e, por conseguinte, para a concepção de que a identidade se encontra em constante mutação, com o reconhecimento de que ela é moldada por condicionantes inerentes e externas ao indivíduo, ou seja, é um amálgama de experiências individuais e coletivas. Nunca é uma versão única, e muito menos acabada.³³⁸

Ainda que seja um dos traços da escrita de Stevenson não aprofundar os detalhes das constituições físicas e emocionais de suas personagens, o protagonismo e a concretude de Silas fornecem ao leitor rastros das suas origens e viabilizam o acompanhamento de suas reações e aprendizados durante as provações vivenciadas. Ao contrário dos indianos, Silas possui um passado, um presente e um futuro. Como um ocidental nascido em um país cujo poderio econômico, político e militar era significativo, tanto seu país quanto os Estados Unidos da América tinham o seu lugar na história da humanidade assegurado. Europeus e

³³⁸ SAID, 2007.

norte-americanos, apesar das rivalidades culturais, se encontravam no mesmo patamar no que diz respeito às configurações hierárquicas dadas ao mundo. Ambos circulavam livremente pelos quatro cantos da Terra e a sua mera presença física invocava as vantagens históricas que os faziam dignos e superiores diante daqueles povos vistos como atrasados na marcha do progresso.

Diante disso, observa-se que, apesar de Stevenson se valer de estereótipos vinculados à identidade dos norte-americanos e desmontá-los por meio de seus mecanismos intrínsecos, as suas narrativas não escapam de veicular impressões que reduziam o mundo a ocidentais e não ocidentais e, em certo sentido, respaldavam a arrogância e a prepotência dos pressupostos eurocêntricos e dos empreendimentos coloniais. Por meio do contraste de suas representações dos territórios e dos habitantes das zonas metropolitanas e do além-mar, identificamos não somente as limitações impostas por sua formação cultural, mas também seu conhecimento (direto e indireto) dos territórios estrangeiros. Mesmo sem ter a intenção, suas histórias corroboravam com a autoafirmação dos indivíduos provenientes das potências ocidentais, com o adendo de que, como vimos, não se trata de um caso isolado.

3.2 Natureza humana e os panoramas científicos

Iniciaremos a nossa incursão pelas aproximações literárias de Stevenson dos debates científicos do *fin-de-siècle* com as seguintes citações:

Florizel thought he had never seen a man more naturally hideous, nor one more ravaged by disease and ruinous excitements. He was no more than skin and bone, was partly paralysed, and wore spectacles of such unusual power, that his eyes appeared through the glasses magnified and distorted in shape. Except the Prince and the President, he was the only person in the room who preserved the composure of ordinary life.³³⁹ (STEVENSON, 2002, p. 17)

He is not easy to describe. There is something wrong with his appearance, something displeasing something downright detestable. I ever saw a man I so dislike, and yet I scarce know why. He must be deformed somewhere; he gives a strong feeling of deformity, although I couldn't specify the point. He's an extraordinary looking man, and yet I really can name nothing out of the way. No,

³³⁹ Tradução: “Florizel pensou que nunca tinha visto um homem mais naturalmente abominável, nem mais destruído pela doença e aventuras desastrosas. Era só pele e osso, sofria paralisia e usava óculos de um grau tão alto que através da lente era possível ver seus olhos tremendamente aumentados e distorcidos. A não ser pelo príncipe e pelo presidente, era a única pessoa na sala que mantinha a tranquilidade de quem leva a vida comum.” (STEVENSON, 2011, pp. 71-72).

...sir; I can't make no hand of it; I can't describe him. And it's not want of memory, for I declare I can see him this moment."³⁴⁰ (STEVENSON, 2002, pp. 259-260)

Apesar de pertencerem a narrativas diferentes de Stevenson, os dois excertos acima guardam similitudes notáveis. São observações feitas por duas personagens, respectivamente de **O clube do suicídio** e de **O estranho caso**, a respeito da aparência física de alguém sobre quem seus olhares recaíram em situações bastante adversas. Ambas as descrições salientam a repulsa advinda das anormalidades, vistas por um e percebidas pelo outro, da pessoa em questão.

No primeiro caso, o Príncipe Florizel revela as suas impressões a respeito de Mr. Malthus; e, no segundo, Enfield tenta responder a pergunta de Utterson acerca da fisionomia de Hyde. Enquanto com a caracterização de Florizel ficamos cientes das imperfeições que o levaram a se sentir incomodado com Mr. Bartholomew Malthus, na resposta dada por Richard Enfield, ele admite não conseguir precisar qual aspecto tinha a deformidade de Edward Hyde. Apenas reconhece sua pronta antipatia e o asco sentido ao defrontar-se com aquele “extraordinário” desconhecido. Não obstante Hyde fosse um indivíduo inconfundível e sua imagem permanecesse nítida na mente de quem o viu, era difícil encontrar palavras para dar conta de sua singular feição. Quando Utterson finalmente o intercepta em uma de suas rondas, reage do mesmo modo que o seu amigo:

Mr. Hyde was pale and dwarfish, he gave an impression of deformity without any nameable malformation, he had a displeasing smile, he had borne himself to the lawyer with a sort of murderous mixture of timidity and boldness, and he spoke with a husky, whispering and somewhat broken voice. All these were points against him, but not all of these together could explain the hitherto unknown disgust, loathing of fear with Mr. Utterson regarded him. “There must be something else”, said the perplexed gentleman. “There is something more if I could find a name for it. God bless me the man seems hardly human.”³⁴¹ (STEVENSON, 2002, p. 266)

³⁴⁰ Tradução: “Não é uma pessoa fácil de descrever. Há algo de errado com sua aparência, algo desagradável, algo sem dúvida nenhuma odioso. Jamais um homem me causou tamanha repugnância, e no entanto mal sei dizer por quê; ele deve ter algum tipo de deformidade, passa mesmo uma forte impressão de deformidade, embora eu não seja capaz de especificar o problema. É um homem de aspecto extraordinário, mas, ainda assim, não consigo identificar nada fora do comum. Não, meu senhor; é impossível; não consigo descrevê-lo. E não se trata de um problema de memória, porque posso afirmar que sou capaz de visualizá-lo neste exato momento.” (STEVENSON, 2011, p. 160).

³⁴¹ Tradução: “Mr. Hyde era pálido e nanico, dava a impressão de ter alguma deformidade, sem que, entretanto, houvesse alguma anomalia que pudesse ser apontada, tinha um sorriso desagradável, apresentara-se ao advogado com uma espécie de mistura devastadora de acanhamento e audácia, e falava com uma voz rouca, sussurrante, algo irregular; todos esses pontos depunham contra ele, mas nem tudo isso reunido seria capaz de explicar a repugnância jamais experimentada, a aversão e o medo com que Mr. Utterson o encarou. ‘Deve haver algo mais’, disse a si mesmo o perplexo cavalheiro. ‘Há algo mais, se eu ao menos descobrisse um nome para isso. Deus me perdoe, o homem mal parece humano!’” (STEVENSON, 2011, p. 169).

A voz do narrador apresenta uma descrição um pouco mais detalhada dos atributos físicos de Hyde. Com as informações fornecidas é possível imaginar, de forma ampla, o seu biotipo. Mas, ainda assim, não se encontram as razões desencadeadoras da aversão manifesta e compartilhada por todos que se aproximam dele, mesmo que momentaneamente. Utterson também se vê incapaz de discriminar os traços que lhe causam estranheza naquele ser. Certamente, sua ousadia e seu desprezo pelas regras de etiqueta ocasionavam uma má opinião; entretanto, a não identificação direta da anomalia e a falta de um vocabulário para apontar as origens da aversão e da sensação de deformidade acarretam as comparações com as criaturas sobrenaturais. Não à toa, Enfield se refere a ele como “demônio maldito” e Utterson afirma que Hyde não parece ser desse mundo e “difícilmente um humano”³⁴². O uso das metáforas contribui para a elaboração de imagens mentais potentes.

Fica notório, portanto, que os dois personagens descritos têm seus corpos milimetricamente mapeados, com a diferença de que, em um deles, os sinais de suas imperfeições se encontram visivelmente transcritos, o que não cria qualquer empecilho para determinar a proveniência da repugnância, enquanto que o mesmo não acontece com outro, pois a ausência de marcas prontamente identificáveis implica a dificuldade de encontrar um vocabulário adequado para explicar a automática reação de desprezo. Essas constatações são importantes para compreendermos o argumento de Robert Mighall a respeito do corpo nas narrativas góticas ser o próprio do lugar do horror e o meio utilizado pelos ficcionistas para se reportarem aos conceitos e às teorias biológicas e antropológicas amplamente discutidas e difundidas pela comunidade científica europeia naquele momento.³⁴³ Entretanto, apesar de as apropriações ficcionais não necessariamente se aterem às conotações dadas pelos cientistas, os paralelos entre arte e ciência indubitavelmente familiarizavam o público geral, se não propriamente com as sistematizações, no mínimo com as suas proposições e/ou seus arremates centrais.

Por meio de suas aparências distintas, Malthus e Hyde personificam características da tipologia criminal de Cesare Lombroso e sintetizam os princípios básicos das concepções atávicas.³⁴⁴ Embora desde o início a teorização do médico italiano tenha

³⁴² “*damned Juggernaut*”, expressão de Enfield no idioma original (STEVENSON, 2002, p. 257).

³⁴³ MIGHALL, Robert. **A geography of victorian gothic fiction: mapping history's nightmares**. Oxford: Oxford University Press, 2003

³⁴⁴ Cf. Stephen Arata, “Stevenson and fin-de-siècle gothic” (In: Penny Fielding. **The Edinburgh companion to Robert Louis Stevenson**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010); Linda Dryden, “Stevenson's gothic London” (In: **The modern gothic and literary doubles: Stevenson, Wilde and Wells**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2003); Robert Mighall, “Diagnosing Jekyll: the scientific context to Dr. Jekyll's experiment and Mr.

despertado severas críticas e objeções, seu modelo de “criminoso nato” e sua conclusão de que a criminalidade era um desvio do curso seguido pela natureza alcançaram uma vasta circulação e atraíram seguidores em diferentes países da Europa e nos Estados Unidos. Logo, constata-se que: primeiro, Lombroso e suas ideias conquistaram, no final do século XIX, projeção e fama internacional bastante expressivas; e, segundo, que o entendimento da decadência da civilização europeia tinha como uma de suas chaves explicativas o indivíduo degenerado.³⁴⁵

Rastrear as origens e as causas do retrocesso biológico era uma questão de ordem não apenas para assegurar a sobrevivência e perpetuação dos seres não corrompidos hereditariamente, mas também para encontrar medidas preventivas para conter a (preocupante) proliferação daqueles considerados afastados da ascendência evolutiva. Para o desconcerto de um número razoável dos integrantes da comunidade científica ocidental, na luta pela sobrevivência, inexplicavelmente, os mais aptos estavam sucumbindo.³⁴⁶ Diluíam-se diante da suposta multidão de degradados.

Por atavismos, entende-se que “todo organismo possuía certas características ‘perdidas’” oriundas de nossos ancestrais primitivos; estas “estavam prontas para reaparecer sob certas condições e seriam então transmitidas aos descendentes”³⁴⁷. A teoria da degeneração e o atavismo não foram invenções de Lombroso. Inclusive, antes da publicação da mais conhecida obra de Darwin, **A origem das espécies**, esses postulados eram temas correntes nos debates científicos oitocentistas, tanto para defendê-los quanto para refutá-los. As analogias com a natureza para explicar os comportamentos humanos não eram pouco frequentes. Herbert Spencer era um dos nomes que já havia enveredado para essa trilha. No entanto, a teoria da evolução apenas forneceu ainda mais munições para tais tendências, que muitas das vezes se apropriaram do pensamento do naturalista inglês para confirmar ou ilustrar suas próprias conclusões.³⁴⁸ Mas isso não implica dizer que o próprio Darwin tenha

Hyde embodiment” (In: R. L. Stevenson, **The strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde and other tales of terror**. London: Penguin Classics, 2002); Jane V. Rago, “‘Dr. Jekyll and Mr. Hyde’. A men’s narrative of Hyteria and containment (In: Richard Ambrosini e Richard Dury (Orgs.). **Robert Louis Stevenson**, writer of boundaries. Madison: The University of Wisconsin Press, 2005).

³⁴⁵ Cf. Pierre Darmon, **Médicos e assassinos na Belle Époque** (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991); Arthur Herman, **A ideia de decadência na história ocidental** (Rio de Janeiro: Record, 1999); Victoria Margreee e Bryone Randall, “Fin-de-siècle gothic” (In: William Hughes (Org.) **The victorian gothic: an Edinburgh companion**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2012).

³⁴⁶ HERMAN, 1999.

³⁴⁷ HERMAN, 1999, p. 124.

³⁴⁸ GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: o cultivo do ódio**, v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

passado ileso por colocações controversas e obscuras e que seus pensamentos não tenham deixado brechas para suposições e assertivas duvidosas, que hoje são prontamente refutadas. Para o mal e para o bem, conforme observou Arthur Herman, as teses do evolucionismo determinavam “que a história natural das espécies, incluindo os seres humanos, não seria mais fixa e imutável. O estudo da evolução poderia traçar não apenas a ascensão da espécie no decorrer do tempo [...], mas, ainda, o seu declínio e queda”³⁴⁹, o que por si só já abria uma margem considerável para aqueles que apregoavam um destino pessimista para a humanidade. Só que a contribuição maior veio no final de sua vida, quando Darwin sugeriu que o crescimento da civilização eventualmente poderia levar ao desequilíbrio dos mecanismos da seleção natural.³⁵⁰ Foi o que bastou para os defensores da degeneração considerarem plausível e pertinente a conclusão de que a regressão aos estágios primitivos era um fato.

O “criminoso instintivo” (outra forma de fazer referência ao “criminoso nato”) de Lombroso deve muito às descrições feitas pelo médico austríaco Bénédict Morel, que, nos anos finais da década de 50 do século XIX, defendia que as más formações físicas eram sinais do grau depravação do indivíduo.³⁵¹ Os traços discriminados por Morel constam na passagem abaixo:

Do ponto de vista físico, têm uma constituição franzina e débil. Sua estatura é pouco elevada, suas cabeças pequenas e mal conformadas [...], produzem estrabismo ou as deformidades das extremidades inferiores, bem como anomalias e/ou interrupção do desenvolvimento da estrutura íntima dos órgãos.³⁵²

A maior diferença é que, enquanto a caracterização feita por Morel dos membros das classes perigosas é sumária, apesar de também ser genérica, como se pode constatar pela citação acima, as de Lombroso se adequam às tipologias formuladas com base nos crimes cometidos, tais quais:

[...] os violadores tem a “fisionomia delicada”, os pederastas “distinguem-se por sua elegância feminina”, pelos cabelos longos e anelados, pela delicadeza e pelo aspecto infantil, que encontramos também nos incendiários. Mas os assassinos e ladrões arrombadores têm cabelos negros e crespos, a pele morena, o nariz aquilino, adunco, disforme, maxilares potentes, caninos muito desenvolvidos, orelhas de abano volumosas, o crânio achatado (plagiocefalia) ou em pão-de-açúcar (acrocefalia), a fronte deprimida, as arcadas superciliares proeminentes, zigomas (osso da maçã do rosto) enormes e, frequentemente,

³⁴⁹ HERMAN, 1999, p. 122.

³⁵⁰ HERMAN, 1999, p. 122.

³⁵¹ DARMON, 1991.

³⁵² MOREL *apud* DARMON, 1991, p. 42.

tatuagens pelo corpo. Os homicidas “habituais” são afetados pelo estrabismo, tem um “ar suspeito” e olhar vítreo, frio, imóvel e às vezes injetado de sangue.³⁵³

Os vínculos entre criminalidade e miséria foram traçados de diferentes maneiras ao longo do século XIX. Só que, conforme demonstrou Gareth S. Jones, nas décadas finais do século XIX o que antes era diagnosticado como um desvio moral passou a ser identificado como uma anomalia biológica. As ciências biomédicas aos poucos se inseriam no âmbito das discussões morais.³⁵⁴ Para Morel, os fatores determinantes para a degradação eram determinados pelo legado hereditário do indivíduo; contudo, os fatores externos podiam desencadear o retrocesso e o afastamento de uma matriz reprodutiva sadia e normal. A urbanização, segundo o médico austríaco, era uma das causas da degeneração.³⁵⁵ Desse modo, não é nada surpreendente que as fisionomias e os atributos atávicos carreguem semelhanças notáveis com as constituições físicas dos membros do operariado e também dos habitantes das regiões coloniais, uma vez que estes serviram como base para a reconstituição dos modos de vida e da aparência dos primitivos. A vida moderna sobrecarregava o uso do sistema nervoso e isso foi visto como uma das causas desencadeadoras do retorno dos traços e das atitudes selvagens.

Nenhum dos dois personagens de Stevenson pode ser qualificado como miserável. Somente um deles de fato cometeu crimes terríveis, o que nos leva a inferência de que um simbolizaria o “criminoso ocasional”, sendo passível de recuperação; enquanto o outro seria o “criminoso nato”, que estava além de qualquer forma de intervenção. Mr. Malthus frequentava esporadicamente o clube do suicídio para satisfazer o prazer mórbido de colocar sua vida em risco durante a realização do jogo de cartas, cujo objetivo era definir o assassino e a vítima da noite. Quanto à depravação de Mr. Hyde, quase nada sabemos, somente temos ciência do seu ímpeto violento quando este vem à tona em virtude de alguém ter interagido cordialmente com ele. A atitude cínica de ambos com a vida e com aqueles que os cercam lembra mais um aspecto da tipologia de Lombroso. Porém, esses personagens, ao não serem provenientes das camadas baixas da população, sugerem que os monstros estavam sendo procurados nos lugares e nas pessoas erradas. A exterioridade não define as inclinações e não prenuncia as ações dos sujeitos.

³⁵³ DARMON, 1991, p. 47.

³⁵⁴ JONES, 2013.

³⁵⁵ HERMAN, 1999.

Anos mais tarde, Max Nordeau, o mesmo médico que qualificou os artistas do final do século XIX como decadentes e depravados por considerá-los sem senso moral e corruptores das normas e dos bons costumes, chegou a conclusões até próximas das alusões presentes nas duas obras comentadas de Stevenson. Mas é necessário salientar que, apesar de algumas similitudes, essas conclusões não deixam de carregar significativas diferenças. Para Nordeau, os membros dos setores abastados, devido à sua ociosidade, eram os degenerados da civilização, algo que implica primeiramente o alargamento e readequação das categorias artísticas pronunciadas por Lombroso em sua análise dos gênios; e, segundo, a inversão da usual chave de leitura ao isentar os membros do operariado de serem portadores dos desvios biológicos ocasionadores das transgressões sociais e dos transtornos mentais. Só que, para Stevenson, o mal não era apenas uma manifestação do instinto humano. Suas raízes eram mais profundas e se encontravam presentes em todos os sujeitos, independentemente de sua posição social. A leitura das aparências não era um meio ou a fonte adequada para entender as complexidades da natureza humana. Hyde foi a forma de demonstrar que essa era uma empreitada malfadada. A individualidade não era algo que poderia ser encaixado em sistematizações construídas pela ótica das semelhanças e das permanências, cujos critérios avaliativos eram arbitrários e subjetivos, apesar do revestimento e da rigorosa aplicação do método científico.

Franz Joseph Gall e Paul Broca foram outros médicos cujos trabalhos serviram como referência e forneceram subsídios para o arcabouço do pensamento de Lombroso. O primeiro é conhecido por suas pesquisas acerca da morfologia craniana e por defender que o formato da cabeça dos sujeitos indicaria qual o grau de sua inclinação para a criminalidade, assim como possibilitaria a leitura de sua personalidade. Já Broca é famoso, em primeiro lugar, por argumentar que o tamanho do cérebro seria equivalente à inteligência de seu detentor; e, segundo, por ter sido um dos estudiosos a determinar o homem branco, oriundo das camadas dominantes, e ainda sem deixar de ter em mente as variações das nacionalidades, como o modelo de ser superior. Por possuir as maiores medidas, o tamanho do cérebro dos homens brancos servia como parâmetro para o ranqueamento de todos os outros indivíduos, pois apresentaria os estágios mais avançados do desenvolvimento humano e as bases para as prescrições do que se denomina normalidade.³⁵⁶ Segundo essa linha interpretativa, a supremacia do homem branco era uma determinação da natureza. Não faltaram

³⁵⁶ GOULD, Stephen Jay. Medindo cabeças. In: **A falsa medida do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

questionamentos a essa padronização estabelecida por Broca e medidas que contradiziam seus pressupostos e categorizações, mas, ainda assim, o médico francês manteve a sua convicção, e a ampla propagação de suas noções originou uma escola de seguidores.³⁵⁷

Não demorou muito para que a miscigenação racial também fosse tida como uma das razões da decadência da civilização europeia. O aumento do fluxo migratório e do contato entre os diferentes povos em virtude da globalização acarretava incômodos. Arthur Gobineau propôs que o sangue portador do vitalismo e das características de excelência da humanidade, sintetizadas pela figura dos arianos, estava sendo diluído e em uma velocidade até então sem precedentes. O fim da aristocracia e a ascensão dos mecanismos democráticos ancorados na participação popular fizeram Gobineau lamentar os rumos tomados pelo mundo moderno e afirmar categoricamente que sua decadência era mais do que certa. A reprodução das raças inferiores estava muito avançada e o número de filhos que seus representantes tinham era muito maior do que os dos últimos descendentes da raça ariana. Não havia esperança de qualquer estabilidade para as débeis instituições modernas. Indivíduos carentes de autodeterminação assumiriam seus cargos e levariam a sociedade ao seu incontornável colapso. Era preciso decair para que um recomeço pudesse acontecer. Os dramáticos e infundados desatinos de Gobineau não foram muito bem recebidos na França, por soarem absurdos e decadentes em demasia, mas ganharam uma notoriedade significativa na Alemanha.³⁵⁸

De forma contundente ou tangencial, todos os homens de ciência mencionados acima atacaram as bases e o otimismo das concepções e das agendas liberais. Proveniente de um período atravessado por incertezas e singularizado por um crescente materialismo, a impressão de uma crise interminável era sintoma de uma sociedade em busca de respostas e saídas em um mundo em constante transformação e carente de qualquer referência correspondente e modelos comparativos. O passado não só assombrava o presente e o futuro, como parecia ser um lugar mais seguro e estável. Esse viés que pende para uma postura ora conservadora e ora reacionária é um tanto característico dos escritos oitocentistas, principalmente nas décadas de turbulência. No entanto, mesmo os mais apocalípticos e assombrosos deles evidenciam que seus redatores ainda não haviam desistido completamente da humanidade, pois confiavam que esta poderia ressurgir das cinzas após ser destruída.

³⁵⁷ HERMAN, 1999.

³⁵⁸ HERMAN, 1999.

Segundo Arthur Herman, já nos anos finais do século XIX, a degeneração não era mais considerada uma anomalia e sim uma condição da vida moderna.³⁵⁹ A mesma ciência que determinava o crepúsculo da civilização acreditava, no fundo, possuir as ferramentas necessárias para salvá-la e reerguê-la. No campo de batalha da humanidade, os homens de ciência estavam obstinados em descobrir nossas origens, traçar nosso percurso e, em grande medida, delinear o nosso futuro. Apesar da cooperação internacional da comunidade científica, esses discursos construídos em cima de pressupostos que dividiam os seres humanos em inferiores e superiores, com base no que eles agregavam ou deixavam de agregar ao patrimônio material e epistemológico, contribuíram para fomentar as rivalidades entre os países europeus e para gerar o clima de tensão que desencadeou o episódio que decretou o fim do “longo século XIX” (para usar a expressão de Eric Hobsbawm), a Grande Guerra Mundial. A civilizada Europa preparou o terreno e a atmosfera para protagonizar um dos acontecimentos mais bárbaros da história da humanidade.

3.3 Os ânimos do *fin-de-siècle*

Consideremos o testemunho a seguir:

It was on the moral side, and my own person, that I learned to recognise the through and primitive duality of man; I saw that, of the two natures that contended in the field of my consciousness, even if I could rightly be said to be either, it was only because I radically both; and from an early date, even before the course of scientific discoveries had begun to suggest the most naked possibility of such miracle, I had learned to dwell with pleasure, as a beloved daydream, on the thought of separation of these elements. If each, I told myself, could be housed in separate identities, life would be relieved of all that was unbearable; the unjust might go his way, delivered from the aspiration and remorse of his upright twin; and the just could walk steadfastly and securely on this upward path, doing the good grace and penitence by the hands of this extraneous evil. It was the curse of mankind that these incongruous faggots were thus bound together – that in the agonised womb of consciousness, these polar twins should be continuously struggling.³⁶⁰ (STEVENSON, 2002, p. 307)

³⁵⁹ HERMAN, 1999.

³⁶⁰ Tradução: “Foi no lado moral e em minha própria pessoa que aprendi a reconhecer a complexa e primitiva dualidade do homem; vi que, das duas naturezas que lutavam no campo de batalha da minha consciência, mesmo que se pudesse dizer sem erro que eu era uma ou outra, eu era radicalmente ambos; e desde o começo, mesmo antes de o desenvolvimento das minhas descobertas científicas ter começado a me sugerir a mais remota possibilidade de tal milagre, aprendi a demorar-me com prazer, como se num precioso devaneio, na ideia de separação desses elementos. Se cada um, pensei, pudesse ao menos ser abrigado em identidades distintas, a vida seria aliviada de tudo o que era insuportável; o injusto poderia seguir seu caminho liberto das aspirações e do remorso de seu gênero mais honrado, enquanto o justo poderia caminhar inabalável e com segurança em sua trajetória ascendente, realizando as coisas boas, das quais extraía grande satisfação, não mais exposto à desgraça e penitência por obra daquele mal extrínseco. Foi a maldição da humanidade que esses dois ramos incompatíveis

São várias as portas de entrada para o estudo do duplo na produção ficcional de Robert Louis Stevenson.³⁶¹ Fizemos uso da mais tradicional delas, pois o fragmento acima foi extraído da declaração de Jekyll a respeito de seu próprio caso. Partimos exatamente da narrativa considerada por grande parte dos críticos literários, sobretudo pelos os especialistas em Stevenson, como aquela que evidencia a forma criativa com que o autor escocês se apropriou e amarrou tradições literárias e culturais e lançou as bases para novos desdobramentos relacionados ao duplo, devido ao tratamento e aos contornos dados ao tema³⁶² – o que, em grande medida, justifica a farta produção de pareceres que alternam entre, ou até combinam, um olhar verticalizado e abordagens plurais constituídas a partir de paralelos com as obras de escritores precursores, contemporâneos e sucessores de Stevenson.

Não obstante a proposta de traçar paridades entre os autores que se voltaram à temática do duplo direta ou transversalmente nos pareça tentadora, em virtude das potencialidades de leituras que prescreve, achamos válido avisar de antemão que não seguiremos por esse caminho. Reconhecemos que o trabalho de Stevenson deve muito às aberturas delineadas por diferentes figuras das correntes românticas da primeira metade do século XIX, tais quais E.T.A. Hoffman, Mary Shelley, Edgar Allan Poe, Nathaniel Hawthorne, James Hogg e Walter Scott; todavia, seria necessária uma quantidade de páginas maior do que a temos disponível para que esses débitos fossem analisados com a qualidade e a atenção que merecem. Sem contar que não são poucos os autores que em algum momento salientaram as proximidades das narrativas de Stevenson com os escritores citados há pouco, e também com outros mais.³⁶³ Talvez a vinculação menos conhecida seja com Hogg, uma vez que seu nome não tem uma circulação internacional comparável com a dos demais.

tivessem sido amarrados juntos dessa maneira - que no agoniado ventre da consciência aqueles gêmeos de características opostas deveriam estar em luta permanentemente.” (STEVENSON, 2011, pp. 226-227).

³⁶¹ Cf. Hilary J. Beatty, “Stevenson’s mirrored images or games of Hyde and seek” (*Journal of Stevenson Studies*, v. 8, 2011); Edwin Eigner, *Robert Louis Stevenson and the romantic tradition* (Princeton: Princeton University Press, 1966); Robert Mighall, “Introduction” (In: R. L. Stevenson, *The strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde and other tales of terror*, 2002).

³⁶² Cf. Luiz Alfredo Garcia-Roza, “Prefácio” (In: R. L. Stevenson, *O médico e o monstro*. O estranho caso de Dr. Jekyll e Sr. Hyde. São Paulo: Companhia das Letras, 2015); Mighall, 2002.

³⁶³ Cf. Nancy Bunge, “The calvinistic romance: Nathaniel Hawthorne and Robert Louis Stevenson’s Dr. Jekyll and Mr. Hyde” (*Journal of Stevenson Studies*, v. 6, 2009); Patrícia Souza Silva Cesaro, *O mito do duplo em retratos* (Dissertação de Mestrado, UFG, Goiânia, 2012); Patrícia Guerreiro da Costa, *Os espelhos do outro e de mim: o tema do duplo e a compreensão das personagens desdobradas* (Dissertação de Mestrado, UnB, Brasília, 2006); Eigner, 1966; Rodrigo Silva Guedes, *Secular readings of good and evil in R. L. Stevenson’s Strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (Dissertação de Mestrado, UFMG, Belo Horizonte, 2007); David G. Higgins, *Robert Louis Stevenson within imperial precincts: a study literary boundaries and marginalised voices* (Tese de Doutorado, Universidade de Glasgow, Glasgow, 2015); Vinicius Lucas de Souza, *A revisão do complexo de William Wilson em ‘O médico e o monstro’ de Robert Louis Stevenson* (Monografia de Conclusão de Curso, UNESP, Araraquara, 2015).

Tomamos ciência da existência desse escritor escocês, contemporâneo e amigo de Scott, por intermédio de escritos acadêmicos voltados a apontar as heranças religiosas e as tradições folclóricas escocesas amarradas à produção de Stevenson.³⁶⁴ Certamente, o mapeamento dos aspectos componentes desses legados especificamente é feito com maior facilidade nas ficções históricas de Stevenson, nas quais seu país natal aparece como cenário. Entretanto, o tratamento e o enfoque narrativo de Hogg em **The private memoirs and confessions of a justified sinner** (1824) sinalizam o peso dos princípios e da crença calvinista e do repertório popular para a conformação do imaginário escocês, e elaboram uma trama de viés sobrenatural centrada em um duelo de opostos.³⁶⁵ É inegável que as produções ficcionais de Stevenson, sobretudo **O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde**, ressoam os embates entre o bem e o mal emulados na obra de Hogg. O rigor moral puritano e as tensões impostas por uma interioridade atormentada transpassa o relato dos dois escritores, traços que seguramente os colocam lado a lado com Nathaniel Hawthorne. Devemos, porém, fazer o adendo de que, nas histórias de Stevenson, as perturbações decorrentes das privações e sujeições apregoadas pela doutrina da predestinação se mesclam a restrições provenientes de normas secularizadas e, portanto, aparecem de modo mais atenuado do que no escrito de Hogg. Sem contar que a personalidade maligna ganha contornos externos por vias diferentes nas histórias desses dois ficcionistas escoceses. Uma emerge de uma consciência dominada pelas convicções religiosas, a outra deriva da separação obtida a partir do uso de uma fórmula científica. Portanto, na célebre ficção de Stevenson, a divisão do ser não resulta de um devaneio ou somente de uma projeção da mente. A introspecção se soma a uma figuração externa.

Nesse sentido, fica claro que Hyde é uma personagem que amalgama diferentes perspectivas sobre a natureza humana cindida e, por conta disso, ele mesmo seria outra maneira de rastrear as linhagens românticas de Stevenson e seus elos com a cultura de sua terra natal. A abertura para essas conexões seria justamente a transfiguração do diabo no repertório popular escocês, posto que essa criatura era uma das maneiras de se reportar à duplicidade do ser. Apesar de não ser tomado ou persuadido pelo demônio, Hyde, diversas

³⁶⁴ Cf. L. Dryden, "The gothic detective and science fiction" (In: Caroline McCracken-Flesher (Org.). **Approaches to teaching the works of Stevenson**. New York: Modern Language Association of America, 2013); Eigner, 1966; Guedes, 2007; Penny Fielding, "Scotland: politics, religion, literature" (In: Caroline McCracken-Flesher (Org.). **Approaches to teaching the works of Stevenson**, 2013); Alison Lumsden, Stevenson, "Scott and Scottish History" (In: Penny Fielding (Org.). **The Edinburgh companion to Robert Louis Stevenson**, 2010).

³⁶⁵ Cf. Dryden, 2003; Eigner, 1966; Fielding, 2013.

vezes na narrativa, é comparado ou vislumbrado como a sua própria encarnação. Contudo, não nos arriscaremos nessa empreitada, uma vez que seguir por essa trilha seria colocar em curso uma variação (reduzida) da nossa primeira recusa. Declaramos, portanto, que a finalidade aqui é a de assinalar internamente como o duplo foi abordado nas obras de Stevenson, sobretudo em **O estranho caso**. Todavia, volta e meia as interligações podem surgir ao longo do texto em virtude das apropriações que foram feitas da estilística gótica e da propensão oferecida por esta para a sondagem da subjetividade do indivíduo. Em suma, trata-se de esquadrihar os suportes constituintes da afirmação de que o ser humano não é um, mas, sim, dois.³⁶⁶

Sigamos com o plano e voltemos, então, a nossa atenção para o excerto de abertura deste tópico. Conforme anunciamos anteriormente, o trecho selecionado pertence ao relato de Jekyll. A partir do ponto de vista do médico, os episódios-chave da história são combinados e os motivos que fizeram com que ele decidisse dar a Edward Hyde uma existência concreta são esclarecidos por fim. Embora o leitor, em decorrência da carta de Lanyon, já saiba que Hyde e Jekyll são a mesma pessoa e que a troca de identidade era oriunda de um experimento desenvolvido pelo segundo, fecha-se a narrativa com as palavras da figura central do caso, e os pormenores do enigma sobre as origens da estranha e repulsiva criatura são desvelados.

Optamos por saltar as considerações iniciais do médico, pois, em linhas gerais, elas consistem em um breve histórico de seu nascimento e anos de sua formação. O único dado relevante e que, por isso, vale a pena ser destacado, é o seu reconhecimento de que, em virtude dos elevados padrões de respeitabilidade nos quais ele queria se enquadrar, se viu forçado a abandonar os prazeres ocultos que tanto lhe agradavam e davam contornos a uma vida dupla na época de sua juventude. Se ao longo da narrativa não temos ciência de quais são as fontes ilícitas de satisfação de Hyde, apenas testemunhando o seu desdém pelas regras sociais a partir dos seus ataques ocasionais de fúria e agressões, tampouco são determinadas as transgressões causadoras de vergonha e embaraço ao jovem Jekyll.³⁶⁷ No entanto, é

³⁶⁶ STEVENSON, 2002, p. 307.

³⁶⁷ Existe uma gama bastante expressiva de trabalhos e comentários cujo propósito é realizar inferências a respeito das infrações veladas de Hyde. A maioria desses trabalhos defende que os atos subversivos do personagem são referências às práticas sexuais condenadas e tipificadas como ofensivas e despidoradas pelos debates jurídicos e médicos do período, sobretudo durante a elaboração, aprovação e repercussão da emenda do Ato Criminal (1885, *Criminal Amendment Act*). As primeiras interpretações nessa linha, segundo as observações de Irving Saposnik e de Nancy Bunge, datam de logo após a primeira publicação do livro de Stevenson. O autor escocês prontamente se opôs a elas e destacou as limitações impostas a obras por leituras voltadas a enquadrar as personagens em perfis ou agrupamentos herméticos – o que o levou a apontar que o ponto central da história era

significativo notar que ele mesmo se diz responsável por cavar as profundas trincheiras que separavam o bem e o mal em sua pessoa.³⁶⁸ Ao reprimir o seu lado maligno, Jekyll foi capaz de cultivar (em excesso) as virtudes enaltecidas pela boa sociedade, mas sem nunca deixar de sentir o peso e o desconforto advindos dessa decisão. O desequilíbrio manifesto em sua interioridade era o preço a ser pago para resguardar a sua reputação de escândalos e mantê-la impecável diante dos demais membros do corpo social. O temor de se ver julgado e desaprovado socialmente moldou a trajetória de Jekyll. Sendo assim, compreendemos que o médico subordinara sua personalidade aos desígnios e às condutas validadas pela opinião alheia, confirmando que a imagem transmitida por sua pessoa se encaixava na idealização por ele concebida sobre si mesmo. O caridoso e respeitável Jekyll era uma construção feita a custo de supressões, as quais acarretaram o predomínio de um dos lados da dupla natureza humana. Sua inclinação aos desvios, fossem quais fossem, não era ignorada e sim refreada e escondida com muito esforço. A aparência e a vida decorosa e irrepreensível de Jekyll não passavam de fachadas e encobriam uma luta interna contínua.

Ser cômico da coexistência e da inerência de suas duas identidades opostas não fez com que Jekyll não as visse como autônomas e aceitasse ambas como conformadoras do seu eu. Essa visão distorcida acerca da independência da dupla natureza humana o fez procurar meios para separá-las e, com isso, decretar o fim das batalhas travadas em sua consciência. Semelhantemente a Victor Frankenstein, Henry Jekyll se afastou das práticas de diagnósticos da medicina (moderna) e (re)direcionou seus interesses em prol de descobertas transcendentais que romperiam os grilhões das potencialidades dos seres humanos e trariam à tona os segredos da essência e dos fundamentos da existência. Agiu amparado pela hipótese de que, ao compartimentar as duas forças colidentes e antagônicas em sua interioridade em unidades distintas, estas estariam livres das inclinações avessas e conflitantes que tanto

a hipocrisia de Jekyll e não se Hyde tinha relações com prostitutas ou não, e, se assim o fosse, não haveria nenhum problema; e também que o campo sexual e/ou o mundo dos negócios fossem talvez os melhores âmbitos para demonstrar a crueldade, o egoísmo e a covardia humana, pois tornam tais características sobressalentes. A liberdade imaginativa não deveria ser cerceada. A atitude de Stevenson lembra um pouco uma declaração dada por Wilde acerca das também não declaradas depravações de Dorian: cada um enxerga nos pecados de Dorian os seus próprios pecados. Vemos, então, o conflito entre sugestões e usos de estratégias de leituras díspares, assim como papel do crítico como guia de seus leitores. Não entraremos nos méritos das discussões sobre a sexualidade pela razão de estas irem além dos objetivos estabelecidos para este estudo, somente mencionaremos uma ou outra referência dedicada à questão, ainda mais que dificilmente as mesmas deixam de ser abordadas nas introduções e edições comentadas de **O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde**. Cf. Beatti, 2011; Dryden, 2003; Roger Luckhurst, "Introduction" (In: R. L. Stevenson, **Strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde and other tales**. Oxford: Oxford University Press, 2006); Irving Saposnik, "The anatomy of Dr. Jekyll and Mr. Hyde" (In: **Robert Louis Stevenson**, 1974); Oscar Wilde, "Oscar Wilde's replies" (In: **Art and morality: a defense of "The picture of Dorian Gray"**. London: J. Jacobs, 1908).

³⁶⁸ STEVENSON, 2002, p. 306.

importunavam cada uma delas. Duas criaturas plenamente apartadas e detentoras de suas próprias vontades, mas ainda assim unidas pela consciência, apesar de o médico constantemente silenciá-la. Conforme se pode inferir a partir da leitura feita do excerto inicialmente selecionado, o prazer obscuro e latente travestido de sensação de remorso estimulou a pesquisa e os experimentos desenvolvidos pelo pretensioso médico.

As referências ao duplo manifestas no fragmento são consideráveis. Stevenson utilizou uma quantidade razoável de termos para fazer alusão à vida dupla e às personalidades reversas de Jekyll. Desde “primitiva dualidade” até “gêmeos de características opostas”, um número expressivo de combinações reforça a angústia interna do médico. E, ainda nesse momento, o único indício do outro (nessa parte inicial da narrativa) é a sua presença na mente do obstinado cientista. A concretização da existência externa de Hyde era tanto a válvula de escape quanto o escudo há muito tempo desejado por Jekyll, uma vez que, ademais de seccionar e fornecer uma aparência singular a cada um dos “dois ramos incompatíveis” de sua interioridade, permitia-lhe dar vazão às expectativas e aos interesses de suas presumidas independentes figuras. Animado por se supor livre das consequências e das responsabilidades das ações de seu outro eu, Jekyll acreditava que finalmente poderia, através dele, se dedicar à satisfação dos impulsos – atribuídos deliberadamente a Hyde – sem a ameaça de comprometer as suas conquistas e exímia posição social.

Preservar as aparências era o desígnio primordial do (malogrado) plano do cientista, pela razão de que um de seus eus, o principal deles, se tornaria completamente compatível com as imagens de respeitabilidade e compostura por ele estimada. Difícil não perceber que, por trás das decisões do médico, há o empenho em esquivar-se das censuras internas e externas fixadas para condenar seus deslizes e em transferir a autoria destes a outrem.

Tomada a princípio como uma libertação, aos poucos a artimanha de Jekyll se provou um pesadelo. O médico não contava que a depravação e a perversidade de Hyde fossem atrapalhar e interferir diretamente em sua existência, e se viu enredado em complicações bastante perigosas ao tentar remediar os infortúnios ocasionados por ele. Ao ver-se liberto das amarras e se mostrar desprovido de qualquer pudor e balizas éticas e morais, a índole, por anos renegada, quis deixar a sua marca de destruição e desolação no mundo. Afinal, era constituída, de acordo com Jekyll, somente pelo mal. Fortalecida a cada aparição, a parte (anteriormente) repudiada começou a fazer frente à preponderante e a inverter a balança da relação de subordinação. A ilusória sensação de controle, somada à arrogância,

induziu Jekyll a subestimar o ímpeto e a rebeldia de sua personalidade maligna. Não mais restritas ao interior do ser, as disputas entre as duas naturezas ganharam novas arenas e uma intensidade ainda maior com a corporificação do lado oculto.

Quando Hyde ultrapassou os limites, ao cometer um crime impossível de contornar e de escapar das punições legais (fosse à base de suborno ou de impedir qualquer envolvimento das autoridades policiais e da imprensa), Jekyll, temendo acima de tudo por sua vida, decidiu que era hora de terminar o ciclo de (suas) “aventuras” (na figura) de Hyde. A imunidade, garantida pela mudança dos aspectos físicos, estava quebrada e, se Hyde caísse, ele iria junto. E, certamente, Jekyll considerava que ele tinha mais a perder do que a sua secundária identidade. Desesperado, tratou de apagar, até onde conseguiu, as evidências materiais de Hyde e prometeu a si mesmo, como já havia feito anteriormente, que encontraria formas para se redimir e colocaria sua vida (novamente) nos eixos. Contudo, as barreiras entre as identidades haviam sido completamente abaladas. A duração da droga não apenas passou a variar, como as transformações começaram a ocorrer aleatoriamente, tal qual o episódio do Regent’s Park³⁶⁹ – com o adendo de que Jekyll precisava recorrer a ela não mais para assumir o corpo de Hyde, mas sim para a permanência de sua própria aparência. A prepotência e o egoísmo levaram o cientista à ruína, de uma maneira muito similar à de Victor Frankenstein.

Melancólico, perturbado, isolado dos amigos e sem qualquer perspectiva de efetivamente trancar seu oponente em sua interioridade, o médico achou no suicídio a única saída para se apartar e não ser subjugado ao futuro condenado de sua versão demoníaca. Mesmo na hora da morte, Jekyll se isenta de qualquer responsabilidade pelas maldades cometidas por Hyde. E, ao término da leitura de seu relato, nota-se que toda sua narrativa gira em torno de si e, grosso modo, mais do que uma tentativa de explicar a Utterson (e ao leitor) as razões de sua tragédia, esta consistiu em um falho esforço de compreender a si mesmo. Tanto no passado quanto no presente, Henry Jekyll foi incapaz de aceitar e lidar com as suas imperfeições, diferentemente do que acontece no desfecho de “Markheim”, em que o personagem liberta-se de suas angústias e opressões ao se dar conta e ao assumir a culpa pelas transgressões cometidas durante sua trajetória. Markheim não somente reconhece sua dupla natureza como também admite que sua personalidade ganha contornos e definições por meio de ambas, um passo extremamente necessário para o apaziguamento de sua consciência. Se fizéssemos uma *check-list*, observaríamos que, nas considerações acima feitas sobre a trama e

³⁶⁹ STEVENSON, 2002, p. 316.

os personagens da conhecida obra do autor escocês, encontram-se apresentados os principais elementos do duplo invocados pelo autor escocês, com algumas significativas alterações. Das características-chave, saltam aos olhos os dilemas interiores do indivíduo cindido, a instabilidade emocional e o desfecho com a morte do angustiado protagonista, cujo intento era eliminar a sua cópia. Tudo isso é perceptível em nossa exposição sumária do ponto de vista de Jekyll. Contudo, devemos ressaltar agora dois símbolos indicadores da duplicidade.

O primeiro deles é o espelho colocado no laboratório de Jekyll. Ao contrário do que acontece em “Markheim”, em que o objeto tem uma função fundamental de multiplicar a presença do protagonista e de desencadear um conflito de consciência e, desse modo, contribuir decisivamente para preparar a atmosfera sobrenatural que atravessa e molda a segunda parte do conto, em **O estranho caso**, o artefato é mencionado poucas vezes, e, em grande medida, serve para Jekyll confirmar a mudança de sua aparência e, conseqüentemente, a eficácia de seu experimento. Assim, mesmo em uma escala menor, o espelho ainda opera como instrumento de duplicação da imagem refletida.³⁷⁰ O segundo diz respeito às casas dos personagens centrais, que trazem pistas consideráveis para o leitor chegar à conclusão de que Jekyll e Hyde são a mesma pessoa – algo de certa maneira sugerido abertamente no episódio em que o ajudante de Utterson, após comparar os documentos redigidos pelos dois personagens opostos, concluiu que as caligrafias são idênticas em muitos aspectos, a despeito das diferentes inclinações.³⁷¹ Mas, retomando a questão da ambientação, salientamos que o espaço corrobora simultaneamente tanto para a construção das referências ao duplo quanto para a criação da aura de mistério que perpassa e encaminha a história.

No capítulo anterior, por meio da análise da residência de Hyde no Soho, defendemos que, apesar de sua localização em uma área sombria da cidade, toda a mobília e o refinamento do quarto remetiam a Jekyll, sendo válido destacar agora que a própria separação interna e os aspectos físicos e materiais da habitação do médico moldam e definem os traços das individualidades e contrastes entre seus ocupantes. O jogo de claro e escuro transparece nas caracterizações internas e externas do espaço. Começamos pelas entradas da moradia e do laboratório. As duas estão localizadas nas extremidades opostas do edifício e suas circunscrições exteriores conjuram as faces obscuras e luminosas de Londres. Enquanto o casarão do ilustre médico, mesmo rodeado de casas antigas que haviam perdido a sua suntuosidade ao terem sido convertidas em apartamentos ocupados por homens de todas as

³⁷⁰ RANK, Otto. **O duplo**: um estudo psicanalítico. Porto Alegre: Dublinense, 2013.

³⁷¹ STEVENSON, 2002, p. 280.

condições e variadas reputações, ainda portava seu ar de imponência, riqueza e conforto, a degradada fachada da sala de experimentos dava para um pátio, de uma rua secundária, tomada por vagabundos e indivíduos economicamente desfavorecidos.³⁷² Já no que diz respeito aos acessos e às disposições internas do laboratório e da moradia, embora separadas, as duas construções estavam conectadas por um quintal. Difícil não identificar nessas descrições as singularidades de Jekyll e Hyde e as suas combinações para formar um ser.

Os pares de opostos não marcam apenas **O estranho caso** e “Markheim”. Eles podem ser assinalados também em **O clube do suicídio**, a partir, por exemplo, da rivalidade e dos perfis antagônicos do Príncipe Florizel e do Presidente, e em “O ladrão de cadáveres”, em que os personagens Fettes e Macfarlane delineiam os efeitos da falta ou contenção do remorso advindo de uma vida dupla e do retorno do passado no presente.³⁷³ Todos esses escritos evidenciam as aproximações e as experimentações de Stevenson envolvendo a temática do duplo. As configurações, as matérias e os repertórios inspiradores dos relatos fornecem pistas para prescrever as interligações e as guinadas nas adaptações, além dos usos dos recursos estéticos e estilísticos voltados a despertar sentimentos, emoções e a estimular intensamente as capacidades cognitivas do leitor. A imaginação nos faz conceber, observar e mudar o mundo de maneira mais humana.³⁷⁴ Mediante o nivelamento entre intelecto e sentimentos, a forma gótica transgride as fronteiras traçadas pela racionalidade ao dar vazão e realce a tudo aquilo que se esgueira dos seus domínios. Para isso, seus expoentes utilizaram recursos e convenções que viabilizam abordar o universo empírico e sensível de modo menos cabal, assertivo e sistemático e, por conseguinte, construir e difundir outras perspectivas acerca das práticas individuais e coletivas, a partir da instrumentalização de uma linguagem figurada.³⁷⁵

Nossa ênfase nas angústias internas de Jekyll e em sua recusa em aceitar quem ele realmente era ou em quem havia se transformado, algo que o levou, como vimos, a perseguir uma identidade estável e única, teve como objetivo tornar apreensível a constatação do autor escocês de que a natureza humana não se resumia e jamais poderia ser compreendida pela aparência. A exterioridade de forma alguma equivale à interioridade e, menos ainda, deve ser vislumbrada como uma fonte reveladora dos profundos desígnios e das forças motrizes intrínsecas da humanidade. Henry Jekyll e Dorian Gray são apenas dois dos lembretes

³⁷² STEVENSON, 2002, p. 256 e p. 266.

³⁷³ MIGHALL, 2002.

³⁷⁴ RADCLIFFE, Ann. On the supernatural in poetry. **New Monthly Magazine**, v. 16, n. 1, 1826.

³⁷⁵ VASCONCELOS, Sandra G. Romance gótico: persistência do romanesco. In: **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII**. São Paulo: Boitempo, 2002.

literários oitocentistas que colocaram em xeque a ideia de que os atributos físicos condicionariam as inclinações dos sujeitos aos vícios ou às virtudes; cada um a seu modo afirmou que as pessoas raramente são o que parecem. Em suma, ambos manifestaram ficcionalmente que os desejos e o ímpeto do ser não podiam ser examinados diretamente e muito menos sufocados permanentemente.

A prepotência e a sensação de que tudo podiam controlar afetou não somente a trajetória desses personagens, como também a de todos aqueles que estavam à volta deles. Utterson, com o intento de preservar a reputação do amigo, lançou-se em uma arriscada investigação. Lanyon não aguentou o choque de testemunhar uma transformação que subvertia as leis naturais. E, em **O retrato de Dorian Gray** (1890), Sybil e Basil morrem devido ao egocentrismo e à vaidade de Dorian. A primeira comete suicídio, ao ser rejeitada por não corresponder mais aos ideais do amado, e o segundo é assassinado pelo protagonista, pois viu em Basil a razão de sua decadência. A extrema confiança e as fortes convicções levam ao delírio, distorcem o juízo e direcionam os seres humanos para lugares e situações tenebrosas. Há traços e sentimentos em nós que não se deixam conhecer até que as circunstâncias os tragam à tona.

Sem tornar o mal essencialmente uma patologia ou meramente um desvio moral, os escritores de ficção sobrenatural renunciaram e serviram como referência para os estudos psicológicos, sobretudo das vertentes psicanalíticas. Suas obras estimularam reflexões e o desenvolvimento de categorias e postulados voltados a entender as variáveis internas e externas conformadoras dos comportamentos humanos e a diagnosticar as neuroses da vida moderna.³⁷⁶ Não que os ficcionistas tivessem isso em mente ao criarem os seus universos, mas, ao elaborá-los, acabaram por instituir outros repertórios, itinerários e estratégias alternativas de leituras – comprovando, portanto, que os sentidos e significados de suas obras estão muito além do controle de seus autores. Algumas vezes, os escritos ficcionais ganham proporções que ultrapassam as dimensões de suas finalidades iniciais e das concepções artísticas propostas para eles. Eis aí, ao menos, dois dos maiores trunfos da literatura: expandir os nossos horizontes e fazer com que concebamos a imaginação como uma forma de conhecimento, uma vez que ela nos fornece ferramentas para combatermos nossas próprias limitações e construirmos novas perspectivas de mundo, mesmo quando nos apresenta o outro com o qual não gostaríamos ou receamos nos deparar. Somos provocados, assim, a encarar o

³⁷⁶ Cf. Sigmund Freud, “O estranho” (In: **Obras completas**, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1969); Rank, 2013.

desconforto e seguimos cientes e dessassossegados com a sua presença, como nos faz lembrar os versos abaixo de Coleridge:

Como quem, numa estrada abandonada,
Caminha cheio de medo e pavor,
E, ao voltar-se uma vez, segue adiante,
Sem nunca mais olhar para trás;
Porque sabe que um demônio medonho
Anda ali em seu encalço.³⁷⁷

A ambiguidade faz parte da existência. Enfrentar medos e pavores, assim como não se deixar prender pelo demônio à espreita, é um modo de aceitar as nossas imperfeições, mas, acima de tudo, de não nos resignarmos a elas.

³⁷⁷ COLERIDGE, Samuel *apud* SHELLEY, Mary W. **Frankenstein ou o Prometeu moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, pp. 133-134.

Considerações Finais

Transição é uma das palavras mais utilizadas para definir o século XIX, pois, conforme observou Marshall Berman, os indivíduos oitocentistas tinham consciência de viver em um período notavelmente marcado por transformações. No entanto, ainda que essas fossem impactantes, eles se lembravam e tinham referências claras do mundo que ficava para trás.³⁷⁸ Esse ponto de encontro, essa fusão entre as práticas sociais em declínio e as em ascensão é o que torna essa época tão singular. Embora as bases da sociedade moderna estivessem fincadas e firmes, a instabilidade e o abismo existente entre o que se vivia e as expectativas futuras traçadas demonstram que era difícil não se sentir angustiado com a falta ou com o excesso de certeza. A flutuação dos ânimos e dos humores, ademais de um sintoma, comporta em si elementos que abriram caminhos para a reconstituição dessa atmosfera carregada e atravessada por contradições e por dinâmicas tão díspares. É bem verdade que essa recomposição do quadro é fragmentária e lacunar; todavia, isso de forma alguma comprometeu a sua realização e, muito menos, torna supérfluos ou invalida os resultados apresentados por esta empreitada. Não só defendemos e partilhamos o argumento de que o conhecimento é um campo que se faz a partir do empenho e da somatória de ações coletivas, como também de que suas fronteiras e seus prognósticos são provisórios e passíveis de mudanças. Logo, por se tratar de um fenômeno social de contínua construção, suas verdades não são eternas e seus pareceres são postos à prova constantemente.³⁷⁹

A racionalidade foi celebrada como bússola e como expressão máxima do progresso humano. As conquistas e o conforto material fomentaram as convicções liberais e a crença de que nenhum obstáculo seria imbatível ou faria frente à razão. A natureza fora subjugada e o ser humano parecia controlar todos os domínios do mundo, o desenvolvimento técnico e científico era tido como a força motriz da humanidade. No entanto, como asseverou Stephen Jay Gould, as mudanças científicas se fazem “por meio do pressentimento, da visão e da intuição”, com o adendo de que “as teorias mais criativas são visões imaginativas aplicadas aos fatos”³⁸⁰. Há toda uma sensibilidade e uma carga imaginativa envolvida na busca e na produção do conhecimento. A imaginação, como colocou o historiador Felipe Fernández

³⁷⁸ BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

³⁷⁹ Cf. Peter Gay, **O estilo na história**: Gibbon, Ranke, Macaulay, Buckhardt (São Paulo: Companhia das Letras, 1990); Stephen Jay Gould, **A falsa medida do homem** (São Paulo: Martins Fontes, 1999).

³⁸⁰ GOULD, 1999, p. 5 e p. 6.

Armesto, é o motor da transformação, porque permite a combinação entre o que se conhece e o que não se vê imediatamente.³⁸¹ A capacidade de antecipação, unida à (irregularidade da) memória e à habilidade de montar e interpretar conjecturas mentalmente, dá contornos e vazão à inventividade humana.

Não discutiremos aqui se o conhecimento se dá por adequação ou não e as bases dessas linhas filosóficas. Ao estudar os regimes de verdade, Foucault indica e caracteriza cada uma delas.³⁸² Todavia, esse nosso empenho em equiparar imaginação e razão e reconhecer a complementariedade dessas duas faculdades mentais, ademais do endosso à ideia de verdade como uma construção, merece maiores aprofundamentos e torna alguns esclarecimentos imprescindíveis, uma vez que eles serão importantes para compreender as aproximações e os distanciamentos entre o fazer historiográfico e as demais áreas científicas e a própria relação da *história* com a *literatura*. Apesar de a primeira não ser a única disciplina a se valer das abstrações mentais para lidar com seus objetos e de ter a narrativa como instrumento para elaboração e exposição de suas elocubrações, ainda assim a reconstituição do passado, a partir de uma perspectiva ordenada e calcada nas transformações e no tempo, porta as suas especificidades.³⁸³ Como Schorske afirmou, “a fixação de Clío em datas [...] é profunda e séria” e o historiador “persegue a análise da particularidade do objeto [...] somente até o ponto em que pode se apropriar dele como um elemento para tecer um padrão plausível de mudança”, e, dessa maneira, entrelaça no tear do tempo “os particulares aos conceitos e os conceitos aos particulares”, compondo um relato configurado pelas convergências traçadas entre a singularidade e o geral. Faz tudo isso mediante o contraste do alvo estudado com uma série de outras referências e inter cruzado por temporalidades distintas – definidas e amarradas pelo recorte cronológico estabelecido e transpassado pelo período em que acontece a realização da escrita.³⁸⁴

Sumariamente, as observações de Schorske apresentam os aspectos característicos da investigação e do ofício historiográfico e a necessidade do envolvimento da *história* com as outras disciplinas. Ao indicar que esse saber não tem campo e métodos próprios, ele assinala a amplitude dos domínios nos quais o historiador pode escolher o seu objeto e o

³⁸¹ ARMESTO, Felipe Fernández. **Un pie en el río: sobre el cambio y los límites de la evolución**. Madri: Turner, 2016.

³⁸² FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2009.

³⁸³ GADDIS, John Lewis. **Paisagens da história: como os historiadores mapeiam o passado**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

³⁸⁴ SCHORSKE, Carl. E. A história e o estudo da cultura. In: **Pensando com a história: indagações na passagem para o modernismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 242 e p. 243.

quanto os empréstimos de conceitos cunhados por outras disciplinas proporcionam força e plausibilidade à reelaboração do passado. Schorske defende, assim, que o encontro da *história* com outros ramos do conhecimento e da cultura, muito mais do que tornar inequívoca as limitações e as dificuldades intrínsecas às análises históricas, contribui para delinear a sua própria identidade e as potencialidades rendidas por essas parcerias. Pensar com a história vai além da invocação do passado para interpretar o presente.

A atribuição de tamanha relevância à imaginação certamente não coloca em xeque o compromisso da ciência e, sobretudo, da história com a verdade, somente faz com que esta deixe de ser concebida como imutável e absoluta. Sem contar que não há uma única via para estabelecê-la. O que nos interessa aqui é assinalar quatro pontos: primeiro, o conhecimento resulta de um jogo de forças composto por diversas variáveis em disputas; segundo, os dados interpelados pelo estudioso derivam desses embates e a seleção e a leitura deles são instituídas em meio à subjetividade; terceiro, a defesa da incompletude da verdade não nos leva a partilhar das conclusões relativistas: sua tangibilidade é possível; e, por fim, a admissão do papel fundamental desempenhado pela imaginação na reconstituição e interpretação dos fenômenos não deve ser tomada como indício de equiparação dos discursos historiográficos e literários. Os pactos reguladores da escrita de historiadores e literatos são de ordens distintas e as finalidades de seus trabalhos não são equivalentes ou similares. Há crivos e parâmetros ímpares para delimitar suas fronteiras. Além disso, não se deve perder do horizonte que a liberdade de criação do ficcionista não se estende ao historiador. O distanciamento é uma prerrogativa essencial para a produção da narrativa historiográfica, assim como a aceitabilidade do *como* e a veracidade *do que* se conta tem marcações um tanto referendadas e definidas.

Circular pelo sombreado e enigmático labirinto da história contemporânea por intermédio das páginas de Stevenson foi uma peripécia e tanto, e demandou um conjunto de estratégias, o qual interligava diferentes áreas dos saberes, para garantir que não nos perdêssemos nas armadilhas e nos entroncamentos dessa complicada e misteriosa trilha. Do início ao fim desta incursão, a orientação basilar consistiu em pensar como as obras ficcionais efetivamente alargam a nossa compreensão do mundo externo, e seu marco de chegada em apontar que os protocolos de escrita e leitura são moldados e se encontram concatenados com os momentos nos quais escritor e leitor desempenham suas funções. Os sentidos e os significados da história se fazem à luz do presente. Texto e leitor não têm uma única identidade. Nessa intercalação entre as diferentes temporalidades e, claro, sem perder de foco

as suas dimensões distintas, o exercício investigativo amarró passado e presente e deixou entreabertas rotas para o futuro. O arremate passa ao largo de apresentar qualquer certeza ou conclusão assertiva, sua construção se fundamenta em (re)afirmar a existência de novas possibilidades de leituras e a realização de um balanço das discussões desenvolvidas nos três capítulos.

O clube do suicídio, O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde e outros textos de Stevenson nortearam a nossa digressão pelos meandros da cultura e da ciência da era vitoriana e situam os nossos estudos em uma zona de interseção entre várias áreas do conhecimento, mas, sobretudo, a *história* e a *literatura*. Por mais que nos anos oitocentos as áreas dos saberes tenham criado metodologias específicas visando a afastar umas das outras e, assim, fixar as divisas entre seus limiares, nota-se que as barreiras erguidas nunca foram intransponíveis.³⁸⁵ E falamos isso não só tendo em mente as liberdades inerentes à ficção, a qual permite aos seus praticantes avançarem e subverterem esses limites, mas também por ter observado que os próprios mecanismos da prosa moderna carregam em si os aportes e as configurações do ideário filosófico liberal e iluminista e dos paradigmas das ciências naturais. No entanto, outros elementos e sistematizações científicas elaboradas na segunda metade do século XIX vieram a se combinar ou a questionar as bases e o otimismo associados às perspectivas de mundo instituídas e difundidas pelos representantes dessas correntes filosóficas. A pulverização do conhecimento em especialidades variadas não levou à desagregação das matrizes do pensamento (ocidental) estruturadoras dos seus domínios e alvos de estudo das disciplinas. Conforme asseverou Peter Gay, a dicotomia entre *arte* e *ciência* carece de sustentação, ambas codivindem uma longa fronteira cheia de sinuosidades e são, muitas vezes, aproximadas e cruzadas “pelo trânsito erudito e literário”³⁸⁶.

Só que isso não implica assumir que não haja distinções significativas entre os âmbitos de formação e atuação das disciplinas. Longe disso, a ideia aqui é demonstrar que o compartilhamento dos recursos e das bases linguísticas por si só atenuam e redefinem as demarcações forjadas, mas de maneira alguma defendemos que elas são inexistentes. Cada área do saber opera segundo as diretrizes de seu campo teórico e das definições de um método e de um corpo conceitual para analisar o seu objeto. Contudo, é pertinente salientar que a linguagem emoldura, assim como formula, as realizações humanas, e a combinação de seus signos e símbolos origina condições para a manifestação de perspectivas que convergem e

³⁸⁵ GAY, 1990.

³⁸⁶ GAY, 1990, p. 167.

veiculam as mesmas premissas e percepções sobre as dimensões externas ao sujeito, mesmo com a criação de todo um corpo conceitual que as tornam díspares.³⁸⁷ A clareza com que se percebe e se expõe esses axiomas varia e prescreve se eles são prontamente identificáveis na superfície discursiva ou se é preciso procurá-los em sua interioridade.

Esse jogo entre o explícito e o implícito foi o que mais chamou a nossa atenção a princípio nos escritos do literato escocês. A aparente simplicidade de suas ficções oculta as sutilezas presentes em suas experimentações literárias e a força de sua concepção a respeito dos compromissos ficcionais.³⁸⁸ Para ele, de forma alguma a narrativa deveria ser um instrumento para mensurar e ditar os rumos das vivências humanas.³⁸⁹ Seu maior trunfo seria legar sabedoria a partir do que o leitor extraísse dela. Semelhantemente aos relatos orais, as obras de Stevenson presumiam um intercâmbio de experiências. Ademais de fazer cumprir o propósito primário de todo texto, que é o de ser lido, a figura do leitor é tida como essencial no processo de criação e transmissão da história. Ao ter sua imaginação estimulada a preencher as lacunas existentes na trama, ele ativa as engrenagens da máquina literária e expande os limites de sua finitude.

O mundo forjado pela ficção, sem estipular um sentido para vida, fornece ferramentas para que o leitor intervenha em sua própria trajetória e na realidade que o circunda, pois de algum modo leva-o a fazer conjecturas. Em suma, contar e ler histórias são formas de entrar em contato com o outro e de entrelaçar práticas individuais e coletivas. Mas isso não quer dizer que as duas ações sejam equivalentes. Enquanto a leitura é um ato de prazer, pelo menos assim o era para Stevenson, o ofício literário requer planejamento e um grau de concentração diferente. É preciso delinear cada aspecto da trama com cuidado para, assim, fazer com que todas as peças se encaixem perfeitamente. Mais do que inspiração, a arte de escrever exige treino e domínio dos recursos linguísticos. O aperfeiçoamento do estilo passa pela prática constante. Em grande medida, a plasticidade com que Stevenson enxergava as estruturas narrativas o levou a notar que cada uma delas requisitava um tom e um manejo característico dos recursos estéticos.

A percepção da dimensão humana da narrativa levou Stevenson a rejeitar as técnicas da escrita realista. Não cabe ao narrador explicar nada à sua audiência e, muito

³⁸⁷ WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

³⁸⁸ ARRIGUCCI, Davi. A poesia da circunstância. In: **O clube do suicídio e outras histórias**. São Paulo: Cosac & Naify, 2011.

³⁸⁹ Cf. Walter Benjamin, “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2008).

menos, ter a pretensão de emular o cotidiano humano em sua concretude, uma vez que arte e vida se definem por suas disparidades. A restrição dos detalhes, a concisão e a transparência eram as linhas-mestras do método narrativo de Stevenson. As imagens lhe interessavam e não os significados das palavras, pois, para ele, o que o leitor guarda das leituras são as representações pintadas pelas mãos da figura do autor³⁹⁰ – pensamento que sutilmente nos fez lembrar a seguinte colocação de Benjamin:

Nada facilita mais a memorização da narrativa que aquela sóbria concisão que as salva da análise psicológica. Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na mente do ouvinte, mais completamente ela se assimilara à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia.³⁹¹

O caráter utilitário da narrativa é o de legar conselho e não de instruir sobre a vida. A meticulosidade de Stevenson com o vocabulário consistia na busca por encontrar o termo correto para estimular o leitor a construir em sua mente o quadro esboçado pelo que se encontra dito e pelo não dito no texto. O que para alguns era considerado preciosismo, um exagero estético e estilístico, era na verdade um modo de se valer da associação entre as palavras, cujo intento residia em esvaziá-las ou desviá-las de sua designação habitual ou isolada para com isso privilegiar o sentido do todo. Era a expressão de uma consciência voltada a explorar as possibilidades combinatórias dos mecanismos linguísticos, em suas funções semânticas e retóricas, a partir de montagens pictóricas cuja inclinação era invocar e fazer transbordar os sentimentos. As cenas eram importantes para Stevenson, assim como as circunstâncias, uma vez que é nas tomadas de decisões instantâneas que as inclinações interiores do indivíduo se manifestam. O desafio e a recusa de Stevenson às convenções vigentes eram propositais e parte de sua concepção literária, e, em certa medida, indicam a função mediadora da linguagem e o quanto ela modela e funda a nossa compreensão a partir das representações, assim como também sinaliza o quão ilusória é a sua transparência. O artigo de Paul Ricoeur, “O processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento”, foi substancial para pensarmos o papel de emulação da ficção e as relações e as compreensões arquitetadas pelas imagens textuais.³⁹²

³⁹⁰ STEVENSON, Robert Louis Stevenson. A gossip on romance. In: **Strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde and other tales**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

³⁹¹ BENJAMIN, 2008, p. 204.

³⁹² RICOEUR, Paul. O processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento. In: SACKS, Sheldon (Org.). **Da metáfora**. São Paulo: PUC-SP/Pontes, 1992.

As diferentes formatações de **O clube do suicídio** e de **O estranho caso**, além de demonstrar as experimentações e a maleabilidade com que Stevenson lidava com as tipologias literárias, permitem perceber como as estratégias interpretativas possibilitam a abertura das “obras fechadas”. Enquanto o caso de Jekyll e Hyde estimula, desde a sua primeira publicação, a mente dos leitores a decifrar os mistérios e a realizar inferências a respeito dos modos de vida e atitudes dos personagens e os elementos e as características constituintes da própria obra literária, as três histórias da narrativa de 1882 carregam em si traços do que Eco conceituou como “estrutura da consolação”³⁹³. Ao analisar **Os mistérios de Paris** e a carreira política do escritor Eugène Sue, Eco salientou que, embora o enredo desse registro literário seja modulado pelos conflitos sociais, o apaziguamento do leitor é garantido pelo desfecho harmonioso, uma vez que as oposições se dissolvem conforme os problemas são resolvidos e a ordem social vigente se mantém.

Se, por um lado, Sue e Stevenson possuem trajetórias bem díspares e, em certa medida, o mesmo se pode dizer acerca dos encaminhamentos e das configurações elementares de suas tramas, por outro, é possível traçar algumas similitudes entre as duas obras: as feições sombrias da metrópole e, em grande medida, o desenlace conciliatório. Porém, mesmo aqui é preciso salientar algumas diferenças, pois o apaziguamento na narrativa de Stevenson se dá apenas em partes. Dizemos isso pela razão de que, não obstante o Príncipe consiga reverter os danos materiais e colocar um fim aos abjetos planos e negócios do Presidente, ele reconhece que os atos de seu rival passaram a fazer parte da história da humanidade e não puderam ser completamente desfeitos. Nem tudo pode ser solucionado: os infortúnios e as perdas fazem parte da experiência humana. Há uma contrariedade que permeia o retorno da estabilidade no universo narrativo sintetizada pela constatação de que em algum momento será preciso lidar com as consequências dos atos realizados. O passado não desaparece e deixa as suas marcas no presente. Logo, diferentemente da obra de Sue, as tensões não são totalmente dissolvidas no encerramento da história principal da narrativa-moldura de Stevenson.

Por meio das aventuras de Florizel e do Coronel Geraldine, além das caminhadas do Tenente Rich e de Utterson, percorremos as ruas imaginárias da Londres oitocentista com a finalidade de apreender as ambivalências de suas fisionomias – empreitada que não só abriu o universo ficcional de Stevenson para exploração, mas também o de alguns outros autores. Com isso, pudemos constatar que a cidade literária e a cidade empírica interferiam na leitura

³⁹³ ECO, Umberto. Eugène Sue: socialismo e consolação. In: **O super-homem de massa**: retórica e ideologia no romance popular. São Paulo: Perspectiva, 1991.

que se fazia uma da outra. Tanto em **O clube do suicídio** quanto em **O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde**, Londres não foi descrita de forma pormenorizada. Sua presença é praticamente indireta e configurada a partir de seus componentes humanos – ou seja, através da trajetória, das ações e percepções das personagens principais e secundárias. Grosso modo, o que estamos querendo dizer é que a cidade ganha contornos nas histórias pela movimentação de seus habitantes nas ruas e nos diferentes espaços que a compõem; pelas atitudes e práticas individuais e coletivas, as quais invocam o caráter fragmentário do ambiente urbano; pela imprevisibilidade dos encontros e pela criação de vínculos entre membros de diferentes camadas sociais; pela instabilidade social resultante das novas formas de enriquecimento; e pela simultaneidade de interesses diversos e vivências, manifestas por meio de abstrações mentais de situações corriqueiras e momentâneas esboçadas pelos sentidos e impressões das personagens. O cenário se compõe com e por meio da história. Sem contar que as apropriações e os movimentos pelos espaços geográficos (via narrativa) delineiam os contornos de seus usos e dão vazão ao que Said conceituou, em **Cultura e imperialismo**, como “estrutura de atitudes e referências”. As representações não apenas atribuem sentidos e valores (negativos e positivos) aos comportamentos e aos lugares, mas podem acarretar sugestões e antecipações de práticas sociais.

O monitoramento das figurações da capital britânica nas narrativas oitocentistas foi significativo para identificar os recursos utilizados para construir ou reportar a sua presença e também para notar as variações e recorrências de certos padrões descritivos para representar determinados locais da cidade. Foi bastante instigante perceber que essas repetições das técnicas e formas de representação iam além do âmbito ficcional, posto que também foram encontradas em outros tipos de registros, inclusive nas análises sociológicas. Esse entrelaçamento entre diferentes tipos de relatos e pontos de vista narrativos foi o meio encontrado para destrinchar as ideias de cidade contidas nesses enquadramentos e a construção de um modo predominantemente binário e hierárquico de enxergar as ocupações e os comportamentos dos habitantes das áreas londrinas. A cisão e a independência imputadas ao *West* e ao *East End* advêm tanto de um atordoamento com relação à rapidez das mudanças e da preponderância de uma leitura linear quanto da presumida equivalência entre neutralidade e objetividade. A convicção de que os fatos não mentem acarretou o endurecimento do olhar e a sustentação de categorias e projeções sociais que afiançavam a inferioridade de uns e a superioridade de outros e atribuíam responsabilidades aos sujeitos por circunstâncias e condições que escapavam de seu próprio controle. As duas cidades, a da luz e

a das trevas, tinham fronteiras porosas, apesar das barreiras simbólicas e efetivas erguidas para torná-las fixas. As atenuações e suspensões possibilitadas pela forma gótica e as sutilezas contidas nas configurações das tramas de Stevenson ofereceram pistas do quanto essa rígida separação e oposição entre as zonas oeste e leste de Londres tornava a cidade estática, uniforme e homogênea. Para fazermos uso de uma expressão empregada na história de Jekyll e Hyde, a “cidade pesadelo” não estava restrita ao submundo, luz e sombra se complementavam e mutuamente sugeriam as suas gradações e intensidades, não obstante seja preciso apontar a predominância de um viés interpretativo que considera que as sombras lançadas sobre a Londres de **O estranho caso** extraíssem toda a luminosidade da cidade e a encobrissem de escuridão. Extinguem-se, assim, as suas ambivalências e os jogos de claro e escuro.

Essa peregrinação por Londres nos levou aos territórios conquistados do Império. Não era possível pensar e entender a grandeza e o crescimento de sua área espacial e de sua população sem ter em mente a relação da capital do Império com os territórios além-mar, sobretudo no último quartel dos anos oitocentos. As dinâmicas impulsionadoras das mudanças não estavam circunscritas somente às delimitações internas do Reino Unido, com as viradas no setor industrial e as mudanças das relações produtivas entre campo e cidade. O trânsito contínuo de mercadorias, pessoas e informação, ao longo do século XIX, interligou diversas porções do planeta e intensificou uma rede de trocas que entrelaçava, em diferentes graus e ritmos, todas as esferas das práticas humanas. As distâncias geográficas diminuía conforme os meios de comunicação e transportes eram aprimorados, e as fronteiras tinham contornos cada vez mais indefinidos e móveis em virtude dos fluxos migratórios, dos empreendimentos científicos, comerciais e militares e do alargamento e ramificações da burocracia e da administração estatal.

Nesse século de intensa mobilidade, a Londres oitocentista era o eixo de conexão das principais rotas mercantis, tanto em escala nacional quanto mundial, a sede das mais importantes instituições financeiras e de seguro, cujo nível de operação era internacional, e o destino permanente ou temporário de pessoas provenientes dos quatro cantos da terra. Londres assumia, assim, a faceta e o lugar de “capital poderosa, prestigiosa e consumidora”³⁹⁴. A centralidade do Reino Unido na economia global se fez bastante presente nos escritos ficcionais e sua exibição se dá tanto de maneira explícita quanto implícita. O

³⁹⁴ WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 460.

posto de potência assegurava a essa nação uma posição privilegiada nas negociações e no que dizia respeito às circunstâncias atreladas a elas, além de alicerçar certas impressões sobre a organização do mundo e a crença de que se encontrava na dianteira da corrida rumo ao ápice civilizacional.

Ao nos inspirarmos na proposta metodológica e discussões de Edward Said, vimos que seria possível e pertinente decodificar a presença das possessões coloniais na obra de Stevenson, e o desdobramento disso foi a investigação do imaginário oitocentista britânico acerca das áreas conquistadas e as formas com que os europeus enxergavam os habitantes dessas regiões. Esse exame geográfico da experiência histórica demonstrou que os próprios mecanismos da prosa moderna e as padronizações binárias dispunham o mundo em setores. O olhar metropolitano determinava as representações das colônias, algo que acabava por falar mais sobre a metrópole e seus moradores do que sobre os colonizados em si. A falta de profundidade das representações dos territórios além-mar enunciaria esses lugares como campo de possibilidades e traçaria características e perfis contrastantes (e opostos) entre essas regiões e o centro político-administrativo, implicando, portanto, a manutenção das hierarquias sociais vigentes. Por conseguinte, indicam os critérios do enquadramento e as limitações da estrutura e do horizonte cultural em que essas representações foram concebidas.

Nesse processo de reconstituir e pensar as identidades (individuais e sociais), tentamos compreender e desvelar os vínculos entre *arte* e *ciência*. As aproximações de Stevenson dos campos da antropologia e da psicologia evolutiva são evidentes nas duas obras, mas ganham esboços mais nítidos em **O estranho caso**, tanto pela maneira com a qual ele se apropriou e trabalhou com a temática do duplo quanto pelas alusões às discussões a respeito da personalidade múltipla e pelos contornos ficcionais dados ao atavismo. A duplicidade, ademais de se inserir e invocar diferentes tradições literárias, também opera como uma via de convergência entre as perspectivas artísticas e científicas ao tornarem confluentes diferentes modos de explorar e buscar compreender o funcionamento da consciência e a conformação dos traços delineadores da personalidade humana.

Aqui nos deparamos com uma bifurcação, pois poderíamos seguir, por um lado, as pistas de Richard Dury em seu ensaio “Crossing the bounds of single identity”³⁹⁵ e do livro

³⁹⁵ In. AMBROSINI, Richard; DURY, Richard (Org.). **Robert Louis Stevenson**, writer of boundaries. Madison: The University of Wisconsin Press, 2005.

e artigo de Julia Reid³⁹⁶ para mapear as leituras e o conhecimento de Stevenson das práticas médicas e da psicologia evolutiva e dos diagnósticos referentes aos casos de distúrbios de personalidade, ou, por outro lado, partir dos elementos e das referências manifestas nas próprias narrativas para assinalar as zonas de contato e as adequações literárias feitas dos princípios e dos conceitos científicos. Não obstante caiba a ressalva de que as leituras de Dury e Reid se provaram substanciais, optamos pelo segundo caminho, porquanto era o melhor modo de concretizar os objetivos propostos para a pesquisa. Maior era a relevância em discernir e entender as adaptações e apropriações literárias feitas por Stevenson dos conceitos e pensamentos científicos do que em enunciar os interlocutores e os meios de acesso e as leituras de Stevenson das referências e dos artigos das disciplinas em formação derivadas das ciências naturais e das humanidades.

Dois personagens de Stevenson abordados no Capítulo III sumarizam os pontos-chave das anomalias atávicas e da repercussão dos princípios postulados pelos determinismos biológico e geográfico. As más formações de Mr. Malthus e de Hyde remetem à teoria da degeneração que tanto assombrou muitos dos cientistas no último quartel do século XIX. Não ignoramos a perspectiva e o recorte amplo das discussões de Luiz Fernández Armesto, mas ao ponderar sobre as figuras monstruosas lendárias, em seu recente livro **Un pie en el río**, suas reflexões se mostraram bastante pertinentes. O historiador britânico destacou que essas criaturas, geralmente, ao invés de resultarem de uma imaginação ativa, seriam prova justamente do contrário, da falta de imaginação e da incapacidade das pessoas em conceberem e enxergarem os diferentes como iguais, sobretudo os estrangeiros.³⁹⁷ É aquele binarismo “nós e eles” para o qual Edward Said chamou a atenção inúmeras vezes e de diferentes maneiras em seus escritos. Tal raciocínio faz sentido e abarca a amplitude e as descrições genéricas dos cientistas oitocentistas. Em busca de classificações assertivas, cindiram e fixaram os seres humanos em agrupamentos um tanto estreitos e arbitrários. No entanto, embora esses critérios e enquadramentos também possam abranger as produções artísticas, é preciso observar que os monstros, em muitas delas, podem encarnar transgressores e, assim, subverterem as conotações negativas. Todas essas considerações nos trouxeram à mente um ensaio de Franco Moretti, sobre o qual achamos válido discutir antes de encerrarmos nossas considerações.

³⁹⁶ Respectivamente, **Robert Louis Stevenson science and the fin-de-siècle** (Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2006) e “Romance and evolutionary psychology” (In: Richard Ambrosini e Richard Dury (Org.). **Robert Louis Stevenson**, writer of boundaries, 2005).

³⁹⁷ ARMESTO, 2016.

De antemão já anunciamos o lugar periférico ocupado pelo demoníaco Hyde nessa análise de Moretti, muitas das vezes invocado somente para respaldar os apontamentos e as interpretações advindas de **Frankenstein**. Não foi tanto esse uso ilustrativo da narrativa e dos personagens de Stevenson que chamou a nossa atenção e, sim, o resquício de uma tendência crítica a qual se opôs, cada um a sua maneira e munidos de um instrumental teórico específico, tanto Isaiah Berlin³⁹⁸ quanto Michel Löwy e Robert Sayre³⁹⁹, que prontamente correlaciona(va) o pensamento e os princípios dos movimentos românticos com o conservadorismo. Em linhas gerais, muitos dos argumentos de Moretti se fundam nessa premissa.

Após essas observações preliminares, tratemos agora diretamente do ensaio de Moretti. Em “A dialética do medo”, ao analisar as narrativas de monstros famosos redigidas no início e no final do século XIX, ele tece uma interpretação voltada a salientar o quanto Frankenstein, Drácula e Hyde foram uma forma de a burguesia britânica lidar com os incômodos e as aflições manifestas pelas divisões sociais.⁴⁰⁰ Colocando nas palavras do próprio autor, “o monstro, assim, serve para deslocar o antagonismo e horrores evidentes dentro da sociedade para fora da própria sociedade”, porquanto ele serviria “para reconstruir a universalidade, a coesão social que, em si mesma, não inspira mais convicção”⁴⁰¹. Grosso modo, o propósito de Moretti residia em demonstrar, por intermédio das histórias das personagens citadas acima, o desenvolvimento do capitalismo industrial e financeiro na Inglaterra e o processo de exploração da classe operária, para assim ratificar que as narrativas de terror seriam um mecanismo burguês para expurgar suas culpas e responsabilidades. A morte dos monstros seria um ritual de remissão.

A leitura de Moretti é interessante por afirmar o não escapismo das narrativas fantásticas. Entretanto, seu posicionamento acerca de **Frankenstein**, **Drácula** (1897) e **O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde** nos parece esquemático demais. Nenhuma dessas narrativas rompe com os princípios do fantástico e estabelece uma via de correspondência tão sem nuances com as situações manifestas no momento de suas produções. A análise do crítico italiano é consistente em muitos pontos, sobretudo na parte inicial, quando observa que as características físicas de monstros, como Frankenstein e Hyde, podem sintetizar tanto as

³⁹⁸ BERLIN, Isaiah. **As raízes do Romantismo**. São Paulo: Três Estrelas, 2015.

³⁹⁹ LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade**. São Paulo: Boitempo, 2015.

⁴⁰⁰ MORETTI, Franco. A dialética do medo. In: **Signos e estilos da modernidade: ensaios sobre a sociologia das formas literárias**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

⁴⁰¹ MORETTI, 2007, p. 106.

feições dos marginalizados socialmente quanto determinarem os lugares a serem ocupados por eles na hierarquia social. E no caso da narrativa de Stevenson, inicialmente, a feição e a moradia de Hyde no Soho parecem sustentar tal ideia, o que nos leva a apontar mais uma vez a desconstrução interna operada no âmbito da história. Contudo, a relação entre os protagonistas e suas criaturas é tratada por Moretti de forma secundária e trazida para primeiro plano apenas para exemplificar os paralelos e as observações voltadas a sublinhar a repulsa e as contrariedades da burguesia britânica tocante aos setores menos abastados da sociedade e as fases e viradas do sistema capitalista.

Sumarizando a caracterização do crítico italiano, a literatura de horror era, assim, o lugar onde as contradições se dissolviam em prol da restauração da coesão social, as oposições, ao invés de colidirem, sustentavam umas às outras e o passado despontava como uma referência mítica; ela era também um meio propício para veicular ideias e posicionamentos contrários ao alargamento dos direitos, até então restritos às camadas dominantes. Era preciso conter os ímpetos individuais para refrear a crise, manter a ordem e as hierarquias em vigor. Tais posturas não se limitam às histórias de horror, como indica o ensaio de Nancy Armstrong, “A moral burguesa e o paradoxo do individualismo”⁴⁰². A questão da ideologia transpassa as formas literárias, mas isso não impede que, a partir dos procedimentos de escrita e dos arranjos no interior na obra, se rompa com as estruturas sociais e os mecanismos de ordenação vigentes, mesmo que momentaneamente. Sem contar que a própria leitura é um exercício para que isso aconteça, esteja essa ruptura (consciente ou inconscientemente) no horizonte do autor ou não.

Moretti simplesmente enrijeceu a capacidade de suspensão das narrativas góticas (ou fantásticas) e limitou as possibilidades de leituras das obras ao realizar analogias tão fechadas e afirmar que as contradições se resolvem internamente no relato. Segundo o crítico italiano, “as certezas incertas e o terror sustentam-se um ao outro”⁴⁰³ e o medo não visa a afetar o leitor e, sim, a persuadi-lo acerca das ameaças mundanas. A marca desses relatos seria a racionalidade e não o fantástico, pois a metáfora do monstro deixa de ser uma metáfora e opera como *elemento* da realidade.⁴⁰⁴ O conceito de classe norteia e faz girar toda a argumentação e interpretação apresentada no ensaio, a despeito da recorrência e também do uso das terminologias e proposições dos estudos semióticos e das categorias psicanalíticas. A

⁴⁰² ARMSTRONG, Nancy. A moral burguesa e o paradoxo do individualismo. In: MORETTI, Franco (Org.). **A cultura do romance**. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

⁴⁰³ MORETTI, 2007, p. 127.

⁴⁰⁴ MORETTI, 2007.

identidade coletiva dilui a individual e subordina todo o debate entre criador e criatura e também a respeito das práticas científicas.

Os aspectos formais eclipsam a matéria narrada e minimizam as potencialidades de leituras e críticas das narrativas de horror. **Frankenstein** e **O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde**, depois de inúmeras adaptações, podem não causar tanto espanto nos dias atuais, mas é inegável a propensão dessas duas histórias a estimular leituras e críticas e de escaparem da controversa afirmação de Moretti de que seus respectivos autores apresentaram “argumentos filosóficos” de um “modo preto e branco”. O parecer de Moretti perde de vista as aberturas interpretativas oriundas da força e da engenhosidade carregadas pelos relatos de Shelley e Stevenson, uma vez que sua interpelação encerra em si esses dois textos ao fornecer-lhes uma estabilidade identitária que certamente não lhes cabe. A burguesia abandonou o proletariado, mas os monstros modernos de maneira nenhuma se resumem estritamente a perfis coletivos. As dimensões de sua natureza abarcam outros debates e temáticas e o ensaio “A natureza humana do monstro”, de Stephen Jay Gould, é uma demonstração disso. Além do mais, não se podem ignorar, como vimos no Capítulo III, as interligações e as reverberações de diferentes tradições literárias na montagem das duas histórias e das personagens dos dois ficcionistas britânicos.

Em seu texto, cujo foco recaiu em **Frankenstein**, Gould buscou delinear como os posicionamentos críticos e as adaptações posteriores a obra de Shelley (sejam escritas ou cinematográficas) distorceram os argumentos e os temas veiculados pela história e consolidaram uma visão enviesada e canhestra (bastante corrente) a respeito dos perigos da ciência e de o livro ser uma advertência sobre uma ambição desmesurada contra a ordem natural.⁴⁰⁵ De forma eloquente, Gould arquitetou um debate entre natureza e formação e, partindo da construção do monstro, dimensionou o relevante papel desempenhado pelas experiências de vida para a constituição do ser humano.⁴⁰⁶ A rejeição e o abandono fizeram de Frankenstein um monstro. Com isso, Gould chamou a atenção para a importância dos condicionantes externos, principalmente a educação, para a formação dos sujeitos. O entendimento dos seres humanos é moldável e se aperfeiçoa conforme as circunstâncias, algo

⁴⁰⁵ GOULD, Stephen Jay. A natureza humana do monstro. In: **Dinossauro no palheiro**: reflexões sobre história natural. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

⁴⁰⁶ Em uma nota de “A dialética do medo” (2007), Moretti teceu observações acerca das consequências da decisão de Victor Frankenstein em abandonar a sua criatura e, conseqüentemente, não se encarregar de instruí-la. Contudo, como no corpo do ensaio, a argumentação se ancora nos aspectos estruturais e encontra-se subordinada ao conceito de classes, o qual faz girar e atravessa toda a lógica de seu escrito.

que coloca abaixo os argumentos a respeito de a predisposição genética ser um fator sobressalente na constituição do entendimento e dos comportamentos do indivíduo.

As analogias arbitrárias e o anseio permanente pelo controle converteram preconceitos sociais em fatos. A obsessão científica pelas medidas craniométricas e pela aparência fez com que se enxergasse no corpo um inventário da interioridade e das capacidades intelectuais e comportamentais do indivíduo. Os embates entre juristas e médicos oitocentistas, assim como a própria presença ou referência a eles nas narrativas literárias e em outros registros, evidenciam o peso dos marcadores biológicos, as suas infiltrações nas concepções e no desenvolvimento dos mecanismos reguladores das convenções e instituições sociais nos seus mais diferentes níveis e seus empregos indiscriminados para dar suporte às explicações que colocavam no encargo dos indivíduos a culpa por suas próprias desventuras e miséria. É preciso não perder isso de vista para compreender como os vícios e estigmas sociais passaram a ser diagnosticados como doenças. No entanto, como se pode observar ao longo desta dissertação, a alusão e a utilização das referências biológicas nas obras ficcionais não devem ser tomadas previamente como se seus significados e sentidos se adequassem ou correspondessem aos definidos por seus criadores, pois é possível se deparar com a desmontagem e subversão dessas conceituações por meio delas mesmas e com situações nas quais são atribuídas a elas outras conotações.

Quando Stevenson escreveu no século XIX, os estudos genéticos ainda estavam em seu início e, em decorrência do medo da degeneração, muito se especulava acerca do passado hereditário e sua relação com as origens do mal. A falta de imaginação levou os homens de ciência a criarem uma infinidade de monstros; contudo, suas empreitadas pouco serviram para concretizar a finalidade de rastrear a gênese e as inclinações malignas da natureza humana. Tratavam o sujeito como se ele fosse um dado pronto a ser decifrado, cuja trajetória se encontrava determinada, e, assim, extraíram do mundo toda a vivacidade, diversidade e potencialidade de transformação ao dimensionarem a identidade e a interioridade humana como uma unidade imutável. Aos dissidentes e incomodados com esse olhar binário, classificatório e racionalista, o qual se presumia neutro, coube desafiar essas certezas e nublar as verdades únicas, o que foi feito de múltiplas maneiras, inclusive por meio da afirmação de que “o homem não é verdadeiramente um”⁴⁰⁷. Era um primeiro passo e também uma abertura para se desvencilhar da essencialização da natureza humana e de uma

⁴⁰⁷ Trecho original: “*man is not truly one*” (STEVENSON, 2002, p. 307).

projeção de mundo uniforme, pragmática e absurda. Eis aí uma das maiores motivações que nos fez enveredar nessa caminhada ao lado de Stevenson: um contador de histórias consciente do lado épico da verdade, como diria Benjamin, cujas narrativas, que sempre têm um bom conselho para legar, estimulam a ler nas entrelinhas e a preencher os silêncios. Neste ato, que marca o término desta incursão pelo imaginário oitocentista, declaramos que a clareza, a leveza e a simplicidade de escrita de modo algum devem induzir à conclusão prévia de serem sinais de condescendência e superficialidade, uma vez que podem resultar de uma estratégia e de uma proposta literária consistente, fascinante e instigante. As obras e o universo ficcional de Stevenson definitivamente estão aí para dar prova disso. E talvez esse seja um – ou até o melhor – dos motivos para se ler Robert Louis Stevenson, o narrador que transformou as circunstâncias em intrigantes e convidativas prosas.

Referências bibliográficas:

De Robert Louis Stevenson

STEVENSON, Robert Louis. The foreigner at home. In: **Memories and portraits**. London: Chatto & Windus, 1906 [1882], pp. 1-23.

_____. A gossip on romance. In: **Strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde and other tales**. Oxford: Oxford University Press, 2006 [1882], pp. 139-149.

_____. A note on realism. In: **Essays in the art of writing**. London: Chatto & Windus, 1919 [1883], pp. 93-107.

_____. A humble remonstrance. In: **Memories and portraits**. London: Chatto & Windus, 1906 [1884], pp. 275-299.

_____. On some technical elements of style in literature. In: **Essays in the art of writing**. London: Chatto & Windus, 1919 [1885], pp. 3- 43.

_____. **Ensayos literarios**. Madrid: Hiperión, 1983.

_____. **The complete stories of Robert Louis Stevenson: Strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde and nineteen other tales**. New York: The Modern Library, 2002.

_____. **The strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde and other tales of terror**. London: Penguin Classics, 2002.

_____. **O clube do suicídio e outras histórias**. São Paulo: Cosac & Naify, 2011.

_____. **O médico e o monstro: O estranho caso de Dr. Jekyll e Sr. Hyde**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Sobre Robert Louis Stevenson

AMBROSINI, Richard; DURY, Richard (Org.). **Robert Louis Stevenson**, writer of boundaries. Madison: The University of Wisconsin Press, 2005.

AMES, Sarah. “The Suicide Club”: afterlives. **Journal of Stevenson Studies**, v. 8, pp. 143-165, 2011. Disponível em: <<http://robert-louis-stevenson.org/wp-content/uploads/jss-volume-8.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

ARRIGUCCI, Davi. A poesia da circunstância. In: STEVENSON, Robert Louis. **O clube do suicídio e outras histórias**. São Paulo: Cosac & Naify, 2011.

BALDERSTON, Daniel. **El precursor velado: Robert Louis Stevenson en la obra de Borges**. Buenos Aires: Sudamericana, 1985.

BALFOUR, Michael. The first biography. In: CALDER, Jenni (Org.). **Stevenson and the Victorian Scotland**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1981, pp. 33-47.

BEATTI, Hilary J. Stevenson's mirrored images, or games of Hyde and seek. **Journal of Stevenson Studies**, v. 8, pp. 197-213, 2011. Disponível em: <<http://robert-louis-stevenson.org/wp-content/uploads/jss-volume-8.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

BEDRAN, Marina Miguel. **Caminhos cruzados: a correspondência entre Henry James e Robert Louis Stevenson**. São Paulo: USP, 2012. 162f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-30042013-112044/>. Acesso em: 9 abril 2015.

BUNGE, Nancy. The calvinistic romance: Nathaniel Hawthorne and Robert Louis Stevenson's Dr. Jekyll and Mr. Hyde. **Journal of Stevenson Studies**, v. 6, pp. 167-179, 2009. Disponível em: <<http://robert-louis-stevenson.org/wp-content/uploads/jss-volume-6.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

CALDER, Jenni. **Robert Louis Stevenson, a life study**. Glasgow: Drew, 1980.

_____. Introduction. In: **Stevenson and the Victorian Scotland**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1981, pp. 1-10.

CALVINO, Italo. **Assunto encerrado: discursos sobre literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. Introdução. In: **Contos fantásticos do século XIX: O fantástico visionário e o fantástico cotidiano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp. 9-18.

CARPEAUX, Otto Maria. Romantismo de evasão. In: **História da literatura ocidental**, v. IV. Rio de Janeiro: Cruzeiro, 1962.

CHESTERTON, G. K. **The victorian age in literature** [1913]. Disponível em: <<https://ebooks.adelaide.edu.au/c/chesterton/gk/victorian-age-in-literature/contents.html>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

_____. **Robert Louis Stevenson** [1927]. Disponível em: <<https://ebooks.adelaide.edu.au/c/chesterton/gk/robert-louis-stevenson/contents.html>>.

Acesso em: 28 jan. 2018.

- COSTA, Patrícia Guerreiro da. **Os espelhos do outro e de mim: o tema do duplo e a compreensão das personagens desdobradas**. Brasília: UnB, 2006. 86f. Dissertação (Mestrado em Literatura). Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/5640>>. Acesso em: 9 abril 2015.
- DAICHES, David. **Robert Louis Stevenson**. Glasgow: William MacLellan, 1947.
- _____. **Robert Louis Stevenson and the art of fiction**. New York: Privately printed, 1951.
- _____. **Robert Louis Stevenson and his world**. London: Thames and Hudson, 1973;
- _____. The victorian novel. In: **A critical history of English literature: the restoration to the present day**, vol. II. London: Mandarin, 1994, pp. 1049-1093.
- DONGHAILE, Deaglán Ó. **Blasted literature: victorian political fiction and the shock of Modernism**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2011.
- DOYLE, Arthur Conan. Mr. Stevenson's methods in fiction. **National Review**, vol. XIV, pp. 646-657, jan. 1890. Disponível em: <https://www.arthur-conan-doyle.com/index.php/Mr._Stevenson's_Methods_in_Fiction>. Acesso em: 10 jul. 2017.
- DRYDEN, Linda. **The modern gothic and literary doubles: Stevenson, Wilde and Wells**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2003.
- DRYDEN, Linda; ARATA, Stephen; MASSIE, Eric. **Robert Louis Stevenson and Joseph Conrad: writers of transition**. Lubbock: Texas Tech University Press, 2009.
- _____. Stevenson and popular culture. **Nordic Journal of English Studies**, vol. 9, n. 3, pp. 11-24, 2009.
- DUNLOP, Eileen. **Robert Louis Stevenson the travelling mind**. Edinburgh: National Museums Scotland, 2008.
- EGAN, Joseph. Markheim: a drama of moral psychology. **Nineteenth-Century Fiction**, v. 20, n. 4, pp. 377-384, 1966.
- EIGNER, Edwin M. **Robert Louis Stevenson and the romantic tradition**. Princeton: Princeton University Press, 1966.
- FIELDING, Penny. **The Edinburgh companion to Robert Louis Stevenson**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010.
- FURNAS, J. C. **Voyage to Windeward: the life of Robert Louis Stevenson**. London: Faber & Faber, 1952.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Prefácio. In: STEVENSON, Robert Louis. **O médico e o monstro**. O estranho caso de Dr. Jekyll e Sr. Hyde. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, pp. 7-16.

GELDER, Kenneth. **The short stories of Robert Louis Stevenson**. Tese (Doutorado em Filosofia). 414f. Universidade de Stirling, Stirling, 1984.

GINZBURG, Carlo. **Nenhuma ilha é uma ilha**: quatro visões da literatura inglesa. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GUEDES, Rodrigo Silva. **Secular readings of good and evil in R. L. Stevenson's "Strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde"**. Belo Horizonte: UFMG, 2007. 78f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ECAP-76CJM4>. Acesso em: 9 abril 2015.

HARMAN, Claire. **Myself & the other fellow**: a life of Robert Louis Stevenson. New York: Harper Collins, 2005.

HENLEY, William Ernest. R.L.S. **Pall Mall Gazette**, XXV, pp. 504-514, dez. 1901.

HIGGINS, David George. **Robert Louis Stevenson within imperial precincts**: a study literary boundaries and marginalised voices. Glasgow: Universidade de Glasgow, 2015. 228f. Tese (Doutorado em Literatura Escocesa). Escola de Estudos Críticos, Universidade de Glasgow, Glasgow, 2015. Disponível em: <<http://theses.gla.ac.uk/6414/>>. Acesso em: 21 dez. 2016.

JAMES, Henry. **A arte da ficção**. São Paulo: Imaginário, 1995.

_____. Robert Louis Stevenson. In: STEVENSON, Robert Louis. **O clube do suicídio e outras histórias**. São Paulo: Cosac & Naify, 2011, pp. 359-393.

KIELY, Robert. **Robert Louis Stevenson and the fiction of adventure**. Cambridge: Harvard University Press, 1964.

MAANDAG, Tess. **Degeneration in three fin-de-siècle classics of gothic fiction**: lombrosean monsters, scientific turmoil and gothic London. Leiden: Universidade de Leiden, 2015. 71f. Dissertação (Mestrado em Literatura Inglesa e Cultura). Faculdade de Humanidades, Universidade de Leiden, Leiden, 2015. Disponível em: <<https://openaccess.leidenuniv.nl/handle/1887/32622>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

MCCRACKEN-FLESHER, Caroline. **Approaches to teaching the works of Stevenson**. New York: Modern Language Association of America, 2013.

- MAIXNER, Paul (Org.). **Robert Louis Stevenson: the critical heritage**. London: Routledge & Kegan Paul, 1981.
- MASSON, Rosaline. **The life of Robert Louis Stevenson**. London/Edinburgh: W. & R. Chambers, 1924 [1914].
- _____. **I can remember Robert Louis Stevenson**. London/Edinburgh: W. & R. Chambers, 1922.
- MCLYNN, Frank. **Robert Louis Stevenson: a biography**. New York: Random House, 1993.
- MENCKEN, Henry L. Tustala. **American Mercury**, vol. 3, n. 2, pp. 378-380, nov. 1924. Disponível em: <<http://www.unz.org/Pub/AmMercury-1924nov-00378?View=PDF>>. Acesso em: 26 jan. 2017.
- MENIKOFF Barry. New Arabian Nights: Stevenson's experiment in fiction. **Nineteenth-Century Literature**, v. 45, n. 3, pp. 339-362, 1990. Disponível em: <www.jstor.org/stable/3045016>. Acesso em: 20 fev. 2017.
- NABOKOV, Vladimir. O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde. In: STEVENSON, Robert Louis. **O clube do suicídio e outras histórias**. São Paulo: Cosac & Naify, 2011, pp. 395-435.
- NORQUAY, Glenda. Introduction. In: STEVENSON, Robert Louis. **R. L. Stevenson on fiction: an anthology of literary and critical essays**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999, pp. 1-25.
- _____. **Robert Louis Stevenson and theories of reading: the reader as vagabond**. Manchester: Manchester University Press, 2007.
- OREL, Harold. Robert Louis Stevenson: many problems, some successes. In: **The victorian short story: development and triumph of a literary genre**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, pp. 115-137.
- OWEN, Allan Edward. **Theory and form in the modern short story**, with special reference to Robert Louis Stevenson, Henry James and Joseph Conrad. Londres: Universidade de Londres, 1977. 223f. Tese (Doutorado em Filosofia). Birbeck College, Universidade de Londres, Londres, 1977.
- PERROTTI-GARCIA, Ana Julia. **As transformações de Dr. Jekyll e Mr. Hyde: traduções, adaptações e demais refrações da obra-prima de Robert Louis Stevenson**. São Paulo: USP, 2014. 378f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-06042015-191813/>. Acesso em: 9 abril 2015.

PIRES, Maria Laura Bettencourt. Robert Louis Stevenson: tustitala, o contador de histórias. In: **Ensaio**s: notas e reflexões. Lisboa: Universidade Aberta, 2000, p. 229-281. Disponível em: <<http://repositorioaberto.univ-ab.pt/handle/10400.2/432>>. Acesso em: 7 abril 2009.

_____. Henry James e Robert Louis Stevenson. In: **Ensaio**s: notas e reflexões. Lisboa: Universidade Aberta, 2000, pp. 213-226. Disponível em: <<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/431>>. Acesso em: 7 abril 2009.

RALEIGH, Walter. **Robert Louis Stevenson**. London: Edward Arnold, 1906.

REID, Julia. Robert Louis Stevenson and the “Romance of Anthropology”. **Journal of Victorian Culture**, v. 10, issue 1, pp. 46-71, jan. 2005.

_____. **Robert Louis Stevenson science and the fin-de-siècle**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2006.

REYS, Alfonso. Las nuevas noches árabes de Stevenson. In: **Obras completas de Alfonso Reys**, v. XII. México: Fondo de Cultura Económica, 1960. Disponível em: <<http://www.larramendi.es/i18n/consulta/registro.cmd?id=1254>>. Acesso em: 1 abril 2015.

SANDERSON, Alan. **Robert Louis Stevenson and the appearance of modernism: a future feeling**. Macmillan: Basingstoke, 1996.

SAPOSNIK, Irving. **Robert Louis Stevenson**. New York: Twayne, 1974.

SMITH, Janet Adam. **Henry James and Robert Louis Stevenson: a record of friendship and criticism**. London: Rupert Hart-Davis, 1948.

SOUZA, Vinicius Lucas de. **A revisão do complexo de William Wilson em “O médico e o monstro” de Robert Louis Stevenson**. Araraquara: UNESP, 2015. Monografia de conclusão do curso de Letras. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/123063>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

STEVENSON, Lionel. **The English novel: a panorama**. Boston: Houghton Mifflin, 1960.

SWINNERTON, Frank. Robert Louis Stevenson: a critical study. London: Martin Secker, 1914. Disponível em: <<https://archive.org/details/cu31924013554989>>. Acesso em: 25 abril 2017.

WHEELER, Michael. **English fiction of the victorian period (1830-1890)**. London: Longman, 1994.

WICKMAN, Matthew. Stevenson, Benjamin and decay of experience. **International Journal of Scottish Literature**, issue 2, 2007. Disponível em: <<http://www.ijsl.stir.ac.uk/issue2/wickman.htm>>. Acesso em: 1 abril 2015.

Sobre Londres

ACKROYD, Peter. **London: the biography**. London: Vintage Books, 2001.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. Metrôpoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). **Cultura & Cidades**. Revista Brasileira de História, v. 5, n. 8-9. São Paulo: Anpuh/Marco Zero, 1985, pp.35-68.

_____. A cidade das multidões, a cidade aterrorizada. In: PECHMAN, Robert Moses (Org.). **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994, pp. 9-42.

_____. Século XIX: a elaboração de um mito literário. **História: questões e debates**. Revista da Associação Paranaense de História. Curitiba, ano 7, n. 13, pp. 209-243, dez. 1986.

_____. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. Literatura e cidade. In: CARDOSO, Selma Passos; PINHEIRO, Eloísa Petti; CORRÊA, Elyane Lins (Org.). **Arte e cidades: imagens, discursos e representações**. Bahia: EDFBA, 2008, pp. 9-40.

BRADLEY, John L. The newgate novel: 1830-1847. By Keith Hollingsworth. **The Journal of English and Germanic Philology**, v. 63, n. 4, pp. 816–818, 1964. Disponível em: <www.jstor.org/stable/27714564>. Acesso em: 23 set. 2016.

BRIGGS, Asa. **Victorian cities**. Harmondsworth: Penguin, 1968, pp. 311-360.

DICKENS, Charles. **Retratos londrinos**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

DYOS, H. J.; WOLF, M. **The victorian city: images and realities**, v.1. London: Routledge, 1973.

_____. **The victorian city: images and realities**, v. 2. London: Routledge, 1973.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2010.

GREENWOOD, James. **The seven curses of London**. Oxford: Blackwell, 1981.

GILLIGHAM, Lauren. Ainsworth's 'Jack Sheppard' and the crimes of history. **Studies in English Literature (1500-1900)**, v. 49, n. 4, pp. 879–906, 2009. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/40467509>>. Acesso em: 23 set. 2016.

HUMPHERYS, Anne. Generic strands and urban twists: the victorian mysteries novel. **Victorian Studies**, v. 34, n. 4, pp. 455-472, 1991. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3828133>>. Acesso em: 23 set. 2016.

- JONES, Gareth Stedman. **Outcast London**: a study in the relationship between classes in victorian society. London/New York: Verso, 2013.
- MILLAR, Eloise; JORDISON, Sam. **Literary London**. London: Michael O'Mara Books Limited, 2016.
- MORETTI, Franco. **Atlas do romance europeu (1800-1900)**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- MORRIS, Robert John; RODGER, Richard. **The victorian city**: a reader in British urban history (1820-1914). London/New York: Longman, 1993.
- PHILLIPS, Lawrence; WITCHARD, Anne V. **London gothic**: place, space and the gothic imagination. London: Continuum, 2010.
- PORTER, Roy. **London**: a social history. London: Hamish Hamilton, 1994.
- RIDENHOUR, Jamieson. **In darkest London**: the gothic cityscape in victorian literature. Lanham/Plymouth: The Scarecrow Press, 2013.
- TIETJEN, Arthur. **Soho**: London's vicious circle. London: A. Wingate, 1956.
- WHITE, Jerry. **London in the 19th century**: a human awful wonder of God. London: Vintage Books, 2008.
- WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Ficção

- AUSTEN, Jane. **Orgulho e preconceito**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2006.
- _____. **Persuasão**. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- _____. **Mansfield Park**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.
- BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.
- BURROUGHS, Edgar Rice. **Tarzan**: o filho das selvas. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- CONRAD, Joseph. **O coração das trevas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- DICKENS, Charles. **A casa soturna**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1986.
- _____. **Um conto de Natal**. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- _____. **Grandes esperanças**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. **Tempos difíceis**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- GAIMAN, Neil. **Alerta de risco**: contos e perturbações. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.
- HAGGARD, Rider. **As minas do Rei Salomão**. São Paulo: Clube do Livro, 1971.

HOGG, James. **The private memoirs and confessions of a justified sinner**. New York: Review Books, 2002.

KIPLING, Rudyard. Os construtores de pontes. In: CALVINO, Italo (Org.). **Contos fantásticos do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp. 405-492.

POE, Edgar Allan. **Histórias extraordinárias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SHELLEY, Mary W. **Frankenstein ou o Prometeu moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

STOKER, Bram. **Drácula**. Porto Alegre: L&PM, 1996,

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Dicionário

BRAKE, Laurel; DEMOOR, Marysa. **Dictionary of nineteenth-century journalism in Great Britain and Ireland**. Gent/London: Academia Press/British Library, 2009.

Geral

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ARMESTO, Felipe Fernández. **Então você pensa que é humano?** Uma breve história da humanidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Un pie en el río: sobre el cambio y los límites de la evolución**. Madrid: Turner, 2016.

ARMSTRONG, Nancy. A moral burguesa e o paradoxo do individualismo. In: MORETTI, Franco (Org.). **A cultura do romance**. São Paulo: Cosac & Naify, 2009, pp. 335-374.

ARNOLD, Matthew. **Cultura y anarquía**. Madrid: Cátedra Letras Universales, 2010.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. **A revolução inglesa**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 2015, pp. 443-470.

- BARTHES, Roland. O efeito do real. In: BARTHES, Roland et al. **Literatura e semiologia: pesquisas semiológicas**. Petrópolis: Vozes, 1972, pp. 35-44
- _____. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BEGUIN, François. As maquinarias inglesas do conforto. **Espaços & Debates**, n. 34. São Paulo: NERU, 1991, pp. 39-54.
- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- _____. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2008, pp. 197-221.
- BERLIN, Isaiah. **As raízes do Romantismo**. São Paulo: Três Estrelas, 2015.
- BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BOLLE, Willi. A metrópole: palco do flâneur. In: **Fisiognomia da metrópole moderna**. São Paulo: Edusp, 1994. pp. 365-400.
- BOURDIEU, Pierre. Efeitos de lugar. In: **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997, pp. 159-166.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. Permanências e rupturas no estudo das cidades. In: **Cidade & História: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX**. Salvador: UFBA, 1990, pp. 11-26.
- _____. As sete portas da cidade. **Espaços & Debates**, n. 34. São Paulo: NERU, 1991, pp. 10-15.
- _____. O poeta no mercado. **Margem**, n. 2. São Paulo: EDUC, 1993, pp. 125-137.
- _____. A situação colonial, ou a arrogância do colonizador. **Outras Palavras**, 12 de novembro de 2015. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/brasil/a-situacao-colonial-ou-a-arrogancia-do-colonizador/>>. Acesso em: 12 dez. 2015.
- BRIGGS, Asa. **The victorian people: a reassessment of persons and themes (1851-67)**. Harmondsworth: Penguin, 1965.
- BURKE, Edmund. **Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas idéias do sublime e do belo**. Campinas: Papirus/Editora da Unicamp, 1993.
- BURKE, Maria Lúcia Garcia Pallares. **As muitas faces da história: nove entrevistas**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

BUSS, Robin. J'accuse. **The Guardian**, 28 de setembro de 2002. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2002/sep/28/classics.emilezola?CMP=share_btn_tw>.

Acesso em: 2 dez. 2017.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007, pp. 51-80.

CARLYLE, Thomas. Signs of the times. In: **Thomas Carlyle selected writings**. London: Penguin Books, 1980, pp. 59-85.

CESARO, Patrícia Souza Silva. **O mito do duplo em retratos**. Goiânia: UFG, 2012. 120f. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2012. Disponível em:

<<http://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?lookfor=Robert+Louis+Stevenson&type=AllFields>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

COCHRANE, Kira. Ghost stories: why the Victorians were so spookily good at them. **The Guardian**, 23 de dezembro de 2013. Disponível em: <http://www.theguardian.com/books/2013/dec/23/ghost-stories-victorians-spookily-good?CMP=share_btn_tw>. Acesso em: 11 maio 2016.

DARMON, Pierre. **Médicos e assassinos na Belle Époque**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **O diabo na água benta ou a arte da calúnia e difamação de Luís XIV a Napoleão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **O grande massacre dos gatos: e outros episódios da história cultural francesa**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____. Índia Britânica: liberalismo e imperialismo. In: **Censores em Ação: como os Estados influenciaram a literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, pp. 101-168.

DE DECCA, Edgar Salvadori. Literatura, modernidade e história. **Rua**, Campinas, n. 1, pp. 7-35, 1995.

_____. O colonialismo como glória do Império. In: REIS, Daniel Aarão; ZENHA, Celeste; FERREIRA, Jorge (Org.). **O século XX: o tempo das certezas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, pp. 153-181.

DEIDRE, David. **The Cambridge companion to the victorian novel**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

ECO, Umberto. **Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos**. São Paulo: Perspectiva; 1986.

_____. **O super-homem de massa: retórica e ideologia no romance popular**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FRANCA NETO, Alípio Correia de. **“A balada do velho marinheiro” como representação do devaneio dos românticos**. São Paulo: USP, 2011. 372f. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-20012012-105413/pt-br.php>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

FERGUSON, Christine. **Language, science and popular fiction in the victorian fin-de-siècle: the brutal tongue**. Aldershot: Ashgate, 2006.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma antropologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2009.

_____. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

FREUD, Sigmund. O estranho. In: **Obras completas**, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1969, pp. 275-318.

GADDIS, John Lewis. **Paisagens da história: como os historiadores mapeiam o passado**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

GAIMAN, Neil. Why our future depends on libraries, reading and daydreaming. **The Guardian**, 15 de outubro de 2013. Disponível em: <http://www.theguardian.com/books/2013/oct/15/neil-gaiman-future-libraries-reading-daydreaming?CMP=tw_tfd>. Acesso em: 15 out. 2013.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos**, v. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. **O estilo na história: Gibbon, Ranke, Macaulay, Buckhardt**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: o cultivo do ódio**, v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: o coração desvelado**, v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: guerras do prazer**, v. 5. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Modernismo: o fascínio da heresia de Baudelaire a Beckett e mais um pouco**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 143-179.

_____. Estranhamento: pré-história de um procedimento literário. In: **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 15-41.

GOULD, Stephen Jay. **A falsa medida do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Dinossauro no palheiro: reflexões sobre história natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HABERMAS, Jürgen. **A mudança estrutural da esfera pública: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

HERF, Jeffrey. **O modernismo reacionário: tecnologia e cultura na República de Weimar e no III Reich**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

HERMAN, Arthur. **A ideia de decadência na história ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

HILL, Christopher. **A revolução inglesa de 1640**. Lisboa: Presença, 1977.

HOBBSBAWM, Eric J. **Da revolução industrial inglesa ao imperialismo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.

_____. **A era dos impérios (1875- 1914)**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. **A era das revoluções (1789-1848)**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. **A era do capital (1848-1875)**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

KEATING, Peter J. **The haunted study: a social history of the English novel (1875-1914)**. Londres: Fontana, 1991.

KEEBLE, N. H., ed. **The Cambridge companion to writing of the English Revolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora Puc-Rio, 2006.
- LANG, Andrew. The art of fiction. **Pall Mall Gazette**, n. 5973, v. 39. Londres, 1884.
- LEAVIS, F. R. **The great tradition**: George Eliot, Henry James, Joseph Conrad. New York: George W. Stuart, 1950.
- LÖWY, Michael. SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia**: o romantismo na contracorrente da modernidade. São Paulo: Boitempo, 2015.
- MARGREE, Victoria; RANDALL, Bryone. Fin-de-siècle gothic. In: HUGHES, William (Org.). **The victorian gothic**: an Edinburgh companion. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2012, pp. 217-233.
- MIGHALL, Robert. **A geography of victorian gothic fiction**: mapping history's nightmares. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- MORETTI, Franco. **Signos e estilos da modernidade**: ensaios sobre a sociologia das formas literárias. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- _____. O século sério. In: MORETTI, Franco (Org.). **A cultura do romance**. São Paulo: Cosac & Naify, 2009, pp. 823-863.
- NAXARA, Márcia Regina Capelari. Historiadores e texto literário: alguns apontamentos. **História**: questões e debates, ano 23, n. 44. Curitiba: Editora da UFPR, 2006, pp. 37-48.
- NIETZSCHE, Friedrich. Da utilidade e dos inconvenientes dos estudos históricos. In: **O pensamento vivo de Nietzsche**, São Paulo: Martins Fontes, 1975, pp. 61-71.
- PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio G. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967, pp. 26-67.
- PECHMAN, Robert Moses. Os excluídos da rua: ordem urbana e cultura popular. In: BRESCIANI, Maria Stella Martins (Org.). **Imagens da cidade**: séculos XIX e XX. São Paulo: Anpuh/Marco Zero, 1993, pp. 29-34.
- _____. O mundo como folhetim: na selva das cidades. In: **Cidades estreitamente vigiadas**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002, pp. 225-299.
- PEN, Marcelo. **Henry James**: a arte do romance. Antologia de prefácios. São Paulo: Editora Globo, 2003.
- PERROT, Michelle. Os operários, a moradia e a cidade no século XIX. In: **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, pp. 101-125.
- PÍGLIA, Ricardo. **O último leitor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

- POE, Edgar Allan. A filosofia da composição. In: **Poemas e ensaios**. São Paulo: Globo, 1999.
- _____. Hawthorne's twice told tales [1842]. Disponível em: <<http://xroads.virginia.edu/~hyper/poe/hawthorne.html>>. Acesso em: 23 abril 2016.
- PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.
- RADCLIFFE, Ann. On the supernatural in poetry. **New Monthly Magazine**, v. 16, n. 1, pp. 145-152, 1826. Disponível em: <http://seas3.elte.hu/coursematerial/RuttkayVeronika/radcliffe_sup.pdf>. Acesso 31 out. 2017.
- RANK, Otto. **O duplo**: um estudo psicanalítico. Porto Alegre: Dublinense, 2013.
- RICOUER, Paul. O processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento. In: SACKS, Sheldon (Org.). **Da metáfora**. São Paulo: PUC-SP/Pontes, 1992, pp. 145-160.
- RODRIGUES, Selma C. **O fantástico**. São Paulo: Ática, 1988.
- ROONEY, Caroline; NAGAI, Kaori. **Kipling and beyond**: patriotism, globalisation and postcolonialism. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010.
- RYKWERT, Joseph. **A sedução do lugar**: a história e o futuro da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. **Humanismo e crítica democrática**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. Versões da cidade. In: **Cidade vista**: mercadoria e cultura urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014, pp. 135-175.
- SCHORSKE, Carl. E. **Viena fin-de-siècle**: política e cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- _____. **Pensando com a história**: indagações na passagem para o modernismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Maria Stella Martins; NAXARA, Márcia (Org.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2004, pp. 37-58.

- _____. Brasil, país do futuro: políticas do esquecimento e imagens identitárias da denegação. **Impulso**. Revista de Ciências Sociais e Humanas, v. 25, n. 64, pp. 161-178, 2015.
- SEVCENKO, Nicolau. Perfis urbanos terríveis em Edgar Allan Poe. **Cultura & Cidades**. Revista Brasileira de História, v. 5, n. 8-9. São Paulo: Anpuh/Marco Zero, 1985, pp. 69-83.
- _____. Fragmentação, simultaneidade, sincronização: o tempo, o espaço e a megalópole moderna. **Espaços & Debates**, n. 34. São Paulo: NERU, 1991, pp. 18-22.
- _____. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: **História da vida privada no Brasil República: da Belle Époque à Era do Rádio**, v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 513-619.
- SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Mana**, vol. 11, n. 2, pp. 577-591, 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132005000200010>>. Acesso em: 31 março 2015.
- SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (Org.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001, pp. 115-148.
- STEINBACH, Susan L. **Understanding the victorians: politics, culture and society in nineteenth-century Britain**. New York: Routledge, 2012.
- STORCH, Robert D. O policiamento do cotidiano na cidade vitoriana. **Cultura & Cidades**. Revista Brasileira de História, v. 5, n. 8-9. São Paulo: Anpuh/Marco Zero, 1985, pp. 7-33.
- SUMMERSCALE, Kate. **As suspeitas do Sr. Whicher: a história real de um dos crimes mais chocantes da Inglaterra vitoriana e do detetive que inspirou Charles Dickens e Arthur Conan Doyle**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- STEVENSON, Lionel. The modern values of victorian fiction In: BLOOM, Harold (Org.). **The victorian novel**. New York: Chelsea House, 2004, pp. 47-52.
- THOMPSON, Edward Palmer. As peculiaridades dos ingleses. In: **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002, pp. 75-179.
- _____. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, pp. 267-304.
- TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- _____. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

VASCONCELOS, Sandra G. **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII**. São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. Ian Watt e a figuração do real (anotações de leitura). **Literatura e Sociedade**, São Paulo, n. 14, pp. 171-183, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/l/article/view/64236>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

VAX, Louis. **A arte e a literatura fantásticas**. Lisboa: Arcádia, 1972.

ZOLA, Émile. **O romance experimental e o naturalismo no teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. O senso do real. In: **Do romance**: Stendhal, Flaubert e os Goncourt. São Paulo: Edusp, 1995, pp. 23-48.

WAILER, Philip. **Writers, readers and reputation: literary life in Britain (1870-1918)**. Oxford/New York: Oxford University Press, 2006.

WATT, Ian. **Mitos do individualismo moderno**: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

WHITE, Hayden. **Meta-história**: a imaginação histórica do século XIX. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Edusp, 2001.

WILDE, Oscar. Oscar Wilde's replies. In: **Art and morality**: a defense of "The Picture of Dorian Gray". London: J. Jacobs, 1908. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/33689/33689-h/33689-h.htm#Footnote_13_13>. Acesso em: 16 out. 2017.

WILLIAMS, Raymond. **The long revolution**. New York: Penguin Books, 1961.

_____. **Cultura e sociedade**: de Coleridge a Orwell. Petrópolis: Vozes, 2011.

WOOD, James. **Como funciona a ficção**. São Paulo: Cosac & Naify, 2011.

YOUNGS, TIM. Echos of Empire. **British Library**, 14 de maio de 2014. Disponível em: <<https://www.bl.uk/romantics-and-victorians/articles/echoes-of-empire>>. Acesso em: 9 dez. 2015.